



KERSTIN GIER

RUBY RED

THE INTERNATIONAL
BESTSELLER



Conteúdo

[Dedicatória](#)

[Prologo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Epilogo](#)

[Os Personagens Principais](#)

Aviso



A seguinte tradução foi feita pelo gt/gd Aurora Books, com o intuito de proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à aquisição física futuramente. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Tenho como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a palco à autores que, possivelmente, não poderiam ser conhecidos a não ser no idioma original. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o Aurora poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar do canal os mesmos, se/assim

que forem lançados por editoras brasileiras oficialmente.

Todos aqueles que tiverem acesso à presente tradução ficam cientes de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, não se devendo divulgar nas redes sociais ou tornar público o trabalho de tradução do gt, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.



O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o Aurora de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Embora eu nunca o tivesse visto antes, o reconheci imediatamente. Teria reconhecido sua voz em qualquer lugar. Este era o cara que eu tinha visto na minha última viagem de volta no tempo.

Ou mais precisamente, aquele que havia beijado minha sósia enquanto eu estava escondida atrás da cortina, incrédula.

Gwen, de dezesseis anos, mora com sua família estendida - e bastante excêntrica - em um bairro exclusivo de Londres. Apesar da história peculiar de seus antepassados, ela teve uma vida relativamente normal até agora. O gene de viagem no tempo, que perpassa como um fio secreto pela metade feminina da família, deveria ter pulado Gwen, então ela não foi apresentada aos "mistérios" e pode passar seu tempo convivendo com sua melhor amiga, Lesley. É uma surpresa desagradável quando ela começa a dar saltos repentinos e descontrolados para o passado.

Ela está totalmente despreparada para a viagem no tempo, sem mencionar tudo o que vem com isso: roupas chiques, maneiras arcaicas, uma misteriosa sociedade secreta e Gideon, seu correspondente na viagem no tempo. Ele é insuportável, um sabe-tudo, e possivelmente o cara mais bonito que ela já viu em qualquer século...

A decorative border of intricate floral and scrollwork patterns, rendered in a light gray tone, framing the top and sides of the cover.

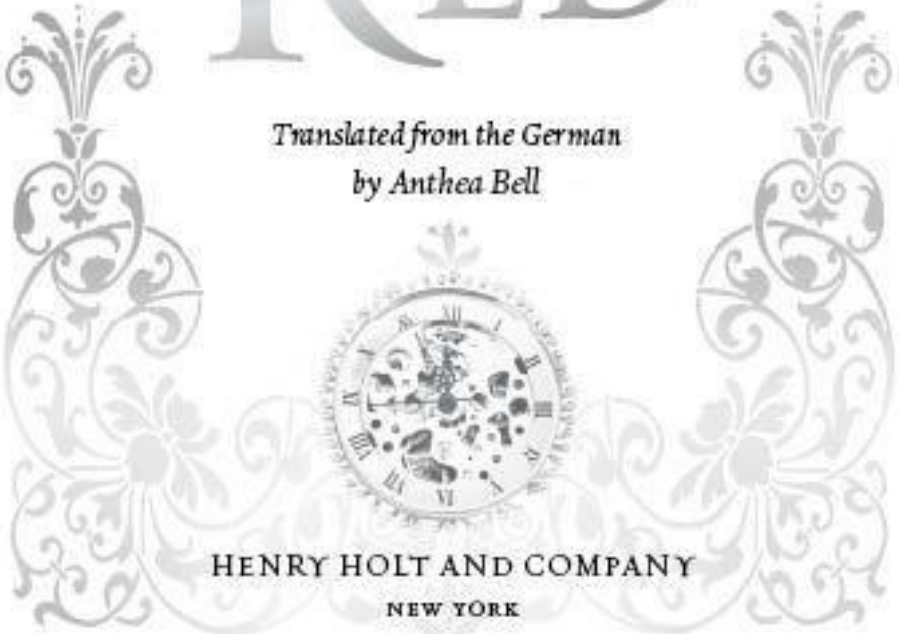
KERSTIN GIER

RUBY RED

*Translated from the German
by Anthea Bell*



HENRY HOLT AND COMPANY
NEW YORK

A decorative border of intricate floral and scrollwork patterns, rendered in a light gray tone, framing the bottom and sides of the cover.

*Para Cervo, Golfinho e Coruja,
que me acompanharam enquanto eu estava escrevendo, e para um pequeno
ônibus de dois andares vermelho que me fez feliz no momento certo*

PROLOGO

*Hyde Park, Londres
8 de Abril 1912*

ENQUANTO ELA CAÍA de joelhos e explodia em lágrimas, ele olhava ao redor do parque. Assim como ele esperava, estava vazio naquela hora da manhã. Correr ainda não entraria na moda por muito tempo ainda, e estava muito frio para os mendigos que dormiam nos bancos do parque apenas com jornais sobre eles.

Ele envolveu cuidadosamente o cronógrafo em seu tecido e o colocou em sua mochila.

Ela estava encolhida ao lado de uma das árvores na margem norte da Serpentine, sobre um tapete de crocus desbotados.

Seus ombros tremiam, e seus soluços soavam como os gritos desesperados de um animal ferido. Ele mal conseguia suportar. Mas ele sabia por experiência que era melhor deixá-la sozinha. Então ele se sentou ao lado dela na grama coberta de orvalho, olhou para a superfície lisa da água e esperou.

— Será que já inventaram lenços de papel? — ela finalmente fungou, virando seu rosto manchado de lágrimas para ele.

— Não faço ideia, — ele disse. — Mas posso te oferecer um lenço monogramado, perfeito para este período.

— G.M. Você roubou da Grace?

— Ela me deu, não se preocupe. Você pode assoar o nariz nele o quanto quiser, Princesa.

Ela sorriu ironicamente enquanto entregava o lenço a ele. — Agora está estragado. Desculpe por isso.

— Ah, não faz mal! — ele disse. — Contanto que você tenha parado de chorar.

As lágrimas voltaram imediatamente aos olhos dela. — Não deveríamos tê-la abandonado. Ela precisa de nós! Não temos ideia se nosso blefe vai funcionar... e nenhuma chance de descobrir agora.

— Teríamos sido ainda menos úteis para ela mortos.

— Se pudéssemos apenas ter nos escondido com ela em algum lugar distante, com outros nomes, até que ela fosse grande o suficiente para...

Ele a interrompeu, balançando a cabeça firmemente. — Eles nos encontrariam onde quer que fôssemos; já discutimos isso mil vezes. Não a abandonamos. Fizemos a única coisa certa: possibilitamos que ela vivesse em segurança. Pelo menos pelos próximos dezesseis anos.

Por um momento ela não disse nada. Em algum lugar ao longe um cavalo relinchou, e vozes flutuavam da Rua de Carruagem Leste, embora estivesse quase escuro agora.

— Eu sei que você está certo, — ela disse por fim. — Mas dói tanto saber que nunca mais a veremos. — Ela gentilmente esfregou os olhos avermelhados. — Pelo menos não vamos ficar entediados. Mais cedo ou mais tarde eles nos

encontrarão, mesmo aqui, e enviarão os Guardiões atrás de nós. Ele não vai desistir nem do cronógrafo nem de seus planos, não sem lutar.

Ele sorriu, vendo a luz da aventura voltar aos olhos dela. — Talvez vamos enganá-lo afinal. Ou então, no final, o outro dispositivo não vai funcionar. Então ele estará perdido.

— Certo. Mas se funcionar, somos os únicos que podem impedi-lo.

— É exatamente por isso que fizemos a coisa certa. — Ele se levantou e sacudiu a terra de suas calças jeans. — Vamos lá! Essa grama maldita está molhada, e você deveria estar se cuidando.

Ela deixou que ele a puxasse para os pés e a beijasse. — O que vamos fazer agora? Procurar um lugar para esconder o cronógrafo? — ela perguntou, olhando indecisa para a ponte que separa o Hyde Park dos Jardins de Kensington.

— Sim, mas primeiro vamos saquear os depósitos dos Guardiões e nos abastecer com dinheiro. Depois poderíamos pegar o trem para Southampton. O Titanic parte na quarta-feira. Para sua viagem inaugural.

Ela riu. — Então essa é sua ideia de se cuidar! Mas tudo bem, estou com você!

Ele estava tão feliz por ela poder rir novamente que a beijou mais uma vez. — Eu estava realmente pensando... Você sabe que em alto-mar um capitão de navio pode casar as pessoas, não sabe, Princesa?

— Você quer se casar comigo? A bordo do *Titanic*? Você está louco?

— Seria tão romântico.

— Exceto a parte com o icebergue. — Ela colocou a cabeça em seu peito e enterrou o rosto em seu casaco. — Eu te amo tanto, — ela murmurou.

— Você será minha esposa?

— Sim, — ela disse, seu rosto ainda enterrado em seu peito. — Mas apenas se sairmos do navio em Queenstown, Irlanda, no máximo.

— Pronta para a próxima aventura, Princesa?

— Pronta quando você estiver, — ela disse suavemente.

A viagem no tempo descontrolada geralmente se anuncia alguns minutos antes, mas às vezes horas ou até dias antes. Os sintomas são sensações de vertigem na cabeça, estômago e/ou pernas. Muitos portadores do gene também relatam uma dor de cabeça semelhante à enxaqueca.

A primeira viagem de volta no tempo — também conhecida como viagem de iniciação — ocorre entre o décimo sexto e o décimo sétimo ano de vida do portador do gene.

De AS CRONICAS DOS GUARDIÕES,
VOLUME 2: LEIS GERAIS DA VIAGEM NO TEMPO

UM

A PRIMEIRA VEZ QUE EU SENTI foi na cantina da escola na manhã de segunda-feira. Por um momento, foi como estar em uma montanha-russa quando você está descendo do topo. Durou apenas dois segundos, mas foi tempo suficiente para eu derrubar um prato cheio de purê de batatas e molho por cima do meu uniforme escolar. Consegui pegar o prato a tempo, enquanto meu garfo e faca caíam no chão.

— Essa coisa parece que foi raspada do chão de qualquer maneira — disse minha amiga Lesley enquanto eu limpava o estrago o melhor que podia. Claro que todos estavam olhando para mim. — Você pode ficar com o meu também, se quiser espalhar mais um pouco na sua blusa.

— Não, obrigada. — Acontece que a blusa do uniforme da St. Lennox High School era praticamente da cor de purê de batatas mesmo, mas ainda assim não dava para deixar de ver os pedaços restantes do meu almoço. Eu abotoei meu blazer azul escuro por cima.

— Lá vai a Gwenny, brincando com a comida de novo! — disse Cynthia Dale. — Não sente ao meu lado, sua porquinha.

— Como se eu fosse sentar ao seu lado por minha livre e espontânea vontade, Cyn. — É um fato, infelizmente, que eu costumava ter pequenos acidentes com as refeições escolares com bastante frequência. Na semana passada mesmo, minha sobremesa pulou do prato e caiu a alguns metros de distância, bem no prato de um garoto do sétimo ano que estava comendo espaguete à carbonara. Na semana anterior, derrubei meu suco de cranberry e todos na nossa mesa foram salpicados. Pareciam que tinham sarampo. E eu realmente não conseguia contar quantas vezes a maldita gravata que faz parte do nosso uniforme escolar havia sido encharcada de molho, suco ou leite.

Só que eu nunca tinha sentido tonturas ao mesmo tempo antes.

Mas provavelmente eu estava apenas imaginando. Havia conversas demais em casa recentemente sobre sensações de tontura.

Mas não as minhas: as tonturas da minha prima Charlotte. Charlotte, bonita e imaculada como sempre, estava sentada ali ao lado de Cynthia, delicadamente levando o purê de batatas à boca.

A família inteira estava em suspense, esperando que Charlotte tivesse um acesso de tontura. Na maioria dos dias, minha avó, Lady Arista, perguntava a Charlotte como ela se sentia a cada dez minutos. Minha tia Glenda, mãe de Charlotte, preenchia a lacuna de dez minutos fazendo a mesma pergunta entre as interrogatórias de Lady Arista.

E sempre que Charlotte dizia que não se sentia tonta, os lábios de Lady Arista se apertavam e a tia Glenda suspirava. Ou às vezes era o contrário.

O resto de nós - minha mãe, minha irmã Caroline, meu irmão Nick e a tia-avó Maddy - revirava os olhos. Claro que era emocionante ter alguém com um gene de viagem no tempo na família, mas conforme os dias passavam, a empolgação meio que se desvanecia. Às vezes sentíamos que toda a confusão

em torno de Charlotte era demais.

Charlotte mesma costumava esconder seus sentimentos por trás de um sorriso misterioso à la Mona Lisa. Em seu lugar, eu não saberia se deveria ficar animada ou preocupada se as tonturas não aparecessem. Bem, para ser honesta, provavelmente eu teria ficado feliz. Eu era mais do tipo tímida. Eu gostava de paz e sossego.

— Alguma coisa vai acontecer mais cedo ou mais tarde — Lady Arista dizia todos os dias. — E precisamos estar prontos.

Certamente, algo aconteceu depois do almoço, na aula de história do Sr. Whitman. Saí da cantina me sentindo com fome. Encontrei um cabelo preto na minha sobremesa - torta de maçã com creme - e não pude ter certeza se era um dos meus próprios cabelos ou de uma das cozinheiras. De qualquer forma, não tive vontade de comer a torta depois disso.

O Sr. Whitman nos devolveu a prova de história que fizemos na semana passada. — Vocês obviamente se prepararam bem. Especialmente você, Charlotte. Um A+ para você, Charlotte.

Charlotte alisou uma mecha do seu cabelo vermelho brilhante para trás do rosto e disse — Ah, meu Deus! — como se o resultado fosse uma surpresa para ela. Mesmo que ela sempre tivesse as melhores notas em tudo.

Mas Lesley e eu também ficamos satisfeitas com nossas próprias notas desta vez. Cada uma de nós tirou um A-, embora nossa "preparação" tenha consistido em comer batatas fritas e sorvete enquanto assistíamos a Cate Blanchett em *Elizabeth* e depois *Elizabeth: A Era de Ouro* em DVD. No entanto, prestávamos atenção na aula de história, o que, infelizmente, não poderia ser dito para todas as nossas outras disciplinas.

As aulas do Sr. Whitman eram tão intrigantes que você não conseguia deixar de ouvir. O próprio Sr. Whitman também era muito interessante. A maioria das meninas estava secretamente - ou nem tão secretamente assim - apaixonada por ele. Inclusive a nossa professora de geografia, a Sra. Counter. Ela ficava vermelha de vergonha sempre que o Sr. Whitman passava por ela. E ele *era* terrivelmente bonito. Todas as meninas pensavam assim, exceto Lesley. Ela achava que o Sr. Whitman parecia um esquilo de desenho animado.

— Sempre que ele me olha com aqueles olhos castanhos grandes, eu sinto vontade de dar uma noz para ele — ela disse. Ela até começou a chamar os esquilos que corriam pelo parque de Sr. Whitman. A coisa boba é que de alguma forma era contagiante, e agora, sempre que um esquilo passava por mim, eu sempre dizia, — Olha só aquele Sr. Whitman bonitinho e gordinho!

Tenho certeza de que foi essa história de esquilo que fez com que Lesley e eu fôssemos as únicas meninas da classe que não eram loucas pelo Sr. Whitman. Eu ficava tentando me apaixonar por ele (só porque os meninos da nossa turma eram todos de alguma forma totalmente infantis), mas não adiantava. A comparação com o esquilo se fixou na minha mente e não saía. Quero dizer, como você pode se sentir atraída por um esquilo?

Cynthia começou o rumor de que, quando estava estudando, o Sr. Whitman trabalhava como modelo masculino nas horas vagas. Como evidência, ela recortou um anúncio de uma revista brilhante, com uma foto mostrando um homem parecido com o Sr. Whitman se ensaboando com gel de banho.

No entanto, além de Cynthia, ninguém pensava que o Sr. Whitman fosse o homem do anúncio de gel de banho. O modelo tinha uma covinha no queixo, e o Sr. Whitman não.

Os meninos da nossa turma não achavam o Sr. Whitman tão incrível. Gordon Gelderman, em particular, não suportava ele. Porque antes do Sr. Whitman começar a ensinar em nossa escola, todas as meninas da nossa turma estavam apaixonadas por Gordon. Incluindo eu, tenho que admitir, mas eu só tinha onze anos na época e o Gordon ainda era bastante bonitinho. Agora, aos dezesseis, ele era só estúpido. E sua voz estava em um estado permanente de mudança nos últimos dois anos. Infelizmente, a mistura de guinchos e rosnados ainda não o impedia de vomitar besteiras o tempo todo.

Ele ficou muito chateado por tirar F na prova de história. — Isso é discriminação, Sr. Whitman. Mereço pelo menos um B. Você não pode me dar más notas só porque sou um menino.

O Sr. Whitman pegou a prova de Gordon de volta, virou uma página e leu em voz alta: — Elizabeth I era tão feia que não conseguia um marido. Então todo mundo a chamava de a Virgem Feia.

A turma riu.

— E aí? Estou certo, não estou? — Gordon se defendeu. — Quero dizer, olhe para os olhos saltados dela e os lábios finos e aquele penteado estranho.

Nós tínhamos ido estudar as imagens dos Tudors na Galeria Nacional de Retratos e, naquelas pinturas, certamente, a Rainha Elizabeth I não se parecia muito com Cate Blanchett. Mas, primeiro, talvez as pessoas naquela época achassem que lábios finos e narizes grandes eram a última palavra em chique, e segundo, suas roupas eram realmente maravilhosas. Terceiro, não, Elizabeth I não tinha um marido, mas ela teve muitos casos amorosos, entre eles um com Sir ... ah, qual era o nome dele? De qualquer forma, Clive Owen o interpretou no segundo filme com Cate Blanchett.

— Ela era conhecida como a Rainha Virgem — disse o Sr. Whitman para Gordon, —porque... — Ele pausou e olhou ansiosamente para Charlotte. — Você está se sentindo bem, Charlotte? Você está com dor de cabeça?

Todo mundo olhou para Charlotte, que estava com a cabeça entre as mãos. — Eu me sinto... eu apenas me sinto tonta — disse ela, olhando para mim. — Tudo está girando.

Eu respirei fundo. Então lá vamos nós, pensei. Lady Arista e a tia Glenda ficariam felizes.

— Uau, legal — sussurrou Lesley. — Ela vai ficar transparente agora? — Embora a Lady Arista tivesse nos dito repetidamente que sob nenhuma circunstância deveríamos contar a qualquer estranho o que era especial sobre nossa família, eu decidi ignorar a proibição quando se tratava de Lesley. Afinal, ela era minha melhor amiga, e melhores amigas não têm segredos um do outro.

Desde que conheci Charlotte (o que de fato foi toda a minha vida), ela sempre pareceu um pouco indefesa. Mas eu sabia o que fazer. Deus sabe que a tia Glenda me disse isso várias vezes.

— Vou levar a Charlotte para casa — disse ao Sr. Whitman, enquanto me levantava. — Se tudo bem.

O olhar do Sr. Whitman estava fixo em Charlotte. — Acho que é uma boa

ideia, Gwyneth — ele disse. — Espero que você se sinta melhor logo, Charlotte.

— Obrigada — disse Charlotte. No caminho para a porta, ela oscilou ligeiramente. — Vem, Gwenny?

Eu peguei o braço dela. Pela primeira vez, me senti bastante importante para Charlotte. Era uma sensação agradável ser necessária para variar.

— Não se esqueça de ligar e me contar tudo — sussurrou Lesley enquanto passávamos por ela.

Se sentindo um pouco melhor fora da sala de aula, Charlotte quis buscar algumas coisas no armário dela, mas eu a segurei firmemente pela manga. — Não agora, Charlotte! Temos que chegar em casa o mais rápido possível. Lady Arista dizia...

— Foi embora de novo — disse Charlotte.

— E daí? Pode voltar a qualquer momento. — Charlotte deixou que eu a guiasse na direção oposta. — Onde eu coloquei aquele giz? — Enquanto caminhávamos, procurei no bolso do meu casaco. — Ah, bom, aqui está. É meu celular. Devo ligar para casa? Você está com medo? Pergunta boba, desculpe. Estou tão animada.

— Está tudo bem. Não, eu não estou com medo.

Eu olhei de lado para ela para conferir se ela estava dizendo a verdade. Ela tinha aquele sorrisinho irônico de Mona Lisa no rosto. Nunca dava para saber o que ela estava escondendo por trás dele.

— Bem, *devo* ligar para casa?

— Qual seria a utilidade? — respondeu Charlotte.

— Só pensei...

— Você pode deixar isso comigo, não se preocupe — disse Charlotte.

Descemos os degraus de pedra até o lugar onde James sempre ficava. Ele se levantou quando nos viu, mas eu apenas sorri para ele. O problema com James era que mais ninguém podia vê-lo ou ouvi-lo - só eu.

James era um fantasma. Por isso, evitava falar com ele quando outras pessoas estavam por perto, exceto Lesley. Ela nunca duvidou da existência de James por um segundo sequer. Lesley acreditava em tudo o que eu dizia, e essa era uma das razões pelas quais ela era minha melhor amiga. Ela só lamentava não poder ver e ouvir James ela mesma.

Mas eu estava feliz com isso, porque quando James colocou os olhos em Lesley pela primeira vez, ele disse: — Meu Deus do céu, a pobre criança tem mais sardas do que há estrelas no céu! Se ela não começar a usar um bom clareador imediatamente, nunca conseguirá arrumar um marido!

Enquanto a primeira coisa que Lesley disse quando eu os apresentei um ao outro foi: — Pergunte a ele se ele já enterrou algum tesouro em algum lugar.

Infelizmente, James não era do tipo que enterrava tesouros, e ele ficou bastante insultado por Lesley pensar que ele poderia ser. Ele facilmente se sentia insultado.

— Ele é transparente? — Lesley perguntou naquela primeira reunião. — Ou meio que preto e branco?

James parecia exatamente como qualquer pessoa que eu já tinha conhecido. Exceto por suas roupas, é claro.

— Você consegue passar através dele?

— Não sei. Nunca tentei.

— Então tente agora, — sugeriu Lesley.

James não estava prestes a me deixar tentar isso.

— O que ela quer dizer, um fantasma? O Honroso James Augustus Peregrine Pympoole-Bothame, herdeiro do décimo quarto Conde de Hardsdale, não aceitará insultos de garotinhas!

Como tantos fantasmas, ele se recusava a aceitar que não estava mais vivo. Por mais que tentasse, não conseguia se lembrar de ter morrido. James e eu nos conhecemos há cinco anos, no meu primeiro dia na Escola Secundária St. Lennox, mas para James parecia apenas alguns dias atrás que ele estava sentado em seu clube jogando cartas com amigos e falando sobre cavalos, maquiagem e perucas. (Ele usava tanto maquiagem quanto uma peruca, mas ficavam melhores nele do que você pode pensar.) Ele completamente ignorava o fato de que eu tinha crescido vários centímetros desde que nos conhecemos, tinha adquirido seios e aparelho nos dentes, e tinha tirado o aparelho. Ele ignorava o fato de que a grande casa da cidade de seu pai havia se tornado uma escola com água corrente, luz elétrica e aquecimento central. A única coisa que ele parecia notar de vez em quando era o comprimento cada vez menor das saias do nosso uniforme escolar. Obviamente, pernas e tornozelos de garotas não eram frequentemente exibidos em seu tempo.

— Não é muito civil de uma dama passar por um cavalheiro de alta estirpe sem uma palavra, Srta. Gwyneth, — ele me chamou agora. Ele estava profundamente ofendido por eu ter passado por ele.

— Desculpe. Estamos com pressa, — eu disse.

— Se eu puder ajudar de alguma forma, estou, é claro, inteiramente ao seu dispor, — disse James, ajustando o laço em seus punhos.

— Eu não acho que precise, mas obrigada de qualquer forma. Só precisamos chegar em casa rápido, — como se James pudesse ter ajudado de alguma forma! Ele nem sequer conseguia abrir uma porta. — Charlotte não está se sentindo bem, — eu expliquei.

— Lamento muito ouvir isso, — disse James, que tinha um fraco por Charlotte. Ao contrário de “aquela garota mal-educada com sardas,” como ele chamava Lesley, ele achava minha prima “encantadora, uma visão de charme cativante.” Agora ele ofereceu mais de seus elogios floridos. — Por favor, dê a ela os meus melhores desejos. E diga a ela que ela está tão encantadora quanto sempre. Um pouco pálida, mas tão cativante quanto uma fada.

— Vou dizer a ela, — eu disse, revirando os olhos.

— Se você não parar de falar com seu amigo imaginário, — interrompeu Charlotte —você vai acabar no hospício.

Ok, então eu *não* diria a ela. Ela já era convencida o suficiente assim.

— James não é imaginário, apenas invisível. Há uma grande diferença.

— Se você diz, — respondeu Charlotte. Ela e tia Glenda achavam que eu apenas inventava James e os outros fantasmas por atenção. Agora eu estava arrependida de ter contado a Charlotte sobre eles. Mas quando criança, eu não conseguia manter minha boca fechada sobre gárgulas que ganhavam vida - descendo pelas fachadas dos prédios diante dos meus olhos e torcendo seus rostos góticos para que eu visse. As gárgulas eram engraçadas, mas também

havia alguns fantasmas sombrios e macabros, e eu tinha medo deles. Levei alguns anos para perceber que fantasmas não podem te machucar. Tudo o que eles realmente podem fazer às pessoas é assustá-las.

Não James, é claro. Ele não era nem um pouco assustador.

— Lesley pensa que pode ser uma coisa boa que James tenha morrido jovem. Com um nome como Pympoole-Bothame, como ele encontraria uma esposa? — eu disse, depois de me certificar de que James estava fora de alcance auditiva. — Quero dizer, quem se casaria com um homem com um nome que soa como Pimple-Bottom?

Charlotte revirou os olhos.

— Ele não é feio, — continuei. — E ele era podre de rico também — se ele estiver dizendo a verdade sobre sua família. É só o hábito dele de levantar um lenço perfumado até o nariz que não exatamente me faz desmaiar.

— Que pena que só você está aqui para admirá-lo, — disse Charlotte.

Eu pensei a mesma coisa

— E que estúpido da sua parte falar sobre o quão estranha você é dentro da nossa família, — acrescentou Charlotte. Essa era mais uma das alfinetadas típicas de Charlotte. Era para me machucar e, de fato, machucava.

— Eu não sou estranha!

— Claro que você é!

— Você é um belo exemplo para falar, *portadora de genes*!

— Bem, eu não saio por aí contando para todo mundo, — disse Charlotte. — Você é como a Tia-avó Louca Maddy. Ela até conta para o carteiro sobre suas visões.

— Você é um idiota.

— E você é ingênua. — Ainda discutindo, atravessamos o hall da frente, passamos pela cabine envidraçada do zelador e saímos para o pátio da escola. O vento estava aumentando, e o céu sombrio prometia chuva. Eu desejava que tivéssemos pego nossos casacos dos armários.

— Desculpe por ter dito aquilo sobre você ser como a Tia-avó Maddy, — disse Charlotte, subitamente parecendo arrependida. — Estou animada, mas também um pouco nervosa.

Eu fiquei surpresa. Charlotte nunca se desculpava.

— Eu sei, — respondi quase muito rapidamente. Eu queria que ela soubesse que eu apreciava seu pedido de desculpas. Mas, na realidade, eu não poderia estar mais longe de entender como ela se sentia. Eu teria ficado apavorada. No lugar dela, eu estaria tão animada quanto se estivesse indo ao dentista. — De qualquer forma, eu gosto da Tia-avó Maddy, — acrescentei. Isso era verdade. A Tia-avó Maddy podia ser um pouco falante e inclinada a repetir tudo quatro vezes, mas eu gostava disso muito mais do que a maneira misteriosa como os outros se comportavam. E a Tia-avó Maddy sempre era muito generosa ao distribuir doces de limões.

Mas é claro que Charlotte não gostava de doces.

Cruzamos a rua e continuamos apressadas pela calçada. — Não fique me olhando de lado assim, — disse Charlotte. — Você vai perceber se eu desaparecer, não se preocupe. Então você terá que fazer sua marca de giz idiota na calçada e correr para casa. Mas isso não vai acontecer. Não hoje.

— Como você pode saber? E você não se pergunta para onde você vai acabar? Quero dizer, quando você vai acabar?

— Sim, claro que sim, — disse Charlotte.

— Vamos torcer para que não seja no meio do Grande Incêndio de 1664.

— O Grande Incêndio de Londres foi em 1666, — disse Charlotte. — Isso é fácil de lembrar. E naquela época esta parte da cidade ainda não estava construída, então dificilmente teria algo para queimar aqui.

Eu disse que Charlotte também era conhecida como Estraga-prazeres e Miss Sabe-tudo?

Mas eu não iria abandonar o assunto. Pode ter sido cruel da minha parte, mas eu queria tirar o sorriso bobo do rosto dela, mesmo que fosse por apenas alguns segundos. — Esses uniformes escolares provavelmente queimariam como palha, — eu disse casualmente.

— Eu saberia o que fazer, — foi tudo o que Charlotte disse, ainda sorrindo.

Eu me odiei por admirar o quão tranquila ela estava agora. Para mim, a ideia de de repente cair no passado era totalmente aterrorizante.

O passado seria horrível, não importa em que período você caísse. Sempre havia algo horrível à espreita lá - guerra, varíola, peste. Se você dissesse a coisa errada, poderia ser queimado como uma bruxa. Além disso, todo mundo tinha pulgas, e você tinha que usar penicos, que eram jogados pelas janelas do andar de cima de manhã - mesmo se alguém estivesse caminhando pela rua abaixo.

Mas Charlotte tinha sido cuidadosamente preparada para se virar no passado desde o momento em que deveria estar balançando bonecas em seus elegantes braços. Ela nunca teve tempo para brincar ou fazer amigos, ir às compras, ir ao cinema ou namorar garotos. Em vez disso, ela havia sido ensinada a dançar, esgrima e montar a cavalo, idiomas estrangeiros e história. E desde o ano passado, ela vinha saindo toda quarta-feira à tarde com a Lady Arista e a Tia Glenda, e elas não voltavam para casa até tarde da noite. Elas chamavam isso de uma introdução aos mistérios. Mas ninguém - especialmente não Charlotte - diria que tipo de mistérios.

Sua primeira frase quando aprendeu a falar provavelmente foi “É segredo.” Seguida de perto por “Isso não é da sua conta.”

Lesley sempre dizia que nossa família devia ter mais segredos do que a MI5 e a MI6 juntas. Ela provavelmente estava certa.

Normalmente, voltávamos para casa de ônibus depois da escola. O número 8 parava em Berkeley Square, e não ficava longe dali até nossa casa. Hoje, fizemos os quatro pontos a pé, como a Tia Glenda nos disse para fazer quando Charlotte tivesse um momento de tontura. Mantive meu pedaço de giz pronto o tempo todo, mas Charlotte nunca desapareceu.

Enquanto subíamos os degraus até nossa porta da frente, fiquei um pouco desapontada, porque aqui era onde minha parte no problema terminava. Agora, minha avó assumiria o controle, e eu mais uma vez seria exilada do mundo dos mistérios.

Puxei a manga de Charlotte. — Olhe! O homem de preto está lá de novo.

— E daí? — Charlotte nem sequer olhou ao redor. O homem estava parado na entrada do número 18, do outro lado da rua. Como de costume, ele usava um sobretudo preto e um chapéu puxado para baixo sobre o rosto. Eu o tinha

considerado um fantasma até perceber que Nick, Caroline e Lesley também podiam vê-lo.

Ele havia ficado de vigia em nossa casa quase o tempo todo por meses. Ou talvez houvesse vários homens que se pareciam exatamente o mesmo se revezando. Discutíamos se o homem era um ladrão de casas, um detetive particular ou um mago malvado. Essa última era a teoria da minha irmã, e ela acreditava firmemente nisso. Caroline tinha nove anos e adorava histórias sobre magos malvados e boas fadas. Meu irmão, Nick, tinha doze anos e achava que histórias sobre magos e fadas eram bobas, então ele achava que o homem devia ser um ladrão. Lesley e eu apoiávamos o detetive particular.

Se tentássemos atravessar a rua para olhar mais de perto para o homem, ele desapareceria no prédio atrás dele ou entraria em um Bentley preto, que sempre estava estacionado no meio-fio, e iria embora.

— É um carro mágico, — afirmava Caroline. — Ele se transforma em um corvo quando ninguém está olhando. E o mago se transforma em um homenzinho e voa pelo ar nas costas do corvo.

Nick havia anotado a placa do Bentley, apenas por precaução. — Embora eles certamente pintem o carro após o roubo e coloquem uma nova placa, — ele disse.

Os adultos agiam como se não vissem nada de suspeito em serem observados dia e noite por um homem usando chapéu e vestido inteiramente de preto.

Nem Charlotte. — O que está incomodando vocês sobre o pobre homem? Ele está apenas lá para fumar um cigarro, só isso.

— Ah, sério? — Eu era mais propensa a acreditar na história do corvo encantado.

Começou a chover. Chegamos em casa no momento certo.

— Você pelo menos está tonta de novo? — perguntei enquanto esperávamos que a porta fosse aberta. Não tínhamos nossas próprias chaves da porta da frente.

— Me deixe em paz, — disse Charlotte. — Acontecerá quando chegar a hora.

O Sr. Bernard abriu a porta para nós. Lesley disse que o Sr. Bernard era nosso mordomo e a prova final de que éramos quase tão ricos quanto a Rainha ou a Madonna. Mas eu não sabia exatamente quem ou o que o Sr. Bernard realmente era. Para mamãe, ele era “o serviçal da vovó,” mas a Lady Arista o chamava de “um velho amigo da família.” Para Caroline, Nick e eu, ele era simplesmente o estranho criado da Lady Arista.

Ao nos ver, suas sobrancelhas se ergueram.

— Olá, Sr. Bernard, — eu disse. — Tempo horrível.

— Muito horrível. — Com seu nariz adunco e olhos castanhos por trás dos óculos redondos e dourados, o Sr. Bernard sempre me lembrava uma coruja. — Vocês realmente deveriam vestir seus casacos quando saem de casa em um dia como este.

— Er ... sim, deveríamos, — eu disse.

— Onde está a Lady Arista? — perguntou Charlotte. Ela nunca foi particularmente educada com o Sr. Bernard. Talvez porque, ao contrário do resto de nós, ela não tenha sentido nenhum respeito por ele quando era criança.

Embora, e isso realmente era impressionante, ele parecesse capaz de se materializar do nada bem atrás de você em qualquer parte da casa, se movendo tão silenciosamente quanto um gato. Nada escapava ao Sr. Bernard, e ele sempre parecia estar alerta para algo.

O Sr. Bernard estava conosco desde antes de eu nascer, e mamãe disse que ele estava lá quando *ela* ainda era uma menininha. Isso fazia do Sr. Bernard quase tão velho quanto a Lady Arista, mesmo que ele não parecesse. Ele tinha seus próprios aposentos no segundo andar, com um corredor separado no qual nós, crianças, éramos proibidos até de colocar os pés.

Meu irmão, Nick, disse que o Sr. Bernard tinha alçapões embutidos e sistemas de alarme elaborados lá em cima, para que pudesse vigiar visitantes indesejados, mas Nick não conseguia provar isso. Nenhum de nós jamais ousou se aventurar na área proibida.

— O Sr. Bernard precisa de sua privacidade, — Lady Arista frequentemente dizia.

— Que verdade, — disse mamãe. — Acho que todos nós poderíamos fazer uso disso. — Mas ela disse isso tão quietamente que a Lady Arista não a ouviu.

— Sua avó está na sala de música, — informou o Sr. Bernard a Charlotte.

— Obrigada. — Charlotte nos deixou no corredor e subiu as escadas.

A sala de música ficava no primeiro andar, e ninguém sabia por que era chamada assim. Nem mesmo havia um piano lá. A sala de música era o lugar favorito da Lady Arista e da Tia Maddy. Cheirava a perfume de violeta desbotado e ao fumo viciante dos charutos da Lady Arista. O ambiente abafado não era arejado com frequência suficiente, e ficar lá por muito tempo fazia você se sentir sonolento.

O Sr. Bernard fechou a porta da frente. Eu dei mais uma olhada rápida além dele para o outro lado da rua. O homem de chapéu ainda estava lá. Estaria eu enganada, ou ele apenas levantou a mão quase como se estivesse acenando para alguém? Talvez para o Sr. Bernard, ou até mesmo para mim?

A porta se fechou, e não pude mais seguir aquele pensamento, porque meu estômago virou de novo, como se eu estivesse em uma montanha-russa. Tudo ficou borrado diante dos meus olhos. Meus joelhos cederam, e tive que me apoiar na parede para não cair.

Mas tão rapidamente quanto veio, o sentimento se foi.

Meu coração estava batendo loucamente. Deve haver algo errado comigo. Sem estar em um brinquedo de parque de diversões, você não poderia sentir tontura com tanta frequência sem que algo estivesse terrivelmente errado.

A menos que... ah, bobagem! Eu provavelmente estava apenas crescendo rápido demais. Ou eu tinha... eu tinha um tumor cerebral? Ou talvez, pensei, afastando essa ideia desagradável, fosse apenas fome.

Sim, deve ser isso. Eu não tinha comido nada desde o café da manhã. Meu almoço tinha caído na minha blusa. Suspirei aliviada.

Só então percebi os olhos atentos do Sr. Bernard voltados para mim.

— Ops, — ele disse, um pouco tarde demais.

Senti meu rosto corar. — Eu vou... eu vou fazer minha lição de casa, — murmurei.

O Sr. Bernard apenas assentiu casualmente. Mas enquanto subia as escadas,

pude sentir seus olhos nas minhas costas.

De volta de Durham, onde visitei a filha mais nova do Lorde Montrose, Grace Shepherd, cuja filha nasceu inesperadamente anteontem. Estamos todos encantados em registrar o nascimento de

*Gwyneth Sophie Elizabeth Shepherd
2 quilos e 50 centímetros*

Mãe e criança estão bem.

Parabéns sinceros ao nosso Grande Mestre pelo nascimento de sua quinta neta.

De Os ANAIS DAS CRONICAS DOS GUARDIÕES

10 de Outubro de 1994

RELATÓRIO: THOMAS GEORGE, CÍRCULO INTERNO

DOIS

LESLEY DISSE QUE NOSSA CASA era chique como um palácio porque era tão grande e cheia de pinturas, painéis de madeira e móveis antigos. Ela suspeitava que havia um corredor secreto atrás de cada parede e pelo menos um compartimento escondido em cada armário. Quando éramos mais jovens, fazíamos jornadas de exploração pela casa sempre que Lesley vinha nos visitar. Éramos estritamente proibidas de bisbilhotar, o que tornava tudo ainda mais emocionante. Elaborávamos estratégias cada vez mais astutas para não sermos pegas. Com o tempo, realmente encontramos alguns compartimentos secretos e até uma porta secreta. Estava no vão da escada atrás de uma pintura a óleo de um homem gordo e de aparência feroz, barbudo, que estava sentado, com sua espada desembainhada, em cima de um grande cavalo branco.

Segundo a Tia Maddy, o homem feroz era meu tataravô Hugh, montado em sua égua baia, Annie Gorda. A porta atrás da imagem escondia apenas alguns degraus que levavam a um banheiro bastante pouco impressionante, mas o fato de ser um corredor secreto tornava tudo emocionante - bem, para Lesley e para mim de qualquer maneira.

— Você é tão sortuda de morar aqui! — Lesley sempre dizia.

Pessoalmente, eu achava que Lesley era a sortuda. Ela morava com sua mãe, seu pai e um cão peludo chamado Bertie em uma casa confortável com um jardim aconchegante em North Kensington. Não havia segredos lá, nenhum servo misterioso e nenhum parente para irritar o tempo todo.

Nós costumávamos viver em uma casa assim também: minha mãe, meu pai, Nick, Caroline e eu. Uma casinha em Durham, no norte da Inglaterra. Mas então meu pai morreu. Caroline tinha apenas seis meses quando mamãe decidiu nos mudar todos para Londres. Provavelmente porque ela se sentia sozinha. E talvez também estivesse apertada no dinheiro.

Mamãe havia crescido nesta casa, junto com sua irmã, Glenda, e seu irmão, Harry. O tio Harry era o único que não morava em Londres agora. Ele morava em Gloucestershire, com sua esposa.

A princípio, a casa também parecia um palácio para mim. Mas quando você tem que compartilhar um palácio com uma família grande e irritante, ele não parece tão grande depois de um tempo. Mesmo que houvesse muitos quartos desnecessários que não eram utilizados, como a sala de baile no primeiro andar, que se estendia por toda a largura da casa.

A sala de baile teria sido um ótimo lugar para andar de patins, só que não nos era permitido. Era linda, com suas janelas altas, seu teto de estuque e todos aqueles candelabros, mas nunca houve um baile ali, pelo menos não em minha vida, nem mesmo uma grande festa.

As únicas coisas que aconteciam na sala de baile eram as aulas de dança e esgrima de Charlotte. O corredor dos músicos, ao qual você chegava subindo degraus a partir do hall de entrada, também era totalmente inútil, exceto talvez para Caroline e suas amigas, que usavam o canto escuro embaixo das escadas

quando estavam brincando de esconde-esconde.

Minha mãe, meu irmão e minha irmã e eu morávamos no terceiro andar, logo abaixo do telhado, onde muitas das paredes eram inclinadas, mas havia duas pequenas varandas. Cada um de nós tinha um quartinho aconchegante só para si. Charlotte estava com inveja do nosso grande banheiro, porque o banheiro do segundo andar não tinha janelas, mas o nosso tinha duas. Outro motivo pelo qual eu gostava do nosso andar era que mamãe, Nick, Caroline e eu tínhamos tudo só para nós, o que muitas vezes era uma bênção naquela casa louca.

A única desvantagem era que estávamos a quilômetros de distância da cozinha, notei enquanto subia as escadas, sombria. Eu deveria ter pego uma maçã ao subir. Eu teria que me contentar com biscoitos de manteiga do estoque que mamãe mantinha reservado em nosso andar.

Eu estava com tanto medo de que a sensação de tontura voltasse que enfiei onze biscoitos na boca, um após o outro. Então tirei os sapatos e o casaco, me sentei no sofá da sala de costura e me estiquei de costas.

Tinha sido um dia tão estranho. Quer dizer, ainda mais estranho do que o normal.

Eram apenas duas horas. Pelo menos mais duas horas e meia antes que eu pudesse ligar para Lesley e contar tudo para ela. Meu irmão e minha irmã não estariam em casa da escola até as quatro, e mamãe trabalhava até às cinco. Normalmente eu adorava ficar sozinha no nosso andar da casa. Eu podia tomar um banho em paz sem que ninguém batesse na porta, desesperado para ir ao banheiro. Eu podia aumentar o volume da música e cantar junto bem alto sem que ninguém risse. E eu podia assistir o que quisesse na TV sem que ninguém reclamasse, “Mas vai passar *Bob Esponja* daqui a pouco.”

Mas hoje não estava com vontade de fazer nada disso. Nem mesmo de tirar um cochilo rápido. Longe disso. O sofá, que normalmente era um refúgio, parecia uma jangada instável em um rio torrencial. Tinha medo de ser arrastada nele assim que fechasse os olhos.

Tentando distrair minha mente, me levantei e comecei a arrumar um pouco a sala de costura. Era meio que a nossa própria sala de estar não oficial, porque felizmente nem as tias nem minha avó nunca subiam até o terceiro andar. Também não havia uma máquina de costura aqui, mas havia uma estreita escada que levava ao telhado. Elas eram originalmente destinadas a um limpador de chaminés, mas agora era Lesley e eu quem as usava. O telhado era um dos nossos lugares favoritos.

Claro que era um pouco arriscado, porque não havia guarda-corpo, apenas uma borda decorativa de ferro galvanizado na altura dos joelhos ao longo da beirada, mas você não precisava praticar salto em distância lá em cima, ou dançar até a beira da queda. A chave para a porta era guardada em uma tigela de açúcar com estampa de rosas. Ninguém na minha família sabia que eu conhecia o lugar onde era escondida, ou você pode apostar que o caos teria se instalado. Por isso, eu sempre me certificava de que ninguém me visse indo sorrateiramente para o telhado. Você podia tomar sol lá, ou simplesmente se esconder se quisesse ficar em paz. O que, como eu disse, eu queria muitas vezes, só que não exatamente neste momento.

Dobrei nossos cobertores cuidadosamente, varri as migalhas de biscoito do sofá, dei um jeito nas almofadas e coloquei um conjunto de peças de xadrez espalhadas de volta na caixa. Até mesmo reguei a azaleia que estava em um vaso sobre a cômoda no canto e limpei a mesa de centro com um pano úmido. Então olhei ao redor do quarto agora impecavelmente arrumado, pensando no que fazer em seguida. Apenas dez minutos haviam passado, e eu queria companhia ainda mais do que antes.

Será que Charlotte estava tendo um acesso de tontura novamente lá embaixo na sala de música? O que realmente aconteceria se você viajasse do primeiro andar de uma casa no século vinte e um em Mayfair para o Mayfair do, digamos, século quinze, quando não havia casas aqui ainda, ou apenas muito poucas? Você chegaria no ar e cairia no chão de uma altura de cerca de vinte metros ou mais? Talvez caísse em cima de um formigueiro? Coitada da Charlotte. Mas supus que eles poderiam estar ensinando-a a voar em suas instruções secretas nos mistérios, então talvez ela não acabasse com formigas nas calças.

Falando em mistérios, de repente pensei em algo para distrair minha mente cansada de tudo isso, entrei no quarto da mamãe e olhei para a rua. Sim, o homem de preto ainda estava lá fora, em frente ao número 18. Eu conseguia ver suas pernas e parte de seu sobretudo. A distância de três andares parecia nunca ter sido tão grande. Tentei calcular quão longe era dali até o chão.

Será que você realmente sobreviveria a uma queda de tão alto? Bem, talvez, se tivesse sorte e caísse no meio de um pântano. Aparentemente, toda Londres já foi um terreno pantanoso, ou pelo menos é o que a Sra. Counter, nossa professora de geografia, dizia. Um pântano seria bom - pelo menos você teria uma aterrissagem suave. Mas só para se afogar horivelmente na lama.

Engoli em seco. Não gostei do rumo que meus próprios pensamentos estavam tomando.

Eu realmente, realmente não queria ficar sozinha por mais tempo, então decidi fazer uma visita à minha família na sala de música, mesmo que corresse o risco de ser expulsa imediatamente porque estavam acontecendo discussões ultrassecretas.

* * *

QUANDO ENTREI, a Tia-Avó Maddy estava sentada em sua poltrona favorita perto da janela, e Charlotte estava de pé perto da outra janela com as mãos apoiadas na escrivaninha estilo Luís XIV, embora não devêssemos tocar sua superfície ricamente laqueada e dourada com nenhuma parte do corpo. (Como algo tão horrendo quanto essa escrivaninha poderia ser tão valiosa quanto Lady Arista sempre dizia, eu não sabia. Nem tinha gavetas secretas. Lesley e eu já tínhamos verificado isso anos atrás.) Charlotte havia trocado de roupa, e em vez do uniforme escolar, estava usando um vestido que parecia uma mistura entre uma camisola, um roupão e o hábito de uma freira.

— Eu ainda estou aqui — ela disse. — Como você pode ver.

— Bem ... bem, que legal — eu disse, tentando não encarar seu vestido com uma expressão de horror notável.

— Isso é intolerável — disse a Tia Glenda, que estava indo e vindo entre as

janelas. Assim como Charlotte, ela era alta e esbelta e tinha cabelos vermelhos e cacheados. Minha mãe também tinha cabelos cacheados, e os cabelos da minha avó já foram vermelhos também. Caroline e Nick também herdaram os cabelos vermelhos, me deixando como o único com cabelos escuros e lisos como os do meu pai.

Eu costumava desejar ter cabelos vermelhos, mas Lesley me convenceu de que meu cabelo preto era um contraste marcante com meus olhos azuis e pele clara. Lesley também conseguiu me convencer de que a pequena marca de nascença em forma de crescente na minha têmpora - a que a Tia Glenda sempre chamava de "pequena banana engraçada" - era intrigantemente misteriosa e chique. Hoje em dia, eu me achava bonita, especialmente agora que não usava mais aparelho, que havia colocado meus dentes da frente de volta onde deveriam estar e parado de parecer um coelho. Embora, é claro, eu não fosse nem de longe uma "deliciosa visão de encantador fascínio" como Charlotte, que era como James teria colocado. Ha, ha. Eu queria que ele pudesse vê-la naquele vestido sem forma.

— Gwyneth, meu anjo, você gostaria de um limãozinho? — a Tia-Avó Maddy deu um tapinha no banquinho ao lado de sua cadeira. — Sente-se aqui e tire minha mente disso um pouco. A Glenda está me irritando, andando de um lado para o outro assim.

— Você não tem ideia dos sentimentos de uma mãe, Maddy — disse a Tia Glenda.

— Não, eu suponho que não tenha — suspirou a Tia-Avó Maddy. Maddy era uma pessoa pequena e gordinha, com olhos azuis alegres e infantis e cabelos loiros tingidos. Havia frequentemente um rolo de cabelo esquecido em seu cabelo.

— Onde está a Lady Arista? — perguntei, pegando um limãozinho.

— No quarto ao lado ao telefone — disse a Tia-Avó Maddy. — Mas ela está falando baixo, então tenho medo que você não consiga entender uma palavra. A propósito, esses foram os últimos limõezinhos. Você não teria tempo para passar na Selfridges e comprar mais, teria?

— Claro que eu vou — eu disse.

Charlotte mudou o peso de uma perna para a outra, e a Tia Glenda girou instantaneamente.

— Charlotte?

— Não, não é nada — disse Charlotte.

Os lábios da Tia Glenda se apertaram.

— Você não deveria estar esperando no térreo? — perguntei a Charlotte. — Então você não teria tanto chão para cair.

— Você não deveria apenas calar a boca quando não faz ideia do que está acontecendo? — Charlotte retrucou.

— Realmente, a última coisa que Charlotte precisa agora são comentários bobos — disse a Tia Glenda.

Eu já estava começando a me arrepender de ter descido as escadas.

— Na primeira ocasião, o portador do gene nunca viaja mais do que cento e cinquenta anos no passado — explicou a Tia-Avó Maddy gentilmente. — Esta casa foi terminada em 1781, então Charlotte está perfeitamente segura aqui na

sala de música. No máximo, ela pode assustar um par de senhoras tocando cravo.
— Você pode apostar que sim, com esse vestido — eu disse, tão baixo que apenas minha tia-avó pôde me ouvir. Ela riu.

A porta se abriu e Lady Arista entrou. Como de costume, ela parecia ter engolido uma vareta. Ou várias. Uma para cada braço, uma para cada perna, e uma mantendo tudo junto no meio. Seu cabelo branco estava penteado severamente para trás do rosto e preso em um coque na nuca, como uma professora de balé. Do tipo estrita com quem você não gostaria de se meter. — Está vindo um motorista. A família de Villiers está nos esperando no Templo. Então, Charlotte pode ser instruída no cronógrafo assim que voltar.

Eu não entendia nada disso.

— Mas e se não acontecer hoje afinal? — perguntou Charlotte.

— Charlotte, querida, você já se sentiu tonta três vezes hoje — disse a Tia Glenda.

— Vai acontecer mais cedo ou mais tarde — disse Lady Arista. — Venham, o motorista estará aqui a qualquer minuto agora.

A Tia Glenda pegou o braço de Charlotte, e juntas, com Lady Arista, saíram da sala. Quando a porta se fechou atrás delas, a Tia-Avó Maddy e eu nos olhamos.

— Algumas pessoas poderiam pensar que uma pessoa era invisível, não concorda? — disse a Tia-Avó Maddy. — Pelo menos um adeus ou olá de vez em quando seria bom. Ou algo realmente inteligente, como *"Querida Maddy, você por acaso teve uma daquelas visões suas que poderiam nos ajudar?"*

— E você teve?

— Não — disse a Tia-Avó Maddy. — Graças a Deus, não tive. Sempre fico faminta depois dessas visões, e preciso perder peso já. — Ela deu um tapinha em sua barriga.

— Quem são essas pessoas de Villiers? — perguntei.

— Um bando de exibicionistas arrogantes, se me perguntar — disse a Tia-Avó Maddy. — Todos eles advogados e banqueiros. Eles são donos do banco particular de Villiers na cidade. É onde temos nossas contas.

Aquilo não parecia particularmente místico.

— Então, o que eles têm a ver com a Charlotte?

— Bem, digamos que eles têm problemas como os nossos.

— Significando o quê? — Tinham que viver sob o mesmo teto que uma avó tirânica, uma tia terrível e uma prima que se achava especial?

— O gene de viagem no tempo — disse a Tia-Avó Maddy. — É passado pela linha masculina na família de Villiers.

— Quer dizer que eles têm uma Charlotte também?

— O equivalente masculino. O nome dele é Gideon, pelo que sei.

— E ele está esperando ficar tonto também?

— Ele já passou dessa parte. Ele é dois anos mais velho que a Charlotte.

— Então ele está viajando no tempo nos últimos dois anos?

— É o que eu presumo.

Tentei conciliar essa nova informação com o pouco que já sabia. Mas, como a Tia-Avó Maddy estava tão falante hoje, me permiti apenas alguns segundos para isso. — E o que é um crono... um cronometro?

— Cronógrafo. — A Tia-Avó Maddy revirou os olhos azuis arredondados. — É uma espécie de aparelho que pode ser usado para enviar os portadores do gene - apenas eles, ninguém mais! - de volta a um tempo específico. Tem algo a ver com sangue. —

— *Uma máquina do tempo?* — Abastecida por sangue? Meu Deus!

A Tia-Avó Maddy deu de ombros. — Não faço ideia de como a coisa funciona. Você está esquecendo que eu sei apenas o que ouvi, assim como você, sentada aqui agindo como se não tivesse feito nada. É tudo um segredo mortal.

— Sim. É muito complicado — eu disse. — Como eles sabem que a Charlotte tem o gene, de qualquer forma? Quero dizer, por que ela e não ... bem, digamos *você*?

— Eu não posso ter, graças a Deus — disse ela. — Nós Montroses sempre fomos um bando estranho, mas o gene entrou na nossa família por causa da sua avó. Porque meu irmão teve que ir e se casar com ela. — A Tia Maddy sorriu. Ela era irmã do meu falecido avô Lucas. Nunca tendo se casado, ela foi morar com ele para cuidar da casa quando eram bem jovens. — A primeira vez que ouvi falar desse gene foi depois do casamento do Lucas. O último portador do gene na linha hereditária da Charlotte era uma senhora chamada Margaret Tilney, e ela, por sua vez, era avó da sua avó Arista.

— Então a Charlotte herdou o gene dessa Margaret?

— Bem, entre elas, Lucy herdou. Coitada.

— Lucy? Que Lucy?

— Sua prima Lucy. A filha mais velha do Harry.

— Ah, *aquela* Lucy — Meu tio Harry, o que morava em Gloucestershire, era bem mais velho que Glenda e minha mãe. Seus três filhos já haviam crescido há muito tempo. David, o mais novo, era um piloto da British Airways de vinte e oito anos. O que, infelizmente, não significava que tínhamos desconto em voos. E Janet, a do meio, tinha filhos próprios, horríveis, ambas, Poppy e Daisy. Eu nunca havia conhecido Lucy, a mais velha. Também não sabia muito sobre ela. Os Montroses nunca diziam nada sobre Lucy. Ela era meio que a ovelha negra da família. Ela tinha fugido de casa aos dezessete anos, e nada foi ouvido dela desde então.

— Lucy também é uma portadora do gene?

— Ah, sim — disse a Tia-Avó Maddy. — O inferno se soltou aqui quando ela desapareceu. Sua avó quase teve um ataque cardíaco. Foi o escândalo mais chocante. — Ela balançou a cabeça tão vigorosamente que seus cachos dourados ficaram todos emaranhados.

— Consigo só imaginar. — Pensei no que aconteceria se Charlotte simplesmente empacotasse suas coisas e partisse para o vasto horizonte azul.

— Não, você não consegue. Você não conhece as circunstâncias em que ela desapareceu, e tudo tinha a ver com aquele jovem homem. Gwyneth! Tire o dedo da boca neste instante! Isso é um hábito nojento.

— Desculpe. — Realmente não tinha percebido que estava começando a roer minhas unhas. — É que há tanta coisa acontecendo, tanta coisa que eu não entendo.

— Mesma coisa aqui. — A Tia-Avó Maddy me assegurou. — E tenho ouvido todas essas coisas desde que tinha quinze anos. Além disso, tenho o que

você poderia chamar de um talento natural para o mistério. Todos os Montroses adoram segredos. Eles sempre amaram. Essa é a única razão pela qual meu pobre irmão se casou com sua avó, se me perguntar. Não pode ter sido por seus encantos sedutores, de qualquer maneira, porque ela não tinha nenhum. — Ela enfiou a mão na caixa de balas de limão e suspirou quando seus dedos encontraram apenas ar vazio. — Ah, querida, tenho medo de que devo estar viciada nessas coisas.

— Vou correr até a Selfridges e te trazer mais. — Ofereci.

— Você é minha querida filha, sempre será. Me dê um beijo e ponha seu casaco, está chovendo. E nunca mais roa suas unhas, certo?

Meu casaco ainda estava no meu armário na escola, então peguei emprestado o casaco de chuva da mãe e puxei o capuz sobre a cabeça quando saí pela porta da frente. O homem na entrada do número 18 estava acabando de acender um cigarro. Por um impulso repentino, acenei para ele enquanto descia os degraus.

Ele não acenou de volta, é claro.

— Estranho. — Murmurei enquanto corria em direção à Oxford Street. Estava chovendo canivetes, e eu desejava ter calçado minhas galochas. As flores da minha magnólia favorita na esquina estavam murchando de forma melancólica. Antes de alcançá-la, eu já tinha pisado em três poças. Justo quando estava tentando desviar de uma quarta, fui varrida repentinamente de meus pés encharcados. Meu estômago deu cambalhotas, e diante dos meus olhos a rua se transformou em um rio cinzento.

*Ex hoc momento pendet aeternitas.
("A eternidade pende deste momento.")*

*INSCRIÇÃO EM UM RELÓGIO DE SOL NO MIDDLE TEMPLE, EM
LONDRES.*

TRÊS

QUANDO PUDE VER ADEQUADAMENTE DE NOVO, notei que um carro estava virando a esquina - um legítimo carro antigo - e eu estava ajoelhada no pavimento tremendo de medo.

Algo estava errado com essa rua. Não parecia a mesma de sempre. Tudo tinha mudado tão repentinamente.

A chuva tinha parado, mas um vento gelado soprava, e estava muito mais escuro do que um momento atrás, quase noite. A árvore de magnólia não tinha flores nem folhas. Eu nem tinha certeza se ainda era uma magnólia de verdade.

Os espinhos da cerca ao redor estavam dourados nas pontas. Eu poderia jurar que eles eram pretos quando eu os vi não fazia um minuto.

Outro carro antigo veio chugando ao redor da esquina. Um veículo estranho com rodas altas e raios brilhantes. Eu olhei ao longo do pavimento - as poças não estavam em nenhum lugar à vista. Nem as placas de trânsito. O pavimento estava irregular e fora de forma, e até mesmo os postes de luz pareciam diferentes. Sua luz amarelada mal alcançava a entrada do próximo prédio.

Lá no fundo, uma ideia desagradável se mexeu, mas eu não estava prestes a levá-la a sério ainda.

Me forcei a respirar profundamente. Então olhei ao redor novamente, mais minuciosamente dessa vez.

Ok, estritamente falando, não havia tanta diferença. A maioria dos prédios realmente parecia a mesma de sempre. Mas ainda assim - a casa de chá onde a mãe comprava os deliciosos Duchy Originals feitos pelo Príncipe de Gales tinha desaparecido, e eu nunca tinha visto o colossal prédio colonado na esquina.

Um homem usando um chapéu e um casaco escuro olhou para mim com um toque de curiosidade enquanto passava, mas ele não tentou falar comigo, ou mesmo me ajudar a me levantar. Finalmente, eu mesma fiz isso e limpei a sujeira dos meus joelhos.

O pensamento desagradável que tinha ocorrido a mim estava se tornando lentamente, mas seguramente, uma certeza horrível. Quem eu pensava que estava enganando? Eu não tinha esbarrado em um rally de carros antigos, e a magnólia não tinha perdido todas as suas folhas de repente. E embora eu daria qualquer coisa para ver Nicole Kidman virar a esquina de repente, isso não era, infelizmente, o cenário de um filme de um romance de Henry James.

Eu sabia exatamente o que tinha acontecido. Eu simplesmente sabia. E também sabia que deve haver algum engano.

Eu tinha pousado em outro tempo.

Não Charlotte. Eu. Alguém tinha errado completamente.

Meus dentes imediatamente começaram a bater. Não apenas de nervoso, mas também de frio. Havia um frio amargo no ar.

Eu saberia o que fazer. As palavras de Charlotte ainda ecoavam nos meus ouvidos.

Claro que Charlotte saberia o que fazer. Mas ninguém me disse.

Então eu fiquei ali tremendo, com os dentes batendo, na esquina da minha própria rua enquanto as pessoas olhavam para mim. Não é que houvesse muitas delas por aí. Uma jovem com um casaco até o tornozelo e uma cesta sobre o braço passou por mim, e atrás dela veio um homem com um chapéu com a gola levantada.

— Com licença, — eu disse. — Você poderia me dizer que ano é este, por acaso?

A mulher agiu como se não tivesse me ouvido e andou mais rápido.

O homem balançou a cabeça. — Que impertinência! — ele resmungou.

Eu suspirei. Embora a informação realmente não teria me ajudado muito de qualquer maneira. Basicamente, não fazia muita diferença se isso fosse 1899 ou 1923.

Pelo menos eu sabia onde estava. Eu morava a menos de cem metros de distância. A coisa óbvia era simplesmente entrar em minha casa.

Eu tinha que fazer alguma coisa, afinal. A rua parecia calma e pacífica no crepúsculo enquanto eu caminhava lentamente de volta, olhando ao redor. O que era diferente, o que não tinha mudado? Os prédios se pareciam muito com os da minha própria época, mesmo com uma inspeção mais próxima. Eu tinha a sensação de que não tinha visto certos detalhes antes, mas talvez fosse apenas que até agora eu não os tinha notado. Automaticamente, olhei para o número 18, mas a entrada estava vazia - nenhum homem de preto à vista.

Eu parei.

Nossa casa parecia exatamente como na minha época. As janelas do térreo e do primeiro andar estavam bem iluminadas, e havia uma luz no quarto da mamãe lá em cima também. Eu me senti realmente saudosos enquanto olhava para cima. Havia pingentes de gelo nas janelas do sótão.

Eu saberia o que fazer.

Então o que Charlotte faria? Logo escureceria, e já estava amargamente frio. Onde Charlotte iria para não congelar? Para casa?

Eu olhei para cima para as janelas. Talvez meu avô ainda estivesse vivo lá dentro. Talvez ele até me reconhecesse? Afinal, ele costumava me deixar brincar em seus joelhos quando eu era pequena... Ah, não seja tão estúpida, pensei.

Mesmo que ele estivesse vivo agora, dificilmente poderia me reconhecer quando ainda não nos tínhamos conhecido.

O frio estava penetrando sob o casaco de chuva da mamãe. Ok, eu só precisaria tocar a campainha e pedir abrigo para a noite.

A única questão era como fazer isso.

— Olá, meu nome é Gwyneth, e eu sou neta do Lorde Lucas Montrose, mas talvez ele ainda não tenha nascido.

Eu não poderia esperar que alguém acreditasse nisso. Eu provavelmente acabaria em um hospital psiquiátrico muito mais cedo do que eu gostaria. E hospitais psiquiátricos provavelmente eram lugares sombrios nesse período. Uma vez dentro, você talvez nunca mais saísse.

Por outro lado, eu tinha poucas alternativas. Não demoraria muito até ficar completamente escuro, e eu precisava passar a noite em algum lugar sem congelar até a morte. Ou ser avistada por Jack, o Estripador. Por que eu não conseguia lembrar quando Jack, o Estripador, havia rondado as ruas de Londres?

E onde? Certamente não nas elegantes redondezas de Mayfair, eu esperava.

Se eu conseguisse falar com um dos meus antepassados, talvez pudesse convencê-lo de que sabia mais sobre a família e a casa do que qualquer estranho normal poderia saber. Quem mais, por exemplo, poderia dizer de imediato que o nome do cavalo do Tataravô Hugh era Fat Annie Gorda?

Uma rajada de vento me fez tremer. Estava tão frio. Eu não ficaria surpresa se a neve logo começasse a cair sobre mim.

— Olá, eu sou Gwyneth, e venho do futuro. Eu posso provar - dê uma olhada neste zíper. Acho que esses ainda não foram inventados, certo? Ou jatos gigantes ou televisores ou geladeiras...

Bem, vale a tentativa. Respirando fundo, fui até a porta da frente.

Os degraus pareciam, de uma maneira estranha, tanto familiares quanto estranhos. Automaticamente, tentei sentir a campainha, mas não havia uma. Obviamente, campainhas elétricas ainda não tinham sido inventadas. Infelizmente, no entanto, isso ainda não me dava nenhuma pista sobre a data exata. Nem mesmo sabia quando descobriram como usar eletricidade. Antes ou depois dos navios a vapor? Tínhamos aprendido isso na escola? Se sim, não conseguia me lembrar agora.

Encontrei uma alavanca pendurada em uma corrente, como a que acionava o vaso sanitário antiquado na casa da Lesley. Puxei-a com força e ouvi uma campainha tocar atrás da porta.

Meu Deus.

Provavelmente algum dos funcionários domésticos abriria a porta. O que eu poderia dizer para fazê-lo me levar até um membro da família? Talvez o tataravô Hugh ainda estivesse vivo? Ou já era vivo. Vivo, de qualquer forma. Simplesmente perguntaria por ele. Ou pela Annie Gorda.

Passos se aproximavam, e reuni toda a minha coragem, mas nunca vi quem abriu a porta, porque mais uma vez o estranho sentimento me arrancou dos pés, me arremessou através do tempo e do espaço, e me cuspiu do outro lado.

Me vi de volta ao capacho do lado de fora da nossa casa novamente, pulei e olhei ao redor. Tudo parecia igual ao momento em que saí há pouco para comprar as balas de limão da Tia-avó Maddy. Os prédios, os carros estacionados, até a chuva.

O homem de preto na entrada do número 18 estava olhando para mim do outro lado da rua.

— E você não é o único surpreso — murmurei.

Quanto tempo eu estive fora? Será que o homem de preto me viu desaparecer na esquina da rua e depois reaparecer no nosso capacho? Se sim, aposto que ele não podia acreditar nos próprios olhos. Bem feito para ele.

Toquei freneticamente a campainha. O Sr. Bernard abriu a porta.

— Com pressa, estamos? — ele perguntou.

— Talvez não você, mas eu estou!

O Sr. Bernard ergueu as sobrancelhas.

— Com licença, esqueci de algo importante. — Abri caminho além dele e subi as escadas dois degraus de cada vez.

Tia-avó Maddy olhou surpresa quando corri pela porta. — Pensei que já tivesse saído, meu amor.

Sem fôlego, olhei para o relógio na parede. Agora fazia exatamente vinte minutos desde que havia saído do quarto.

— Mas estou feliz que você esteja aqui. Tem algo que esqueci de te contar. Eles têm as mesmas balas de limão em Selfridges, mas sem açúcar, e a embalagem é exatamente igual. Mas não compre as balas de limão sem açúcar, de jeito nenhum, porque aquelas me dão ... bem, diarreia.

— Tia Maddy, por que todos estão tão certos de que a Charlotte tem o gene?

— Porque... ah, me pergunte algo mais simples, por favor? — A tia-avó Maddy estava visivelmente confusa.

— Eles testaram o sangue dela? Não poderia outra pessoa ter o mesmo gene também? — Minha respiração estava gradualmente se acalmando.

— Ah, Charlotte é definitivamente uma portadora do gene.

— Porque foi encontrado em seu DNA?

— Meu anjinho, você está perguntando para a pessoa errada. Eu sempre fui péssima em biologia - na verdade, nem sei o que é DNA. Eu também não era boa em matemática. Qualquer coisa relacionada a números e fórmulas entra por um ouvido e sai pelo outro. Posso apenas te dizer que Charlotte veio ao mundo no dia exato calculado para ela, há centenas de anos atrás.

— Então sua data de nascimento decide se você tem esse gene ou não? — Eu mordi meu lábio inferior. Charlotte havia nascido em sete de outubro, e eu havia nascido no oitavo. Estávamos separadas por apenas um dia.

— Mais como o contrário — disse a tia-avó Maddy. — O gene decide o momento do nascimento do portador. Eles calcularam tudo isso.

— Bem, e se eles cometeram um erro?

A diferença de um dia! Era tão simples. Alguém tinha trocado as datas. Não era Charlotte quem tinha esse maldito gene, era eu. Ou talvez nós duas tivéssemos. Ou então... Me sentei no banquinho.

A tia-avó Maddy balançou a cabeça. — Eles não cometeram um erro, meu anjinho. Se há algo em que essas pessoas são realmente boas, pode apostar que é aritmética.

Quem eram - essas pessoas, - afinal?

— Qualquer um pode cometer um erro de vez em quando, — eu disse.

A tia-avó Maddy riu. — Exceto o Sir Isaac Newton, temo.

— *Newton* calculou a data de nascimento de Charlotte?

— Minha querida, entendo sua curiosidade. Quando tinha sua idade, eu era exatamente assim. Mas, por um lado, às vezes é melhor não saber todas as respostas, e por outro, eu realmente, realmente gostaria de minhas balas de limão.

— Nada disso faz sentido, — eu disse.

— É apenas assim que parece. — A tia-avó Maddy apertou minha mão. — Mesmo que você não esteja mais sábia agora do que estava antes, essa conversa deve permanecer em segredo. Se sua avó descobrir tudo o que eu lhe disse, ela ficará furiosa. E quando ela fica furiosa, é ainda pior do que o normal.

— Não direi nada, Tia Maddy. E irei buscar suas balas de limão agora mesmo.

— Você é uma boa criança.

— Apenas mais uma pergunta. Quanto tempo depois que os portadores do

gene viajam no tempo pela primeira vez eles o fazem de novo?

A tia-avó Maddy suspirou.

— Por favor! — eu disse.

— Eu não acho que haja regras, — disse a tia-avó Maddy. — Cada portador do gene provavelmente é diferente. Mas nenhum deles pode determinar os momentos para si mesmos. Se a viagem for descontrolada, pode acontecer todos os dias, às vezes várias vezes ao dia. É por isso que o cronógrafo é tão importante. Com sua ajuda, pelo que entendo, Charlotte não será lançada pelo tempo de forma desamparada. Ela pode ser enviada para épocas que não são muito perigosas, onde nada pode prejudicá-la. Então não se preocupe com sua prima.

Para ser honesta, eu estava muito mais preocupada comigo mesma.

— Então, quando um portador do gene está no passado, quanto tempo ele fica ausente no presente? — perguntei ofegante. — E na segunda vez que um viajante volta no tempo, poderia ser até mesmo até os tempos dos dinossauros, quando só havia pântanos por aqui?

Minha tia-avó me interrompeu. — Chega, Gwyneth. Eu não tenho ideia mais do que você!

Eu me levantei. — Obrigada por responder às minhas perguntas, de qualquer forma, — eu disse. — Você foi de grande ajuda.

— Eu não acho. Eu tenho uma consciência terrivelmente culpada. Realmente, não deveria estar satisfazendo sua curiosidade, especialmente porque não deveria saber de nada disso. Nos velhos tempos, quando eu costumava perguntar a meu irmão -esse é o seu querido avô - sobre todos esses segredos, ele sempre me dizia a mesma coisa. Quanto menos você souber, ele dizia, melhor para a sua saúde. Agora, você vai me buscar minhas balas de limão? E não as do tipo sem açúcar, lembra!

A tia-avó Maddy acenou enquanto eu saía.

Como segredos poderiam ser prejudiciais para a saúde de alguém? E quanto meu avô sabia sobre tudo isso?

* * *

— SIR ISAAC NEWTON? — repetiu Lesley, perplexa. — Não era aquele cara da força da gravidade?

— Ele mesmo. Mas ele também calculou a data de nascimento da Charlotte. — Eu estava em frente aos iogurtes no Food Hall da Selfridges, segurando meu celular em uma mão e cobrindo a outra orelha com a outra mão. — Só que a coisa maluca é que ninguém vai acreditar que ele cometeu um erro. Quem esperaria que Newton errasse nos cálculos? Mas ele deve ter errado, Lesley. Eu nasci um dia depois da Charlotte, e fui eu quem viajei no tempo. Não ela.

— Isso é mais do que misterioso. Ah, essa coisa estúpida está demorando uma eternidade para ligar. *Vamos lá, vai!* — Lesley gritou para o computador.

— Lesley, foi tão - tão estranho! Eu quase conversei com um dos meus ancestrais! Talvez aquele homem gordo na pintura em frente à porta secreta, tataravô Hugh, por exemplo. Bem, se fosse na época dele e não em algum outro período. Eles poderiam ter me enviado para um hospício.

— Detesto pensar no que poderia ter acontecido com você, — disse Lesley.
— Eu ainda não consigo entender isso! Tanto alvoroço feito por Charlotte todos esses anos, e agora isso acontece! Olha, você tem que contar para sua mãe imediatamente. É melhor você voltar direto para casa. Isso poderia acontecer de novo a qualquer momento!

— Assustador, né?

— Muito. Ok, estou online agora. Primeiro, vou pesquisar Newton. E você só vai para casa! Alguma ideia de quanto tempo a Selfridges está lá na Oxford Street? Poderia ser um poço fundo nos velhos tempos, e você cairia doze metros abaixo!

— Minha avó vai ficar completamente louca quando souber disso, — eu disse.

— Sim, e então tem a pobre Charlotte... bem, pense só, todos esses anos ela teve que desistir de tudo, e agora ela não recebe nada em troca. Ah, aqui estamos. Newton. Nascido em 1643 em Woolsthorpe - onde diabos é isso? - morreu em 1727 em Londres. Blá, blá, blá. Nada sobre viagem no tempo aqui, só coisas sobre cálculo infinitesimal - nunca ouvi falar, e você? Transcendência de todas as espirais.... Quadráticas, óptica, mecânica celeste, blá, blá - ah, aqui estamos, aqui está a lei da gravidade.... Sabe de uma coisa, aquela parte sobre espirais transcendentais parece mais próxima de viagem no tempo, o que você acha?

— Para ser honesta, não, — eu disse.

Um casal ao meu lado estava discutindo em voz alta sobre a variedade de iogurtes que iam comprar.

— Por acaso você ainda está na Selfridges? — gritou Lesley, que claramente tinha ouvido os pedidos de iogurte. — Vá para casa!

— Estou a caminho, — eu disse, acenando com o saco de papel amarelo contendo as balas de limão da tia-avó Maddy na direção da saída. — Mas, Lesley, eu *não* posso contar isso em casa. Eles vão pensar que estou louca.

Lesley engasgou ao telefone. — Gwen! Qualquer outra família poderia muito bem te mandar para o hospício, mas não a sua! Eles estão sempre falando sobre genes de viagem no tempo e cronômetros e instrução em mistérios.

— É um cronógrafo, — eu a corriji. — A coisa funciona com sangue! É nojento ou não é?

— Cro-no-grafo! Ok, eu pesquisei.

Eu abri caminho pela multidão na Oxford Street até o próximo semáforo. — Tia Glenda vai dizer que estou inventando tudo para parecer importante e roubar a cena da Charlotte.

— E daí? Quando você viajar de volta no tempo novamente, no mínimo, ela vai perceber que houve um erro.

— E se eu nunca viajar de volta novamente? E se foi só aquela vez?

— Você não acredita nisso, não é? Ok, aqui estamos, um cronógrafo parece ser um relógio de pulso perfeitamente normal. Você pode encontrá-los aos montes no eBay, a partir de dez libras. Ah, droga... espere, vou pesquisar Isaac Newton mais cronógrafo mais viagem no tempo mais sangue.

— E então?

— Nada que nos ajude. Pelo menos eu acho que não. — Lesley suspirou. —

Eu queria ter pesquisado tudo isso antes. A primeira coisa que vou fazer é encontrar alguns livros sobre isso. Qualquer coisa que eu possa descobrir sobre viagem no tempo. Onde diabos eu coloquei aquele cartão da biblioteca? Onde você está agora?

— Atravessando a Oxford Street, depois virando na Duke Street. — De repente, tive que rir. — Por quê? Você está planejando vir aqui e desenhar um círculo de giz só para o caso de nossa conexão se romper de repente? Mas agora estou me perguntando para que servia o círculo de giz idiota para a Charlotte.

— Talvez eles teriam enviado aquele outro viajante do tempo atrás dela - como era o nome dele mesmo?

— Gideon de Villiers.

— Nome legal! Vou pesquisar. Gideon de Villiers. Como se escreve isso?

— Como eu vou saber? De volta ao círculo de giz - para onde eles teriam enviado esse cara, Gideon? Quero dizer, em que período? Charlotte poderia estar em qualquer lugar. Em qualquer minuto, qualquer hora, qualquer ano, qualquer século. Não, o círculo de giz não faz sentido.

Lesley gritou no meu ouvido tão alto que quase deixei cair meu celular. — *Gideon de Villiers*. Consegui!

— Mesmo?

— Sim. Diz aqui: "A equipe de polo da Escola Vincent, em Greenwich, ganhou novamente o Campeonato de Polo de Todas as Escolas da Inglaterra este ano. Celebrando com o troféu, da esquerda para a direita, o diretor William Henderson, o gerente da equipe John Carpenter, o capitão da equipe Gideon de Villiers..." e assim por diante. Uau, então ele também é o capitão. Só que é uma foto tão pequena que você não consegue distinguir onde os cavalos terminam e os membros da equipe começam. Onde você está agora, Gwen?

— Ainda na Duke Street. Isso faz sentido: escola em Greenwich, polo, sim, deve ser ele. E diz que ele às vezes desaparece? Talvez direto do cavalo?

— Ah, acabei de perceber, este relatório é de três anos atrás. Ele deve ter saído da escola agora. Você está se sentindo tonta novamente?

— Até agora não.

— Onde você está agora?

— Ah, Lesley, ainda na Duke Street. Estou andando o mais rápido que posso.

— Ok, vamos ficar no telefone até você chegar à sua porta da frente, e no momento em que você estiver em casa, você tem que falar com sua mãe.

Olhei para o meu relógio. — Ela ainda não terá voltado do trabalho.

— Então espere até que ela volte, mas você realmente precisa falar com ela, ok? Ela saberá o que fazer para mantê-la fora de perigo. Você ainda está aí? Ouviu o que eu disse?

— Sim, estou aqui, e sim, ouvi. Lesley?

— Hm?

— Estou tão feliz por ter você. Você é a melhor amiga do mundo.

— Você também não é tão ruim como amiga, — disse Lesley. — Quero dizer, em breve você poderá me trazer coisas legais do passado. Que outro amigo pode fazer isso? E na próxima vez que tivermos uma prova de história, você pode pesquisar tudo na hora.

— Não sei o que faria se não tivesse você. — Ouvindo a mim mesma, percebi o quão patética eu parecia - mas dane-se, eu estava me sentindo bem patética agora.

— Viajantes do tempo *podem* trazer coisas do passado? — perguntou Lesley.

— Não faço ideia. Nem a menor. Vou tentar na próxima vez. Estou na Grosvenor Square agora.

— Quase em casa, então, — disse Lesley, aliviada. — Além do negócio do polo, o Google não encontrou nada sobre nenhum Gideon de Villiers. Mas há um monte de coisas sobre o banco privado de Villiers e as câmaras legais de Villiers no Templo.

— Deve ser isso.

— Alguma sensação de tontura?

— Não, mas obrigada por perguntar mesmo assim.

Lesley limpou a garganta. — Eu sei que você tem medo disso, mas tudo isso é meio legal. Quero dizer, é uma aventura real, Gwen! E você está bem no meio dela.

Ah, sim, eu estava definitivamente bem no meio dela.

Grande a minha sorte.

* * *

LESLEY ESTAVA CERTA. Não havia motivo para pensar que Mamãe não acreditaria em mim. Ela sempre ouviu minhas “histórias de fantasmas” tão seriamente quanto podia. Eu sempre pude contar qualquer coisa para ela, então por que dessa vez seria diferente?

Quando ainda morávamos em Durham, fui seguida por meses a fio pelo fantasma de um demônio que supostamente assombrava o telhado da catedral na forma de uma gárgula de pedra. Seu nome era Asrael, e ele parecia uma mistura entre humano, gato e águia. Quando percebeu que eu podia vê-lo, ficou tão feliz por finalmente poder conversar com alguém que me seguiu por toda parte, até querendo dormir na minha cama à noite. Depois de superar meu primeiro susto — como todas as gárgulas, ele tinha um rosto bastante assustador — nós lentamente nos tornamos amigos. Infelizmente, Asrael não pôde se mudar de Durham para Londres comigo, e eu ainda sentia falta dele. As poucas gárgulas demoníacas que vi aqui não eram criaturas muito legais. Até agora, eu não tinha encontrado nenhuma tão doce quanto Asrael.

Se Mamãe acreditou em mim sobre Asrael, então provavelmente acreditaria em mim sobre o gene de viagem no tempo também. Esperei por um bom momento para falar com ela. Mas de alguma forma o momento certo nunca parecia chegar. Assim que ela chegava do trabalho, precisava discutir algo com Caroline, que havia se inscrito para cuidar do terrário de sua turma no verão, particularmente o mascote da turma, um camaleão chamado Sr. Feijão. As férias de verão ainda estavam a meses de distância, mas parecia que a discussão não podia esperar.

— Você não pode cuidar do Sr. Feijão, Caroline! Você sabe muito bem que sua avó não permite animais na casa, — disse Mamãe. — E Tia Glenda é alérgica.

— Mas o Sr. Feijão não tem pelo nenhum, — disse Caroline. — E ele ficará em seu terrário o tempo todo. Ele não vai atrapalhar ninguém.

— Ele vai atrapalhar sua avó.

— Então minha avó é apenas boba!

— Caroline, não podemos mantê-lo este verão. Ninguém aqui sabe nada sobre camaleões. E se fizermos algo errado e o Sr. Feijão ficar doente e morrer?

— Ele não vai ficar. E eu sei como cuidar dele. Por favor, Mamãe! Se eu não o levar para casa, então Tess ficará com ele de novo, e ela sempre diz que é a favorita do Sr. Feijão na turma.

— Caroline, eu disse não!

Quinze minutos depois, ainda estavam discutindo, mesmo quando Mamãe entrou no banheiro e fechou a porta atrás dela. Caroline ficou do lado de fora da porta e disse: — Lady Arista não precisaria saber. Podemos contrabandear o terrário para dentro de casa enquanto ela não estiver aqui. E ela nunca entra no meu quarto.

— Uma pessoa não pode ter um pouco de paz por aqui, pelo menos quando está no banheiro? — Mamãe gritou de volta.

— Não, — disse Caroline. Ela podia ser uma tremenda dor de cabeça. Ela não parou de insistir até que Mamãe prometeu que pessoalmente imploraria a Lady Arista para deixar o Sr. Feijão passar o verão conosco.

Passei o tempo que Caroline e Mamãe estavam desperdiçando em sua discussão tirando goma de mascar do cabelo de Nick.

Estávamos na sala de costura. Ele tinha cerca de meio quilo de goma grudada na cabeça e não conseguia se lembrar de como foi parar lá.

— Você deve ter alguma ideia! — eu disse. — Vou ter que cortar alguns desses fios de cabelo.

— Não importa, — disse Nick. — Você pode cortar tudo. Lady Arista disse que parecia uma garota outro dia.

— Lady Arista acha que todo mundo com cabelo mais comprido do que o pescoço parece uma garota. Seria uma pena real cortar seus cachos adoráveis tão curtos.

— Eles crescerão de novo. Corte tudo, está bem?

— Não com tesouras de unha. Você terá que ir ao barbeiro.

— Ah, continue, você consegue fazer isso, — disse Nick confiante. Obviamente, ele havia completamente esquecido que eu já havia cortado seu cabelo com uma tesoura de unha uma vez, e ele parecia um filhote de abutre recém-nascido. Eu tinha sete anos na época, e ele tinha quatro. Eu precisava de seus cachos para fazer uma peruca para mim. Mas não deu certo, e levei uma bronca e um dia de prisão domiciliar.

— Não ouse fazer isso, — disse Mamãe, que havia voltado para o quarto. Ela pegou as tesouras de mim por segurança. — Se tiver que ser feito, será feito por um barbeiro. Amanhã. Temos que descer para o jantar agora.

Nick gemeu.

— Não se preocupe. Lady Arista está fora hoje! — Eu sorri para ele. — Ninguém vai te repreender pelo chiclete. Ou pela marca suja na sua camiseta.

— Que marca suja? — Nick olhou para si mesmo. — Ah, droga. Deve ser suco de romã.

- Como eu disse, você não vai se meter em problemas.
- Mas nem é quarta-feira, — disse Nick.
- Bom, elas também não estão aqui hoje.
- Legal.

Quando Lady Arista, Charlotte e Tia Glenda estavam presentes, o jantar era tenso e desconfortável. Lady Arista criticava as maneiras à mesa das pessoas, principalmente as de Caroline e Nick (mas às vezes também as da Tia Glenda); Tia Glenda sempre estava me incomodando sobre minhas notas na escola para poder compará-las com as de Charlotte. Então, Charlotte sorria como a Mona Lisa e dizia, — Não é da sua conta, — se alguém lhe perguntava algo.

Tudo considerado, poderíamos ter dispensado esses encontros familiares acolhedores, mas nossa avó insistia em ter todos nós lá.

A única maneira de escapar do jantar familiar era se você tivesse um atestado do médico ou uma doença visivelmente infecciosa como a peste. A Sra. Brompton, que era a governanta durante a semana, preparava todas as nossas refeições. (Infelizmente, nos finais de semana, ou a Tia Glenda ou Mamãe cozinhavam, o que geralmente era tão ruim que Nick e eu mal conseguíamos engolir — e nunca podíamos pedir comida.)

Mas nas noites de quarta-feira, quando Lady Arista, Tia Glenda e Charlotte estavam fora, ocupadas com seus mistérios, o jantar era muito mais relaxado. E todos nós achávamos ótimo que hoje parecesse uma noite de quarta-feira, embora fosse apenas segunda-feira. Não que chupássemos nossa comida, estalássemos os lábios e arrotássemos, mas nos aventurávamos a nos interromper, apoiar os cotovelos na mesa e discutir assuntos que Lady Arista consideraria inapropriados.

Camaleões, por exemplo.

— Você gosta de camaleões, Tia Maddy? Não gostaria de ter um algum dia? Um bem manso?

— Bem, er, agora que você menciona, percebo que sempre quis um camaleão, — disse a Tia Maddy, colocando batatas temperadas com alecrim em seu prato. — Sim, definitivamente.

Caroline sorriu. — Talvez seu desejo se realize em breve.

— Sua mãe ligou esta tarde para dizer que elas não estariam em casa para o jantar, — disse a Tia Maddy. — Eu disse o quanto todos nós ficaríamos tristes em não as ter. Espero que esteja tudo bem.

— Com certeza. — Nick riu.

— E Charlotte? Ela...? — perguntou Mamãe.

— Eu acho que não. Ainda não. — Tia Maddy deu de ombros. — Mas estão esperando a qualquer momento. A pobre menina continua se sentindo tonta, e agora ela também tem enxaqueca.

— Ah, querida, sinto muito por ela, — disse Mamãe. Ela pôs o garfo de lado e ficou olhando distraída para o painel escuro da sala de jantar, que parecia como se alguém tivesse confundido as paredes com o chão e as coberto com parquet de madeira.

— E se Charlotte não viajar no tempo de jeito nenhum? — perguntei.

— Vai acontecer mais cedo ou mais tarde, — disse Nick, imitando o tom confiante de nossa avó.

Todos riram, exceto Mamãe e eu.

— Mas e se não acontecer? E se eles cometeram um erro, e Charlotte não tem esse gene afinal? — insisti.

Desta vez, Nick imitou a voz da Tia Glenda. — Mesmo quando era bebê, qualquer um podia ver que Charlotte nasceu para coisas mais elevadas. Ela não pode ser comparada com pessoas comuns.

Mais uma vez todos riram. Exceto Mamãe. — O que te faz pensar isso, Gwyneth?

— Eu só... — hesitei.

— Eu já te disse por que simplesmente não pode haver nenhum erro, querida, — disse Tia Maddy.

— Sim, porque Sir Isaac Newton era um gênio, e um gênio não pode errar suas contas, — disse eu. — E u sei. Mas por que Newton calculou a data de nascimento de Charlotte em primeiro lugar?

— Tia Maddy! — Mamãe olhou repreensivamente para Tia Maddy.

Tia Maddy fez um barulho de desaprovação. — Ah, querida, ela ficou me pressionando com perguntas. O que eu podia fazer? Ela é igual a você quando era pequena, Grace. E além disso, ela prometeu manter segredo absoluto sobre isso.

— Apenas para a avó, — eu disse. — Isaac Newton também inventou aquela coisa do cronógrafo?

— Você é uma fofoqueira, — disse Tia Maddy. — Não vou dizer mais nada.

— Que coisa de cronógrafo é essa? — perguntou Nick.

— É uma máquina do tempo para enviar Charlotte de volta ao passado, — expliquei. — E usa o sangue de Charlotte como combustível.

— Nojento! — disse Nick, e Caroline gritou, — Eca, sangue!

— Você também pode viajar para o futuro com o cronógrafo? — perguntou Nick.

Mamãe gemeu. — Olha só o que você fez, Tia Maddy.

— São seus filhos, Grace, — disse Tia Maddy, sorrindo. — É natural que queiram saber o que está acontecendo.

— Sim. — Mamãe olhou para cada um de nós. — Mas vocês nunca devem fazer essas perguntas para a sua avó. Entenderam?

— Embora ela provavelmente seja a única que sabe as respostas, — eu disse.

— Mas ela não te daria.

— E quanto você sabe sobre tudo isso, Mamãe?

— Mais do que eu gostaria. — Mamãe estava sorrindo enquanto dizia isso, mas eu achei que era um sorriso triste. — E não, você não pode viajar para o futuro, Nick, pela simples razão de que o futuro ainda não aconteceu.

— Hã? — disse Nick. — Que tipo de sentido isso faz?

Houve uma batida, e o Sr. Bernard entrou com o telefone. Lesley provavelmente teria ficado apavorada se tivesse visto o telefone sobre um prato de prata. Às vezes, o Sr. Bernard exagerava um pouco com o papel de mordomo.

— Uma ligação telefônica para a Srta. Grace, — ele disse.

Mamãe pegou o telefone, e o Sr. Bernard se virou para sair da sala de jantar. Ele não jantava conosco a menos que Lady Arista o convidasse, o que acontecia cerca de duas vezes por ano. Nick e eu suspeitávamos que ele pedisse comida

italiana ou chinesa e as desfrutasse no conforto de seu próprio quarto.

— Sim? Ah, Mãe, é você.

Os olhos da Tia Maddy brilhavam. — Sua avó pode ler pensamentos! — ela sussurrou. — Ela adivinha que estamos discutindo assuntos proibidos aqui. Quem vai tirar esses pratos? Temos que fazer lugar para o bolo de maçã da Sra. Brompton.

— E o creme de baunilha! — Eu havia comido um monte de batatas com alecrim, cenouras caramelizadas e medalhões de porco, mas ainda não estava satisfeita. Toda a emoção me deixou com mais fome. Eu me levantei e comecei a recolher os pratos sujos para o lava-pratos.

— Se Charlotte viajar no tempo o suficiente, ela poderia me trazer de volta um bebê dinossauro? — perguntou Caroline.

Tia Maddy balançou a cabeça. — Animais e humanos sem o gene não podem se mover através do tempo. E ninguém pode viajar tão longe no passado de qualquer maneira.

— Ah, — disse Caroline, parecendo um pouco desapontada.

— Acho que é melhor assim, se me perguntarem, — eu disse. — Imagine como seria se os viajantes do tempo estivessem sempre trazendo dinossauros e tigres-dentes-de-sabre de volta - ou Átila, o Huno, ou Adolf Hitler.

Mamãe tinha terminado de falar no telefone. — Elas vão passar a noite lá, — ela disse. — Para garantir a segurança.

— Passar a noite onde? — perguntou Nick.

Mamãe não respondeu. — Tia Maddy? — ela disse. — Está tudo bem?

*Doze pilares o castelo do tempo sustentará.
Doze criaturas governam a terra e o mar.
A águia está pronta para voar pelo ar,
Cinco é o fundamento e também a chave.*

*No Círculo dos Doze, Doze torna-se Dois.
O falcão choca o sétimo, mas Três é a pista.*

DOS ESCRITOS SECRETOS DO CONDE SAINT-GERMAIN

QUATRO

A tia Maddy parecia curiosamente rígida. Ela estava sentada, encarando o vazio, suas mãos agarradas aos braços da cadeira. Toda a cor havia sumido de seu rosto.

— Tia Maddy? Ah, mãe, ela teve um derrame? Tia Maddy, você pode me ouvir? Tia Maddy! — Tentei pegar sua mão, mas a mãe me impediu.

— Não faça isso! Não a toque.

Caroline começou a chorar.

— O que há com ela? — perguntou Nick. — Tem alguma coisa presa na garganta dela?

— Vamos ter que chamar o médico, — eu disse. — Mãe, faça alguma coisa!

— Ela não teve um derrame, e não há nada na garganta dela. Ela está tendo uma visão, — disse a mãe. — Logo passará.

— Você tem certeza? — O olhar rígido da tia Maddy me assustou. Suas pupilas estavam enormemente dilatadas, e ela não estava piscando.

— De repente ficou tão frio aqui, — sussurrou Nick. — Você sente também?

Caroline estava choramingando quietamente. — Faça parar.

— Lucy! — alguém gritou. Nos assustamos e então percebemos que era a voz da tia Maddy. A temperatura realmente tinha caído. Olhei ao redor, mas não havia fantasmas na sala. — Lucy, ah, a querida criança! Ela está me levando para uma árvore. Uma árvore coberta de bagas vermelhas. Ah, para onde ela foi? Eu não consigo mais vê-la. Há algo entre as raízes da árvore. Uma joia enorme, uma safira cortada em forma de ovo. Um ovo de safira. É tão bonito! E valioso. Mas agora está rachando - ah, vai quebrar - mas há algo dentro dele... um pequeno pintinho saindo do ovo. Um pintinho corvo. Pulando em direção à árvore. — A tia Maddy riu, mas seus olhos ainda estavam fixos. Suas mãos trêmulas agarraram os braços da cadeira.

— O vento está aumentando. — O riso da tia Maddy se desvaneceu. — Um vento tempestuoso. Tudo está girando e girando. Estou voando. Voando para as estrelas com o corvo. Uma torre. Um enorme relógio no alto da torre. Há alguém sentado lá em cima no relógio balançando as pernas. Desça imediatamente, sua boba! — De repente havia medo em sua voz. Ela começou a gritar. — O vento a derrubará. Ela subiu muito alto. O que ela está fazendo lá? Uma sombra! Um grande pássaro circulando no céu! Lá! Está mergulhando nela. Gwyneth! Gwyneth!

Eu não conseguia mais aguentar. Empurrei a mãe de lado, peguei o ombro da tia Maddy e a sacudi gentilmente. — Estou aqui, tia Maddy! Por favor! Olhe para mim!

A tia Maddy virou a cabeça. Ela me olhou. Gradualmente, alguma cor voltou ao seu rosto. — Minha pequena anjinha! — ela disse. — Como é tolice você subir tão alto!

— Você está bem? — Olhei para a mãe. — Tem certeza de que não foi nada de errado com ela?

— Foi uma visão, — disse a mãe. — Ela está bem.
— Não, não estou. Foi uma visão horrível, — disse a tia Maddy. — Embora o começo tenha sido agradável.
Caroline tinha parado de chorar. Ela e Nick estavam olhando para a tia Maddy, parecendo perturbados.
— Foi assustador, — disse Nick. — Você percebeu como ficou frio?
— Você estava imaginando coisas, — eu disse.
— Não, não estava!
— Foi assustador, — disse Caroline. — Eu fiquei arrepiada.
A tia Maddy estendeu a mão para a mãe. — Eu encontrei sua sobrinha Lucy, Grace. Ela ainda parecia a mesma de sempre. Aquela doce sorriso...
A mãe parecia que ia desabar em lágrimas.
— E eu simplesmente não entendi o resto, — continuou a tia Maddy. — Um ovo de safira, um corvo, Gwyneth na torre do relógio, e então aquele pássaro horrível. Você consegue entender alguma coisa disso tudo?
A mãe suspirou. — Claro que não, tia Maddy. *Você é a única que tem essas visões.* — Ela se sentou em uma das cadeiras ao lado da tia Maddy.
— Sim, mas isso não significa que eu as entenda, — disse a tia Maddy. — Você escreveu tudo para que possamos contar para sua mãe depois?
— Não, tia, não escrevi.
Maddy se inclinou para a frente. — Então melhor escrevermos agora. Certo, primeiro teve a Lucy, depois a árvore. Bagas vermelhas... poderia ter sido um sorveira? O ovo de safira estava lá... Ah, meu Deus, estou com tanta fome! Espero que você não tenha terminado o bolo de maçã. Mereço pelo menos duas fatias hoje. Ou três.

* * *

— Aquilo foi realmente muito, muito estranho, — eu disse. Caroline e Nick já tinham ido dormir, e eu estava sentada com a mãe na beira da cama dela, tentando encontrar uma boa maneira de contar a ela sobre meu problema. *Mãe, algo engraçado aconteceu comigo hoje à tarde, e estou com medo de que possa acontecer de novo.*

Mamãe estava profundamente envolvida em sua rotina de beleza noturna. Ela já tinha terminado de cuidar do rosto. Obviamente, cuidar bem da pele compensava. Realmente, você não pensaria que minha mãe tinha mais de quarenta anos.

— Essa é a primeira vez que vejo a tia Maddy ter uma de suas visões, — eu disse.

— Foi a primeira vez que ela teve uma durante o jantar, — respondeu a mãe, passando creme nas mãos e massageando. Ela sempre dizia que a idade aparecia primeiro nas mãos e no pescoço.

— No.. nós levamos as visões dela a sério?

Mãe deu de ombros. — Hm, bem. Você ouviu toda aquela conversa confusa que ela estava tendo. E sempre pode ser interpretado de forma diferente. Ela teve uma visão três dias antes do seu avô morrer. Ela viu uma pantera negra pulando em cima do peito dele.

— E o avô morreu de um ataque cardíaco. Então isso faz sentido.

— Entende o que quero dizer? Elas sempre têm alguma verdade. Quer um pouco de creme para as mãos, querida?

— Você...você acredita nisso? Quero dizer, não no creme para as mãos, mas na visão da tia Maddy?

— Acho que a tia Maddy realmente vê o que ela diz que vê. Mas isso não significa que suas visões prevejam o futuro, de jeito nenhum. Ou que tenham que significar algo em particular.

— Não entendo! — Estendi as mãos, e a mãe começou a passar creme nelas.

— É um pouco como seus fantasmas, querida. Tenho certeza de que você os vê, assim como acredito que a tia Maddy tem visões.

— Isso significa que você acredita que vejo fantasmas, mas não acredita que eles realmente existem? — eu disse indignada, afastando as mãos.

— Não *sei* se realmente existem ou não, — disse a mãe. — O que eu acredito não tem nada a ver com isso.

— Mas se eles não existissem, isso significaria que eu só estava imaginando. E isso significaria que eu estava louca.

— Não, — disse minha mãe. — Isso só significaria que... ah, querida, não sei o que dizer. Às vezes tenho a sensação de que temos um pouco de imaginação demais nesta família. Suponho que viveríamos vidas mais tranquilas, mais felizes, se nos mantivéssemos acreditando no que pessoas *normais* acreditam.

— Entendi a mensagem, — eu disse. Talvez não fosse uma boa ideia revelar minha notícia hoje à noite. *Ei, mãe, viajamos de volta ao passado esta tarde, eu e minha imaginação anormal.*

— Não fique tão triste, — disse a mãe. — Eu sei, eu sei, há mais coisas entre o céu e a terra e tudo mais. Mas talvez as tornemos muito importantes quanto mais pensamos nelas. Não acho que você seja louca. Nem a tia Maddy. Mas seja honesta: você acha que a visão da tia Maddy pode ter algo a ver com o seu próprio futuro?

— Talvez.

— Você acha? Você está planejando subir em uma torre de relógio em breve, sentar no relógio e balançar as pernas?

— Claro que não. Mas talvez tenha sido um símbolo, — disse a mãe.

— Ou talvez não. Vá dormir agora, querida. Você teve um dia longo. — Ela olhou para o pequeno relógio em sua mesa de cabeceira. — Vamos torcer para Charlotte já tenha viajado. Ah, espero que ela finalmente tenha feito isso.

— Mas talvez a Charlotte também tenha muita imaginação, — eu disse. Levantei-me e dei um beijo na mãe.

Eu tentaria novamente amanhã.

Talvez.

— Boa noite.

— Boa noite, querida. Eu te amo.

— Também te amo, mãe.

Quando fechei a porta do meu quarto atrás de mim e me deitei na cama, me senti culpada. Deveria ter contado tudo para minha mãe. Mas o que ela disse me fez pensar. Sim, claro, eu tinha uma grande imaginação, mas sonhar acordada é

uma coisa. Imaginar que você está viajando no tempo é outra completamente diferente.

Pessoas que imaginavam esse tipo de coisa recebiam tratamento psiquiátrico. E deveriam, se me perguntassem. Talvez eu fosse como aqueles malucos que afirmam ter sido abduzidos por alienígenas. Completamente fora de si.

Desliguei o abajur ao lado da cama e me aconcheguei sob o edredom. O que era pior? Estar louca ou realmente viajar no tempo?

Provavelmente o segundo, pensei. Talvez você pudesse tomar comprimidos para o primeiro.

No escuro, meus medos voltaram. Mais uma vez, eu me perguntava o quão longe eu cairia daqui até o térreo. Então liguei a luz ao lado da cama novamente e virei meu rosto para a parede. Esperando pegar no sono, tentei pensar em algo inofensivo e calmante, mas simplesmente não conseguia. No final, contei de trás para frente a partir de mil.

Devo ter adormecido em algum momento, porque estava sonhando com um pássaro grande quando acordei e me sentei na cama, com o coração disparado.

Lá estava de novo, aquela horrível sensação de tontura no estômago. Pulei da cama em pânico e corri para o quarto da mãe tão rápido quanto minhas pernas trêmulas permitiam. Eu não me importava se ela achasse que eu estava louca — só queria que parasse. E não queria cair de três andares e cair em um pântano!

Não cheguei mais longe do que o corredor antes de ser varrida do chão. Convencida de que minha última hora havia chegado, apertei os olhos com força. Mas só caí de joelhos com um baque, e o chão parecia exatamente como os familiares tábuas de madeira. Cautelosamente, abri os olhos. Estava mais claro agora, como se o sol tivesse surgido no último segundo. Por um momento, esperava que nada tivesse acontecido. Então vi que de fato tinha aterrissado em nosso corredor, mas parecia diferente. As paredes estavam pintadas de verde-oliva escuro, e não havia luzes no teto.

Ouvi vozes vindo do quarto de Nick. Vozes femininas.

Me levantei rapidamente. Se alguém me visse agora... como eu ia explicar de onde eu tinha aparecido de repente? Em meu pijama da Hello Kitty.

— Estou tão cansada de levantar ao raiar do dia, — uma voz dizia. — Walter pode dormir até as nove da manhã. Não nós! Eu deveria ter ficado na fazenda ordenhando vacas.

— Walter está de serviço metade da noite, Clarrie. Seu chapéu está torto, — disse a segunda voz. — P renda seu cabelo direitinho por baixo dele, ou a Sra. Mason vai ficar brava.

— Ela está sempre brava de qualquer jeito, — resmungou a primeira voz.

— Há governantas muito mais rígidas, querida Clarrie. Vamos logo, ou vamos nos atrasar. Mary desceu quinze minutos atrás.

— Sim, e ela fez a cama primeiro. Sempre ocupada, sempre arrumada, do jeito que a Sra. Mason gosta das empregadas. Mary faz de propósito. Já sentiu a coberta dela? É tão macia. Isso não é justo!

Eu precisava sair daqui, rápido. Mas para onde eu iria? Ainda bem que conhecia o caminho pela casa.

— Me deram um cobertor horrível e áspero, — reclamou a voz de Clarrie.

— Você vai ficar feliz com ele no inverno. Vamos.

A maçaneta da porta foi pressionada. Corri até o armário embutido, abri a porta de repente e a fechei novamente depois de mim, exatamente quando a porta do quarto de Nick se abriu.

— Não vejo por que tenho que ter um cobertor áspero e Mary ganha um macio, — continuou a voz de Clarrie. — É tão injusto. Betty pode ir para o campo com a Lady Montrose, e nós temos que passar o verão todo no ar abafado da cidade.

— Você realmente deveria tentar não reclamar tanto, Clarrie.

Concordei com a outra mulher. Essa garota Clarrie era uma verdadeira reclamona.

Ouvi as duas descerem as escadas e respirei aliviada. Aquilo foi por pouco! Mas agora o que fazer? Devo apenas esperar no armário até viajar de volta novamente? Provavelmente era a coisa mais segura a se fazer. Suspirando, cruzei os braços.

Atrás de mim na escuridão, alguém grunhiu.

Congelei de horror. O que, pelo amor de Deus, era aquilo?

— É você, Clarrie? — perguntou uma voz na prateleira onde as roupas de cama limpas estavam empilhadas. Era uma voz masculina. — Eu dormi demais?

Meu Deus! Alguém realmente dormia neste armário! Que maneira de tratar uma pessoa!

— Clarrie? Mary? Quem está aí? — perguntou a voz. Seu dono parecia mais acordado agora. Havia barulhos no armário. Uma mão se estendeu e tocou minhas costas. Eu não estava ali para esperar que me segurassem — abri a porta do armário e corri dali.

— Pare! Fique onde está!

Olhei para trás por cima do ombro. Um jovem de camisa branca comprida saiu do armário para me pegar.

Corri escada abaixo. Onde diabos eu ia me esconder agora? Os passos do homem do armário se aproximavam, e ele estava gritando: — Pare, ladra!

Ladra? Não podia acreditar no que estava ouvindo. O que eu supostamente teria roubado? Seu gorro de dormir ou algo assim?

Felizmente, eu poderia ter descido essas escadas até mesmo dormindo. Eu já estava familiarizada com cada degrau. Corri dois lances de escadas na velocidade da luz e depois passei pelo retrato do tataravô Hugh — deixando-o para trás à minha esquerda com certo pesar, porque a porta secreta atrás dele teria sido uma ótima maneira de sair dessa situação estúpida. Mas a maçaneta sempre emperrava um pouco, e no tempo que eu precisaria para abrir a porta, o homem de camisa de dormir me alcançaria. Não, eu precisava de um lugar melhor para me esconder.

No primeiro andar, quase esbarrei em uma criada carregando um grande jarro. Ela gritou quando passei correndo, depois deixou cair o jarro, como em uma cena de filme. Água respingou no chão, junto com porcelana quebrada.

Esperava que meu perseguidor escorregasse e caísse ali — como em uma farsa. De qualquer forma, ele não passaria pela água e pela porcelana quebrada tão rapidamente. Aproveitei minha vantagem para correr pelos degraus até a galeria dos músicos, abrir a porta do pequeno espaço de armazenamento sob ela e me encolher dentro. Estava empoeirado e bagunçado aqui, igual ao meu

próprio tempo, e cheio de teias de aranha. Um pouco de luz entrava pelos espaços entre os degraus, o suficiente para eu ver que pelo menos não havia ninguém dormindo *neste* armário. Estava cheio de tralhas velhas, assim como no século XXI.

Acima de mim, ouvi vozes altas. O homem da camisa de dormir estava falando com a pobre criada que tinha deixado cair o jarro.

— A garota deve ser uma ladra! Nunca a vi aqui na casa antes.

Outras vozes se juntaram.

— Ela continuou descendo. Talvez haja um bando inteiro delas aqui.

— Por favor, Sra. Mason, eu não pude evitar. A ladra simplesmente esbarrou em mim. Acredito que estão atrás das joias de sua senhoria.

— Não encontrei ninguém nas escadas, então ela deve estar aqui em algum lugar. Certifique-se de trancar a porta da frente e procure pela casa, — ordenou uma voz feminina enérgica. — Quanto a você, Walter, suba imediatamente e coloque algo para cobrir suas pernas peludas. Não é uma bela visão logo de manhã.

Eu conseguia ouvir meu coração batendo forte nos meus ouvidos. Eu tinha me escondido aqui cerca de um milhão de vezes quando era pequena, mas nunca tinha ficado tão assustada de ser encontrada. Cautelosamente, para não fazer barulho que pudesse me denunciar, me espremi mais entre a tralha. Uma aranha correu pelo meu braço, tão grande que quase gritei de susto.

— Lester, Sr. Jenkins e Tott, vocês procuram no térreo e nas caves. Mary e eu procuraremos no primeiro andar. Clarrie, guarde a porta dos fundos, e, Helen, você vigie a porta da frente.

— E se ela tentar sair pela cozinha?

— Ela teria que passar pela Sra. Craine e suas painéis de ferro primeiro. Olhem nos armários embaixo das escadas e atrás de todas as cortinas.

Eu estava acabada.

Ah, droga. Tudo isso era tão — tão surreal!

Aqui estava eu, sentada de pijama em um armário, cercada por aranhas gordas, móveis empoeirados e — ah, meu Deus, será que isso era, por acaso, um crocodilo empalhado? — e esperando ser presa por roubo. E tudo por causa de Sir Isaac Newton que tinha errado suas somas estúpidas.

Eu estava tão zangada e impotente que comecei a chorar. Talvez essas pessoas sentissem pena de mim quando me encontrassem. Os olhos de vidro do crocodilo brilhavam zombeteiramente na luz fraca. Havia passos a serem ouvidos por toda a casa agora. Poeira dos degraus caía em meus olhos.

Mas então senti aquela sensação de puxão no estômago novamente. Nunca fiquei tão feliz com isso. O crocodilo se desfocou diante dos meus olhos, tudo girou loucamente e tudo ficou quieto novamente. E totalmente escuro.

Eu soltei um suspiro enorme. Não entre em pânico, pensei. Presumivelmente, eu tinha voltado para casa novamente. E provavelmente agora estava presa entre a tralha debaixo desses degraus em nosso próprio tempo. Quando o lugar também tinha aranhas gordas.

Algo macio tocou meu rosto. Em pânico, agitei os braços e retirei as pernas de debaixo de uma cômoda. Houve um som de rumo, tábuas rangendo, uma lâmpada antiga caiu. Quer dizer, eu pensei que fosse uma lâmpada, mas não

consegui ver nada. No entanto, eu poderia sair dali. Aliviada, fiz meu caminho até a porta do armário e saí de meu esconderijo. Ainda estava escuro do lado de fora do armário também, mas eu conseguia ver o contorno dos corrimões, as janelas altas, os candelabros cintilantes.

E uma figura vindo em minha direção. O feixe de uma lanterna me cegou.

Abri a boca para gritar, mas nenhum som saiu.

— Você estava procurando por algo em particular naquele cantinho, Srta. Gwyneth? — perguntou a figura. Era o Sr. Bernard. — Ficarei feliz em ajudá-la a encontrá-lo.

— Eu, er... eu... — ainda me sentia sem fôlego. Era o susto que tive afetando meus pulmões. — O que você está fazendo aqui embaixo, Sr. Bernard?

— Eu ouvi um barulho, — disse o Sr. Bernard, com grande dignidade. — Você parece estar um pouco - bem, empoeirada.

— Sim. — Empoeirada, arranhada e com lágrimas. Eu limpei furtivamente minhas bochechas.

Os olhos de coruja do Sr. Bernard me examinavam no feixe da lanterna. Eu olhei desafiadoramente de volta para ele. Não era proibido entrar em um armário no meio da noite, não é? E por que eu deveria era problema do Sr. Bernard.

Ele realmente dormia com os óculos?

— Faltam mais duas horas para os despertadores tocarem, — ele disse por fim. — Sugiro que você passe esse tempo na sua cama. Eu mesmo vou descansar um pouco mais. Boa noite.

— Boa noite, Sr. Bernard, — eu disse.

Apesar de uma busca minuciosa pela casa, provou ser impossível colocar as mãos na ladra vista esta manhã na casa da cidade do Senhor Horatio Montrose (Círculo Interno) na Bourdon Place. Provavelmente, ela escapou escalando pela janela para o jardim. A governanta, Sra. Mason, elaborou uma lista dos itens que foram encontrados desaparecidos: talheres de prata e joias valiosas, propriedade da Lady Montrose, incluindo um colar dado à mãe do Senhor Montrose pelo Duque de Wellington. A Lady Montrose está atualmente no campo.

DOS ANAIS DAS CRONICAS DOS GUARDIÕES

12 DE JULHO DE 1851

RELATÓRIO: DAVID LOYDE, ADEPTO DE SEGUNDO GRAU

CINCO

— VOCÊ PARECE EXAUSTA, — disse Lesley no pátio da escola durante o intervalo.

— Eu me sinto terrível.

Lesley deu um tapinha no meu braço. — Mesmo assim, essas olheiras embaixo dos seus olhos combinam com você, — ela disse, tentando me animar. — Elas deixam seus olhos ainda mais azuis.

Eu sorri. Lesley era tão doce. Estávamos sentadas no banco embaixo da árvore de castanha, e só podíamos falar em sussurros, porque Cynthia Dale estava sentada atrás de nós com uma amiga, e bem ao lado delas, Gordon Gelderman estava falando sobre futebol com outros dois meninos da nossa turma, em uma voz entre o grasnar de um pato e o rosnado de um urso. Eu não queria que eles nos ouvissem. Eles já achavam que eu era estranha o suficiente de qualquer maneira.

— Ah, Gwen, você realmente deveria ter contado para sua mãe.

— Você já disse isso pelo menos cinquenta vezes.

— Sim, porque é verdade. Eu não consigo entender por que você não contou.

— Porque eu ... não, para ser honesta, eu mesma não entendo por quê. De alguma forma, eu suponho que estava esperando que não acontecesse de novo.

— Mas aquela aventura na noite passada - quero dizer, pense no que poderia ter acontecido com você! Veja a visão da sua tia-avó - ela tem que significar que você está em perigo. O relógio representa a viagem no tempo, a torre alta representa perigo, e o pássaro ... ah, você não deveria tê-la acordado! Provavelmente teria ficado realmente emocionante naquele ponto. Vou pesquisar tudo isso na internet esta tarde - corvo, safira, torre, freixo. Encontrei um site sobre fenômenos extra-sensoriais - ele conta muitas coisas. E eu procurei muitos livros sobre viagem no tempo para nós. E filmes. De Volta para o Futuro, partes um a três. Talvez possamos descobrir alguma coisa com eles....

Eu pensei em como sempre foi divertido, sentar no sofá na casa de Lesley assistindo a DVDs. Às vezes, costumávamos desligar o som e sincronizar nossas próprias palavras com as imagens.

— Você está se sentindo tonta?

Balancei a cabeça. Agora eu sabia como havia sido para a pobre Charlotte nessas últimas semanas. Ser perguntada o tempo todo se eu estava tonta realmente me irritava. Principalmente quando eu sempre estava meio que ouvindo a mim mesma e esperando pela sensação de tontura.

— Se ao menos soubéssemos quando isso vai acontecer de novo, — disse Lesley. — Eu acho injusto. Charlotte foi preparada para isso há tempos, mas você foi jogada na piscina funda.

— Eu não faço ideia do que Charlotte teria feito na noite passada se tivesse sido perseguida pelo homem que estava dormindo em nosso armário embutido, — eu disse. — Eu não acho que as aulas de dança e esgrima teriam sido de

muita utilidade lá. Não havia nenhum cavalo à vista para ela fugir também.

Eu ri, imaginando Charlotte no meu lugar, correndo por toda a casa para escapar do jovem zangado chamado Walter que dormia no armário. Talvez ela tivesse pego uma espada da parede no salão e matado todos os pobres serviçais.

— Não, boba, claro que essas coisas não teriam sido úteis para ela. Mas elas não teriam acontecido com ela, porque aquela coisa de cronógrafo a teria enviado para outro lugar. Um lugar bonito e pacífico. Um lugar onde nada poderia machucá-la! Mas você arrisca sua vida em vez de contar para sua família que eles estavam ensinando à pessoa errada.

— Talvez agora Charlotte também tenha viajado no tempo. Então eles terão o que queriam de qualquer maneira.

Lesley suspirou e começou a folhear a pilha de papéis em seu colo. Ela havia preparado um arquivo de informações úteis para mim. Bem, mais ou menos úteis. Por exemplo, ela havia impresso fotos de carros antigos. De acordo com elas, o carro que eu tinha visto na minha primeira viagem no tempo datava de 1906.

— Jack, o Estripador, assombrava o East End em 1888. O estúpido é que ninguém nunca descobriu quem ele era. Todas as pessoas possíveis foram suspeitas, mas nunca houve nenhuma prova. Então, se você se perder no East End em 1888, qualquer homem que você encontrar é potencialmente perigoso. O Grande Incêndio de Londres foi em 1666, e a praga na cidade praticamente o tempo todo, mas 1348, 1528 e 1665 foram anos particularmente ruins. Depois há o Blitz na Segunda Guerra Mundial. Os bombardeios aéreos começaram em 1940 e deixaram quase toda Londres em ruínas. É melhor você descobrir se sua casa escapou de ser atingida. Se sim, você estará segura lá. Caso contrário, a Catedral de St. Paul seria um bom lugar, porque ela foi atingida uma vez, mas quase milagrosamente, permaneceu de pé. Então, você poderia se esconder lá.

— Tudo parece terrivelmente perigoso, — eu disse.

— Sim, sempre imaginei a viagem no tempo como algo mais romântico. Quero dizer, eu meio que imaginava Charlotte em seus próprios filmes históricos. Dançando com o Sr. Darcy em um baile, se apaixonando por algum Highlander sexy. Dizendo para Ana Bolena que seria uma ideia realmente, realmente ruim casar com Henrique VIII. Esse tipo de coisa.

— Anne Boleyn é aquela que foi decapitada?

Lesley assentiu. — Há um ótimo filme com Natalie Portman. Eu poderia nos emprestar o DVD.... Gwen, por favor, me prometa que vai falar com sua mãe hoje.

— Prometo. Farei isso hoje à noite.

— Onde está Charlotte? — Cynthia esticou o pescoço para olhar em volta do tronco da árvore. — Eu queria copiar o trabalho dela sobre Shakespeare. Er... quero dizer, queria pegar algumas ideias dele.

— Charlotte não está bem, — eu disse.

— O que ela tem?

— Diarreia, — disse Lesley. — Muito ruim. Passa todo o tempo sentada no vaso sanitário.

— Eca, poupe-nos dos detalhes! — disse Cynthia. — Posso dar uma olhada nos seus trabalhos, então?

— Ainda não terminamos, — disse Lesley. — Vamos assistir a *Shakespeare Apaixonado* de novo antes.

— Você pode ler meu trabalho, — disse Gordon Gelderman com sua voz mais grave. Sua cabeça apareceu do outro lado do tronco da árvore. — Tudo do Wikipedia.

— Eu poderia muito bem procurar no Wikipedia por mim mesma, — disse Cynthia.

O sinal tocou, e o intervalo acabou.

— Duas aulas de Inglês, — gemeu Gordon. — Para um homem, isso é tortura. Mas posso ver Cynthia babando já quando pensa no Príncipe Encantado.

— Cala a boca, Gordon.

Todos sabiam que Gordon nunca se calava. — Não consigo imaginar por que vocês todos acham que o Sr. Whitman é tão bom. Quero dizer, ele é tão afeminado!

— Ele não é! — Cynthia disse indignada, se levantando.

— Ele definitivamente é gay! — Gordon a seguiu até a entrada. Ele ficaria provocando Cynthia o caminho todo até o segundo andar.

Lesley revirou os olhos. — Vamos lá, — disse ela, estendendo a mão para me levantar do banco. — Partimos para nosso encontro com o Príncipe Encantado Esquilo!

Alcançamos Cynthia e Gordon nas escadas até o segundo andar. Eles ainda estavam falando sobre o Sr. Whitman.

— Você pode perceber pelo estranho anel sinete que ele usa, — disse Gordon. — Apenas caras gays usam esse tipo de coisa.

— Meu avô sempre usava um anel sinete, — eu disse, embora não quisesse me meter nisso.

— Então seu avô também era gay, — disse Gordon.

— Você está apenas com ciúmes, — disse Cynthia.

— Ciúmes? Eu?

— Claro que está. Porque o Sr. Whitman é o cara mais bonito, mais masculino, mais inteligente, mais hétero que existe. Perto dele, você parece um menininho bobo e frágil.

— Muito obrigado pelo elogio, — disse o Sr. Whitman. Ele apareceu atrás de nós, despercebido, com uma pilha de papéis debaixo do braço e, como sempre, incrivelmente bonito. (Mesmo que também parecesse um pouco com um esquilo.)

Cynthia ficou ainda mais vermelha do que escarlata, se isso é possível. Na verdade, senti pena dela.

Gordon sorriu maliciosamente.

— Quanto a você, Gordon, talvez devesse pesquisar um pouco sobre anéis sinetes e seus usuários, — disse o Sr. Whitman. — Gostaria que você escrevesse um pequeno trabalho sobre o assunto até a próxima semana.

Agora Gordon ficou vermelho. Mas ao contrário de Cynthia, ele ainda conseguia falar. — Para inglês ou história? — ele falou em um guincho.

— Eu ficaria feliz se você se concentrasse nos aspectos históricos, mas deixo você livre para escolher. Que tal cinco páginas até segunda-feira? — O Sr. Whitman abriu a porta da nossa sala de aula e sorriu brilhantemente para nós. —

Entrem.

— Eu o odeio, — murmurou Gordon, se sentando.

Lesley o afagou consoladoramente no ombro. — Acho que é recíproco.

— Por favor, me diga que foi apenas um pesadelo, — disse Cynthia.

— Foi apenas um sonho, — disse eu, prontamente. — O Sr. Whitman realmente não ouviu uma palavra sobre você achá-lo o homem mais sexy do mundo.

Gemendo, Cynthia afundou na cadeira. — Terra, por favor, abra e me engula!

Sentei-me em meu lugar ao lado de Lesley. — Coitada, ela ainda está vermelha como um tomate.

— E acho que ela será um tomate até o fim dos dias na escola. Foi constrangedor!

— Talvez o Sr. Whitman dê notas melhores para ela agora.

O Sr. Whitman olhou para o lugar de Charlotte e pareceu pensativo.

— Sr. Whitman? Charlotte não está bem, — eu disse. — Não tenho certeza se minha tia ligou para o escritório da secretária da escola.

— Ela está com diarreia! — berrava Cynthia. Obviamente, ela sentia uma necessidade urgente de não ser a única com algo para se envergonhar.

— Charlotte está dispensada, — disse o Sr. Whitman. — Ela provavelmente estará ausente por alguns dias. Até que tudo tenha ... voltado ao normal. — Ele se virou e escreveu O SONETO no quadro negro com giz. — Alguém pode me dizer quantos sonetos Shakespeare escreveu?

— O que ele quis dizer *com voltar ao normal*? — sussurrei para Lesley.

— Não tive a impressão de que estava falando sobre a diarreia de Charlotte, — Lesley sussurrou de volta.

Eu também não.

— Você já deu uma boa olhada no anel sinete dele? — sussurrou Lesley.

— Não, você?

— Tem uma estrela nele. Uma estrela com doze pontas.

— E daí?

— Doze pontos - como em um relógio.

— Um relógio não tem pontos.

Lesley revirou os olhos. — Isso não faz você lembrar de nada? Doze! Relógio! Tempo! *Viagem no tempo*! Aposto que você... Gwen?

— Ah, não! — eu disse. Meu estômago estava fazendo uma montanha-russa novamente.

Lesley me encarou, horrorizada. — Ah, não!

Eu estava tão horrorizada quanto ela. A última coisa que eu queria era dissolver no ar na frente de toda a turma. Então me levantei e cambaleei até a porta, com a mão pressionada no estômago.

— Acho que vou vomitar, — eu disse ao Sr. Whitman. Não esperei pela resposta dele. Abri a porta e saí cambaleando para o corredor.

— Alguém deveria ir com ela, — ouvi o Sr. Whitman dizer. — Lesley, você poderia...?

Lesley veio correndo atrás de mim, fechando firmemente a porta da sala de aula. — Ok, rápido! Para o banheiro das meninas. Ninguém nos verá lá. Gwen?

Gweny?

O rosto de Lesley borrou diante dos meus olhos. Sua voz parecia vir de muito longe. E então ela havia desaparecido completamente. Eu estava sozinha em um corredor forrado com um magnífico papel de parede dourado. Em vez dos feios azulejos de linóleo da escola, belas tábuas de assoalho de madeira se estendiam à minha frente, polidas até o brilho, com elaborados padrões na madeira. Era obviamente noite, ou pelo menos noite, mas candelabros com velas acesas estavam fixados em suportes nas paredes, e lustres pendurados no teto pintado, também com velas acesas. Tudo estava banhado em uma luz dourada suave.

Meu primeiro pensamento foi *Ótimo, desta vez eu não caí*. Meu segundo pensamento foi *Onde posso me esconder aqui antes que alguém me veja?*

Porque eu não estava sozinha nesta casa. Ouvi música vindo de baixo. Música de violino. E vozes.

Muitas vozes.

O corredor familiar da escola estava quase irreconhecível agora. Tentei lembrar como o espaço aqui era dividido. Atrás de mim, tinha que estar a porta da minha sala de aula, e na sala oposta, a Sra. Counter estava ensinando geografia para o Sexto Ano. Ao lado da sala do Sexto Ano havia um depósito de equipamentos. Se eu me escondesse lá, pelo menos ninguém me veria materializando quando voltasse.

Por outro lado, o depósito geralmente estava trancado, então talvez não fosse uma boa ideia se esconder lá afinal. Se eu viajasse novamente pelo tempo e caísse em um quarto trancado, então supondo que eu encontrasse uma maneira de sair, também teria que inventar uma explicação plausível de como diabos cheguei lá em primeiro lugar.

Mas se eu me escondesse em uma das outras salas, quando voltasse ao meu tempo novamente, eu estaria materializando do nada na frente de uma sala de aula inteira, incluindo um professor. Explicar isso provavelmente seria muito mais difícil.

Pensei que talvez devesse apenas ficar neste corredor e esperar que não durasse muito. Afinal, eu tinha sumido por apenas alguns minutos nas duas vezes que viajei para o passado.

Me encostei na parede de brocado e esperei esperançosamente pela sensação de tontura. Vozes confusas e risos vinham lá de baixo. Ouvi o som de copos tilintando e então os violinos tocando novamente. Parecia que muitas pessoas estavam se divertindo lá embaixo. Talvez James estivesse na festa. Afinal, ele costumava morar aqui. Imaginei ele muito vivo, dançando em algum lugar lá embaixo.

Uma pena que eu não pudesse encontrá-lo. Mas ele provavelmente não teria ficado feliz se eu lhe dissesse como nos conhecíamos. Quer dizer, como nós nos conheceríamos um dia, muito depois que ele morresse... quer dizer, muito depois que ele estivesse morto.

Se eu soubesse do que ele tinha morrido, talvez eu pudesse avisá-lo. *Escute, James, no dia quinze de julho uma telha vai cair na sua cabeça na Park Lane, então é melhor você ficar em casa nesse dia*. O estúpido era que James não sabia do que tinha morrido. Ele nem sabia que estava morto. Er, iria morrer. Estaria

morto.

Quanto mais você pensava nessas coisas de viagem no tempo, mais complicado ficava.

Ouvi passos na escada. Alguém estava subindo correndo. Não, dois alguém. Droga, você nem podia ficar aqui por alguns minutos em paz e sossego? Agora, para onde? Decidi pela sala oposta, aquela que no meu próprio tempo era a sala do Sexto Ano. A maçaneta da porta estava emperrada. Levei alguns segundos para perceber que eu devia empurrá-la para cima e não para baixo.

Quando finalmente consegui entrar na sala, os passos estavam bem perto. Havia velas acesas nos suportes das paredes aqui também. Que descuido as deixar acesas sem ninguém na sala! Em casa, eu estaria morta se esquecesse de apagar uma vela na sala de costura à noite.

Procurei algum lugar para me esconder, mas não havia muitos móveis nesta sala. Uma espécie de sofá com pernas douradas curvas, uma mesa, cadeiras estofadas, nada atrás do qual você pudesse se esconder se fosse maior que um rato. Então tudo o que pude fazer foi me esconder atrás de uma das cortinas amarelo-ouro até o chão — não um esconderijo muito original. Mas até agora ninguém estava me procurando.

Agora eu conseguia ouvir vozes no corredor.

— Para onde você pensa que está indo? — perguntou a voz de um homem. Parecia bastante irritado.

— Para qualquer lugar! Longe de você, é só isso, — respondeu outra voz. Era a voz de uma menina, uma menina em prantos, para ser precisa. Para o meu alarme, ela entrou na sala. E o homem veio atrás dela. Através da cortina, pude ver suas sombras se movendo.

É claro, o que eu esperava? De todos os quartos aqui em cima, eles tinham que escolher o que eu estava escondida.

— Me deixe em paz, — disse a voz da menina.

— Eu não posso te deixar em paz, — disse o homem. — Toda vez que eu te deixo em paz, você faz algo impulsivo sem pensar primeiro.

— Vá embora! — disse a menina novamente.

— Não, não vou. Escute, sinto muito que isso tenha acontecido. Eu não deveria ter permitido.

— Mas você permitiu! Porque só tinha olhos para *ela*!

O homem riu um pouco. — Você está com ciúmes!

— Você adoraria isso, não é?

Ah, ótimo! Um casal no meio de uma briga de amantes. Isso poderia durar para sempre. Eu estaria batendo os calcanhares atrás desta cortina até voltar no tempo e de repente materializar na frente das janelas na aula de geografia da Sra. Counter. Talvez eu pudesse dizer a ela que estava fazendo um experimento de física. Ou eu estive lá o tempo todo e ela simplesmente não me notou.

— O conde vai se perguntar onde estamos, — disse a voz do homem.

— Então ele pode simplesmente enviar seu amigo transilvano procurando por nós, é isso que o seu conde pode fazer. Ele nem é realmente um conde. O título dele é tão falso quanto as bochechas coradas daquela... como era o nome dela mesmo? — A menina deu um pequeno resmungo irritado enquanto falava.

De alguma forma, eu reconheci aquele som. Conhecia muito bem. Eu

espiava cautelosamente de trás da cortina. Os dois estavam parados bem na frente da porta, com seus perfis virados para mim. A garota era realmente só uma garota, vestindo um vestido fantástico, de seda azul meia-noite e brocado bordado, com uma saia tão larga que ela provavelmente teria dificuldade para passar por uma porta normal com ele. Ela tinha cabelos brancos como a neve empilhados em uma espécie de montanha estranha no topo da cabeça, com cachos caindo até os ombros. Deveria ser uma peruca. O homem também tinha cabelos brancos, presos com uma fita na nuca. Apesar de terem cabelos como pessoas idosas, os dois pareciam muito jovens e muito atraentes, especialmente o homem. Ele era mais um rapaz, na verdade, talvez dezoito ou dezenove anos. Mas incrivelmente bonito. Um perfil masculino perfeito. Eu não conseguia tirar os olhos dele. Eu me inclinei muito mais para fora do meu esconderijo do que realmente pretendia.

— Já esqueci o nome dela, — disse o rapaz, ainda rindo.

— Mentiroso!

— O conde não é responsável pelo comportamento de Rakoczy, — disse o rapaz, sério novamente agora. — Certamente ele será repreendido por isso. Você não precisa gostar do conde, você só precisa respeitá-lo.

A garota resmungou com desdém novamente, e novamente soou estranhamente familiar. — Eu não *preciso* fazer nada, — disse ela, virando abruptamente para a janela. Isso significava virar para mim. Eu queria desaparecer atrás da cortina, mas congelei no meio do movimento.

Isso era impossível!

A garota tinha *o meu* rosto. Eu estava olhando para meus próprios olhos surpresos!

Ela parecia tão surpresa quanto eu, mas superou seu choque mais rápido. Ela fez um gesto com a mão.

Se esconda! seu gesto claramente dizia. *Desapareça!*

Ofegando, eu recuei minha cabeça atrás da cortina. Quem era ela? Simplesmente não podia haver tamanha semelhança entre nós. Eu simplesmente tinha que olhar de novo.

— O que foi isso? — ouvi o rapaz dizer.

— Nada! — disse a garota. Será que aquela era também a *minha* voz?

— Na janela.

— Nada, eu disse.

— Pode haver alguém atrás da cortina ouvindo... — O que quer que ele estivesse dizendo foi interrompido pelo som de surpresa dele. De repente, houve silêncio. Agora o que tinha acontecido?

Sem pensar, eu empurrei a cortina para o lado. A garota que se parecia comigo plantou seus lábios bem na boca do rapaz. Ele aceitou passivamente a princípio, mas depois colocou os braços em volta da cintura dela e a puxou para mais perto. A garota fechou os olhos.

De repente, borboletas começaram a voar em meu estômago. Era estranho, assistir a si mesmo beijar alguém. Achei que fiz isso muito bem. Percebi que a garota estava beijando o rapaz apenas para distraí-lo de mim. Gentil da parte dela, mas por que ela estava fazendo isso? E como eu iria passar por eles sem ser notada?

As borboletas em meu estômago se transformaram em um bando de pássaros voando, e a imagem do casal se beijando se desfez diante dos meus olhos. E então, de repente, eu estava na sala do Sexto Ano com os nervos em frangalhos.

Tudo estava quieto.

Eu esperava um alvoroço de todos os alunos quando eu apareci de repente, e alguém — talvez a Sra. Counter — desmaiando de susto com isso.

Mas a sala de aula estava vazia. Suspirei aliviada. Pelo menos tive sorte desta vez. Caí em uma cadeira e abaixei a cabeça na mesa à minha frente. O que acabara de acontecer era mais do que eu conseguia compreender no momento. A garota, o cara deslumbrante, o beijo...

A garota não apenas se parecia comigo.

A garota era eu.

Não havia possibilidade de erro. Eu me reconheci, além de qualquer sombra de dúvida, pela pequena marca de nascença em forma de meia lua na minha têmpora, aquela que a tia Glenda sempre chamava de "a engraçadinha da Gwenny, uma pequena banana".

Não poderia haver duas pessoas diferentes que se parecessem tanto.

*O primeiro par é Opala e Âmbar,
Ágata canta em si bemol, avatar do lobo,
Um dueto - solução! - com Água-marinha (Aquamarine).
Poderoso Esmeralda em seguida, com a adorável Citrina.
Os gêmeos de Cornalina do signo de Escorpião,
Oito é digestão, sua pedra é o fino Jade.
Mi maior é a tonalidade do Turmalina Negra,
Safira canta em fá maior, e brilhante é seu brilho.
Então, quase imediatamente, vem Diamante sozinho,
Cujo signo do leão como Leão é conhecido.
Projeção! O tempo flui, tanto presente como passado.
Rubi é o primeiro e também é o último.*

DOS ESCRITOS SECRETOS DO
CONDE SAINT-GERMAIN

SEIS

Não. Não poderia ter sido eu.

Para começar, eu nunca tinha beijado um menino.

Bem, não de verdade. Não assim. Houve aquele garoto, Miles, do ano acima do nosso. Saí com ele no verão passado. Não porque eu estava apaixonada por ele, mas porque ele era melhor amigo do Max, namorado da Lesley na época, então parecia meio conveniente. Mas Miles não gostava muito de beijar. O que ele gostava era de deixar marcas de amor no meu pescoço para distrair minha atenção de sua mão atrevida. Eu tinha que andar com um cachecol em volta do pescoço quando a temperatura estava nos trinta e dois graus à sombra, e estava constantemente tentando manter as mãos de Miles fora da minha blusa. (Especialmente na escuridão do cinema, onde ele parecia crescer pelo menos três mãos a mais.) Depois de duas semanas e meia, nosso relacionamento foi terminado por consentimento mútuo. Eu era "muito imatura" para Miles, e Miles era muito ... bem, vamos dizer "afetuoso" para mim.

Além dele, eu só tinha beijado o Gordon, em nossa excursão de classe para a Ilha de Wight, mas isso não contava porque era (a) parte de um jogo chamado Verdade ou Beijo (eu disse a verdade, mas Gordon insistiu que era mentira) e (b) não era um beijo de verdade. Gordon nem tirou a goma de mascar da boca antes.

Então, exceto pelo caso das marcas de amor, como a Lesley chamava, e pela performance mentolada do Gordon, eu era completamente inexperiente em beijos. E possivelmente também imatura, como o Miles afirmava. Eu sabia que aos dezesseis anos e meio, já estava ficando tarde, mas a Lesley, que tinha ficado com o Max por um ano inteiro, achava que beijar em geral era superestimado. Talvez ela só tivesse tido azar, ela dizia, mas os garotos que ela tinha beijado até agora definitivamente não tinham o jeito para isso.

Beijar, dizia a Lesley, realmente deveria ser ensinado como uma disciplina escolar, preferencialmente em vez de religião, que ninguém precisava.

Discutíamos frequentemente como seria o beijo ideal, e havia uma série de filmes que assistíamos repetidamente apenas por causa das boas cenas de beijos neles.

— Ah, Srta. Gwyneth. Você vai condescender a falar comigo hoje, ou vai me ignorar novamente? — James me viu saindo da sala do sexto ano e se aproximou.

— Que horas são? — Eu estava procurando a Lesley.

— Eu pareço um relógio de avô? — James estava indignado. — Você deveria me conhecer bem o suficiente agora para saber que o tempo não significa nada para mim.

— Que verdade. — Eu virei a esquina para dar uma olhada no grande relógio no final do corredor. James me seguiu.

— Só estive fora vinte minutos, — eu disse.

— Fora para onde?

— Ah, James! Acho que estava na casa de cidade do seu pai. Era realmente

lindo lá. Ouro por todos os lados. E a luz das velas - era tão suave e brilhante.

— Sim, não sombrio e sem gosto como tudo isso, — disse James, com um gesto que abarcava o corredor principalmente cinza. De repente, me senti muito triste por ele. Ele não era tão mais velho que eu, e sua vida já tinha acabado.

— James, você já beijou uma garota?

— O quê?

— Eu perguntei se você já beijou uma garota.

— Não se fala sobre essas coisas, Srta. Gwyneth.

— Então você nunca beijou ninguém?

— Eu sou um homem, — disse James

— Que tipo de resposta é essa? — Eu não pude deixar de rir da expressão de James. — Você sabe quando nasceu?

— Você está tentando me insultar? Claro que eu sei minha própria data de nascimento. É no dia trinta e um de março.

— Que ano?

— 1762. — James ergueu o queixo desafiadoramente. — Fiz vinte e um anos há três semanas. Celebrei extensamente com meus amigos no Clube White's, e meu pai pagou todas as minhas dívidas de jogo em homenagem ao dia e me deu uma bela égua baia. E então tive que pegar essa estúpida febre e ir para a cama. Só para descobrir tudo diferente quando acordei, e uma garota insolente me dizendo que sou um fantasma.

— Sinto muito, — eu disse. — Provavelmente você morreu por causa da febre.

— Bobagem! Foi apenas uma ligeira indisposição, — disse James, mas havia uma expressão de incerteza em seus olhos. — O Dr. Barrow disse que não era muito provável que eu tivesse contraído a varíola na casa do Lorde Stanhope.

— Hm, — eu disse. Eu teria que pesquisar sobre varíola para saber mais sobre isso.

— *Hm*? O que você quer dizer com *hm*? — James pareceu ofendido.

— Ah, aí está você! — Lesley veio correndo dos banheiros femininos e jogou os braços em volta do meu pescoço. — Eu estava morrendo de preocupação.

— Nada de muito ruim aconteceu. Eu acabei na sala da Sra. Counter quando voltei, mas não havia ninguém lá.

— O sexto ano está visitando o Observatório de Greenwich hoje, — disse Lesley. — Meu Deus, estou tão feliz em te ver! Eu disse ao Sr. Whitman que você estava vomitando suas tripas no banheiro feminino, e ele disse que eu deveria voltar para você para que eu pudesse segurar seu cabelo longe do seu rosto.

— Nojento, — disse James, segurando seu lenço no nariz. — Diga para sua amiga sardenta que uma dama não fala sobre essas coisas.

Eu não dei atenção a isso. — Lesley, algo meio engraçado aconteceu ... algo que eu não consigo explicar.

— Eu acredito em você. — Lesley me estendeu meu celular. — Aqui. Peguei do seu armário. Ligue para sua mãe agora, imediatamente.

— Lesley, ela está trabalhando. Eu não posso simplesmente...

— Ligue para ela! Você voltou para o passado três vezes agora, e eu vi você

fazer isso com meus próprios olhos na terceira vez. De repente você simplesmente não estava lá! Foi realmente *terrível*! Você precisa contar para sua mãe, agora mesmo, para que mais nada de horrível aconteça com você. Por favor. — Lesley realmente tinha lágrimas nos olhos?

— Essa garota sardenta está em um humor dramático hoje, — comentou James.

Peguei o celular de Lesley e respirei fundo.

— Por favor, — Lesley implorou.

Minha mãe trabalhava no escritório administrativo do Hospital de São Bartolomeu. Disquei o número de sua linha direta, olhando para Lesley.

Ela assentiu e tentou sorrir.

— Gwyneth? — Mamãe obviamente reconheceu meu número de celular em seu visor. Ela parecia preocupada. Eu nunca, jamais tinha ligado para ela da escola antes. — Alguma coisa aconteceu?

— Mãe ... não estou me sentindo muito bem.

— Você está doente?

— Eu não sei.

— Talvez você tenha pego esse resfriado que está circulando no momento. Vá para casa, vá para a cama, e eu sairei mais cedo do trabalho hoje. Então eu vou te espremer um suco de laranja fresco e fazer uma compressa quente para sua garganta.

— Mãe, não é um resfriado. É pior. Eu...

— Talvez seja varíola, — disse James.

Lesley me olhou encorajadoramente. — Vai lá! — ela disse em voz baixa. — Diga a ela.

— Querida?

Respirei fundo. — Mãe, acho que sou como a Charlotte. Eu acabei de ... eu não sei quando foi. E ontem à noite também ... na verdade, isso realmente começou ontem. Eu ia te contar, mas então tive medo de que você não acreditasse em mim.

Minha mãe não respondeu.

— Mãe?

Eu olhei para Lesley. — Ela não acredita em mim.

— Você não está fazendo sentido, — sussurrou Lesley. — Vai lá, tente de novo.

Mas eu não precisava.

— Fique exatamente onde está, — disse minha mãe em um tom completamente diferente. — Espere por mim nos portões da escola. Vou pegar um táxi. Estarei com você o mais rápido possível.

— Mas...

Mamãe já havia encerrado a ligação.

* * *

— VOCÊ VAI SE meter em encrenca com o Sr. Whitman, — eu disse.

— Quem se importa? — disse Lesley. — Vou ficar com você até sua mãe chegar. Não se preocupe com aquele esquilo. Posso enrolá-lo no meu dedinho.

— O que eu fiz?

— A única coisa certa, — garantiu Lesley. Eu contei a ela o máximo que pude sobre minha breve viagem ao passado. Lesley achava que a garota que se parecia tanto comigo poderia ter sido uma de minhas ancestrais.

Eu não achava. Duas pessoas não poderiam ser tão parecidas. A menos que fossem gêmeas idênticas. Lesley achava que essa era uma teoria possível também.

— Como em *Operação Cupido*, — ela disse. — Vou pegar o DVD para nós quando tiver a chance.

Eu me sentia miserável. Quando Lesley e eu poderíamos sentar confortavelmente juntas para assistir a um filme novamente?

O táxi chegou mais rápido do que eu esperava. Parou fora dos portões da escola, e mamãe abriu a porta.

— Entre, — ela disse.

Lesley apertou minha mão. — Boa sorte. Me ligue quando puder.

Eu estava quase chorando. — Lesley... *obrigada!*

— De nada, — disse Lesley, que também estava segurando as lágrimas. Nós sempre chorávamos nas mesmas partes dos filmes também.

Entreí no táxi com mamãe. Eu teria gostado de me jogar em seus braços, mas ela estava parecendo tão estranha que decidi não fazer isso.

— Para o Templo, — ela disse ao motorista. Então o vidro entre ele e o banco de trás subiu, e o táxi partiu.

— Você está brava comigo? — perguntei.

— Não. Claro que não, querida. Você não pode evitar isso.

— Não. Eu não posso! É tudo culpa do velho e estúpido Newton, — eu disse, tentando fazer uma pequena piada. Mas mamãe não estava no clima para piadas.

— Você não pode culpar o Newton também. Se alguém tem culpa, sou eu. Eu esperava que esse cálice passasse longe de nós.

Olhei para ela, de olhos arregalados. — O que você quer dizer?

— Eu pensei ... esperava ... Eu não queria que você... — Minha mãe nunca gaguejava. Ela parecia tensa e mais triste do que eu a tinha visto desde que papai morreu. — Eu não queria admitir. Estive esperando todo esse tempo que a Charlotte fosse a escolhida.

— Bem, todo mundo provavelmente pensaria assim! Ninguém nunca pensaria que Sir Isaac Newton erraria suas contas. A vovó vai ficar furiosa.

O táxi estava se abrindo caminho pelo tráfego denso de Piccadilly.

— Não ligue para sua avó, — disse mamãe. — Quando isso aconteceu pela primeira vez?

— Ontem! Eu estava a caminho da Selfridges.

— Que horas?

— Logo após as três. Eu não sabia o que fazer, então voltei para casa, para nossa casa, e toquei a campainha. Mas antes que alguém pudesse abrir a porta, viajei de volta para o nosso próprio tempo. Então aconteceu novamente ontem à noite. Eu me escondi no armário embutido, mas havia alguém dormindo lá. Um criado. Um criado bastante irritado. Ele me perseguiu por toda a casa, e todos estavam me procurando porque achavam que eu era uma ladra. Graças a Deus,

viajei de volta antes que pudessem me encontrar. E a terceira vez foi agora. Na escola. Desta vez, devo ter ido mais longe no tempo, porque as pessoas estavam usando perucas.... Mamãe! Se isso for acontecer comigo a cada poucas horas agora, eu nunca mais vou conseguir levar uma vida normal! E tudo por causa do velho e bobo Newton... — Mas até eu percebi que estava exagerando na piada do Newton.

— Você deveria ter me contado imediatamente! — Mamãe acariciou minha cabeça. — Tantas coisas poderiam ter acontecido com você!

— Eu queria te contar, mas ontem à noite você disse que já temos muita imaginação na nossa família.

— Eu não quis dizer assim... Você não teve o mínimo preparo para isso. Me desculpe tanto.

— Mas não é culpa sua, mãe! Como alguém poderia saber?

— É culpa minha, — disse mamãe. Depois de uma breve pausa desconfortável, ela acrescentou: — Você nasceu no mesmo dia que a Charlotte.

— Não, eu não nasci! Meu aniversário é dia oito de outubro, o dela é dia sete.

— Vocês nasceram ambos no dia sete de outubro, Gwyneth.

Eu não podia acreditar no que ela estava dizendo. Só conseguia encará-la.

— Eu menti sobre a data do seu nascimento, — continuou mamãe. — Não foi difícil. Você nasceu em casa, e a parteira que fez a certidão de nascimento entendeu o que queríamos.

— Mas *por quê?*

— Foi só para te proteger, querida.

Eu não entendia. — Me proteger? De quê? Aconteceu agora, de qualquer maneira.

— Nós... Eu queria que você tivesse uma infância normal. Uma infância despreocupada. — Mamãe me olhava intensamente. — E talvez você não tenha herdado o gene, afinal.

— Mesmo que eu tenha nascido no dia calculado por Newton?

— Sinto muito, — disse mamãe. — E pare de falar tanto sobre Sir Isaac Newton. Ele é apenas um entre muitos que se dedicaram a este assunto. É muito maior do que você imagina. Muito maior e muito mais antigo, muito mais poderoso. É muito mais perigoso. Eu queria te manter longe disso.

— *Longe do quê?*

Mamãe suspirou. — Foi estúpido da minha parte. Eu deveria ter sabido melhor. Por favor, me perdoe.

— Mãe! — Minha voz quase se quebrou. — Eu não tenho a menor ideia do que você está falando. — Minha confusão e desespero estavam crescendo a cada palavra que ela dizia. — Tudo o que sei é que algo está acontecendo comigo que não deveria acontecer de jeito nenhum. E está... está me deixando um nervosismo só! Eu tenho um acesso de tontura a cada poucas horas, e então volto para outro tempo. Não sei como parar isso.

— Por isso estamos indo *vê-los*, — disse mamãe. Eu podia sentir que meu desespero a machucava. Eu nunca a tinha visto tão preocupada antes.

— E quem são eles...?

— Os Guardiões, — respondeu minha mãe. — Uma sociedade secreta muito

antiga, também conhecida como a Guarda do Conde de Saint-Germain. — Ela olhou pela janela do táxi. — Estamos quase lá.

— *Sociedade secreta!* Você quer me levar para um daquelas seitas estranhas? Mãe!

— Não é uma seita. Mas certamente há algo bastante estranho sobre eles. — Mamãe respirou fundo e fechou brevemente os olhos. — Seu avô era membro da Guarda, — ela continuou. — E o pai dele antes dele, e assim por diante. Sir Isaac Newton era membro, assim como Wellington; Klaproth, o químico; von Arneth, o historiador; Hahnemann, que inventou a homeopatia; Charles de Hesse, que sabia tudo sobre alquimia e astrologia; e é claro toda a família de Villiers, com muitos, muitos outros. Sua avó diz que Churchill e Einstein também eram membros da Guarda.

A maioria desses nomes não significava nada para mim. — Mas o que eles fazem?

— Isso... bem, — disse mamãe, — eles se preocupam com mitos antigos. E com o tempo. E com pessoas como você.

— Existem mais pessoas como eu, então?

Mamãe balançou a cabeça. — Apenas doze no total. E a maioria delas morreu há muito tempo.

O táxi parou e o vidro do painel desceu. Mamãe entregou ao motorista algumas notas de banco. — Fique com o troco, — ela disse.

— Mas por que estamos aqui, de todos os lugares? — perguntei enquanto estávamos na calçada enquanto o táxi se afastava novamente. Tínhamos descido a Strand até pouco antes da Fleet Street. Ao nosso redor, havia o barulho do tráfego da cidade. Multidões se empurravam e se moviam ao longo do caminho. Os cafés e restaurantes do outro lado estavam lotados, dois ônibus vermelhos de dois andares estavam ao lado da estrada, e os turistas nos decks superiores abertos estavam tirando fotos do complexo monumental de prédios que era a Royal Courts of Justice.

— Entre os prédios ali está o caminho para o pátio do Templo. — Mamãe afastou meu cabelo do rosto.

Eu olhei na direção para onde ela apontava e vi uma passagem estreita para pedestres. Não conseguia me lembrar de ter passado por ali antes.

Mamãe deve ter notado minha expressão em branco. — Você nunca foi levada ao Templo pela escola? — ela perguntou. — A Igreja do Templo e os jardins valem a pena ser vistos. E a Fountain Court. Para mim, é a fonte mais bonita de toda a cidade.

Eu a olhei furiosamente. Ela tinha se transformado de repente em uma guia turística?

— Vamos, precisamos atravessar a rua, — ela disse, segurando minha mão. Seguimos um grupo de turistas japoneses, todos eles com grandes mapas das ruas de Londres erguidos na frente dos rostos.

Atrás da fileira de prédios, estávamos em um mundo completamente diferente. A pressa e a agitação da Strand e da Fleet Street haviam desaparecido. Aqui, entre os majestosos e atemporais prédios alinhados lado a lado, sem intervalos entre eles, a paz e a tranquilidade reinavam de repente.

Apontei para os turistas. — O que eles estão procurando aqui? A fonte mais

bonita de toda a cidade?

— Eles vieram ver a Igreja do Templo, — disse minha mãe, ignorando meu tom de irritação. — Muito antiga, cheia de mitos e lendas. Os japoneses adoram tudo isso. E a peça *Noite de Reis*, de Shakespeare, foi encenada pela primeira vez no Middle Temple Hall.

Seguimos os japoneses por um tempo e depois viramos à esquerda e caminhamos ao longo de um caminho pavimentado que passava pelos prédios e virava várias esquinas. Era quase como estar no campo. Pássaros cantavam, abelhas zumbiam nos canteiros de flores bem abastecidos, e até o ar parecia fresco e limpo.

Finalmente, mamãe parou. — Aqui estamos nós, — ela disse.

Era um prédio simples, e apesar de sua fachada imaculada e das molduras de janelas recém-pintadas, parecia muito antigo. Meus olhos foram para os nomes na placa de latão, mas mamãe me empurrou pela porta aberta e me levou até um lance de escadas até o primeiro andar. Duas jovens que desciam as escadas disseram um bom dia amigável.

— Onde estamos? — perguntei.

Mamãe não respondeu. Ela apertou a campainha, ajustou seu blazer e afastou o cabelo do rosto.

— Não se preocupe, — ela disse, e eu não sabia se ela estava falando de mim ou dela mesma.

A porta zumbiu e se abriu, e entramos em uma sala iluminada que parecia um escritório perfeitamente comum. Arquivos, mesa, telefone, fax, computador... até a loira de meia-idade atrás da mesa não parecia fora do comum. Seus óculos eram um pouco assustadores, era só isso: preto como a noite e com aro tão grande que as armações escondiam metade do seu rosto.

— Como posso ajudá-la? — ela perguntou. — Ah, é você... Senhorita... Sra. Montrose?

— Shepherd, — mamãe a corrigiu. — Eu me casei. Não uso mais meu sobrenome de solteira.

— Ah, claro. — A mulher sorriu. — Mas você não mudou nada. Eu a reconheceria em qualquer lugar pelo seu cabelo. — Seu olhar caiu brevemente sobre mim. — Esta é sua filha? Imagino que puxe ao pai. Como você está...?

Mamãe a interrompeu. — Sra. Jenkins, eu preciso falar com minha mãe e o Sr. de Villiers. É urgente.

— Tenho medo que sua mãe e o Sr. de Villiers estejam em uma reunião. — A Sra. Jenkins sorriu arrependida. — Você tem muita...

Mamãe a interrompeu novamente. — Eu quero estar nessa reunião.

— Bem... isso... você sabe que não é possível.

— Então torne possível. Diga a eles que estou trazendo o Rubi.

— O quê? Mas... — A Sra. Jenkins olhou de mamãe para mim e de volta novamente.

— Por favor, faça como eu digo. — Eu nunca tinha ouvido minha mãe soar tão determinada.

A Sra. Jenkins se levantou e veio até a mesa. Ela me examinou dos pés à cabeça, e me senti terrível em meu uniforme escolar feio. Eu não tinha lavado meu cabelo naquela manhã, e ele estava apenas preso em um rabo de cavalo por

um elástico. Eu também não estava usando maquiagem. — Você tem certeza disso?

— Claro que tenho. Você acha que eu faria uma piada boba com uma coisa dessas? Se apresse, por favor. Não podemos ter muito tempo.

— Bem... por favor, espere aqui. — A Sra. Jenkins virou e desapareceu por outra porta entre duas prateleiras de arquivos.

— O Rubi? — perguntei.

— Sim, — disse mãe. — Cada um dos viajantes no tempo é representado por uma pedra preciosa. Você é o Rubi.

— Como você sabe?

— *O primeiro par, Opala e Âmbar, são, Ágata canta em Si bemol, a avatar do lobo, um dueto - solutio! - com Água Marinha (Aquamarine). O poderoso Esmeralda a seguir, com a adorável Citrina. Os gêmeos Cornalina do signo de Escorpião, Número Oito é digestio, sua pedra é o fino Jade. A chave maior é o Turmalina Negra, Safira canta em Fá maior, e brilhante é seu brilho. Então, quase de imediato vem o Diamante sozinho, cujo signo do leão como Leão é conhecido. Projectio! O tempo flui, tanto o presente quanto o passado, o Vermelho Rubi é o primeiro e também é o último.* — Mãe olhou para mim com um sorriso um tanto triste. — Eu ainda sei de cor.

Por algum motivo, sua performance me deu arrepios. Parecia mais um feitiço mágico do que um poema, do tipo que bruxas malvadas murmuram em filmes enquanto mexem um caldeirão com vapores verdes subindo dele.

— O que tudo isso deve significar?

— É apenas uma cantiga de memória, pensada por velhos misteriosos para tornar algo complicado ainda mais complexo, — disse mãe. — Doze números, doze viajantes no tempo, doze pedras preciosas, doze chaves musicais, doze ascensões zodiacais, doze passos no processo alquímico de fazer a pedra filosofal...

— Pedra filosofal? O que isso deve...? — Parei abruptamente e suspirei. Estava cansada de fazer perguntas, e cada resposta me deixava mais confusa.

Mãe não parecia querer me responder também. Ela estava olhando para fora da janela. — Nada mudou aqui, de qualquer maneira. É como se o tempo tivesse parado.

— Você vinha aqui muito quando era mais jovem?

— Meu pai me trazia às vezes com ele, — disse mãe. — Ele era um pouco mais aberto sobre tudo isso do que minha mãe. Sobre os segredos também. Eu gostava daqui quando era criança. E depois, quando Lucy... — Ela suspirou.

Por um tempo, me perguntei se deveria fazer mais perguntas ou não, e então minha curiosidade venceu. — A tia-avó Maddy me disse que Lucy é outra viajante no tempo. É por isso que ela fugiu?

— Sim, — disse mãe.

— E para onde ela fugiu?

— Ninguém sabe. — Mãe passou os dedos pelo cabelo novamente. Ela estava claramente nervosa. Eu nunca a tinha visto tão nervosa. Eu teria sentido pena dela se meus próprios nervos não estivessem esticados até o limite.

Ficamos em silêncio por um tempo. Mãe olhou para fora da janela novamente.

— Então eu sou o rubi, — eu disse. — Eles são vermelhos, não são?
Mãe assentiu.

— E que pedra preciosa é a Charlotte?

— Ela não é uma, — disse mãe.

— Mãe, por acaso eu tenho uma irmã gêmea que você esqueceu de me contar?

Mãe virou para mim e sorriu. — Não, querida, você não tem.

— Tem certeza?

— Absoluta. Eu estava lá no seu nascimento, não estive?

Ouvi passos em algum lugar, se aproximando rapidamente. Mãe se sentou muito ereta, respirando profundamente. Tia Glenda entrou pela porta com a Sra. Jenkins, e atrás dela um homem idoso com uma calvície.

Tia Glenda parecia irritada. — Grace! A Sra. Jenkins disse que você disse...

— É verdade, — disse mãe. — E eu não quero perder o tempo da Gwyneth convencendo você, de todas as pessoas, da verdade. Eu quero ver o Sr. de Villiers imediatamente. Gwyneth tem que ser introduzida no cronógrafo.

— Mas isso é completamente ridículo! — Tia Glenda estava quase gritando. — Charlotte tem...

— Ainda não viajou no tempo, certo? — Mãe virou para o homem gordinho com a calvície. — Desculpe. Eu sei que já nos encontramos, mas não me lembro do seu nome.

— George, — ele disse. — Thomas George. E você é a filha mais nova da Lady Arista, Grace. Eu me lembro muito bem de você.

— Sr. George, — disse mãe. — Claro. Você veio nos visitar em Durham quando Gwyneth nasceu. Eu também me lembro de você. Esta é Gwyneth. Ela é o Rubi que você está esperando.

— Isso é impossível! — disse tia Glenda com voz estridente. — Totalmente impossível! Gwyneth nasceu no dia errado. E dois meses prematura. Uma coisinha subdesenvolvida. Olhe para ela.

O Sr. George já estava fazendo exatamente isso, me examinando com um par de olhos azuis claros e amigáveis. Tentei olhar de volta com o máximo de compostura possível e esconder meu desconforto. Coisinha subdesenvolvida! Tia Glenda deve ter perdido o juízo! Eu não era subdesenvolvida. Eu tinha quase um metro e sessenta e sete de altura, meu sutiã era tamanho B, e muito para minha irritação, eu estava crescendo demais para ele!

— Ela viajou pela primeira vez ontem, — disse mãe. — Eu só não quero que nada aconteça com ela. O risco aumenta com cada viagem não controlada de volta no tempo.

Tia Glenda riu sarcasticamente. — Ninguém vai levar isso a sério. É apenas mais uma tentativa patética de se tornar o centro das atenções.

— Ah, cale a boca, Glenda! Não há nada que eu gostaria mais do que ficar fora disso tudo, deixando sua Charlotte a ingrata tarefa de cobaia de laboratório para fanáticos caçadores de mistérios e pseudocientistas obcecados por assuntos esotéricos! Mas acontece que Charlotte não é quem herdou esse maldito gene - é Gwyneth! — A expressão de mãe era de raiva e desprezo. Eu estava vendo um lado totalmente novo dela.

O Sr. George riu suavemente. — Você não tem uma opinião muito alta de

nós, Sra. Shepherd.

Mãe deu de ombros.

— Não, não, não! — Tia Glenda caiu em uma das cadeiras do escritório. — Eu não estou preparada para ouvir essa bobagem de novo. Ela nem mesmo nasceu no dia certo. E ela foi prematura. — Aquela parte sobre eu ser prematura parecia ser especialmente importante para ela.

— Devo trazer uma xícara de chá para você, Sra. Montrose? — sussurrou a Sra. Jenkins.

— Ah, quem quer o seu chá estúpido? — cuspiu tia Glenda.

— Alguém mais gostaria de chá?

— Não, obrigada, — eu disse.

Enquanto isso, o Sr. George havia voltado seus olhos azuis claros para mim. — Gwyneth. Então você já viajou no tempo?

Eu assenti.

— Para onde, se eu posso perguntar?

— Para onde estou agora, — eu disse.

O Sr. George sorriu. — Quero dizer, para que período você foi primeiro?

— Não faça a menor ideia, — eu disse irritada. — Não havia um aviso dizendo que ano era, e quando perguntei a algumas pessoas, elas não me disseram. Escute, eu não quero isso! Eu quero que pare. Você não pode fazer parar?

O Sr. George não respondeu a isso. — Gwyneth veio ao mundo dois meses antes da data prevista para o parto, — ele disse para ninguém em particular. — No dia oito de outubro. Eu verifiquei a certidão de nascimento e a entrada no registro civil pessoalmente. E também verifiquei o bebê, é claro.

Eu me perguntava o que poderia haver para conferir sobre um bebê. Será que era real ou não?

— Ela nasceu na noite do dia sete de outubro, — disse mãe, e agora sua voz tremia um pouco. — Subornamos a parteira para mudar o horário de nascimento algumas horas no registro de nascimento.

— Mas *por quê?* — O Sr. George parecia não entender isso mais do que eu.

— Porque... depois de tudo o que aconteceu com a Lucy, eu queria poupar minha filha de tanto estresse. Eu queria protegê-la, — disse mãe. — E eu tinha esperança de que ela talvez não tivesse herdado o gene e apenas tivesse nascido no mesmo dia que a verdadeira portadora. Afinal, a Glenda teve a Charlotte, e todas as esperanças estavam depositadas nela.

— Pare de contar mentiras! — gritou tia Glenda. — Você fez de propósito! Sua bebê não deveria nascer até dezembro, mas você manipulou a gravidez e arriscou um parto prematuro só para que ela nascesse no mesmo dia que a Charlotte. Mas não deu certo! Sua filha nasceu um dia depois.

— Deve ser bastante fácil provar o que você diz. Devemos ter o nome e o endereço da parteira nos nossos arquivos, — disse o Sr. George, virando para a Sra. Jenkins. — É importante encontrá-la.

— Não há necessidade, — disse mãe. — Você pode deixar a pobre mulher em paz. Ela só aceitou um pouco de dinheiro de nós.

— Só queremos fazer algumas perguntas a ela, — disse o Sr. George. — Sra. Jenkins, por favor descubra onde ela mora hoje.

— Estou indo, — disse a Sra. Jenkins, desaparecendo pela porta lateral novamente.

— Quem mais sabe disso? — perguntou o Sr. George.

— Apenas meu marido sabia, — disse mãe, e agora havia um toque de desafio e triunfo em seu tom de voz. — E você não pode interrogá-lo, porque tenho medo de que ele esteja morto.

— Eu sei, — disse o Sr. George. — Leucemia, não foi? Trágico. — Ele começou a andar de um lado para o outro na sala. — Quando isso começou, você disse?

— Ontem, — respondi.

— Três vezes nas últimas vinte horas, — disse mãe. — Estou com medo por ela.

— Três vezes já! — O Sr. George parou de andar. — E quando foi a última?

— Cerca de uma hora atrás, — eu disse. — Acho. — Desde que esses eventos começaram a acontecer tão rápido e frequentemente, perdi todo o senso de tempo.

— Então temos um tempo para nos preparar para tudo.

— Você não pode acreditar nisso, Sr. George, — disse tia Glenda. — Você conhece a Charlotte. Agora olhe para essa garota e compare com a minha Charlotte - você realmente acredita que o Número Doze está parado diante de você? *Rubi vermelho, com sol maior, a magia do corvo, traz a Círculo dos Doze de volta ao porto seguro.* Você acredita nisso?

— Bem, sempre há a possibilidade, — disse o Sr. George. — Embora seus motivos me pareçam mais do que duvidosos, Sra. Shepherd.

— Isso é problema seu, — disse mãe com frieza.

— Se você realmente quisesse proteger sua filha, então não deveria tê-la deixado na ignorância por tantos anos. Viajar no tempo sem preparação é muito perigoso.

Mãe mordeu o lábio. — Eu só esperava que fosse a Charlotte que...

— E então é ela! — gritou tia Glenda. — Ela teve sintomas óbvios nos últimos dois dias. Pode acontecer a qualquer momento. Talvez esteja acontecendo neste exato momento enquanto desperdiçamos nosso tempo aqui ouvindo as histórias totalmente absurdas da minha irmãzinha invejosa.

— Talvez você pudesse ligar o seu cérebro para variar, Glenda, — disse mãe. De repente, ela soava cansada. — Por que diabos inventaríamos uma coisa dessas? Quem além de você desejaria voluntariamente algo desse tipo para a própria filha?

— Insisto em... — Mas tia Glenda deixou o que quer que ela insistisse pairando no ar. — Isso tudo vai se mostrar uma trapaça terrível. Já houve sabotagem, e sabemos onde isso nos levou, Sr. George. É agora que estamos tão perto de alcançar nossos objetivos, realmente não podemos cometer um erro tão terrível novamente.

— Eu não acho que isso seja para nós decidirmos, — disse o Sr. George. — Por favor, me siga, Sra. Shepherd. Você também, Gwyneth. — Ele acrescentou, com um pequeno sorriso, — Não se preocupe, esses fanáticos caçadores de mistérios e pseudocientistas obcecados com assuntos esotéricos não mordem.

*Devorando o Tempo, embota as patas do leão,
E faz a terra devorar sua própria doce prole;
Arranca os dentes afiados das mandíbulas do tigre feroz,
E queima a fênix de longa vida em seu próprio sangue.*

WILLIAM SHAKESPEARE, SONETO XIX

SETE

SUBIMOS UMA ESCADA e descemos um longo corredor com ângulos agudos a cada curva, e de vez em quando subíamos ou descíamos alguns degraus. A vista das poucas janelas que passamos era diferente a cada vez. Às vezes olhávamos para um grande jardim, às vezes para outro prédio ou uma pequena rua escura. Parecia uma jornada interminável sobre pisos de parquet de madeira e pisos de pedra de mosaico, passando por portas fechadas, ao longo de fileiras de cadeiras, pinturas a óleo emolduradas e vitrines cheias de livros encadernados em couro e estatuetas de porcelana, com estátuas e armaduras espalhadas por todo lugar. Era como estar em um museu.

Tia Glenda lançava olhares venenosos para a mãe. Quanto à mãe, ela ignorava sua irmã da melhor maneira possível. A mamãe estava pálida e parecia extremamente tensa. Eu queria segurar a mão dela, mas então Tia Glenda veria o quão assustada eu estava, e isso era a última coisa que eu queria.

Não poderíamos possivelmente ainda estar no mesmo prédio. Senti que tínhamos passado por pelo menos mais três quando o Sr. George finalmente parou e bateu em uma porta de madeira enorme.

A grande sala em que entramos tinha painéis de madeira escura, como nossa sala de jantar em casa. O teto também era de madeira escura. Mas aqui tudo estava quase inteiramente coberto com entalhes elaborados, alguns deles pintados. Os móveis eram escuros e maciços. A atmosfera deveria ser sombria e sinistra, mas a luz do dia entrava na sala através das janelas altas, e você olhava para um jardim cheio de flores. Eu conseguia até ver o Tâmis brilhando ao sol onde o jardim terminava.

Mas não era apenas a vista e a luz que iluminavam o lugar, havia algo alegre nos entalhes, apesar de algumas caretas e caveiras feias. Era como se as paredes estivessem vivas. Lesley adoraria sentir os botões de rosa com aspecto realista, os padrões arcaicos e as cabeças de animais engraçadas e procurar por mecanismos secretos nelas. Havia leões alados, falcões, estrelas, sóis e planetas, dragões, unicórnios, elfos, fadas, árvores e navios, cada entalhe mais realista que o anterior.

O mais impressionante de todos era o dragão, que parecia estar voando pelo teto acima de nós. Ele devia ter pelo menos sete metros de comprimento da ponta de sua cauda em forma de cunha até sua grande cabeça escamosa, e eu não conseguia tirar os olhos dele. Que dragão maravilhoso! Eu estava tão fascinada que quase esqueci por que estávamos ali... ou que não estávamos sozinhos. Todos pareciam completamente surpresos em nos ver.

— Parece que há algumas complicações, — disse o Sr. George.

Lady Arista, de pé como um poste perto de uma das janelas, disse: — Grace! Você não deveria estar trabalhando? E Gwyneth deveria estar na escola!

— Não há lugar onde preferiríamos estar, Mãe, — disse a mamãe.

Charlotte estava sentada em um sofá bem embaixo de uma bela sereia. Cada escama da cauda da sereia era finamente entalhada e pintada em todos os tons

imagináveis de azul e turquesa. Um homem em um elegante terno preto, usando óculos de armação preta, estava encostado em uma ampla lareira. Até sua gravata era preta. Ele nos examinava com uma expressão distintamente sombria, e havia um menino de cerca de sete anos agarrado ao seu paletó.

— Grace! — Um homem alto levantou-se da escrivaninha. Ele tinha cabelos grisalhos e ondulados que caíam em seus ombros largos como a juba de um leão. Seus olhos eram de um marrom claro impressionante, quase da cor de âmbar. Seu rosto era muito mais jovem do que você poderia esperar pelo cabelo cinza que o cercava. Havia algo fascinante sobre ele - uma vez visto, nunca esquecido, eu tinha certeza. Quando o homem sorria, você podia ver seus dentes brancos regulares. — Grace. Já faz muito tempo. — Ele deu a volta na escrivaninha e ofereceu a mão para a mãe. — Você não mudou nada.

Para minha surpresa, a mãe corou. — Obrigada. Eu poderia dizer o mesmo de você, Falk.

— Eu fiquei grisalho. — O homem fez um gesto displicente.

— Eu diria que combina com você, — disse a mãe.

Olá? Ela estava, por acaso, flertando com esse cara?

Seu sorriso se alargou um pouco e então seu olhar de âmbar se moveu da mãe para mim. Mais uma vez, senti que estava sendo inspecionada desconfortavelmente de perto.

Aqueles olhos eram realmente estranhos. Eles poderiam ter sido os olhos de um lobo ou de um dos grandes felinos. Ele estendeu a mão. — Eu sou Falk de Villiers. E você deve ser Gwyneth, filha de Grace.

— Puxei meu cabelo do meu pai, — eu disse timidamente.

— Poderíamos talvez ir direto ao ponto? — perguntou o homem de preto perto da lareira.

O Sr. de Villiers soltou minha mão e olhou para mim com um brilho nos olhos. — Vá em frente.

— Minha irmã inventou uma história absolutamente monstruosa, — disse Tia Glenda. Dava para perceber o esforço que lhe custava não gritar. — E o Sr. George não quis me ouvir! Ela afirma que Gwyneth - *Gwyneth!* - já viajou de volta no tempo. E não apenas uma vez, três vezes já. Claro, como ela sabe perfeitamente bem, ela não pode provar isso, então ela inventou outro conto de fadas para explicar o fato de que a data de nascimento da garota está errada. Gostaria de lembrá-los do que aconteceu dezessete anos atrás. Grace não teve um papel muito admirável naqueles eventos. Agora que estamos tão perto do sucesso, não me surpreende vê-la aparecer aqui para sabotar nossos planos.

Deixando seu lugar perto da janela, Lady Arista se aproximou. — Isso é verdade, Grace? — Sua expressão, como sempre, era severa e inflexível. Às vezes eu me perguntava se seu cabelo, penteado tão severamente para trás do rosto, era a razão pela qual seus traços eram tão rígidos. Talvez os músculos estivessem simplesmente presos em um lugar e permanecessem lá. No máximo, um leve alargamento de seus olhos mostrava quando ela estava chateada. Como agora.

— A Sra. Shepherd diz que ela e o marido pagaram à parteira para inserir a data errada na certidão de nascimento, — interveio o Sr. George. — Para que ninguém descobrisse que Gwyneth era uma portadora potencial do gene.

— Mas por que ela teria feito uma coisa dessas? — perguntou Lady Arista.
— Ela diz que queria proteger a criança, e de qualquer forma ela esperava que Charlotte tivesse herdado o gene.

— *Esperava!* Você deve estar brincando! — exclamou Tia Glenda.

— Eu acho que parece perfeitamente lógico, — disse o Sr. George.

Eu lancei um olhar para Charlotte, que estava sentada no sofá parecendo pálida, seus olhos se movendo de um para outro de nós. Quando eles encontraram os meus, ela rapidamente virou a cabeça para o lado.

— Eu simplesmente não consigo ver lógica nisso, — disse Lady Arista.

— Estamos verificando a história, — disse o Sr. George. — A Sra. Jenkins vai localizar a parteira.

— Apenas por curiosidade, Grace, quanto você pagou a ela? — perguntou Falk de Villiers. Seus olhos se estreitaram cada vez mais nos últimos minutos, e agora, ao se virar para Mamãe, havia algo muito lupino nele.

— Eu ... eu não consigo me lembrar, — disse Mamãe.

O Sr. de Villiers ergueu as sobrancelhas. — Bem, não pode ter sido uma quantia grande. Até onde me lembro, a renda do seu marido era bastante ... modesta.

— Que verdade! — disse Tia Glenda com veneno.

— Se todos vocês dizem isso, então não pode ter sido muito, — respondeu Mamãe. A incerteza que havia repentinamente tomado conta dela desapareceu tão subitamente quanto surgiu. Assim como o leve rubor em seu rosto.

— Então por que a parteira fez o que vocês queriam? — perguntou o Sr. de Villiers. — A final, ela estava falsificando um documento oficial. Isso não é uma pequena ofensa.

Mamãe ergueu o queixo. — Nós dissemos a ela que nossa família pertencia a uma seita satânica com uma crença patológica em horóscopos. Dissemos que uma criança nascida no sétimo de outubro estaria sujeita a severas represálias e teríamos que entregá-la à seita para uso em rituais satânicos. Ela acreditou em nós. E como ela tinha um coração mole, e o que você poderia chamar de um preconceito contra Satanistas, ela inseriu a data de nascimento errada na certidão.

— Rituais satânicos! Que impertinência! — O homem perto da lareira sibilou as palavras como uma cobra, e o menino se agarrou ainda mais a ele.

O Sr. de Villiers sorriu apreciativamente. — Não é uma história ruim. Veremos se a parteira conta a mesma história.

— Vejo pouco sentido em perder nosso tempo verificando esses detalhes, — observou Lady Arista.

— Exatamente, — disse Tia Glenda. — Charlotte poderia viajar de volta no tempo a qualquer momento. Então saberemos que a história de Grace é um pacote de mentiras criado para nos atrasar.

— Por que elas não poderiam ter herdado o gene ambos? — perguntou o Sr. George. — Isso já aconteceu antes.

— Ah, mas Timothy e Jonathan de Villiers eram gêmeos idênticos, — observou o Sr. de Villiers. — Eles foram previstos nas profecias.

— Sim, o cronógrafo contém duas cornalinas para eles, duas pipetas de sangue, compartimentos duplicados para os doze elementos e duas engrenagens

girando, — disse o homem perto da lareira. — O Rubi fica sozinho.

— Verdade, — disse o Sr. George. Seu rosto redondo ficou de repente ansioso.

— Eu teria pensado ser mais importante investigar o motivo pelo qual minha irmã está contando essas mentiras, — Tia Glenda estava olhando para Mamãe com ódio evidente. — Se sua ideia é fazer com que o sangue de Gwyneth seja lido no cronógrafo para que o dispositivo nunca mais seja útil, você é mais ingênua do que eu pensava.

— Como ela pode esperar que acreditemos em uma palavra do que ela diz de qualquer forma? — perguntou o homem perto da lareira. Eu achei arrogante o modo como ele agia como se Mamãe e eu nem estivéssemos na sala. — Tenho as mais claras recordações das mentiras que Grace contou para proteger Lucy e Paul naquela época. Foi culpa dela que eles escaparam de nós. Se não fosse por ela, talvez tivéssemos sido capazes de evitar o desastre.

— Jake! — disse o Sr. de Villiers.

— Que desastre? — perguntei. E quem era Paul?

— Considero até mesmo a presença desta pessoa na sala conosco monstruosa, — disse o homem perto da lareira.

— E quem pode ser você? — A voz de Mamãe e o olhar que ela lhe deu eram decididamente frios. Fiquei impressionada ao ver que ela não ia se intimidar.

— Isso não tem nada a ver com o caso. — O homem nem sequer dignou-se a olhá-la. O menino loiro de olhos claros espiou cautelosamente de trás dele e me olhou. Com as sardas no nariz, ele me lembrou um pouco o Nick quando era mais novo, então sorri para ele. Coitadinho — provavelmente tinha que aguentar esse idiota como avô. Seus olhos se arregalaram de surpresa, ele retribuiu meu sorriso e depois voltou para se esconder atrás do casaco preto do homem.

— Este é o Dr. Jacob White, — disse Falk de Villiers, com um tom inconfundível de divertimento na voz. — Um gênio nos campos da medicina e bioquímica. Ele geralmente é um pouco mais civilizado.

Jacob Gray teria combinado melhor com ele. Até mesmo seu rosto tinha a cor da água suja.

O Sr. de Villiers olhou para mim e então seus olhos voltaram para Mamãe. — Bem, de uma forma ou de outra, precisamos chegar a uma decisão. Devemos acreditar em você, Grace, ou você realmente tem algum motivo oculto?

Por alguns segundos, Mamãe o encarou com raiva. Então ela olhou para baixo e disse calmamente: — Não estou aqui para impedir que todos vocês realizem sua maravilhosa e misteriosa missão. Estou aqui para manter minha filha longe de perigo. Com a ajuda do cronógrafo, ela pode viajar no tempo sem perigo, enquanto ainda leva uma vida razoavelmente normal. Isso é tudo que eu quero.

— Ah, sim, *claro!* — disse Tia Glenda. Ela foi até o sofá e sentou ao lado de Charlotte. Eu também gostaria de sentar. Minhas pernas estavam começando a ficar cansadas. Mas ninguém me ofereceu uma cadeira, então não teve jeito a não ser permanecer em pé.

— O que eu fiz naquela época não tinha nada a ver com sua... *missão*, — continuou Mamãe. — Para ser honesta, mal sei algo sobre isso, e entendo apenas

metade do que aprendi ao longo dos anos.

— Não consigo imaginar, — disse o sombrio Dr. White, — o que lhe deu a audácia de interferir de tal maneira em assuntos dos quais você não sabe nada.

— Eu só queria ajudar Lucy, — disse Mamãe. — Ela era minha sobrinha querida. Cuidei dela desde que era bebê, e ela pediu minha ajuda. O que você teria feito no meu lugar? Pelo amor de Deus, os dois eram tão jovens, tão apaixonados, e ... eu simplesmente não queria que nada acontecesse com eles.

— Bem, que belo jeito você escolheu para fazer isso!

— Eu amava Lucy como uma irmã, — Mamãe olhou para Tia Glenda. — *Mais* do que uma irmã, — acrescentou.

Tia Glenda pegou a mão de Charlotte e a acariciou. Charlotte encarava o chão.

— *Todos* nós amávamos muito a Lucy, — disse Lady Arista. — Isso tornava ainda mais importante mantê-la longe daquele garoto e de suas opiniões absurdas, em vez de encorajá-la a satisfazer seus sentimentos.

— Opiniões absurdas, de fato! Foi aquele vermelhinho que colocou essas teorias conspiratórias tolas na cabeça de Paul! — disse o Dr. White. — Ela o persuadiu a cometer o roubo!

— Isso não é verdade! — protestou Lady Arista. — Lucy nunca teria feito uma coisa dessas. Foi Paul quem se aproveitou de sua ingenuidade juvenil e a levou para o mau caminho.

— Ingenuidade! Você deve estar brincando! — disse Dr. White.

Falk de Villiers levantou a mão. — Já tivemos essa discussão várias vezes, e nunca chegamos a lugar nenhum. Acho que todos conhecemos as opiniões uns dos outros. — Ele olhou para o relógio. — Gideon estará de volta a qualquer momento, e antes disso deveríamos decidir o que fazer em seguida. Charlotte, como você está se sentindo?

— Ainda tenho dor de cabeça, — disse Charlotte, sem olhar para cima do chão.

— Está vendo? — Tia Glenda deu um sorriso venenoso.

— Eu também estou com dor de cabeça, — disse Mamãe. — Mas isso não significa que estou prestes a começar a viajar no tempo.

— Você ... você é simplesmente horrível! — disse Tia Glenda.

— Acho que devemos simplesmente assumir que a Sra. Shepherd e Gwyneth estão dizendo a verdade, — disse o Sr. George, enxugando sua careca com um lenço. — Caso contrário, estaremos perdendo ainda mais tempo valioso.

— Você não pode estar falando sério, Thomas! — Dr. White bateu com o punho na lareira com tanta força que o copo de prata em cima dela caiu.

O Sr. George deu um pulo, mas continuou calmo. — De acordo com o que elas dizem, a última vez que Gwyneth viajou de volta no tempo foi há uma hora e meia a duas horas atrás. Podemos prepará-la para sua próxima jornada e registrar isso o mais próximo possível.

— Minha própria opinião exatamente, — disse Falk de Villiers. — Alguma objeção?

— Parece que estou falando com uma parede de tijolos, — disse o Dr. White.

— Que verdade, — concordou Tia Glenda.

— Eu sugeriria a sala de documentos, — disse o Sr. George. — Gwyneth estaria segura lá, e então, ao retornar, poderíamos lê-la diretamente no cronógrafo.

— Eu não a deixaria perto do cronógrafo de jeito nenhum! — disse o Dr. White.

— Meu Deus, Jake, chega! — disse o Sr. de Villiers. — Ela é apenas uma jovem! Você acha que ela tem uma bomba escondida sob o uniforme escolar?

— Sua antecessora era apenas uma jovem, — disse o Dr. White com um tom de desprezo.

O Sr. de Villiers fez um sinal para o Sr. George. — Faremos como você sugere. Você cuidará dos arranjos?

— Venha, Gwyneth, — disse o Sr. George.

Eu não me movi. — Mamãe?

— Está tudo bem, querida. Vou esperar aqui por você. — Mamãe conseguiu sorrir.

Eu olhei para Charlotte, que ainda estava olhando para o chão. Tia Glenda tinha fechado os olhos e estava inclinada para trás, resignada. Ela parecia como se, de repente, também estivesse com uma dor de cabeça terrível. Minha avó, por outro lado, estava me olhando como se estivesse me vendo pela primeira vez. E talvez estivesse.

O menininho, de olhos arregalados, espiou novamente de trás do casaco do Dr. White. Coitadinho. Aquele homem desagradável nem uma vez havia falado com ele. Ele agia como se fosse transparente.

— Até mais tarde, querida, — disse Mamãe.

O Sr. George pegou meu braço e sorriu encorajadoramente para mim. Eu sorri hesitante de volta. De alguma forma, eu gostei dele. De qualquer forma, ele era facilmente o mais amigável de todas essas pessoas, e o único que parecia acreditar em nós.

Mesmo assim, eu não me sentia bem em deixar minha mãe sozinha. Quando a porta se fechou atrás de nós e estávamos no corredor, quase comecei a chorar *Eu quero ficar com a minha mamãe!* Mas me recompus.

O Sr. George soltou meu braço e foi na frente, primeiro voltando pelo caminho que viemos, depois passando por uma porta para outro corredor, subindo algumas escadas, passando por outra porta para mais um corredor — era um labirinto. Tochas feitas de piche teriam sido mais adequadas, mas os corredores tinham iluminação moderna, que era quase tão brilhante quanto a luz do dia.

— Parece confuso no começo, mas depois de um tempo você se familiariza por aqui, — disse o Sr. George.

Ele desceu mais escadas, desta vez uma larga escadaria de pedra em espiral que parecia se enrolar para sempre até o chão. — Os Cavaleiros Templários ergueram este prédio no século XII. Os romanos tentaram construir aqui antes deles, e antes dos romanos, os celtas. Era um lugar sagrado para todos eles, e nada jamais foi alterado até hoje. Pode-se sentir como é especial, não acha? Como se um grande poder viesse deste pedaço de chão.

Eu não conseguia sentir nada do tipo. Tudo o que sentia era cansaço e fraqueza. Eu precisava de mais sono para compensar a noite passada.

Quando chegamos ao final da escada, viramos bruscamente à direita e de repente nos deparamos com um jovem. Eu quase bati minha cabeça em seu peito.

— Oops! — disse o Sr. George.

— Sr. George. — O jovem tinha cabelos escuros e cacheados que caíam quase até os ombros, e olhos verdes tão brilhantes que pensei que ele devia estar usando lentes coloridas. Embora eu nunca o tivesse visto antes, o reconheci imediatamente. Eu teria reconhecido sua voz em qualquer lugar. Este era o cara que eu tinha visto em minha última viagem de volta no tempo.

Ou mais precisamente, aquele que beijou minha sósia enquanto eu estava escondida atrás da cortina, incrédula.

Novamente, eu não conseguia parar de olhar para ele. De frente, e sem a peruca, ele parecia ainda melhor — mil vezes melhor. Eu esqueci completamente que Lesley e eu normalmente não gostávamos de garotos com cabelos compridos. Lesley achava que eles deixavam crescer apenas para esconder suas orelhas grandes.

Ele olhou de volta com um toque de irritação, me examinou brevemente dos pés à cabeça e depois olhou inquisitivamente para o Sr. George.

— Gideon, essa é Gwyneth Shepherd, — disse o Sr. George, com um pequeno suspiro. — Gwyneth, este é Gideon de Villiers.

Gideon de Villiers. O jogador de polo. O outro viajante no tempo.

— Olá, — disse ele educadamente.

— Olá. — Por que minha voz de repente estava rouca?

— Acho que vocês dois vão se conhecer melhor. — O Sr. George riu nervosamente. — É possível que Gwyneth seja a nossa nova Charlotte.

— O quê? — Seus olhos verdes me examinaram novamente, desta vez apenas meu rosto. Tudo o que pude fazer foi encará-lo estupidamente.

— É uma história muito complicada, — disse o Sr. George. — Seria melhor você subir até o Salão do Dragão e deixar seu tio explicar.

Gideon assentiu. — Eu estava indo subir de qualquer maneira. Até mais, Sr. George. Adeus por enquanto, Winnie.

Quem era Winnie?

— Gwyneth, — corrigiu-o o Sr. George, mas Gideon já havia dobrado a esquina. O som de seus passos se perdeu nas escadas.

* * *

— ESTOU CERTO DE QUE VOCÊ deve ter muitas perguntas, — disse o Sr. George. — Vou respondê-las da melhor maneira que puder.

Fiquei contente por finalmente poder sentar. Estiquei as pernas à minha frente. A sala de documentos acabara sendo realmente confortável, mesmo que não tivesse janelas e estivesse profundamente encaixada numa adega abobadada. Um fogo queimava na lareira e havia estantes e armários de livros por toda parte, além de poltronas convidativas e o amplo sofá onde eu estava sentada agora. Quando entramos, alguém se levantou de uma cadeira na mesa, acenou para o Sr. George e saiu da sala sem dizer uma palavra.

— Esse homem é mudo? — perguntei. Foi a primeira coisa que me veio à

cabeça.

— Não, — disse o Sr. George. — Mas ele fez um voto de silêncio. Ele não vai falar pelas próximas quatro semanas.

— Para que serve isso?

— É um ritual. Os adeptos têm que passar por uma série de testes antes de serem aceitos no nosso Círculo Externo. É especialmente importante para eles provar que são discretos. — O Sr. George sorriu. — Você deve nos achar realmente estranhos. Aqui, pegue esta lanterna e pendure-a no seu pescoço.

— O que vai acontecer comigo agora?

— Estamos esperando pela sua próxima viagem no tempo.

— Quando será isso?

— Ah, ninguém pode dizer exatamente. Dizem que sua ancestral distante, Elaine Burghley, a segunda do Círculo dos Doze a nascer, viajou apenas cinco vezes em toda a sua vida. Mas então ela morreu no parto aos dezoito anos. O conde costumava viajar a cada poucas horas quando era jovem, de duas a sete vezes por dia. Você pode imaginar que vida perigosa ele levou até finalmente entender como usar o cronógrafo. — O Sr. George apontou para a pintura a óleo sobre a lareira. — É ele, aliás. Conde Saint-Germain.

— Sete vezes por dia! — Isso seria terrível. Eu nunca teria uma noite de sono adequada ou seria capaz de ir para a escola.

— Não se preocupe. Quando acontecer, você vai pousar nesta sala - em que período não sabemos - e você estará segura aqui de qualquer maneira. Então, é só esperar até viajar de volta. Você não deve sair da sala. Se por acaso encontrar alguém, mostre este anel. — O Sr. George tirou o anel sinete do dedo e me entregou. Eu o virei na minha mão e olhei para a gravação. Era uma estrela de doze pontas com letras entrelaçadas no meio. Minha amiga inteligente, Lesley, estava certa novamente.

— Nosso professor de inglês e história, o Sr. Whitman, também tem um desses.

— Isso é uma pergunta? — O fogo na lareira refletia na cabeça calva do Sr. George. Era meio aconchegante.

Balancei a cabeça. Não precisava de uma resposta. Era óbvio: o Sr. Whitman era uma dessas pessoas.

— Não há mais nada que você queira saber?

— Sim, quero saber quem é Paul e o que aconteceu com Lucy. E qual foi o roubo que cometeram. E o que minha mãe fez naquela época para deixar todo mundo tão irritado com ela. — Tudo isso saiu de mim de uma vez.

— Ah. — O Sr. George coçou a cabeça, parecendo constrangido. — Receio que não posso te contar isso.

— Imaginei, — suspirei.

— Gwyneth. Se você realmente é o nosso Número Doze, então explicaremos tudo em detalhes, eu prometo. Mas primeiro precisamos ter certeza. No entanto, ficarei feliz em responder outras perguntas.

Sentei em silêncio.

O Sr. George suspirou. — Ah, muito bem. Paul é o irmão mais novo de Falk de Villiers. Ele era o Número Nove no Círculo dos Doze, o último da linha de de Villiers a viajar no tempo antes de Gideon. Isso é tudo que posso te dizer por

enquanto. Se você tiver alguma coisa para perguntar de natureza menos inflamatória...

— Há um banheiro aqui embaixo?

— Ah. Sim, claro, logo ali na esquina. Vou te mostrar o caminho.

— Posso encontrar por conta própria.

— Claro, — respondeu o Sr. George, mas ele me seguiu até a porta como uma pequena sombra rechonchuda de qualquer maneira. Lá, como um soldado de guarda em frente ao Palácio de Buckingham, estava o homem que havia feito o voto de silêncio.

— A próxima porta ao longo. — Mr. George apontou para a esquerda. — Eu espero aqui.

No banheiro feminino — um lugar pequeno cheirando a desinfetante com um vaso sanitário e uma pia — tirei meu celular do bolso. Sem recepção, é claro. Eu adoraria contar tudo isso para a Lesley. Pelo menos o visor da hora estava funcionando, e fiquei surpresa ao ver que eram apenas meio-dia. Parecia que eu estava aqui há dias. Eu realmente precisava do banheiro.

Quando saí novamente, o Sr. George sorriu para mim aliviado. Ele obviamente estava com medo de que eu pudesse ter desaparecido enquanto estava lá dentro.

Na sala de documentos, sentei no sofá novamente, e o Sr. George sentou em frente a mim numa poltrona.

— Bem, vamos continuar com nosso jogo de perguntas e respostas, — ele disse. — Mas desta vez alternadamente. Eu faço uma pergunta, você faz a próxima.

— Ok, — eu disse. — Você primeiro.

— Você está com sede?

— Sim, gostaria de água, se houver. Ou chá.

Certamente, havia água aqui embaixo, e suco de frutas e vinho, além de uma chaleira para chá. O Sr. George fez uma jarra de Earl Grey para nós.

— Agora é sua vez, — ele disse, sentando-se novamente.

— Se esse negócio de viagem no tempo depende de um gene, por que a data de nascimento de uma pessoa é tão importante? Por que eles não tiraram um pouco de sangue de Charlotte há muito tempo e testaram para o gene? E por que o cronógrafo não pode enviá-la de volta para algum momento seguro no passado antes dela viajar por conta própria e talvez correr perigo?

— Bem, primeiro, nós só *achamos* que depende de um gene - nós não sabemos com certeza. Tudo que temos certeza é que é algo no sangue que torna os portadores diferentes das pessoas normais. Mas não encontramos o Fator X - como chamamos o gene de viagem no tempo - embora tenhamos trabalhado em pesquisa por muitos anos, e você encontrará muitos dos melhores cientistas do mundo em nossas fileiras. Acredite, seria muito mais fácil se pudéssemos provar a existência do gene ou o que quer que seja no sangue. Como está, temos que confiar em cálculos e observações feitas por gerações de pessoas antes de nós.

— Se o cronógrafo tivesse sido abastecido com o sangue de Charlotte, o que teria acontecido?

— No pior caso, ele não teria funcionado mais, — disse o Sr. George. — Mas, Gwyneth, estamos falando de uma pequena gota de sangue - não é como

encher um carro! Agora é minha vez. Se você pudesse escolher um momento, quando gostaria mais de viajar de volta?

Pensei sobre isso. — Não muito longe. Apenas dez anos. Então eu poderia ver meu pai novamente e conversar com ele.

O Sr. George me olhou com simpatia. — Um desejo muito compreensível, mas tenho medo de que não funcione. Você não pode viajar de volta dentro da sua própria vida. O mais próximo que você pode chegar disso é o momento justo antes do seu nascimento.

— Ah. — Isso era uma pena. Eu tinha imaginado voltar para quando estava na pré-escola e um garoto chamado Gregory Forbes me chamou de sapo feio no pátio da escola e chutou minha canela quatro vezes. Eu teria entrado como Supermulher, e Gregory Forbes nunca mais teria chutado meninas pequenas de novo, com certeza.

— Sua vez novamente, — disse o Sr. George.

— Eu deveria desenhar um círculo de giz no lugar onde a Charlotte desapareceu. Qual seria o ponto disso?

O Sr. George dispensou a pergunta com um gesto. — Esqueça toda essa bobagem. Sua tia Glenda insistiu nisso para que pudéssemos ter o local guardado. Então teríamos enviado o Gideon de volta ao passado para descrever a posição, para que os Guardiões estivessem esperando pela Charlotte e pudessem protegê-la até que ela viajasse de volta.

— Sim, mas você não poderia saber a que hora ela teria voltado. Então os Guardiões poderiam estar vigiando aquele lugar o tempo todo, por anos a fio.

— Certo, — suspirou o Sr. George. — Exatamente! Agora é minha vez novamente. Você se lembra do seu avô?

— Claro. Eu tinha dez anos quando ele morreu. Ele não era nada parecido com a Lady Arista - ele era engraçado e longe de ser rígido. Ele sempre costumava contar histórias de terror para mim e meu irmão. Você o conheceu pessoalmente?

— Ah, sim. Ele foi meu mentor e meu melhor amigo. — O Sr. George olhou pensativamente para o fogo por um tempo.

— Quem era o menininho? — eu perguntei.

— Que menininho?

— Aquele menininho agora que estava se agarrando ao casaco do Dr. White.

— O quê? — O Sr. George virou do fogo e olhou para mim, perplexo.

Ah, sério! Eu dificilmente poderia ter sido mais explícita. — Aquele menininho loiro, de uns sete anos. Ele estava ao lado do Dr. White, — eu disse, falando deliberadamente devagar.

— Mas não havia nenhum menininho lá, — disse o Sr. George. — Você está brincando comigo?

— Não, — eu disse. De repente, eu soube o que eu tinha visto, e fiquei chateada comigo mesma por não ter percebido imediatamente.

— Um menininho loiro de cerca de sete anos, você diz?

— Não foi nada. — Fingi ter um interesse ardente nos livros na prateleira atrás de mim.

O Sr. George não disse mais nada sobre isso, mas eu podia sentir o olhar inquisitivo dele sobre mim.

— Minha vez novamente, — ele disse finalmente.

— Este é um jogo bobo. Não poderíamos jogar xadrez em vez disso? — Havia um jogo de xadrez na mesa. Mas o Sr. George não ia se deixar dissuadir.

— Você às vezes vê coisas que outras pessoas não veem?

— Meninhos não são *coisas*, — eu disse, — mas sim, às vezes vejo coisas que outras pessoas não veem. — Nem eu sabia por que eu lhe disse isso.

Por algum motivo, ele pareceu satisfeito com minha admissão. — Notável, realmente notável. Há quanto tempo você tem esse dom?

— Sempre.

— Fascinante. — O Sr. George olhou ao redor. — Por favor, me diga quem mais está sentado aqui, nos ouvindo.

— Estamos sozinhos. — Eu não pude deixar de rir um pouco da expressão decepcionada do Sr. George.

— Ah, querida, eu poderia jurar que este prédio estava cheio de fantasmas. Esta sala em particular. — Ele deu um gole no chá em sua xícara. — Você gostaria de alguns bolinhos Jaffa?

— Isso soa ótimo. — E então — eu não sabia se era porque ele mencionou comida — de repente, tive aquela sensação de enjoo no estômago novamente. Eu prendi a respiração.

O Sr. George se levantou e procurou em um armário. A sensação de tontura estava ficando mais forte. O Sr. George ia se surpreender quando se virasse para ver que eu simplesmente tinha desaparecido. Talvez eu devesse dar a ele um aviso prévio. Para tudo que eu sabia, ele tinha um coração fraco.

— Sr. George?

— E é sua vez novamente, Gwyneth. — Ele estava arrumando os biscoitos cuidadosamente em um prato, quase como o Sr. Bernard fazia. — E acho que sei a resposta para sua próxima pergunta.

Eu prestei atenção ao que estava acontecendo dentro de mim. A tontura estava diminuindo um pouco.

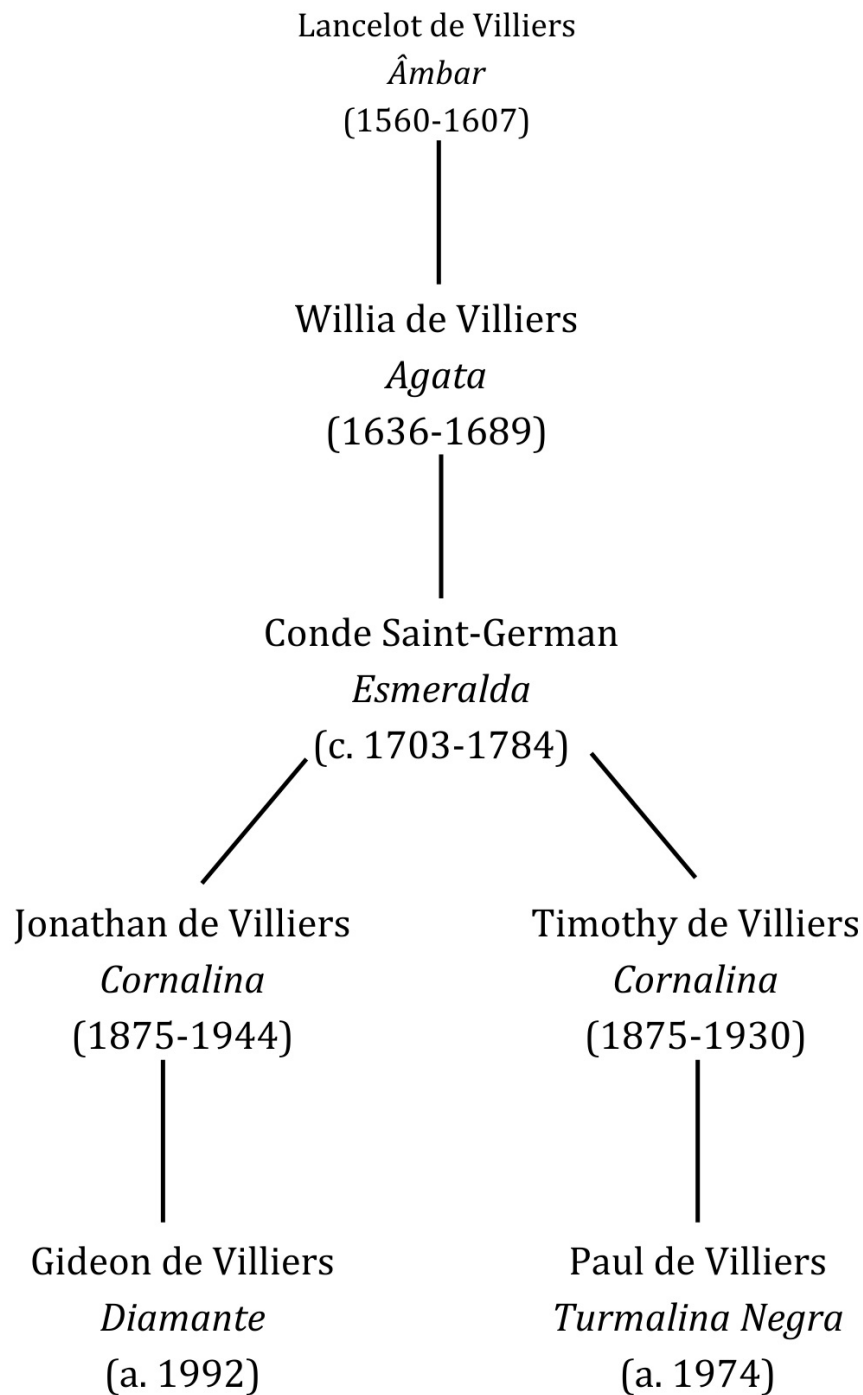
Ok, falso alarme.

— Certo, então suponha que eu viaje para uma época em que este prédio ainda não existia. Eu pousaria debaixo da terra e sufocaria?

— Ah, pensei que você fosse perguntar sobre o menininho loiro. Muito bem. De acordo com nosso estado atual de conhecimento, ninguém nunca viajou mais de quinhentos anos para o passado. E no cronógrafo podemos definir a data da viagem no tempo para o Rubi, ou seja, você, apenas até o ano de 1560 d.C., o ano em que o primeiro viajante no tempo do Círculo, Lancelot de Villiers, nasceu. Nós frequentemente lamentamos essas restrições. Se perde tantos anos muito interessantes... Aqui, pegue um biscoito. Estes são meus favoritos.

Estendi a mão para o prato, embora ele de repente estivesse ficando todo embaçado diante dos meus olhos e eu sentisse como se alguém fosse puxar o sofá debaixo de mim.

Linha masculina de descendentes



OITO

CAÍ SENTADA NO FRIO PISO de pedra, com um bolo Jaffa na mão. Havia uma escuridão absoluta ao meu redor, mais escura que piche. Eu deveria ter me sentido paralisada de medo, mas estranhamente, não estava assustada de forma alguma. Talvez fosse por causa dos comentários tranquilizadores do Sr. George, ou talvez porque, naquele ponto, eu estava apenas me acostumando com aquilo. Coloquei o bolo na boca (estava delicioso!) e então tateei pela lanterna pendurada em meu pescoço e puxei o cordão sobre minha cabeça.

Levou alguns segundos até eu encontrar o interruptor. Então, na luz da lanterna, vi as estantes de livros e reconheci a lareira (fria e sem fogo, infelizmente). O quadro de óleo sobre ela era o mesmo que eu já tinha visto, o retrato do viajante no tempo com sua peruca branca enrolada, o Conde Alguma Coisa. Tudo o que o lugar realmente precisava era de algumas poltronas e mesinhas e, é claro, o sofá confortável onde eu estava sentada agora mesmo.

O Sr. George tinha dito que eu simplesmente deveria esperar até viajar de volta. E eu poderia ter feito isso se o sofá ainda estivesse aqui. Mas não custaria nada dar uma olhada fora da porta.

Caminhei cautelosamente até lá. A porta estava trancada. Bem, pelo menos eu não precisava mais do banheiro.

Vasculhei o quarto com a luz da lanterna. Talvez eu encontrasse algo para me dizer em que ano eu tinha pousado. Poderia haver um calendário na parede ou sobre a mesa.

A mesa estava coberta com papéis enrolados, livros, cartas abertas e caixinhas. A luz da minha lanterna caiu sobre um tinteiro e algumas penas. Peguei uma folha de papel. Tinha uma textura áspera e pesada, e a caligrafia estava cheia de ornamentos tão elaborados que era difícil de decifrar.

— *Meu caro e muito respeitado Doutor, — dizia. — Sua carta me alcançou hoje, após uma viagem de meras nove semanas. Considerando o quanto sua cativante descrição da situação atual nas colônias viajou, pode-se apenas maravilhar com tamanha rapidez.*

Isso me fez sorrir. Nove semanas para uma carta chegar! Ok, então parecia que eu estava em uma época em que as cartas ainda eram entregues por pombo-correio. Ou talvez correio de caracol — usando caracóis de verdade.

Sentei na cadeira na mesa e li algumas outras cartas. Coisas bastante entediantes, e os nomes também não significavam nada para mim. Depois, investiguei as caixinhas. A primeira que abri estava cheia de selos com designs elaborados, para selar cartas. Procurei por uma estrela de doze pontas, mas só havia coroas, letras entrelaçadas e padrões orgânicos. Muito bonitos. E encontrei bastões de cera de selagem em todas as cores, até mesmo ouro e prata.

A próxima caixinha estava trancada. Talvez houvesse uma chave em uma das gavetas da mesa. Eu estava começando a gostar da minha caça ao tesouro. Se eu gostasse do que encontrasse na caixa, eu a levaria de volta comigo. Como um tipo de teste. O biscoito tinha viajado sem problemas. Eu traria para Lesley uma

pequena lembrança. Certamente isso era permitido, já que a caixa não era nem humana nem animal.

Encontrei mais penas e garrafas de tinta nas gavetas da mesa. Cartas, cuidadosamente dobradas e amarradas, cadernos encadernados, uma espécie de adaga, uma pequena faca em forma de crescente — e chaves.

Muitas e muitas chaves, de todos os formatos e tamanhos. Lesley teria adorado isso. Provavelmente havia uma fechadura neste quarto para cada uma dessas chaves, e um pequeno segredo por trás da fechadura. Ou um tesouro.

Experimentei algumas das chaves que pareciam pequenas o suficiente para a fechadura da caixinha, mas não encontrei a certa. Que pena. Provavelmente havia joias valiosas dentro dela. Talvez eu devesse apenas pegar toda a caixa. Mas era uma forma bastante desajeitada para isso, e muito grande para caber perfeitamente no bolso interno do meu casaco.

Havia um cachimbo na próxima caixa. Um bonito, elaboradamente esculpido, provavelmente feito de marfim, mas isso também não era certo para Lesley. Talvez eu devesse levar para ela um dos selos? Ou a adaga bonita? Ou um livro?

Claro que eu sabia que não deveria roubar, mas esta era uma situação excepcional, e eu achava que tinha o direito a alguma compensação. Além disso, eu precisava ver se podia levar objetos do passado de volta para o presente comigo. Eu não sentia nenhuma culpa, o que me surpreendia, já que geralmente desaprovava quando Lesley pegava mais de uma das amostras grátis no departamento de guloseimas da Harrods ou — como outro dia — colhia uma flor no parque.

Eu não conseguia decidir. A adaga parecia ser provavelmente a coisa mais valiosa. Se as pedras no cabo fossem reais, então devia valer uma fortuna. Mas o que Lesley faria com uma adaga? Eu tinha certeza de que ela preferiria um selo. Mas qual? A decisão foi tirada das minhas mãos, pois a sensação de tontura voltou. Quando a mesa começou a ficar embaçada diante dos meus olhos, agarrei a primeira coisa que estava ao meu alcance.

Aterrissai suavemente nos meus pés. Uma luz brilhante me cegou. Rapidamente, coloquei a chave que havia pego no último minuto no meu bolso junto com o meu celular, e olhei ao redor do quarto. Era como antes, quando eu estava tomando chá com o Sr. George, e o fogo crepitante na lareira tornava o ambiente agradável e quente.

Mas o Sr. George não estava mais sozinho. Ele estava no meio da sala com Falk de Villiers e o rabugento Dr. White (junto com o pequeno garoto loiro fantasma), e estavam conversando baixinho. Gideon de Villiers estava recostado casualmente em uma das estantes de livros. Ele foi a primeira pessoa a me notar.

— Oi, Winnie, — ele disse.

— Gwyneth, — respondi. Certamente não era tão difícil de lembrar? Eu não o chamava de Gilbert ou algo assim.

Os outros três homens se viraram e me encararam, o Dr. White com os olhos estreitados desconfiadamente, o Sr. George obviamente encantado.

— Isso levou quase quinze minutos, — ele disse. — Como foi, Gwyneth? Você está se sentindo bem?

Eu assenti.

— Alguém te viu?

— Não tinha ninguém lá. Eu não me movi do lugar, como você disse. — Entreguei ao Sr. George a lanterna e seu anel de sinete. — Onde está minha mãe?

— Lá em cima com os outros, — disse o Sr. de Villiers brevemente.

— Quero falar com ela.

— Não se preocupe, você pode. Mais tarde, — disse o Sr. George. — Primeiro... ah, eu realmente não sei por onde começar. — Mas ele estava sorrindo por todo o rosto. O que ele estava tão contente?

— Você já conheceu meu sobrinho Gideon, — disse o Sr. de Villiers. — Ele passou pelas experiências que você está tendo agora dois anos atrás. Embora estivesse mais preparado do que você. Vai ser difícil recuperar todo o terreno perdido nesses últimos anos.

— Difícil? Eu chamaria de impossível, — disse o Dr. White.

— De qualquer forma, não há necessidade, — disse Gideon. — Eu consigo fazer tudo muito melhor sozinho.

— Veremos, — disse o Sr. de Villiers.

— Acho que você está subestimando a garota, — disse o Sr. George. Então ele disse, com um tom de voz solene e quase untuoso, — Gwyneth Shepherd, você agora faz parte de um mistério antigo. E já passou da hora de você saber mais sobre esse mistério. Em primeiro lugar, você deve saber que...

— Não devemos ir tão rápido, — interrompeu-o o Dr. White. — Ela pode ter o gene, mas isso não significa que possa ser confiável.

— Ou que tenha alguma ideia do que tudo isso significa, — acrescentou Gideon.

Ele obviamente achava que eu era burra.

Idiota esnobe.

— Quem sabe que instruções sua mãe deu a ela? — disse o Dr. White. — E quem sabe quem, por sua vez, deu essas instruções a sua mãe? Só temos o único cronógrafo. Não podemos nos dar ao luxo de mais um erro grave. Só estou sugerindo que você tenha isso em mente.

O Sr. George parecia como se tivesse levado um tapa na cara. — É possível complicar as coisas desnecessariamente, — murmurou.

— Vou levá-la para o meu consultório agora, — disse o Dr. White. — Sem ofensas, Thomas, mas haverá tempo para explicações depois.

Senti um arrepio gelado percorrer minha espinha ao ouvir suas palavras. Entrar em uma sala sozinha com o Dr. Frankenstein era a última coisa que eu queria. — Gostaria de ver minha mãe, — eu disse, arriscando que os outros pudessem pensar que eu soava como uma criança pequena.

Gideon clicou a língua com desdém.

— Não há nada com que se preocupar, Gwyneth, — garantiu o Sr. George. — Só precisamos de um pouco do seu sangue, e o Dr. White também será responsável pelas suas imunizações e saúde geral. Receio que existam todos os tipos de infecções perigosas no passado, coisas que o organismo humano nunca encontra nos dias de hoje. Tudo acabará em breve.

Será que ele tinha ideia de como aquilo soava horrível? *Só precisamos de um pouco do seu sangue, e tudo acabará em breve.*

— Mas eu... eu não quero ficar sozinha com o Dr. Franken... Dr. White, — eu disse. Não me importava se o homem pensasse que eu estava sendo rude ou não. Ele não tinha modos. Quanto a Gideon - ele poderia pensar o que quisesse sobre mim!

— O Dr. White não é tão... tão insensível quanto pode parecer para você, — disse o Sr. George. — Você realmente não precisa...

—Ah, sim, ela precisa! — rosnou o Dr. White.

Eu estava começando a perder a paciência. Quem esse cara pomposo pensava que era? Por que ele não ia comprar um terno em uma cor legal em vez de me atormentar?

— Mas eu... o que você vai fazer se eu recusar? — eu sibilei, percebendo ao mesmo tempo que seus olhos estavam vermelhos e inflamados por trás daqueles óculos com aro preto.

Para meu alívio, antes que o Dr. White pudesse pensar no que faria comigo se eu recusasse (e minha imaginação estava inventando algumas ideias pouco apetitosas à velocidade da luz), o Sr. de Villiers nos interrompeu. — Vou pedir à Sra. Jenkins para ir com você, — ele disse. — E o Sr. George ficará com você até ela chegar.

Lancei ao médico um olhar triunfante, daqueles que é como mostrar a língua, mas ele me ignorou.

— Nos encontraremos no Salão do Dragão daqui a meia hora, — prosseguiu o Sr. de Villiers.

Eu não queria, mas, quando estava saindo, voltei uma vez, rapidamente, para ver se meu triunfo sobre o Dr. White havia impressionado Gideon. Obviamente não, porque ele estava olhando para minhas pernas. Provavelmente as comparando com as de Charlotte.

As dela eram mais longas e finas, droga! E com certeza ela não tinha arranhões por toda a panturrilha de tanto se aventurar na noite passada entre um monte de velharias e um crocodilo empalhado.

* * *

O CONSULTÓRIO DO DR. WHITE parecia com qualquer outro consultório médico. E quando ele vestiu um jaleco branco sobre seu terno e lavou as mãos minuciosamente por um longo tempo, o Dr. White parecia com qualquer outro médico que eu já tinha visto. A única coisa um pouco incomum era o pequeno fantasma de cabelos claros ao lado dele.

— Tire o casaco, arregace as mangas, — disse Dr. White.

O Sr. George traduziu para ele. — Você poderia ser gentil o suficiente para tirar o seu casaco e arregaçar as mangas?

O pequeno fantasma estava assistindo, interessado. Quando sorri para ele, ele rapidamente se escondeu atrás do Dr. White, apenas para espiar novamente um segundo depois. — Por acaso você consegue me ver? — ele perguntou.

Eu assenti.

— Não olhe, — resmungou Dr. White, enquanto amarrava uma bandagem em um dos meus braços.

— Eu não me importo com a visão de sangue, — eu disse. — Mesmo

quando é o meu próprio.

— Os outros não podem me ver, — disse o pequeno fantasma.

— Eu sei, — eu disse. — Meu nome é Gwyneth. Qual é o seu?

— Dr. White para você, — disse Dr. White.

— Eu sou Robert, — disse o fantasma.

— É um nome muito bonito, — eu disse.

— Obrigado, — disse Dr. White. — Eu vou retribuir o elogio dizendo que você tem veias muito boas. — Eu mal senti a agulha me picar. Dr. White preencheu cuidadosamente um pequeno tubo com o meu sangue. Então ele trocou o tubo cheio por um vazio e o preencheu também.

— Ela não está falando com você, Jake, — disse o Sr. George.

— Ela não está? Com quem ela está falando, então?

— Robert, — eu disse.

A cabeça do Dr. White se ergueu. Ele me olhou diretamente pela primeira vez. — O que você disse?

— Ah, deixa pra lá, — eu disse.

Dr. White murmurou algo para si mesmo que não consegui entender. O Sr. George me deu um sorriso conspiratório.

Houve uma batida na porta, e a Sra. Jenkins, a secretária com os grandes óculos, entrou.

— Ah, finalmente você chegou, — disse o Dr. White. — Você pode sair agora, Thomas, e a Sra. Jenkins cuidará das formalidades. Você pode sentar ali, — ele disse a ela. — Mas mantenha a boca fechada.

— Encantador como sempre, — disse a Sra. Jenkins, mas obedientemente sentou na cadeira que ele indicou.

— Até logo, — disse o Sr. George para mim. Ele levantou um dos pequenos tubos com o meu sangue dentro. — Vou apenas colocar isso no tanque, — ele acrescentou com um sorriso.

— Onde está o cronógrafo? E como ele é? — eu perguntei enquanto a porta se fechava atrás do Sr. George. — Você pode sentar nele?

— A última pessoa que me fez perguntas sobre o cronógrafo o roubou quase dois anos depois, — disse o Dr. White, retirando a agulha do meu braço e pressionando um pedaço de gaze na minha pele para parar o sangramento. — Então tenho certeza de que você entenderá que estou relutante em responder a tais perguntas.

— O cronógrafo foi roubado?

Robert, o pequeno fantasma, assentiu vigorosamente.

— Pela sua adorável prima Lucy, — disse o Dr. White. — Lembro da primeira vez que ela se sentou aqui. Aparentemente tão inocente e ingênua quanto você parece agora.

— Lucy é legal, — disse Robert. — Eu gosto dela. — Sendo um fantasma, ele provavelmente sentia como se tivesse visto Lucy apenas ontem.

— Lucy roubou o cronógrafo? Mas por quê?

— Como eu saberia? Provavelmente distúrbio de personalidade esquizoide, — rosnou o Dr. White. — Obviamente, isso é hereditário. Mulheres histéricas, todas essas mulheres Montrose. E Lucy tinha muito espírito criminoso.

— Dr. White! — disse a Sra. Jenkins. — Isso não é verdade!

— Eu não disse para você manter a boca fechada? — disse o Dr. White.

— Mas se Lucy roubou o cronógrafo, como ele ainda pode estar aqui? — eu perguntei.

— Como, de fato? — Dr. White desfez a tira em torno do meu braço. — Há um segundo, é claro, você é uma criança esperta. Quando foi a sua última vacina contra o tétano?

— Sem ideia. Então há vários cronógrafos?

— Não, apenas esses dois, — disse o Dr. White. — Obviamente, você não foi vacinada contra a varíola. — Ele deu um tapinha em meu braço enquanto o examinava. — Alguma doença crônica? Alergias?

— Não. Eu também não fui inoculada contra a peste. Ou cólera. Ou varíola. — Eu pensei em James. — É possível inocular pessoas contra a varíola? Tenho a ideia de que um amigo meu morreu disso.

— Duvido muito, — disse o Dr. White. — Varíola é apenas outro nome para varíola maior, e ninguém morre disso há muito tempo.

— Bem, meu amigo está morto há muito tempo.

— Eu pensei que varíola era outro nome para sarampo, — disse a Sra. Jenkins.

— E eu pensei que tínhamos concordado que você manteria a boca fechada, Sra. Jenkins.

A Sra. Jenkins não disse mais nada.

— Por que você é tão antipático com todos? — perguntei. — Ai!

— Isso foi apenas um pequeno beliscão, — disse o Dr. White.

— Então, para que foi?

— Acredite em mim, você realmente não quer saber.

Eu suspirei. O pequeno fantasma chamado Robert também suspirou. — Ele é sempre assim? — perguntei a ele.

— Na maioria das vezes, — respondeu Robert.

— Ele não quer dizer isso de verdade, — disse a Sra. Jenkins.

— Sra. Jenkins!

— Ah, tudo bem.

— Bem, terminei com você por enquanto. Da próxima vez, terei o seu grupo sanguíneo, e talvez a sua encantadora mãe seja tão boa a ponto de trazer o seu registro de inoculação e qualquer registro de doenças.

— Nunca estive doente. Estou inoculada contra a peste agora?

— Não. Não vale muito a pena. A vacina só dura seis meses, e os efeitos colaterais são desagradáveis. E se depender de mim, você nunca viajará para um ano de peste mesmo. Você pode vestir suas coisas de volta, e a Sra. Jenkins vai te levar de volta aos outros.

A Sra. Jenkins se levantou da cadeira. — Vamos, Gwyneth. Tenho certeza de que você está com fome, e o jantar logo estará pronto. A Sra. Mallory colocou vitela assada com aspargos no cardápio hoje, delicioso.

Eu certamente estava com fome. Até mesmo para vitela assada com aspargos, e eu normalmente não era fã de comer bezerros.

— O doutor tem um coração bondoso, de verdade, sabe, — disse a Sra. Jenkins enquanto subíamos. — Ele só acha um pouco difícil ser amigável.

— Pois eu notei.

— Ele costumava ser bem diferente. Alegre, sempre de bom humor. Ele usava aqueles terríveis ternos pretos, mesmo naquela época, mas pelo menos com gravatas coloridas. Isso foi antes de seu filho morrer — que tragédia. Ele tem sido um homem diferente desde então.

— Robert.

— Sim, o menininho se chamava Robert, — disse a Sra. Jenkins. — O Sr. George tem te contado sobre ele?

— Não.

— Uma criança querida. Ele se afogou em uma piscina em uma festa de aniversário. Imagine só. — A Sra. Jenkins contou os anos nos dedos enquanto caminhávamos. — Isso foi dezoito anos atrás. Coitado do Dr. White.

Coitado do Robert. Mas pelo menos ele não parecia um corpo afogado. Alguns fantasmas achavam divertido andar por aí parecendo como estavam quando morreram. Felizmente, eu ainda não tinha conhecido nenhum com um machado na cabeça. Ou sem cabeça mesmo.

A Sra. Jenkins bateu em uma porta. — Vamos apenas dar uma olhada e dizer olá à Madame Rossini. Ela vai querer te medir.

— Me medir? Para quê? — Mas o quarto para o qual a Sra. Jenkins me deixou deu a resposta. Era uma sala de costura, e no meio dos tecidos, roupas, máquinas de costura, manequins de alfaiate, tesouras e rolos de linha, uma senhora rechonchuda com muito cabelo areia estava sorrindo para mim.

— Oui, — ela disse. Tinha um leve sotaque francês. — Você deve ser Gwyneth. Eu sou a Madame Rossini, e cuido do seu guarda-roupa. — Ela levantou uma fita métrica. — Não podemos deixar você viajar no tempo com esse uniforme escolar horrível, *n'est-ce pas*?

Eu assenti. Meu uniforme escolar realmente era horrível, hoje ou qualquer outro dia.

— Provavelmente haveria um tumulto se você saísse na rua assim, — ela acrescentou, torcendo as mãos, fita métrica e tudo, ao vê-lo.

— Eu tenho que ir logo. Eles estão nos esperando lá em cima, — disse a Sra. Jenkins.

— Eu serei rápida. Você pode tirar aquele casaco, por favor? — Madame Rossini colocou a fita métrica ao redor da minha cintura. — Maravilhoso. Agora os quadris. Ah, como uma potrinha! Acho que podemos usar a maior parte do que fiz para a outra, com talvez algumas pequenas alterações aqui e ali.

Pelo “a outra” ela deve estar se referindo a Charlotte. Olhei para um vestido amarelo pálido com acabamento de renda branca pendurado em um cabide e parecendo um dos figurinos de *Orgulho e Preconceito*. Charlotte ficaria adorável nele.

— Charlotte é mais alta que eu, — eu disse. — E mais magra.

— Sim, um pouco, — disse Madame Rossini. — Como um cabide. — Eu não pude deixar de rir. — Mas isso não é problema. — Ela também mediu meu pescoço e minha cabeça. — Para os chapéus e as perucas, — ela disse, sorrindo para mim. — Ah, que bom fazer vestidos para uma morena desta vez. Você deve escolher cores com cuidado para ruivas. Eu tenho este lindo tafetá há anos, uma cor como o pôr do sol. Você poderia ser a primeira que essa cor combina...

— Madame Rossini, por favor! — Sra. Jenkins apontou para o relógio.

— *Mas oui*, quase terminado! — disse Madame Rossini, apressando ao meu redor com a fita métrica e até medindo meus tornozelos. — Homens, sempre tão apressados! Mas com moda você não pode ter pressa. — Finalmente ela me deu um tapinha amigável e disse, — Nós nos encontraremos novamente em breve, minha pequena beleza de pescoço de cisne!

Ela mesma não tinha pescoço algum, eu notei. Sua cabeça parecia estar diretamente sobre os ombros. Mas ela era realmente simpática.

— Até logo, Madame Rossini.

Assim que saímos do quarto novamente, Sra. Jenkins andou mais rápido, e eu achei bastante difícil acompanhá-la, mesmo que ela estivesse usando saltos altos e eu tivesse meus confortáveis sapatos escolares azul escuro.

— Estamos quase lá. — Mais outro longo corredor estava à nossa frente. Era um mistério para mim como alguém poderia encontrar seu caminho por esse labirinto. — Você mora aqui?

— Não, moro em Islington, — disse Mrs. Jenkins. — Saio do trabalho às cinco e volto para casa para meu marido.

— O que seu marido pensa sobre você trabalhar para uma guarda secreta com uma máquina do tempo em seu porão?

Mrs. Jenkins riu. — Ah, ele não tem ideia de nada disso. Eu tive que assinar uma cláusula de sigilo quando entrei no emprego. Não posso contar para meu marido ou qualquer outra pessoa o que acontece aqui.

— E se você contasse?

— Eu seria demitida, simples assim, — disse Sra. Jenkins, parecendo não gostar muito dessa ideia. — De qualquer forma, ninguém acreditaria em mim, — ela acrescentou alegremente. — Principalmente meu marido. Ele não tem imaginação alguma, coitado. Ele pensa que trabalho com arquivos chatos em um conjunto comum de escritórios de advocacia o dia todo - Ah, meu Deus! O arquivo que eu estava usando - eu o deixei onde estava. Dr. White vai me matar. — Ela parecia indecisa. — Você consegue encontrar o caminho sem mim daqui? É só alguns metros. Vire à esquerda na esquina, depois a segunda porta à direita.

— Vire à esquerda na esquina, segunda porta à direita. Sem problemas.

— Você é um amor. — Sra. Jenkins estava a caminho, em alta velocidade. Como ela conseguia fazer isso com aqueles saltos altos, eu não conseguia imaginar. Bem, agora eu poderia levar meu tempo nos últimos - poucos metros. - Finalmente, eu poderia olhar para as pinturas nas paredes adequadamente, bater em uma armadura (enferrujada) e passar meu dedo cuidadosamente ao redor de uma moldura de quadro (empoeirada). Ao virar a esquina, ouvi vozes.

— Espere, Charlotte...

Rapidamente, recuei de volta ao redor da esquina e me encostei na parede. Charlotte tinha saído do Salão do Dragão, com Gideon atrás dela. Eu tive apenas tempo para ver que ele estava segurando o braço dela. Eu esperava que eles não tivessem me notado.

— Isso é tão embaraçoso e humilhante, — disse Charlotte.

— Não, não é. Não é culpa sua. — Como a voz dele podia soar gentil e amigável!

Ele está apaixonado por ela, pensei, e por alguma razão boba, isso me fez sentir uma leve pontada. Eu me pressionei ainda mais contra a parede, embora

gostasse de ver o que os dois estavam fazendo. De mãos dadas?

Charlotte parecia inconsolável. — Sintomas fantasmas! Eu poderia me afundar no chão. Eu realmente achei que fosse acontecer a qualquer momento...

— É exatamente o que eu teria pensado se estivesse no seu lugar, — disse Gideon. — Sua tia deve ser louca por ter mantido segredo sobre tudo isso esses anos todos. E eu realmente sinto pena pela sua prima.

— Ah, você sente, é?

— Bem, pense nisso! Como diabos ela vai conseguir? Ela não tem a menor ideia... Como ela vai alcançar tudo o que você e eu temos aprendido nos últimos dez anos?

— Sim, coitada da Gwyneth, — disse Charlotte. De alguma forma, ela não parecia realmente sentir pena de mim. — Mas ela tem seus pontos fortes.

Ah. Bem, isso foi gentil da parte dela.

— Rindo com a amiga dela, mandando mensagens de texto, recitando a lista inteira de elenco de filmes - ela é realmente boa nesse tipo de coisa.

Não tão gentil afinal.

Eu olhei cautelosamente ao redor da esquina.

— Eu pensei tanto quando a vi pela primeira vez hoje, — disse Gideon. — Ei, eu realmente vou sentir sua falta.

Charlotte suspirou. — Nós nos divertimos, não é?

— Sim, mas pense em todas as novas oportunidades que se abrem para você, Charlotte! Eu invejo isso! Você está livre agora. Você pode fazer o que quiser.

— Eu nunca quis nada além disso!

— Isso foi porque você não tinha escolha, — disse Gideon. — Mas agora o mundo inteiro está à sua frente. Você pode estudar no exterior, pode fazer longas viagens, enquanto eu não posso ficar longe desse maldito... do cronógrafo por mais de um dia, e passo minhas noites na segurança do ano de 1953. Acredite em mim, eu trocaria de lugar com você felizmente!

A porta do Salão do Dragão se abriu novamente, e Lady Arista e Tia Glenda saíram para o corredor. Eu rapidamente recuei minha cabeça novamente.

— Elas vão se arrepender disso ainda, — Tia Glenda estava dizendo.

— Glenda, por favor! Somos uma família, afinal, — disse Lady Arista. — Devemos permanecer juntos.

— Você deveria dizer isso para Grace, — disse Tia Glenda. — Ela é quem nos meteu nessa confusão. Protegê-la! Ha! Ninguém em posse de seus sentidos acreditaria em uma palavra do que ela diz! Não depois de tudo o que aconteceu. Ainda assim, não é mais nosso problema. Vamos lá, Charlotte.

— Eu te acompanho até o carro, — disse Gideon.

Esperei até que o som de seus passos desaparecesse, e então me aventurei a sair do meu posto de escuta. Lady Arista ainda estava lá, esfregando a testa cansada com um dedo. De repente, ela parecia tão velha quanto as montanhas, não sua habitual pessoa. A postura rígida de professora de balé parecia tê-la abandonado, e até mesmo seus traços não estavam tão compostos quanto o habitual. Eu senti pena dela.

— Olá, — disse quietamente. — Você está bem?

Minha avó se endireitou imediatamente. Tudo sobre ela parecia voltar ao lugar e permanecer lá.

— Ah, aqui está você, — ela disse, me inspecionando. Seu olhar crítico foi para minha blusa. — Isso é uma marca de sujeira? Querida, você realmente precisa aprender a ter um pouco mais de orgulho na sua aparência.

Os intervalos entre os episódios de viagem no tempo diferem de um portador do gene para outro, a menos que sejam controlados pelo cronógrafo. Enquanto as observações do Conde Saint-Germain o levaram a concluir que portadoras do gene feminino viajam de volta consideravelmente menos frequentemente e por períodos mais curtos do que seus homólogos masculinos, nossa experiência até o momento não nos permite confirmar suas descobertas.

A duração dos episódios de viagem no tempo não controlados tem sido mostrada, desde as primeiras observações, a variar de oito minutos e doze segundos (a jornada de iniciação de Timothy de Villiers, 5 de maio de 1892), a duas horas e quatro minutos (Margaret Tilney, segunda jornada, 22 de março de 1894).

A janela de tempo fornecida pelo cronógrafo para viagens é de no mínimo trinta minutos e no máximo quatro horas.

Não se sabe se visitas não controladas a períodos dentro da própria vida de um portador do gene já ocorreram. Em seus escritos, o Conde Saint-Germain assume que isso é impossível por causa do continuum (veja Volume 3: Leis do Continuum).

Além disso, o cronógrafo não pode ser configurado para levar portadores do gene de volta a períodos dentro de suas próprias vidas.

DAS AS CRÔNICAS DOS GUARDIÃOS,
VOLUME 2: LEIS GERAIS DA VIAGEM NO TEMPOENRAL

NOVE

MINHA MÃE ME ABRAÇOU como se eu tivesse estado longe por anos. Tive que garantir a ela várias vezes que estava perfeitamente bem antes que ela finalmente parasse de perguntar.

— Você também está bem, mãe?

— Sim, querida, estou bem.

— Então todo mundo está bem — disse o Sr. de Villiers ironicamente. — Fico feliz que tenhamos esclarecido isso. — Ele se aproximou tanto de mim e da minha mãe que pude sentir o cheiro do seu perfume. (Um pouco picante e frutado com um toque de canela. Senti mais fome do que nunca.)

— Agora, o que vamos fazer com você, Grace? — Seus olhos lupinos estavam firmemente fixados em minha mãe.

— Eu disse a verdade.

— Sim, pelo menos no que diz respeito à identificação do gene de Gwyneth — disse o Sr. de Villiers. — Mas ainda precisamos descobrir por que a parteira que falsificou gentilmente a certidão de nascimento dela dezesseis anos atrás escolheu ir embora às pressas hoje, de todos os dias.

Minha mãe deu de ombros. — Eu não assumiria que cada pequena coincidência é tão importante, Falk.

— Também acho estranho que se seu bebê parecesse estar chegando dois meses antes, você escolheu tê-la em casa. Qualquer mulher sensata iria para o hospital no momento em que as dores começaram.

— Aconteceu rápido demais, — disse minha mãe, sem piscar. — Eu estava apenas feliz que a parteira pudesse vir imediatamente.

— Hm. Mesmo assim, você deveria ter ido para o hospital imediatamente após o nascimento para que o bebê fosse examinado.

— Nós fomos.

— Mas não até o dia seguinte — disse o Sr. de Villiers. — Os registros hospitalares dizem que eles examinaram bem a criança, mas sua mãe se recusou a ter um. Por que isso, Grace?

Minha mãe riu. — Acho que você me entenderia melhor se já tivesse tido um bebê. Eu estava bem, só queria ter certeza de que o bebê estava bem. O que *me* surpreende é como você conseguiu obter um relatório do hospital tão rapidamente. Eu pensei que esses detalhes fossem estritamente confidenciais.

— Você pode processar o hospital por violar a Lei de Proteção de Dados — disse o Sr. de Villiers. — Enquanto isso, continuaremos procurando pela parteira. Estou começando a sentir um interesse ardente em qualquer coisa que essa senhora possa ter para nos contar.

A porta se abriu, e o Sr. George e o Dr. White entraram, junto com a Sra. Jenkins, que carregava um monte de arquivos.

Gideon entrou na sala depois deles. Desta vez, aproveitei a oportunidade para olhar o resto dele, não apenas seu rosto bonito. Eu esperava ver algo que não gostasse nele, para não me sentir tão imperfeita em comparação.

Infelizmente, não consegui encontrar nada. Ele não tinha pernas arqueadas de jogar polo, nem braços longos de gorila, nem orelhas muito próximas dos lados da cabeça (o que Lesley afirmava ser um sinal de um homem mesquinho). Ele parecia irritantemente tranquilo apoiado na mesa, com os braços cruzados.

Que desperdício de boa aparência. Era uma pena!

— Tudo está pronto — disse o Sr. George, com os olhos brilhando para mim. — A máquina do tempo está pronta para começar.

Robert, o menino fantasma, acenou timidamente para mim. Eu acenei de volta.

— Bem, estamos todos presentes e certos, então — disse o Sr. de Villiers. — Quer dizer, tenho medo de que Glenda e Charlotte tenham tido que nos deixar. Elas enviam calorosos votos de boa sorte para todos.

— Aposto que enviam — disse o Dr. White.

— Coitada! Sintomas fantasmas por dois dias inteiros - não deve ter sido nada divertido para ela — disse o Sr. George, com uma expressão simpática em seu rosto redondo.

— E adicione uma mãe assim na barganha, — murmurou o Dr. White, folheando as pastas de arquivos que a Sra. Jenkins havia trazido consigo. — Que tempos difíceis a pobre criança teve.

— Sra. Jenkins, como está indo Madame Rossini com o guarda-roupa de Gwyneth?

— E la está apenas... espere, eu vou perguntar. — A Sra. Jenkins saiu apressada pela porta novamente.

O Sr. George esfregou as mãos, pronto para agir. — Então podemos começar!

— Mas você não a levará para perigo, certo? — disse Mamãe, se virando para o Sr. George. — Você a deixará fora deste negócio?

— Certamente a deixaremos fora disso, — disse Gideon.

— Faremos tudo o que pudermos para proteger Gwyneth, — garantiu o Sr. George a Mamãe.

— Não podemos deixá-la fora disso, Grace, — disse o Sr. de Villiers. — Ela faz parte *deste negócio*, como você disse. Você deveria ter percebido isso antes. Antes de começar este estúpido jogo de esconde-esconde.

— Com o resultado de que, graças a você, a garota está completamente despreparada e ignorante, — disse o Dr. White. — O que é claro tornará nossa missão ainda mais difícil. Mas imagino que isso era exatamente o que você queria.

— O que eu queria era manter Gwyneth fora de perigo, — disse Mamãe.

— Eu fui bastante longe sozinho, — disse Gideon. — Posso fazer isso sozinho.

— Isso é exatamente o que eu esperava, — disse Mamãe.

Posso fazer isso sozinho. Ugh! Mal consegui não rir. Poderia ter sido uma linha de um daqueles filmes de ação estúpidos em que um galã com uma expressão melancólica salva o mundo lutando, sozinho, contra uma tropa de 120 guerreiros ninja, uma frota de naves espaciais inimigas ou uma vila inteira de desesperados armados até os dentes.

— Veremos para que tipos de tarefas ela pode ser adequada, — disse o Sr. de

Villiers.

— Temos o sangue dela, — disse Gideon. — Isso é tudo o que precisamos dela. Ela pode vir aqui e elapsar todos os dias, pelo que me diz respeito, e então todos ficarão felizes.

O que foi que ele disse? *Elapsar*? Parecia uma daquelas palavras difíceis que o Sr. Whitman costumava nos confundir nas aulas de inglês. — *Em princípio, não é um esforço ruim em elapsar a crux, Gordon, mas tente elaborar um pouco mais na próxima vez, por favor.* — Ou teria sido *elapsar a crux*? Bem, de qualquer forma, nem Gordon, nem eu, nem mais ninguém na classe tinha ouvido falar. Exceto, é claro, Charlotte.

O Sr. George viu o quão confusa eu estava parecendo. — Por *elapsar*, queremos dizer acionar deliberadamente sua cota de viagem no tempo, definindo o cronógrafo para levá-la de volta ao passado por algumas horas. Isso evita viagens não controladas. — Ele se virou para os outros. — Tenho certeza de que depois de um tempo Gwyneth nos surpreenderá a todos com seu potencial. Ela é...

— Ela é uma *criança*! — Gideon o interrompeu. — Ela não tem ideia sobre nada.

Eu corri de vergonha. Que ousadia ele tinha! E o jeito desdenhoso que ele olhava para mim! *Aquele* jogador de polo estúpido e convencido!

— Isso não é verdade, — eu disse. Eu não era uma criança! Eu tinha dezesseis anos e meio. Exatamente a mesma idade que Charlotte. Na minha idade, Maria Antonieta já estava casada há anos. (Então, eu não sabia disso pelas aulas de história, mas eu sabia pelo filme com Kirsten Dunst.) E Joana d'Arc tinha apenas quinze anos quando...

— Ah, não? — A voz de Gideon estava pesadamente sarcástica. — Então o que, por exemplo, você sabe sobre história?

—O suficiente! — eu disse. Eu não tinha acabado de tirar um A em um teste de história?

— Mesmo? Quem assumiu o trono depois de George I?

Eu não tinha a menor ideia. — George II? — eu disse, adivinhando.

Aha! Ele pareceu decepcionado. Parecia que eu tinha adivinhado certo.

— E qual casa real substituiu os Stuarts em 1702 e por quê?

Droga. — Er... nós ainda não chegamos a isso, — eu disse.

— Então eu vejo. — Gideon virou-se para os outros. — Ela não sabe nada sobre história. Ela nem consegue falar apropriadamente. Onde quer que vamos, ela se destacaria como um polegar dolorido. E ela não faz ideia do que está em jogo. Ela não seria apenas totalmente inútil, ela colocaria em perigo toda a missão!

Eu te pergunto! Então eu nem sequer conseguia falar *apropriadamente*? Bem, eu conseguia pensar em vários nomes altamente apropriados que gostaria de chamá-lo.

— Acho que você deixou sua opinião bem clara, Gideon, — disse o Sr. de Villiers. — Neste ponto, seria interessante descobrir o que o conde pensa desses desenvolvimentos.

— Você não pode fazer isso com ela! — Mamãe interrompeu. Sua voz de repente soou toda engasgada.

— O conde ficará encantado em conhecê-la, Gwyneth, — disse o Sr. George, ignorando as preocupações de Mamãe. — O Rubi, a décima segunda, a última no Círculo. Será um momento solene quando os dois se encontrarem cara a cara.

— Não! — disse Mamãe.

Todos olharam para ela.

— Grace! — disse minha avó. — Não de novo!

— Não, — repetiu Mamãe. — Por favor! Não há necessidade de ele encontrá-lo. Certamente será suficiente para ele saber que o sangue dela completa o Círculo.

— *Teria* completado o Círculo, — disse o Dr. White, que ainda estava olhando através daquelas pastas. — Se não tivéssemos que recomeçar do zero após o roubo.

— Seja como for, não quero que Gwyneth o encontre, — disse Mamãe. — Essas são minhas condições. Gideon pode fazer isso sozinho.

— Não cabe a você decidir, — disse o Sr. de Villiers, e o Dr. White retrucou, — Condições! Então agora ela está estabelecendo condições!

— Mas ela está certa! Não será bom para ninguém arrastarmos a garota para isso também, — disse Gideon. — Explicarei o que aconteceu, e tenho certeza de que o conde concordará comigo.

— Ele vai querer vê-la de qualquer maneira, para ter uma ideia dela por si mesmo, — disse Falk de Villiers. — Não há perigo para ela. Nem mesmo terá que sair desta casa.

— Sra. Shepherd, eu lhe asseguro, nada acontecerá a Gwyneth, — disse o Sr. George. — Imagino que sua opinião sobre o conde seja baseada em preconceitos que todos ficaremos muito felizes em dissipar.

— Tenho medo de que não consigam fazer isso.

— Tenho certeza, querida Grace, — disse o Sr. de Villiers, — que você gostaria de nos dizer com base em que você sente tamanha antipatia pelo conde - um homem que você nunca conheceu.

Mamãe apertou os lábios firmemente.

— Estamos ouvindo! — disse o Sr. de Villiers.

Mamãe não disse nada. Finalmente sussurrou, — É apenas... apenas um tipo de sentimento.

Os lábios do Sr. de Villiers se curvaram em um sorriso cínico. — Não posso evitar, Grace — tenho a impressão de que você está nos escondendo algo. Do que você tem medo?

— Quem é esse conde afinal, e por que não suposto conhecê-lo? — perguntei.

— Porque sua mãe tem um *tipo de pressentimento*, — disse o Dr. White, endireitando o casaco. — O homem está morto há mais de duzentos anos, Sra. Shepherd.

— *E é assim que eu gostaria que ele permanecesse*, — murmurou Mamãe.

— O Conde Saint-Germain é o quinto dos doze viajantes do tempo, Gwyneth, — disse o Sr. George. — Você viu o retrato dele na sala de documentos agora mesmo. Ele foi o primeiro a entender como o cronógrafo funciona e decifrou os antigos manuscritos. Ele não apenas descobriu como

poderia viajar com sua ajuda para qualquer ano que quisesse, em qualquer dia que quisesse, ele também descobriu o segredo por trás do segredo. *O Segredo dos Doze*. Com a ajuda do cronógrafo, ele conseguiu rastrear os quatro viajantes do tempo no Círculo nascidos antes dele e iniciá-los no mistério. O conde buscou e obteve apoio dos mais brilhantes intelectos de sua época, matemáticos, alquimistas, magos, filósofos - todos estavam fascinados pelo seu trabalho. Juntos, decifraram os Escritos Antigos e calcularam as datas de nascimento dos sete viajantes do tempo que ainda estavam por nascer antes que o Círculo pudesse ser fechado. No ano de 1745, o conde fundou a Sociedade dos Guardiões aqui em Londres, a Guarda Secreta do Conde Saint-Germain.

— O conde tinha cientistas, filósofos e estudiosos como Raimundus Lullus, Agrippa von Nettesheim, John Colet, Simon Forman, Samuel Hartlib, Sir Kenelm Digby e John Wallis para agradecer pela decodificação dos Escritos Antigos, — disse o Sr. de Villiers.

Nenhum daqueles nomes me era familiar.

— Nenhum daqueles nomes é familiar para ela, — disse Gideon sarcasticamente.

Será que ele realmente conseguia ler pensamentos? Apenas por precaução, dei a ele um olhar desagradável e pensei, com toda a minha força, *Você... idiota... se exibindo!*

Ele desviou o olhar.

* * *

— Eu pensei que Sir Isaac Newton fosse um dos Guardiões? — perguntei.

— De fato ele foi! — respondeu o Sr. George.

— Mas Newton morreu em 1727. — Surpreendi ao lembrar desse fato. Lesley me contou quando ligou ontem, e por alguma razão incompreensível, ficou na minha mente. Eu não era tão estúpida quanto esse Gideon dizia afinal.

— Correto, — disse o Sr. George, sorrindo. — Essa é uma das vantagens de viajar no tempo. Você pode fazer amigos no passado e no presente.

— E qual é o segredo por trás do segredo? — perguntei.

— O Segredo dos Doze será revelado quando o sangue de todos os doze viajantes do tempo for lido no cronógrafo, — disse o Sr. George solenemente. — É por isso que o Círculo precisa ser fechado. É a grande tarefa que devemos realizar.

— Mas eu sou a última dos Doze, certo? Então este Círculo deveria estar completo comigo.

— E assim seria, — disse o Dr. White, — se sua prima Lucy não tivesse decidido roubar o cronógrafo dezessete anos atrás.

— *Paul* roubou o cronógrafo, — disse Lady Arista. — Lucy apenas...

O Sr. de Villiers levantou a mão. — Sim, bem, digamos apenas que eles roubaram juntos. Duas crianças que foram levadas ao erro. Eles arruinaram o trabalho de quinhentos anos. A missão estava prestes a fracassar, e o legado do Conde Saint-Germain teria sido perdido para sempre.

— Então este legado é o segredo?

— Felizmente, havia um segundo cronógrafo dentro destas paredes, — disse

o Sr. George. — Não se esperava que fosse utilizado. Ele chegou às mãos dos Guardiões em 1757. Depois de séculos de negligência, estava defeituoso, e as valiosas joias tinham sido roubadas dele. Mas após duzentos anos de trabalho árduo, os Guardiões conseguiram...

Impacientemente, Dr. White o interrompeu. — Para encurtar a história, ele foi consertado, e realmente era capaz de funcionar, embora não pudéssemos verificar isso até o décimo primeiro viajante do tempo, Gideon aqui, alcançar a idade de iniciação. Tínhamos perdido o primeiro cronógrafo e com ele o sangue de dez viajantes do tempo. Agora tínhamos que começar tudo de novo com o segundo.

— Para... er... chegar ao Segredo dos Doze, — eu disse. Eu quase disse "revelar". Estava começando a me sentir como se estivesse lavando meu cérebro. Dr. White e o Sr. George assentiram solenemente como resposta.

— Ok, que tipo de segredo é esse?

Mamãe começou a rir. Estava totalmente fora de lugar, mas ela ria com um borbulhar, como Caroline quando Mr. Bean está na TV.

— Grace! — sibilou Lady Arista. — Se recomponha!

Mas Mamãe apenas ria ainda mais. — Um segredo é um segredo é um segredo, — ela conseguiu dizer entre duas explosões de riso. — Sempre foi assim.

— Como eu disse: mulheres histéricas, o grupo inteiro! — rosou Dr. White.

— Fico feliz que consiga ver o lado engraçado disso tudo, — disse o Sr. de Villiers.

Mamãe enxugou as lágrimas de riso dos olhos. — Desculpe. Isso só veio de repente. Para ser honesta, me sinto mais inclinada a chorar, realmente sinto.

Percebi que não chegaria mais perto da natureza do segredo fazendo perguntas sobre isso.

— O que há de tão perigoso nesse conde que eu não deveria conhecê-lo? — perguntei em vez disso.

Mamãe apenas balançou a cabeça. De repente, ela estava mortalmente séria novamente. Eu estava ficando preocupada com ela. Essas mudanças de humor não eram nada típicas dela.

— Nada, — respondeu o Dr. White. — Sua mãe apenas teme que você entre em contato com ideias intelectuais que não concordem com as dela. Mas ela não é quem toma as decisões aqui.

— Ideias intelectuais, — repetiu minha mãe, e desta vez era a voz *dela* que gotejava ironia.

— Por que não deixamos que Gwyneth decida se quer conhecer o conde? — sugeriu o Sr. de Villiers.

— Apenas para uma conversa? De volta ao passado? — Olhei inquisitivamente do Sr. de Villiers para o Sr. George e vice-versa. — Ele será capaz de responder à minha pergunta sobre o segredo?

— Se ele quiser, — disse o Sr. George. — Você o conhecerá no ano de 1782. O conde era um homem muito velho naquela época, mas convenientemente para nossos propósitos, ele estava fazendo uma visita a Londres. Em uma missão estritamente secreta, cuja natureza é desconhecida pelos historiadores e biógrafos. Ele passou a noite aqui nesta casa. Então será muito fácil organizar

um encontro entre vocês dois. Gideon a acompanhará, é claro.

Gideon murmurou algo indistinto para si mesmo, no qual eu peguei as palavras "idiotas" e "babá". Como eu odiava esse cara!

— Mãe?

— Diga não, querida.

— Mas por quê?

— Você ainda não está pronta para isso.

— Pronta para o quê? Por que eu não deveria conhecer esse conde? O que há de tão perigoso nele? Ah, vamos, mãe, me diga.

— Sim, diga a ela, Grace, — disse o Sr. de Villiers. — Ela odeia todo esse mistério. Acho que isso a magoa, vindo de sua própria mãe em particular.

Mamãe não respondeu.

— Como pode ver, é difícil extrair informações realmente úteis de nós, — disse o Sr. de Villiers, seus olhos âmbar me estudando seriamente.

Minha mãe ainda não disse nada.

Eu poderia tê-la sacudido. Falk de Villiers estava certo. Todas essas dicas estúpidas não estavam me levando a lugar nenhum.

— Então terei que descobrir por mim mesma, — disse. — Sim, quero conhecê-lo. — Não sei o que havia acontecido de repente comigo, mas eu não me sentia mais como uma criança de cinco anos que queria correr para casa e se esconder embaixo da cama.

Gideon gemeu.

— Você ouviu o que ela disse, Grace, — disse o Sr. de Villiers. — Sugiro que pegue um táxi de volta para Mayfair e tome um tranquilizante. Levaremos Gwyneth para casa quando tivermos... terminado com ela.

— Não vou deixá-la sozinha, — sussurrou Mamãe.

— Caroline e Nick logo estarão em casa da escola, mãe. Está tudo bem para você ir. Posso cuidar de mim mesma.

— Não, você não pode, — Mamãe sussurrou.

— Eu irei com você, Grace, — disse Lady Arista com uma voz surpreendentemente gentil. — Estive aqui por dois dias sem parar, e minha cabeça dói. As coisas tomaram um rumo realmente inesperado. Mas agora... bem, está fora de nossas mãos.

— Muito sensato, — disse o Dr. White.

Mamãe parecia que poderia chorar a qualquer momento. — Está bem, — ela disse. — Vou ir. Estou confiando em você para garantir que nenhum mal aconteça a Gwyneth.

— E que ela estará na escola na hora certa amanhã de manhã, — disse Lady Arista. — Ela não é como Charlotte.

Olhei para ela surpresa. Tinha esquecido completamente da escola.

— Onde está meu chapéu e casaco? — perguntou Lady Arista. Houve um tipo de suspiro coletivo de alívio dos homens na sala. Não dava para ouvir, mas dava para sentir.

— A Sra. Jenkins cuidará de tudo, Lady Arista, — disse o Sr. de Villiers.

— Vamos, minha filha, — disse Lady Arista para Mamãe.

— Grace. — Falk de Villiers pegou sua mão e a levou até seus lábios. — Foi um grande prazer revê-la após tantos anos.

— Não faz tanto tempo assim, — disse Mamãe.
— Dezesete.
— Seis, — disse Mamãe, parecendo um pouco magoada. — Nos vimos no funeral do meu marido, mas você provavelmente esqueceu. — Ela olhou para o Sr. George. — Você vai cuidar dela?
— Sra. Shepherd, eu lhe prometo que Gwyneth estará segura conosco, — disse o Sr. George. — Confie em mim.
— Parece que não tenho outra opção. — Mamãe retirou sua mão das de Falk de Villiers e colocou sua bolsa sobre o ombro. — Posso ter uma palavra com minha filha em particular?
— Claro, — disse Falk de Villiers. — Vocês ficarão tranquilas no quarto ao lado.
— Eu prefiro estar do lado de fora com ela, — disse Mamãe.
O Sr. de Villiers levantou as sobrancelhas. — Com medo de que vamos escutar vocês? Observar vocês através de buracos nas pinturas? — Ele riu.
— Eu só preciso de um pouco de ar fresco, é só isso, — disse Mamãe.

* * *

O JARDIM NÃO estava aberto ao público nesta hora do dia. Alguns turistas - dava para perceber que eram turistas pelas grandes câmeras em volta de seus pescoços - nos observavam com inveja enquanto Mamãe abria um portão ornamentado de ferro forjado, seis pés de altura, e o trancava novamente atrás de nós.

Fiquei encantada com todas as flores nos canteiros, o verde exuberante do gramado e o perfume no ar. — Esta foi uma boa ideia — eu disse. — Estava começando a me sentir como uma salamandra de caverna. — Virei meu rosto para o sol com desejo. Estava surpreendentemente forte para o início de abril.

Mamãe sentou-se em um banco de teca e passou a mão pela testa da mesma forma que Lady Arista, exceto que não fez Mamãe parecer tão velha quanto as montanhas. — Isso é um pesadelo — ela disse.

Afundei-me no banco ao lado dela. — Sim. Mal sei o que pensar disso. Ontem de manhã tudo ainda estava igual como sempre e de repente ... Sinto como se minha cabeça estivesse explodindo, tendo que assimilar tanta informação de uma vez só — milhares de pedaços de informação que não se encaixam adequadamente.

— Sinto muito — disse Mamãe. — Eu esperava poupar você de tudo isso.

— O que você fez uma vez para deixá-los tão irritados com você? —

— Eu ajudei Lucy e Paul a fugir — disse Mamãe. Ela olhou brevemente ao redor como se certificando de que ninguém estava nos ouvindo. — Eles se esconderam conosco em Durham por um tempo, mas é claro que descobriram. E Lucy e Paul tiveram que fugir.

Pensei em tudo que aprendi hoje. E de repente percebi onde minha prima estava.

A ovelha negra da família não estava vivendo entre os índios amazônicos ou escondida em um convento de freiras na Irlanda, como Lesley e eu sempre imaginávamos quando éramos pequenas.

Lucy e Paul estavam em algum lugar completamente diferente.

— Eles desapareceram no passado com o cronógrafo? —

Minha mãe assentiu. — No final, não tiveram escolha. Mas não foi uma decisão fácil para eles.

— Por quê?

— É proibido levar o cronógrafo para fora do seu próprio tempo. Se fizer isso, nunca poderá voltar para casa. Qualquer pessoa que levar o cronógrafo para o passado tem que ficar lá.

Engoli em seco. — Mas por que alguém decidiria fazer isso? — perguntei quietamente.

— Eles perceberam que não haveria um lugar seguro para eles no presente com o cronógrafo. Mais cedo ou mais tarde, os Guardiões os teriam encontrado.

— Mas por que eles roubaram, Mamãe?

— Eles queriam impedir ... o Círculo de Sangue de se fechar.

— O que acontecerá quando o Círculo de Sangue se fechar? — Céus, me ouvi falando como um deles. Círculo de Sangue. Daqui a pouco estarei falando em versos.

— Escute, querida, não temos muito tempo. Mesmo que digam o contrário agora, vão tentar te envolver em sua missão. Eles precisam de você para fechar o Círculo e revelar o segredo.

— Qual é o segredo, Mamãe? — Senti como se tivesse feito essa pergunta mil vezes. E por dentro eu estava quase gritando.

— Não sei mais do que os outros. Só posso fazer algumas suposições. É poderoso, e dará grande poder a quem souber como usá-lo. Mas poder nas mãos erradas é muito perigoso. Então, Lucy e Paul acreditavam que seria melhor se o segredo nunca fosse revelado. Com isso em mente, fizeram grandes sacrifícios.

— Entendi essa ideia. Só não entendo por que.

— Mesmo que alguns dos homens lá dentro possam ser movidos apenas pela curiosidade científica, há outros cujas intenções não são tão honrosas. Eu sei que eles não vão recuar diante de nada para alcançar seus objetivos. Você não pode confiar em nenhum deles. *Nenhum* deles, Gwyneth.

Suspirei. Nada do que ela me contou parecia ser útil.

De onde estávamos no jardim, ouvimos o som de um motor, e um carro parou na frente da casa. Mesmo que carros não fossem realmente permitidos aqui de jeito nenhum.

— Hora de ir, Grace! — chamou Lady Arista, saindo da casa.

Mamãe se levantou. — Ah, que bela noite nos aguarda! Os olhares gelados de Glenda vão congelar a comida em nossos pratos.

— Por que aquela parteira foi embora hoje? E por que você não me teve em um hospital?

— Queria que deixassem a pobre mulher em paz, — disse Mamãe.

— Grace! Vamos lá! — Lady Arista estava batendo a ponta de seu guarda-chuva contra o portão de ferro forjado.

— Acho que vão te colocar no cantinho do castigo, — eu disse.

— Isso parte meu coração, te deixar sozinha.

— Eu poderia ir com você, — eu disse, mas mesmo enquanto dizia isso, sabia que na verdade não queria. Era exatamente como Falk de Villiers disse -

agora eu era parte *desse negócio*, e estranhamente, não me importava com a ideia.

— Não, você não pode, — disse Mamãe. — Você poderia se machucar ou até mesmo ser morta em viagens no tempo descontroladas. Pelo menos você está segura disso aqui.

Ela me abraçou. — Não esqueça o que eu disse. Não confie em ninguém. Nem mesmo em seus próprios sentimentos. E vá com muito cuidado com o Conde Saint-Germain. Dizem que ele consegue entrar na mente das pessoas. Ele pode ler seus pensamentos e, ainda pior, controlar sua vontade se você permitir.

Eu a abracei com toda a força que pude. — Eu te amo, Mamãe. — Por sobre seu ombro, pude ver que Mr. de Villiers também havia saído pela porta da frente agora.

Quando Mamãe se virou, ela o viu também. — E você deve ser especialmente cuidadosa com *aquela ali*, — ela disse quietamente. — Ele se tornou um homem perigoso. — Mas eu senti algo que parecia admiração em sua voz, então perguntei.

— Mamãe, você já ... hm, teve algo com ele?

Ela nem precisou responder. Eu pude ver pelo olhar em seu rosto que eu acertei em cheio.

— E u tinha dezessete anos e era facilmente impressionável, — ela disse.

— Entendi, — eu disse a ela, sorrindo. — Aqueles olhos são incríveis, né?

Mamãe sorriu de volta enquanto caminhávamos deliberadamente devagar em direção ao portão. — Ah, sim. Os olhos de Paul eram exatamente iguais. Mas diferente de seu irmão mais velho, ele não era nada condescendente. Não é à toa que Lucy se apaixonou por ele...

— Eu adoraria saber o que aconteceu com ambos.

— Mais cedo ou mais tarde, temo de que você descubra.

— Me dê a chave, — disse Falk de Villiers impientemente. Mamãe lhe entregou a chave da porta através do padrão de ferro forjado, e ele a destrancou. — Mandei um carro para você.

— Nos encontramos no café da manhã amanhã, Gwyneth, — disse Lady Arista, colocando uma mão sob meu queixo. — Cabeça erguida! Você é uma Montrose, e nós permanecemos calmos e compostos em todos os lugares, sempre.

— Vou tentar, Vovó.

— Isso mesmo. Ai, ai! — Ela agitou os braços como se estivesse espantando moscas. — O que essas pessoas pensam que estão fazendo? Eu não sou a Rainha! — Mas com seu elegante chapéu, seu guarda-chuva e o casaco, todos combinando, ela claramente parecia tão britânica para os turistas que eles estavam tirando fotos dela de todos os lados.

Mamãe me deu um último abraço. — O segredo já custou vidas humanas, — ela sussurrou em meu ouvido. — Não esqueça disso.

Eu as assisti, a ela e minha avó, com sentimentos mistos até que o carro virou a esquina, as levando embora.

Mr. George segurou minha mão firmemente. — Não tenha medo, Gwyneth. Você não está sozinha.

Ele não estava brincando. Eu estava cercada por um monte de pessoas em

quem não deveria confiar. Eu não devo confiar em nenhum deles, minha mãe disse. Olhei nos olhos azuis amigáveis de Mr. George e os examinei em busca de algo perigoso e desonesto. Mas não vi nada do tipo.

Não confie em ninguém.

Nem mesmo em seus próprios sentimentos.

— Venha, é melhor entrarmos. Você precisa comer algo.

— Espero que aquela pequena conversa com sua mãe tenha sido esclarecedora, — disse Mr. de Villiers no caminho para cima. — Me deixe adivinhar: ela te alertou contra nós. Somos todos mentirosos sem escrúpulos, estou certo?

— Você saberia mais sobre isso do que eu, — eu disse. — Estávamos falando sobre como você e minha mãe tiveram algo no passado.

Mr. de Villiers ergueu as sobrancelhas com surpresa. — Ela te disse isso? — Havia até um toque de constrangimento em sua expressão. — Ah, bem, isso foi há muito tempo. Eu era jovem e...

— E facilmente impressionável. — Completei a frase para ele. — Foi isso que minha mãe disse também.

Mr. George riu alto. — Ah, sim, é verdade! Eu até esqueci. Você e Grace Montrose, vocês formavam um belo casal, Falk. Mesmo que por apenas três semanas. Depois ela jogou uma fatia de torta de queijo no seu peito naquele baile de caridade em Holland House e disse que nunca mais queria dizer outra palavra para você.

— Era uma torta de morango, — disse Mr. de Villiers, com um brilho nos olhos. — Ela realmente queria jogar na minha cara, mas tive sorte e ela acertou apenas minha camisa. A mancha nunca saiu. Ela estava com ciúmes de uma garota cujo nome nem me lembro.

— Larissa Crofts. Ela era filha do ministro das finanças, — disse Mr. George.

— Sério? — Mr. de Villiers parecia genuinamente surpreso. — O ministro agora ou o ministro naquela época?

— Naquela época.

— Ela era bonita?

— Razoavelmente bonita.

— Bem, de qualquer forma, Grace partiu meu coração, porque depois disso ela começou a sair com outro garoto da minha escola. Lembro bem do nome dele.

— Sim, porque você quebrou o nariz dele e os pais dele quase te processaram por isso, — disse Mr. George.

— Isso é verdade? — Eu estava absolutamente fascinada.

— Foi um acidente, — disse Mr. de Villiers. — Estávamos no mesmo time de rúgbi.

— Que revelações, Gwyneth! — Mr. George ainda estava rindo feliz quando abriu a porta do Salão do Dragão.

— Você pode dizer isso de novo. — Parei quando vi Gideon sentado à mesa no meio da sala. Ele veio na nossa direção, franzindo o cenho.

Sr. de Villiers me guiou gentilmente para dentro. — Não foi nada sério, — ele disse. — Relacionamentos entre as famílias de Villiers e Montrose nunca dão

certo. Você poderia dizer que estavam fadados ao fracasso desde o início.

— Eu chamaria isso de um aviso totalmente desnecessário, Tio Falk, — disse Gideon, cruzando os braços. — Ela definitivamente não é do meu tipo.

Com *ela* ele queria dizer eu. Foi um segundo ou talvez dois antes que o insulto afundasse. Meu primeiro instinto foi dizer algo como — Graças a Deus por isso! Eu também não sou muito fã de exibicionistas arrogantes. — Mas fiquei quieta.

Ok, então eu não era o tipo dele. E daí? Se eu não era, eu não era.

Como se eu me importasse.

Recebemos notícias emocionantes do futuro hoje. O décimo primeiro na Ordem dos Doze, Gideon de Villiers, virá passar três horas por noite conosco no futuro. Preparamos uma cama para ele no escritório do Sir Walter. É fresco e silencioso lá dentro, e o rapaz estará protegido em grande parte de olhares curiosos e perguntas estúpidas. Durante sua visita hoje, todos os oficiais de serviço deram uma olhada “totalmente por acaso.”

E, totalmente por acaso, todos eles tinham perguntas sobre o futuro.

O rapaz nos disse que seria uma boa ideia comprar ações da Apple, seja lá o que isso signifique.

DE OS ANAIS DOS GUARDIÕES

4 DE AGOSTO 1953

RELATÓRIO: ROBERT PEEL, CIRCULO INTERNO

DEZ

— CAPA: VELUDO VENEZIANO, forrada com tafetá de seda. Vestido: linho estampado da Alemanha, adornado com renda de Devonshire, com um corpete feito de brocado de seda bordado. — Madame Rossini espalhou cuidadosamente essas peças sobre a mesa. Depois de comermos, a Sra. Jenkins me levou de volta para a sala de costura. Eu gostava mais dessa salinha do que da sala de jantar formal; havia tecidos maravilhosos espalhados por todos os lados, e Madame Rossini provavelmente era a única pessoa aqui que nem mesmo minha mãe poderia desconfiar. — O conjunto em azul-médio com toques de creme, um traje de tarde elegante, — ela continuou. — E sapatos combinando, brocado de seda. Mais confortáveis do que parecem. Felizmente, você e o manequim para casacos calçam o mesmo número de sapato. — Ela colocou meu uniforme escolar de lado. — Ah, *mon Dieu*, a garota mais bonita do mundo pareceria um espantalho com isso. Se ao menos encurtassem a saia para um comprimento mais fashion. Ah, esse amarelo feio! Quem quer que tenha desenhado isso odiava as estudantes. Ele realmente as odiava!

— Posso manter minha própria roupa de baixo?

— Apenas as calcinhas, — disse Madame Rossini. — Erradas para a época, mas ninguém vai olhar debaixo da sua saia. Ou assim espero. Se o fizerem, você só chuta com força. Pode não parecer, mas esses sapatos têm os dedos reforçados com ferro. Você foi ao banheiro? É mais difícil com o vestido.

— Sim, fui. Você me perguntou isso três vezes, Madame Rossini.

— Precisamos ter certeza de tudo.

A maneira como as pessoas cuidavam de mim aqui continuava me surpreendendo, e todos esses pequenos detalhes! Depois do jantar, a Sra. Jenkins até me entregou uma nécessaire novinha em folha para que eu pudesse escovar os dentes e lavar o rosto.

Eu esperava que o espartilho cortasse minha respiração e espremesse o assado de vitela para fora de mim, mas era surpreendentemente confortável. — Eu pensei que as mulheres desmaiavam em fileiras usando essas coisas.

— Ah, elas desmaiavam. Primeiro, porque amarravam muito apertado. E segundo, você podia cortar o ar com uma faca, porque ninguém lavava, apenas passavam mais perfume, — disse Madame Rossini, estremeando com a ideia. — Piolhos e pulgas viviam em suas perucas, e até ratos faziam ninhos nelas. As modas mais bonitas, mas não uma boa época para a higiene. Você não está usando um espartilho como essas pobres criaturas. Você tem um especial à la Madame Rossini, confortável como uma segunda pele.

— Entendi. — Eu estava terrivelmente animada quando entrei na anágua com aros. — Parece que estou em uma gaiola.

— Isso não é nada, — assegurou Madame Rossini, enquanto colocava cuidadosamente o vestido sobre minha cabeça. — O aro é pequeno, não como os que usavam em Versalhes naquela época. Três metros e meio de diâmetro! E o seu não é de baleia, mas de fibra de carbono de alta tecnologia! Mas não se

preocupe, ninguém verá isso.

Um tecido azul-pálido com flores em creme estava se agitando ao meu redor. Também teria ficado muito bom como capa de sofá. Mas eu tinha que admitir que, mesmo com a saia enorme e o comprimento aparentemente impossível, era muito confortável, sem mencionar que servia perfeitamente.

— Encantador, — disse Madame Rossini, me empurrando para o espelho.

— Ah! — eu disse, surpresa. Quem poderia imaginar que uma capa de sofá poderia ficar tão boa? E eu dentro dela. Minha cintura parecia tão pequena, meus olhos tão azuis. Uau! Embora meu decote baixo me lembrasse de uma cantora de ópera prestes a explodir.

— Vamos colocar um pouquinho de renda aí dentro, — disse Madame Rossini, que tinha seguido a direção dos meus olhos. — Afinal, é um traje de tarde. À noite, sim. Você tem que mostrar o que tem. Espero ter o prazer de fazer um vestido de baile para você! E agora para o seu cabelo.

— Vou usar uma peruca?

— Não, — disse Madame Rossini. — Você é uma jovem, e é de tarde. Se você arrumar seu cabelo e usar um chapéu, estará ótimo. Não precisamos fazer nada com sua pele, ela é de alabastro puro. E aquela marca em forma de meia-lua na sua têmpora poderia ser uma pinta. *Très chic!*

Madame Rossini usou rolos aquecidos no meu cabelo e, em seguida, fixou habilmente a parte da frente no meu topo com grampos de cabelo, deixando o restante cair em cachos suaves até meus ombros. Eu olhei para meu reflexo no espelho e me admirei.

Eu não pude deixar de pensar na festa à fantasia que Cynthia tinha dado no ano passado. Eu tinha ido como um ponto de ônibus, por falta de ideias melhores, e no final da noite, senti que ser atingida por um ônibus não seria tão ruim, porque as pessoas continuavam me fazendo perguntas irritantes sobre o horário e quando o próximo ônibus passaria.

Ha! Se eu tivesse conhecido Madame Rossini naquela época! Eu teria sido a estrela da noite!

Eu me virei para o espelho mais uma vez, fascinada, mas tudo acabou quando Madame Rossini veio por trás de mim e colocou “o chapéu” na minha cabeça. Era uma confecção monstruosa de palha com penas e fitas azuis, e eu achei que estragou todo o conjunto. Eu tentei persuadir Madame Rossini de que não precisava usá-lo, mas ela não cedeu.

— Não, impossível! Isso não é uma competição de beleza, ma chérie. Precisamos de autenticidade.

Procurei meu celular no casaco do meu uniforme escolar. — Você poderia ao menos tirar uma foto minha - sem o chapéu?

Madame Rossini riu. — Bien sûr, minha querida!

Eu posei, e Madame Rossini tirou cerca de trinta fotos de mim de todos os lados, algumas delas até com o chapéu. Pelo menos Lesley teria uma boa risada.

— Pronto, agora vou subir e dizer que você está pronta. Fique aqui, e não toque naquele chapéu! Está perfeito.

— Sim, Madame Rossini, — eu disse obedientemente. Assim que ela saiu do quarto, digitei o número de celular de Lesley, os dedos voando, e enviei para ela uma das fotos com o chapéu. Ela ligou de volta catorze segundos depois.

Graças a Deus, o sinal aqui na sala de costura de Madame Rossini era bom.

— Estou no ônibus, — Lesley gritou no meu ouvido. — Mas tenho meu caderno e caneta prontos. Só você terá que falar alto!

Falando rapidamente, contei a Lesley tudo o que havia acontecido, tentando explicar onde estava e o que minha mãe tinha dito. Embora eu estivesse falando de maneira confusa, Lesley parecia estar me acompanhando. Ela ficou emocionada quando eu disse que trouxera uma chave do passado para ela. Ela ficava dizendo, por sua vez, — Uau, maluco! — e — Tenha cuidado! — Quando descrevi Gideon (ela queria ouvir todos os detalhes), ela disse, — Acho que cabelos longos *não* são tão ruins. Podem parecer bem sexy. Pense em *Coração de Cavaleiro*. Mas não se esqueça de conferir as orelhas que ele está escondendo ali.

— Elas não fazem diferença. Ele é um idiota arrogante, e de qualquer forma está apaixonado pela Charlotte. Você entendeu aquela parte sobre a pedra filosofal?

— Sim, anotei tudo. Assim que chegar em casa, vou pesquisar online. Esse Conde Saint-Germain - por que o nome me parece tão familiar? Será que é de um filme? Não, estou pensando no Conde de Monte Cristo.

— Imagine se ele realmente puder ler pensamentos?

— Pense em algo inofensivo. Ou conte de trás para frente a partir de mil. De oito em oito. Então você não conseguirá pensar em mais nada.

— Vou tentar. Ah, veja se consegue descobrir algo sobre um menininho chamado Robert White que se afogou em uma piscina há dezoito anos.

— Ok, anotei isso, — disse Lesley. — Nossa, isso é estranho! Deveríamos ter te dado uma faca ou spray de pimenta ou algo assim.... Já sei! Você pode levar seu celular com você.

Eu tropecei até a porta no meu longo vestido e olhei cautelosamente para o corredor. — O quê, para o passado? Você acha que vou conseguir ligar para você de lá?

— Não seja boba! Mas você pode tirar fotos - elas seriam úteis para nós. Ah, e eu adoraria ver uma do seu Gideon! Com as orelhas aparecendo, se possível. Orelhas dizem muito sobre uma pessoa. Especialmente os lóbulos.

Eu podia ouvir passos. Fechei a porta silenciosamente. — Aqui vamos nós. Vou te em mais tarde, Lesley!

— Apenas tenha cuidado, — disse Lesley mais uma vez, mas então eu desliguei meu celular e o coloquei no meu decote. O pequeno espaço sob meus seios tinha o tamanho certo para um celular. Eu me perguntei o que as mulheres nos velhos tempos costumavam guardar ali. Pequenas garrafas de veneno? Revólveres em miniatura? Cartas de amor?

A primeira coisa que passou pela minha cabeça quando Gideon entrou na sala foi, por que ele não tem que usar um chapéu? A segunda coisa foi, como alguém pode ficar bem em um colete de seda vermelha, calças verdes escuras que terminam no joelho e meias de seda listradas? Se pensei em mais alguma coisa, provavelmente foi, espero que ninguém consiga adivinhar o que estou pensando agora.

Os olhos verdes passaram rapidamente por mim. — Bonito chapéu.

Maldito seja ele.

— Adorável, — disse o Sr. George, entrando na sala atrás dele. — Madame Rossini, você fez maravilhas.

— Sim, eu sei, — disse Madame Rossini. Ela tinha ficado no corredor. A sala de costura não era grande o suficiente para todos nós. Minha saia ocupava metade do espaço sozinha.

Gideon tinha amarrado o cabelo na parte de trás do pescoço, e eu vi minha chance de me vingar. — Bonito laço de veludo, — eu disse com todo o sarcasmo que pude reunir. — A Sra. Counter, nossa professora de geografia, sempre usa exatamente a mesma coisa.

Em vez de me olhar com raiva, Gideon sorriu. — Ah, o laço não é nada especial. Você deveria me ver com uma peruca.

Estritamente falando, eu já tinha.

— Monsieur Gideon, eu tinha colocado aqueles culotes amarelos para você, não os escuros. — Quando Madame Rossini estava irritada, seu sotaque ficava mais forte, e ela esquecia como pronunciar um e ou o de vez em quando.

Gideon se virou para Madame Rossini. — Culotes amarelos com um colete vermelho e um casaco marrom com botões dourados? Eu achei que eram muitas cores vibrantes.

— Os homens do período rococó *gostavam* de cores. — Madame Rossini o olhou severamente. — E eu sou a especialista aqui, não você!

— Sim, Madame Rossini, — disse Gideon educadamente. — Vou te ouvir da próxima vez.

Eu olhei para as orelhas dele. Elas não se destacavam nem um pouco, e não havia nada de estranho nelas. Claro que eu realmente não me importava.

— Onde estão as luvas de camurça amarelas?

— Ah, eu pensei que se não fosse usar os culotes, seria melhor evitar as luvas também.

— Claro! — resmungou Madame Rossini. — Com todo o respeito ao seu senso de moda, jovem, não estamos falando de bom gosto aqui, estamos falando de autenticidade. E eu escolhi cuidadosamente cores que combinassem com seu tom de pele, seu garoto ingrato.

Resmungando, ela nos deixou passar.

— Muito, muito obrigada, Madame Rossini, — eu disse.

— Ah, minha pequena beleza de pescoço de cisne! Foi um prazer! Pelo menos você aprecia meu trabalho. — Eu tive que sorrir. Eu gostei da ideia de ser chamada de pescoço de cisne.

Os olhos do Sr. George brilharam para mim. — Se você me seguir, por favor, Srta. Gwyneth.

— Nós temos que vendá-la primeiro, — disse Gideon, prestes a tirar meu chapéu da cabeça.

— Meu Deus, sim. Eu temo que o Dr. White insista nisso, — disse o Sr. George, com um sorriso de desculpas.

— Mas isso vai arruinar o penteado dela! — Madame Rossini puxou os dedos de Gideon. — *Tiens!* Você quer arrancar o cabelo dela? Nunca ouviu falar de um alfinete de chapéu? Aqui! — Ela plantou firmemente o chapéu e o alfinete nas mãos do Sr. George. — E leve esse chapéu com cuidado!

Gideon amarrou um lenço preto em volta dos meus olhos. Automaticamente,

prendi a respiração quando sua mão tocou minha bochecha, e infelizmente eu não pude evitar de corar. Mas felizmente ele não pôde ver isso porque estava de pé atrás de mim.

— Ai! — Eu disse. Ele tinha pego alguns dos meus cabelos no nó.

— Desculpe. Você ainda consegue ver alguma coisa?

— Não. — Não havia nada além de escuridão diante dos meus olhos. — Por que não consigo ver para onde estamos indo?

— Você não está autorizada a saber exatamente onde o cronógrafo é guardado, — disse Gideon. Ele colocou uma mão nas minhas costas e me impulsionou para frente. Era uma sensação estranha, andar sem conseguir ver o caminho, e a mão de Gideon nas minhas costas piorava isso. — Uma precaução desnecessária, se me perguntar, — ele disse. — Esta casa é um labirinto. Você nunca encontraria o caminho de volta para a sala. E o Sr. George acha que você está além de qualquer suspeita de traição de qualquer maneira.

Foi gentil do Sr. George, mesmo que eu não soubesse exatamente o que isso significava.

Meu ombro colidiu com algum objeto duro. — Ai!

— Segure a mão dela, Gideon, seu bobalhão, — disse o Sr. George, parecendo um pouco irritado. — Ela não é um carrinho de supermercado.

Senti uma mão quente e seca fechando-se sobre a minha e dei um pulo nervoso.

— Está tudo bem, — disse Gideon. — Só eu. Vamos descer um par de degraus agora. Cuidado.

Por um tempo, seguimos em silêncio, lado a lado, às vezes em linha reta, depois descendo algumas escadas ou virando uma esquina, e me concentrei o máximo que pude em não deixar minha mão tremer. Ou suar. Eu não queria que Gideon achasse que me deixava desconfortável. Será que ele percebia como meu pulso estava acelerado?

Então, de repente, meu pé direito encontrou o vazio, e eu tropecei e teria caído completamente se Gideon não me tivesse segurado com as duas mãos e me colocado de volta em terreno sólido. Agora, suas mãos estavam em volta da minha cintura.

— Cuidado, tem um degrau aqui, — ele disse.

— Sim, obrigada. Eu notei quando meu tornozelo torceu, — eu disse indignada.

— Pelo amor de Deus, Gideon, tenha cuidado, — disse o Sr. George. — Aqui, você carrega o chapéu, e eu ajudo a Gwyneth.

Foi mais fácil andar segurando a mão do Sr. George. Talvez porque eu pudesse me concentrar mais nos passos que dava do que em não deixar minha mão tremer. Nossa caminhada durou uma eternidade. Mais uma vez tive a sensação de que estávamos descendo às profundezas da terra. Quando finalmente paramos, suspeitei que eles tivessem me levado em alguns longos desvios só para me confundir.

Uma porta foi aberta e fechada novamente, e finalmente o Sr. George tirou minha venda.

— Chegamos.

— Extraordinário como uma jovem manhã de maio, — disse o Dr. White.

Mas ele estava falando com Gideon.

— Obrigado! — Gideon fez uma pequena reverência. — O último grito de Paris. Eu realmente deveria estar usando culotes amarelos e luvas amarelas com este traje, mas não consegui me obrigar a fazer isso.

— Madame Rossini está furiosa, — disse o Sr. George.

— Gideon! — disse o Sr. de Villiers repreensivamente. Ele acabara de aparecer atrás do Dr. White.

— Bom, tio Falk, eu te pergunto! Culotes amarelos?

— Não é como se você fosse encontrar velhos amigos da escola que pudessem rir de você lá, — disse o Sr. de Villiers.

— Não, — disse Gideon, colocando meu chapéu em cima de uma mesa. — É mais provável que eu encontre caras usando culotes cor-de-rosa bordados que acham que estão arrasando, — ele disse, balançando a cabeça. No início, tive que deixar meus olhos se ajustarem à luz. Agora olhei curiosamente ao redor. O quarto não tinha janelas, como eu esperava, e também não havia lareira. Eu não conseguia ver uma máquina do tempo em lugar nenhum. Apenas uma mesa e algumas cadeiras, um baú, um armário e algum tipo de ditado em latim esculpido na parede de pedra.

O Sr. de Villiers me deu um sorriso amigável. — O azul combina maravilhosamente com você, Gwyneth. E Madame Rossini fez algo muito elegante com o seu cabelo.

— Er ... obrigada.

— É melhor a gente se apressar. Estou morrendo de calor com essas roupas. — Gideon abriu o casaco para que eu pudesse ver a espada pendurada em seu cinto.

— Venha até aqui. — Dr. White foi até a mesa e revelou algo que estava embrulhado em veludo vermelho. À primeira vista, parecia um grande relógio, daqueles que você poderia colocar sobre uma lareira. — Ajustei todas as configurações. A janela de tempo disponível para vocês dois é de três horas.

Num segundo olhar, percebi que não era um relógio. Era um estranho dispositivo feito de madeira polida e metal, com uma infinidade de botões, abas e pequenas rodas. Todas as superfícies estavam pintadas com miniaturas do sol, lua e estrelas, e inscritas com sinais e padrões misteriosos. Era curvo como um estojo de violino e incrustado com joias cintilantes, grandes demais para serem reais.

— Isso é o cronógrafo? É tão pequeno!

— Ele pesa 2 quilos, — disse o Dr. White, soando orgulhoso como um pai contando o peso de seu bebê recém-nascido. — E antes que você pergunte, sim, as pedras são todas genuínas. Este rubi sozinho tem seis quilates.

— Gideon irá primeiro, — disse o Sr. de Villiers. — A senha?

— *Qua redit nescitis*, — disse Gideon.

— Gwyneth?

— Sim?

— A senha!

— O que você quer dizer com senha?

— *Qua redit nescitis*, — disse o Sr. de Villiers. — A senha dos Guardiões de vinte e quatro de setembro.

— Mas é seis de abril.

Gideon ergueu os olhos para o céu. — *Chegaremos* no vinte e quatro de setembro dentro desta casa. Se não quisermos que os Guardiões nos cortem a cabeça, precisamos saber a senha. *Qua redit nescitis*. Vamos lá, repita.

— *Qua redit nescitis*, — eu disse. Eu nunca conseguiria lembrar disso por mais do que um segundo. Lá se foi novamente. Talvez eu pudesse escrever num pedaço de papel. — O que isso significa?

— Não me diga que você não está aprendendo latim na escola!

— Bem, eu não estou, — eu disse. Eu estava estudando francês e alemão na escola, o que já era o suficiente.

— Por extenso, *Qua redit nescitis horam*. “Você não sabe a hora do seu retorno”, — disse o Dr. White.

— Uma tradução meio poética! — disse o Sr. George. — Também poderíamos dizer, “Você não sabe quando...”

— Senhores! — O Sr. de Villiers bateu em seu relógio de pulso de forma significativa. — Não temos todo o tempo do mundo. Pronto, Gideon?

Gideon estendeu a mão para o Dr. White, que levantou uma das abas e colocou o dedo indicador de Gideon na abertura atrás dela. Houve um zumbido fraco, como se engrenagens tivessem começado a se mover dentro do dispositivo. Era quase como uma melodia em uma caixa de música. Uma das joias, um enorme diamante, de repente se iluminou por dentro e banhou o rosto de Gideon com uma luz branca e clara. Ao mesmo tempo, ele desapareceu.

— *Uau, fora deste mundo*, — eu sussurrei, impressionada.

— Literalmente, — disse o Sr. George. — Sua vez agora. Fique exatamente aqui.

Dr. White prosseguiu. — E lembre-se do que lhe dissemos: faça o que o Gideon disser e, aconteça o que acontecer, mantenha-se sempre perto dele. — Ele pegou minha mão e colocou meu dedo indicador na abertura sob a aba. Algo afiado espetou a ponta do meu dedo, e eu recuei. — Ai!

Dr. White segurou firmemente minha mão dentro da aba. — Não se mexa!

Desta vez, uma grande pedra vermelha no cronógrafo começou a brilhar. A luz vermelha me ofuscou. A última coisa que vi foi meu enorme chapéu esquecido na mesa. Então tudo ao meu redor ficou escuro.

Uma mão segurou meu ombro.

Ah, não. Qual era mesmo aquela senha estúpida? *Coisa e tal itis*. — É você, Gideon? — eu sussurrei.

— Quem mais? — ele sussurrou de volta e soltou meu ombro. — Muito bem, você não caiu! — Um fósforo se acendeu e, no momento seguinte, a sala estava iluminada por uma tocha acesa.

— Legal. Você trouxe isso com você?

— Não, já estava aqui. Segure por um momento.

Quando peguei a tocha, fiquei feliz por não estar usando aquele chapéu ridículo. As enormes penas ondulantes nele teriam pegado fogo em pouco tempo, e então eu teria me transformado em uma tocha bonita e ardente.

— Silêncio, — disse Gideon, embora eu nem tivesse piado. Ele havia destrancado a porta. (Ele trouxera a chave consigo ou ela já estava na fechadura? Eu não estava prestando atenção.) Então ele espiou cautelosamente para fora no

corredor. Estava tudo escuro como breu.

— Este lugar tem um cheiro meio de coisa em decomposição, — eu disse.

— Bobagem. Vamos logo! — Gideon fechou a porta atrás de nós, pegou a tocha de mim novamente e foi pelo corredor escuro. Eu o segui.

— Você não vai me vender de novo? — perguntei, só meio brincando.

— Está escuro, você nunca se lembraria do caminho, — respondeu Gideon.

— Mais uma razão para ficar perto de mim. Temos que voltar aqui em três horas.

Mais uma razão para eu conhecer o caminho. Como eu ia me virar se algo acontecesse com o Gideon, ou se fôssemos separados? Não achei que fosse uma ideia tão boa não me deixar saber de nada. Mas engoli as palavras que estavam na ponta da minha língua. Não queria arrumar briga com o Sr. Todo Poderoso agora.

Cheirava a mofo, muito pior do que em nosso tempo. Em que ano tínhamos viajado mesmo?

O cheiro era realmente pungente, como se algo estivesse se decompondo aqui embaixo. Por algum motivo, pensei de repente em ratos. Nos filmes, corredores longos, escuros e iluminados por tochas sempre tinham ratos! Ratos negros horrendos com seus pequenos olhos brilhantes na escuridão. Ou ratos mortos. Ah, sim, e aranhas. Sempre havia aranhas nesse tipo de lugar. Tentei não tocar nas paredes e afastei o pensamento de aranhas gordas se agarrando à barra do meu vestido e lentamente subindo pelas minhas pernas nuas da minha mente.

Em vez disso, contei os passos até cada curva do corredor. Após quarenta e quatro passos, viramos à direita, após cinquenta e cinco, viramos à esquerda, depois à esquerda novamente, e chegamos a uma escada em espiral que levava para cima. Levantei minha saia o mais alto que pude para acompanhar Gideon. Havia uma luz em algum lugar lá em cima, ficando mais brilhante à medida que subíamos, até finalmente estarmos em um corredor amplo com muitas tochas acesas ao longo das paredes. Havia uma grande porta no final do corredor, com duas armaduras de pé de cada lado dela. Estavam tão enferrujadas quanto em nosso próprio tempo.

Felizmente, não vi nenhum rato, mas mesmo assim tive uma sensação de que estávamos sendo observados, e quanto mais perto da porta chegávamos, mais forte essa sensação ficava. Olhei ao redor, mas o corredor estava vazio.

Quando uma das armaduras de repente moveu o braço e apontou uma lança perigosa ou o que quer que fosse para nós, eu congelei, ofegando por ar. Agora eu sabia quem estava nos observando.

O traje de armadura também, e totalmente desnecessariamente, disse, — Pare! — em uma voz metálica.

Senti vontade de gritar de terror, mas mais uma vez não consegui emitir som algum. Logo percebi que não era o traje de armadura que tinha se movido e falado, mas sim quem estava dentro dele. O outro traje de armadura também parecia estar habitado.

— Precisamos falar com o Mestre, — disse Gideon. — Em negócios urgentes.

— Senha, — disse o segundo traje de armadura.

— *Qua redit nescitis*, — disse Gideon.

Ah, sim, era isso. Por um momento, fiquei genuinamente impressionada. Ele

realmente se lembrara.

— Podem passar, — disse o primeiro traje de armadura, e até segurou a porta aberta para nós.

Havia outro corredor além dele, também iluminado por tochas. Gideon enfiou nossa tocha em um suporte na parede e apressou o passo. Eu o segui o mais rápido que meu vestido armado permitia. Nesse ponto, eu estava sem fôlego.

— Isso é como um filme de terror. Meu coração quase parou. Eu pensei que essas coisas eram apenas para decoração! Quero dizer, trajes de armadura não são exatamente modernos no século XVIII, não é mesmo? E também não são muito úteis, se me perguntar.

— É uma tradição para os homens da guarda usá-los, — disse Gideon. — Eles também usam em nosso tempo.

— Mas eu não vi nenhum cavaleiro de armadura em nosso tempo, — eu disse. Então me ocorreu que talvez eu tivesse visto alguns afinal. Talvez eu só tivesse pensado que eram trajes de armadura vazios.

— Se apresse, — disse Gideon.

Fácil para ele dizer. Ele não estava carregando uma saia do tamanho de uma tenda com ele.

— Quem é “o Mestre”?

— A Ordem é liderada por um Grão-Mestre. Neste período, é claro que é o próprio conde. A Ordem ainda é jovem; o conde a fundou há apenas trinta e sete anos. Mais tarde, membros da família de Villiers frequentemente ocuparam o cargo de Grão-Mestre.

Isso significava que o Conde Saint-Germain era um de Villiers? Se fosse, então por que ele era chamado de Saint-Germain?

— E agora? Er, quero dizer, em nosso tempo. Quem é o Grão-Mestre hoje?

— No momento, é meu tio Falk, — disse Gideon. — Ele assumiu o cargo depois do seu avô, Lorde Montrose.

— Ah. — Meu querido avô bondoso, Grão-Mestre da Loja do Conde Saint-Germain! E eu sempre pensei que ele fosse totalmente dominado pela minha avó.

— Então, qual é a posição da Lady Arista na Ordem?

— Ah, nenhuma. As mulheres não podem ser membros da Guarda. As famílias imediatas dos membros do Círculo Interno automaticamente pertencem ao Círculo Externo de iniciados, mas elas não têm voz ativa em nada.

Isso era óbvio.

Talvez a forma como ele me tratava fosse natural para toda a família de Villiers? Uma espécie de defeito congênito que os deixava capazes apenas de sorrir com desprezo para as mulheres? Por outro lado, ele tinha sido muito gentil com a Charlotte. E eu tinha que admitir que, no momento, ele pelo menos estava se comportando razoavelmente bem.

— Por que você sempre chama sua avó de Lady Arista, aliás? — ele perguntou. — Por que você não diz Vó ou Vovó?

— Eu não sei. Nós apenas fazemos isso, — eu disse. — Então, por que as mulheres não podem ser membros da Guarda?

Gideon estendeu o braço e me empurrou para trás. — Fique quieta por um

momento, ok?

— O quê?

Havia outra escada no final deste corredor. A luz do dia entrava de cima, mas antes de alcançarmos as escadas, dois homens com espadas desembainhadas surgiram das sombras, como se estivessem nos esperando.

— Bom dia, — disse Gideon. Diferente de mim, ele não havia pestanejado. Mas sua mão tinha ido para sua própria espada.

— Senha! — exigiu o primeiro homem.

— Certamente você esteve aqui apenas ontem, — disse o segundo homem, se aproximando um pouco para observar Gideon. — Ou seu irmão mais novo esteve. A semelhança é notável.

— Este é o garoto que pode aparecer do nada? — perguntou o outro homem. Ambos ficaram boquiabertos olhando para Gideon. Eles usavam roupas como as dele, e Madame Rossini obviamente estava certa: na era rococó, os homens gostavam de cores vivas. Esses dois haviam combinado vermelho e marrom com turquesa, que estava então bordada com pequenas flores malva, e um deles realmente estava usando um casaco amarelo-limão. A visão deveria ser terrível, mas havia algo nisso. Era... bem, colorido.

Ambos estavam usando perucas com cachos como salsichas sobre as orelhas e uma pequena trança extra na parte de trás do pescoço amarrada com uma fita de veludo.

— Vamos dizer apenas que conheço caminhos nesta casa que são desconhecidos para vocês, — disse Gideon com um sorriso de escárnio. — Eu e minha companheira precisamos falar com o Mestre. Em negócios urgentes.

— É isso aí, mencione-se primeiro, — murmurei.

— A senha?

Quark edit bisquitis. Ou algo parecido.

— *Qua redit nescitis*, — disse Gideon.

Bem, eu tinha acertado quase isso.

Linha feminina de descendentes

Elaine Burghley

Opala

(1562-1580)



Cecilia Woodville

Aquamarine

(1628-1684)



Jeanne de Pontcarré

(Madame de Urfé)

Citrino

(1705-1775)



Margaret Tilney

Jade

(1875-1944)



Lucy Montrose

Safira

(a. 1976)



Gwyneth Shepherd

Rubi

(a. 1994)

ONZE

O HOMEM DO CASACO amarelo guardou sua espada. — Siga-me.

Curiosa, olhei pela primeira janela que passamos. Então esta era o século XVIII! Meu couro cabeludo começou a formigar de excitação. Mas tudo o que pude ver foi um pátio interno com uma fonte no meio. Eu já tinha visto isso parecendo exatamente o mesmo antes.

Subimos mais escadas. Gideon me deixou ir primeiro.

— Você esteve aqui ontem? — perguntei, intrigada. Sussurrei para que o homem de casaco amarelo não ouvisse o que estávamos dizendo. Ele estava apenas a alguns passos à frente de nós.

— Para eles foi ontem, — disse Gideon. — Para mim, foi quase dois anos atrás.

— Por que você estava aqui?

— Para me apresentar ao conde, e eu tive que dizer a ele que o primeiro cronógrafo havia sido roubado.

— Eu não imagino que ele tenha gostado muito disso.

O homem de amarelo agiu como se não estivesse tentando nos ouvir, mas você praticamente podia ver suas orelhas saindo de baixo dos cachos brancos de cabelo em esforço para ouvir.

— Ele levou melhor do que eu esperava, — disse Gideon. — E depois do primeiro choque, ele ficou encantado em saber que nosso segundo cronógrafo realmente estava funcionando, nos dando outra chance de encerrar tudo com sucesso.

— Onde está o cronógrafo agora? — sussurrei. — Quero dizer, neste momento neste tempo.

— Em algum lugar deste prédio, eu presumo. O conde não se separará dele por muito tempo. Ele mesmo precisa expirar para evitar viagens temporais aleatórias.

— Por que não podemos simplesmente levar o cronógrafo de volta conosco para o futuro, então?

— Por várias razões, — disse Gideon. Seu tom de voz havia mudado. Não era tão arrogante. Mais como patronizador. — As mais importantes são óbvias. Uma das regras de ouro dos Guardiões para o uso do cronógrafo é que o continuum nunca deve ser quebrado. Se levarmos o cronógrafo de volta para o futuro conosco, o conde e os viajantes do tempo nascidos depois dele teriam que se virar sem ele.

— Sim, mas então ninguém também poderia roubá-lo.

Gideon balançou a cabeça. — Vejo que você nunca pensou muito sobre a natureza do tempo. Seria muito perigoso interromper certas sequências de eventos. No pior dos casos, você poderia nunca nascer.

— Entendi, — disse eu, mentindo.

Enquanto isso, havíamos chegado ao primeiro andar, passando por mais dois homens armados com espadas. O homem de amarelo teve uma breve troca de

palavras com eles em sussurros. Qual era mesmo a senha? Tudo o que eu conseguia pensar era "*Qua nesquick mosquitos*". Eu definitivamente precisava de outro cérebro.

Os dois homens olhavam para Gideon e para mim com curiosidade indisfarçável, e assim que passamos por eles, eles continuaram a sussurrar. Eu adoraria ouvir o que estavam dizendo.

O homem de amarelo bateu em uma porta. Outro homem estava sentado em uma mesa dentro da sala, também usando uma peruca e roupas coloridas. O casaco turquesa e colete florido que apareciam acima da mesa eram deslumbrantes, e abaixo da mesa, havia uma vista alegre de calças vermelhas brilhantes e meias listradas. Eu parei até mesmo de ficar surpresa com esse tipo de coisa.

— Sr. Secretário, — disse o homem de amarelo, — aqui está o visitante de ontem novamente. E ele conhece a senha de hoje também.

O homem do secretariado olhou incrédulo para o rosto de Gideon. — Como você pode saber a senha? Anunciamos isso apenas duas horas atrás, e ninguém saiu desta casa desde então. E quem é ela? Mulheres não são permitidas aqui.

Eu ia dizer meu nome educadamente, mas Gideon segurou meu braço e me interrompeu. — Temos que falar com o conde, — ele disse. — Em negócios urgentes. Estamos com pressa.

— Eles vieram de baixo, — disse o homem de amarelo.

— Mas o conde não está aqui, — disse o secretário. Ele estava de pé agora, torcendo as mãos. — Podemos enviar um mensageiro...

— Não, precisamos falar com o conde pessoalmente. Não temos tempo para enviar mensageiros de um lado para o outro. Onde está o conde neste momento?

— Visitando o Lorde Brompton em sua nova casa na Wigmore Street. Uma reunião para discutir algo de grande importância. Ele organizou a reunião imediatamente após sua visita ontem.

Gideon praguejou baixinho. — Precisamos de uma carruagem para nos levar à Wigmore Street, então. Imediatamente.

— Eu posso providenciar isso, — disse o secretário, acenando para o homem de amarelo. — Veja isso você mesmo, por favor, Wilbour.

— Mas... não estaremos um pouco sem tempo? — perguntei, pensando no longo caminho de volta pelo porão mofado. — Quero dizer, tempo para chegar à Wigmore Street em uma carruagem. — Nosso dentista ficava na Wigmore Street. A estação de metrô mais próxima era a Bond Street, na Linha Central, mas para chegar lá a partir daqui, você teria que trocar de trem várias vezes. E como eu disse, isso era no metrô! Eu odiava pensar quanto tempo levaria em uma carruagem puxada por cavalos. — Talvez seja melhor voltarmos outro dia?

— Não, — disse Gideon, de repente sorrindo para mim. Havia algo em seu rosto que eu não conseguia interpretar totalmente. Um desejo por aventura, talvez?

— Ainda temos mais de duas horas e meia, — ele disse alegremente. — Vamos dirigir até a Wigmore Street.

* * *

A VIAGEM DE COCHE pela Londres foi a coisa mais emocionante que já me aconteceu até agora. Por algum motivo, eu imaginei que a cidade seria muito tranquila sem nenhum tráfego motorizado — pessoas passeando com guarda-sóis e usando chapéus, uma carruagem de vez em quando passando a uma velocidade confortável, sem fumaça de escapamento, sem táxis correndo imprudentemente e tentando atropelar você mesmo quando atravessava uma faixa de pedestres com o sinal verde.

Na verdade, era tudo menos tranquilo. Estava chovendo, e mesmo sem carros e ônibus, o trânsito estava caótico. Todos os tipos de coches, carruagens e carroças estavam circulando, se amontoando, borrifando lama e água das poças por toda parte. É verdade que não havia fumaça de escapamento, mas a rua não cheirava bem — havia um leve cheiro de decomposição, e então havia excrementos de cavalo e outros detritos.

Nunca tinha visto tantos cavalos todos de uma vez antes. Nosso coche era puxado por quatro deles, negros e muito bonitos. O homem de casaco amarelo estava sentado na caixa do cocheiro, guiando os cavalos através do tumulto a uma velocidade vertiginosa. O coche balançava selvagememente, e cada vez que os cavalos faziam uma curva, eu pensava que íamos tombar. Com isso e tentando não deixar os solavancos me fazerem cair contra Gideon, eu não conseguia ver muito de Londres passando pelas janelas do coche. Quando eu olhava, nada do que via, absolutamente nada, parecia familiar. Era como se eu tivesse aterrissado em uma cidade completamente diferente.

— Isso é a Kingsway, — disse Gideon. — Você não reconheceria, né?

Nosso cocheiro lançou-se em uma manobra de ultrapassagem ousada para passar por uma carroça de bois e uma carruagem como a nossa. Desta vez, não pude evitar — a força da gravidade me lançou contra Gideon.

— Esse cara deve se achar o Ben Hur, — disse, enquanto escorregava de volta para o meu canto.

— Dirigir um coche é uma tremenda diversão, — disse Gideon, e ele parecia bastante invejoso do homem na caixa. — É ainda melhor em uma carruagem aberta, é claro. Eu gostaria de dirigir um landau.

Mais uma vez o coche balançou, e comecei a me sentir levemente enjoada. Era preciso ter um estômago forte para viajar em um desses. — E eu gostaria de estar em um Jag, — murmurei.

Ainda assim, tive que admitir que chegamos à Wigmore Street mais cedo do que eu pensava ser possível. Olhei ao redor enquanto saímos em frente a uma casa muito grandiosa, mas não reconhecia nada desta parte da cidade do nosso tempo, embora infelizmente, como eu disse, tivesse que ir ao dentista mais vezes do que gostaria. Mas havia uma vaga sensação de familiaridade sobre tudo isso. E a chuva tinha parado.

O criado que abriu a porta afirmou inicialmente que o Lorde Brompton não estava em casa, mas Gideon assegurou convincentemente que sabia que isso não era verdade e disse que se o criado não nos levasse imediatamente para seu senhor e os visitantes de seu senhor, ele perderia o emprego naquele mesmo dia. Ele entregou seu anel sinete na mão do criado intimidado e disse para ele se apressar.

— Você tem seu próprio anel sinete? — perguntei enquanto esperávamos no

hall de entrada.

— Sim, claro, — disse Gideon. — Está com medo?

— Não, por quê? Deveria estar? — A viagem de coche me sacudiu tanto que não conseguia pensar em nada mais assustador no momento. Mas assim que ele disse isso, meu coração começou a bater descontroladamente. Eu não pude deixar de pensar no que minha mãe havia dito sobre o Conde Saint-Germain. Se o homem realmente pudesse ler pensamentos...

Toquei meu cabelo preso. Provavelmente estava todo desarrumado depois daquela viagem de coche.

— Está perfeito, — disse Gideon com um leve sorriso.

O que era tudo isso? Ele queria me deixar nervosa?

— Nossa cozinheira em casa também se chama Brompton, — eu disse, para disfarçar meu constrangimento. — Sra. Brompton.

— O mundo é pequeno, — disse Gideon.

O criado desceu correndo as escadas, as abas do casaco voando. — Os senhores estão esperando por você, senhor.

Seguimos o homem até o primeiro andar.

— Ele realmente consegue ler pensamentos? — sussurrei.

— Quem, o criado? — sussurrou Gideon de volta. — Espero que não. Eu só estava pensando que ele parece uma doninha.

Será que aquilo era um pouco de humor? O Sr. Viajante do Tempo Altivo realmente contando uma piada? Eu dei a ele um sorriso rápido. (Bem, valia a pena encorajar a possibilidade.)

— Não o criado. O conde, — eu disse.

Ele assentiu. — É o que dizem, de qualquer forma.

— Ele leu *seus* pensamentos?

— e leu, eu não percebi.

Com uma reverência profunda, o criado abriu a porta para nós. Eu parei. Talvez devesse simplesmente não pensar em nada? Mas isso era completamente impossível. Assim que tentei não pensar em nada, milhões de ideias inundaram minha mente.

— As damas primeiro, — disse Gideon, me empurrando gentilmente pela porta adentro.

Dei alguns passos à frente e então parei. Não tinha certeza do que era esperado de mim a seguir. Gideon entrou atrás de mim e, depois de outra reverência profunda, o criado fechou a porta atrás de nós.

Três homens nos olhavam. O primeiro era um homem corpulento que mal conseguia se levantar da cadeira; o segundo, um homem mais jovem com uma estrutura muscular muito desenvolvida, o único dos três a não usar peruca; e o terceiro era magro e alto, com características exatamente iguais às do retrato na sala de documentos.

Conde Saint-Germain.

Gideon fez uma reverência, embora não tão profundamente quanto o criado há pouco. Os três homens retribuíram com uma reverência.

Eu não fiz nada. Ninguém me ensinou como fazer uma cortesia com uma saia de armação, e fazer uma cortesia não parecia natural de qualquer forma.

— Não esperava vê-lo de volta tão cedo, meu jovem amigo, — disse o

homem que eu presumi ser o Conde Saint-Germain. Ele estava sorrindo amplamente. — Lorde Brompton, permita-me apresentar a você o bisneto do bisneto do meu bisneto do bisneto? Gideon de Villiers.

— Lorde Brompton! — Outra pequena reverência. Obviamente, cumprimentar com as mãos não estava na moda ainda.

— Visualmente pelo menos, considero que minha linhagem saiu extremamente bem, — disse o conde. — Obviamente tive sorte ao escolher a dama do meu coração. A tendência a um nariz grande e curvo desapareceu completamente.

— Agora, agora, meu caro Conde, lá vai você tentando me impressionar com suas histórias altas novamente, — disse Lorde Brompton, se recostando na cadeira. A cadeira era tão pequena que eu tinha medo que pudesse desabar debaixo dele ali mesmo. Sua senhoria não era apenas um pouco gordinha, como o Sr. George — ele era realmente enorme!

— Mas eu não tenho objeções, — continuou ele, com seus pequenos olhos de porco brilhando alegremente. — Sua companhia é sempre muito divertida. Uma nova surpresa a cada poucos segundos!

O conde riu e se virou para o homem mais jovem, sem peruca. — Lorde Brompton é e sempre será cético, meu caro Miro! Temos que pensar um pouco mais para encontrar uma maneira de convencê-lo da nossa causa.

O homem respondeu em uma língua estrangeira áspera e cortada, e o conde sorriu novamente. Ele se virou para Gideon. — Este, meu querido neto, é meu bom amigo e companheiro Miro Rakoczy, mais conhecido nos *Anais dos Guardiões* como o Leopardo Negro.

— Encantado em conhecê-lo, — disse Gideon.

Mais reverências todos ao redor.

Rakoczy — por que esse nome me parecia familiar? E por que a visão dele me deixava tão desconfortável?

Um sorriso curvou os lábios do conde enquanto seus olhos se moviam lentamente sobre minha figura. Automaticamente, procurei alguma semelhança nele com Gideon ou Falk de Villiers, mas não consegui encontrar nenhuma. Os olhos do conde eram muito escuros, e seu olhar era penetrante. Imediatamente me fez pensar novamente no que minha mãe havia dito.

Pense! Não, não pense! Mas minha mente tinha que ter algo para ocupá-la, então cantei “Deus Salve a Rainha” em minha cabeça.

O conde mudou para o francês, o que não entendi de imediato (particularmente porque dentro da minha cabeça eu estava ocupada cantando o hino nacional com toda a minha voz imaginária), mas que, com alguma hesitação e deixando lacunas por causa do meu fraco domínio do vocabulário francês, traduzi como — E então você, moça bonita, é uma [lacuna] do bom [lacuna] Jeanne d’Urfé. Me disseram que você tinha cabelos vermelhos.

Caramba! Era provavelmente um fato que aprender vocabulário era realmente essencial para entender um idioma estrangeiro, como nosso professor de francês sempre dizia. E infelizmente eu não conhecia ninguém chamado Jeanne d’Urfé, então realmente não conseguia entender sobre o que ele estava falando mesmo.

— Ela não sabe francês, — disse Gideon, também em francês. — E ela não é

a garota que você estava esperando.

— Mas como pode ser? — O conde balançou a cabeça. — Tudo isso é extremamente [lacuna].

— Infelizmente, a garota errada foi preparada para o [lacuna].

Sim, infelizmente.

— Um erro?

— Esta é Gwyneth Shepherd, uma prima da Charlotte Montrose que mencionei a você ontem.

— Ah, outra neta do Lorde Montrose, o último [lacuna]. E assim uma prima da [lacuna]? — Os olhos escuros do Conde Saint-Germain estavam sobre mim, e comecei a cantar em minha mente novamente.

Manda-a vitoriosa, feliz e gloriosa...

— É o [lacuna, lacuna] que simplesmente não entendo.

— Nossos cientistas dizem que é perfeitamente possível para um [lacuna] genético...

O conde levantou a mão para interromper Gideon. — Eu sei, eu sei! Isso pode ser assim, de acordo com as leis da ciência, mas mesmo assim, não me sinto feliz com isso.

Eu compartilhava dos seus sentimentos.

— Então, nada de francês? — perguntou ele, mudando para o alemão. Eu era um pouco melhor em alemão, ou pelo menos, minha nota era um sólido B há quatro anos, mas mais uma vez havia essas irritantes lacunas no meu vocabulário. — Por que ela foi tão mal preparada?

— Ela não foi preparada de forma alguma, senhor. Ela não fala nenhum idioma estrangeiro. — Gideon estava falando em alemão agora também. — E em todos os outros aspectos, ela também é completamente [lacuna]. Charlotte e Gwyneth nasceram no mesmo dia. Mas todos erroneamente assumiram que Gwyneth nasceu um dia depois.

— Como pode uma coisa dessas ser ignorada? — Ah, finalmente eu podia entender cada palavra novamente. Eles haviam voltado para o inglês, que o conde falava sem traços de sotaque estrangeiro. — Por que, eu me pergunto, começo a sentir que os Guardiões de sua época não levam mais seu trabalho totalmente a sério?

— Acho que você encontrará a resposta nesta carta. — Gideon tirou um envelope lacrado do bolso interno do casaco e entregou-o ao conde.

Um olhar penetrante repousou sobre mim.

...frustrar seus truques desonestos, em ti depositamos nossas esperanças, Deus nos salve todos...

Evitei firmemente seus olhos escuros e olhei para os outros dois homens em vez disso. O Lorde Brompton parecia ter tantas lacunas em seu vocabulário de francês e alemão quanto eu (sua boca estava ligeiramente aberta acima de seus muitos queixos duplos, e ele parecia um pouco bobo), e o outro homem, Rakoczy, estava inspecionando suas unhas de perto.

Ele ainda era bastante jovem, talvez por volta dos trinta anos, e tinha cabelos escuros e um rosto fino e longo. Ele poderia ter sido bastante bonito, exceto que seus lábios estavam torcidos como se tivesse um gosto muito desagradável na boca e sua pele estava pálida de uma maneira não saudável.

Eu estava pensando se ele tinha colocado pó cinza pálido em seu rosto quando de repente ele levantou os olhos e olhou diretamente para mim. Esses olhos eram negros como buracos negros, e eu não conseguia ver onde suas íris e pupilas começavam e terminavam. Havia um aspecto estranhamente morto neles, embora eu não pudesse explicar por que.

Automaticamente, voltei a cantar “Deus Salve a Rainha” em minha cabeça. Enquanto isso, o conde havia quebrado o selo e desdobrado a carta, e com um suspiro ele começou a lê-la. De vez em quando ele levantava a cabeça e me olhava. Eu ainda não tinha me movido do lugar.

Não apenas nesta terra, mas que as misericórdias de Deus sejam conhecidas...

O que dizia a carta? Quem a tinha escrito? O Lorde Brompton e Rakoczy pareciam estar muito interessados nela também. O Lorde Brompton estava esticando o pescoço gordo para dar uma olhada na escrita, enquanto Rakoczy estava concentrado mais no rosto do conde. Obviamente, a torção nojenta dos lábios de Rakoczy era permanente.

Quando ele me olhou novamente, todos os pequenos pelos dos meus braços se arrepiaram. Esses olhos dele eram como buracos negros, e agora descobri por que pareciam tão mortos. Eles não refletiam luz; eles não tinham o brilho que dá vida aos olhos da maioria das pessoas. Não era apenas peculiar, era horrível. Eu estava feliz que havia uma boa distância de cinco metros entre aqueles olhos e eu.

— Sua mãe, minha criança, parece ser uma mulher excepcionalmente obstinada. — O conde havia terminado de ler a carta e estava dobrando-a. — Só podemos especular sobre seus motivos. — Ele deu alguns passos em minha direção, e sob seu olhar penetrante, eu nem conseguia mais lembrar as palavras do hino nacional.

Mas então vi algo que não havia notado antes. O conde era velho. Embora seus olhos fossem brilhantes e cheios de energia, suas costas eram retas, e o som de sua voz era animado e jovial, não se podia perder os sinais de velhice. A pele em seu rosto e mãos estava enrugada como pergaminho, veias azuis apareciam, e mesmo sob uma camada de pó, as rugas em seu rosto eram óbvias. Sua idade o fazia parecer frágil. Eu quase senti pena dele.

De qualquer forma, de repente eu não tinha mais medo dele. Ele era apenas um velho, mais velho que meu próprio avô quando o conheci.

— Gwyneth não sabe nada sobre os motivos de sua mãe ou os eventos que nos deixaram nesta situação — disse Gideon. — Ela não tem ideia alguma.

— Estranho, muito estranho — disse o conde enquanto dava uma volta completa ao meu redor. — Realmente nunca nos encontramos antes.

É claro que não tínhamos. Como poderíamos ter nos encontrado antes?

— Mas você não estaria aqui a menos que fosse o Rubi. *Rubi vermelho, com Sol maior, a magia do corvo, traz o Círculo dos Doze para casa, para um porto seguro.* — Quando ele terminou de me circundar, ficou diante de mim e olhou diretamente nos meus olhos. — Qual é a sua magia, garota?

...de costa a costa, Senhor, faça as nações verem...

Ah, por que eu estava me incomodando com isso? Ele era apenas um velho. Eu deveria tratá-lo com educação e respeito e não o encarar como um coelho

aterrorizado na presença de uma cobra.

— Eu não sei, senhor.

— O que há de especial em você? Me diga!

O que havia de especial em mim? Além do fato de que nos últimos dois dias eu havia sido capaz de viajar de volta ao passado? De repente, pude ouvir a voz da tia Glenda dizendo: — Mesmo quando Charlotte era bebê, qualquer um podia dizer que ela nasceu para coisas maiores. Você não pode compará-la com crianças comuns.

— Não acho que haja algo de especial em mim, senhor.

O conde fez um som com a língua. — Você pode estar certa. Afinal, é apenas um verso. Um verso de origem duvidosa. — De repente, ele pareceu perder o interesse por mim e voltou-se para Gideon. — Meu querido rapaz, li aqui, com admiração, o que você já fez. Você encontrou Lancelot de Villiers na Flandres! William de Villiers, Cecília Woodville - a encantadora Aquamarine - e os gêmeos que nunca conheci: você os marcou todos da lista. E pense só, Lorde Brompton, este jovem até visitou Madame Jeanne d'Urfé, nascida Pontcarré, em Paris e a convenceu a doar um pouco de seu sangue.

— Você quer dizer a Madame d'Urfé a quem meu pai devia sua amizade com Madame de Pompadour e, por fim, com você também? — perguntou o Lorde Brompton.

— A mesma pessoa — disse o conde. — Eu não conheço outra.

— Mas Madame d'Urfé está morta nos últimos dez anos.

— Sete, para ser preciso — disse o conde. — Eu estava na corte do Margrave Charles de Ansbach na época. Sinto-me muito atraído pelos estados alemães. O interesse demonstrado lá pela Maçonaria e pela alquimia é muito gratificante. E, como me foi dito muitos anos atrás, vou morrer na Alemanha.

— Você está mudando de assunto — disse o Lorde Brompton. — Como esse jovem pode ter visitado Madame d'Urfé em Paris? Por que, sete anos atrás, ele ainda deveria ser uma criança.

— Você insiste em pensar nas direções erradas, meu caro senhor! Pergunte a Gideon *quando* ele teve o prazer de pedir uma gota de sangue de Madame d'Urfé.

O Lorde Brompton olhou inquisitivamente para Gideon.

— Maio de 1759 — disse Gideon.

Seu lorde soltou uma risada aguda. — Mas isso é impossível. Você mal pode ter vinte anos agora.

O conde também riu, mas com satisfação. — Então você a encontrou em 1759. Ela nunca me contou, essa enigmática.

— Você estava em Paris na época, senhor, mas tive instruções estritas para não cruzar o seu caminho.

— Por conta do continuum, sim, eu sei — suspirou o conde. — Às vezes, tenho vontade de brigar com minhas próprias regras... Mas voltemos à querida Jeanne. Você teve que usar força? Ela não foi muito cooperativa comigo.

— Então ela me contou — disse Gideon. — Assim como a maneira como você a convenceu a entregar o cronógrafo.

— Convencê-la! Ela nem sequer sabia que maravilha havia herdado de sua avó. O pobre dispositivo estava lá, sem uso, não reconhecido, em um baú

empoeirado no sótão. Mais cedo ou mais tarde, teria sido totalmente esquecido. Eu o resgatei e o restaurei ao seu antigo esplendor. E graças às figuras geniais que entrarão em minha Guarda no futuro, ele ainda está em funcionamento hoje. Isso é quase um milagre.

— Madame d’Urfé também achou que você estava disposto a estrangulá-la, só porque ela não conseguia lembrar o nome de solteira de sua bisavó e a data de nascimento.

Estrangulá-la? Céus! Como isso é horrível?

— Exatamente. Tais lacunas em nosso conhecimento me custaram tempo demais vasculhando registros antigos de igrejas, quando eu poderia ter me dedicado a assuntos mais importantes. Jeanne é uma mulher distintamente vingativa. O que torna ainda mais notável que você a tenha persuadido a cooperar.

Gideon sorriu. — Não foi fácil. Mas obviamente a convenci de que era confiável. Também dancei a gavota com ela e ouvi pacientemente suas queixas sobre você.

— Que injustiça. Quando fui eu quem a incentivou a ter um romance emocionante com Casanova - e mesmo que ele estivesse atrás apenas de seu dinheiro, muitas outras mulheres a invejavam. Além disso, compartilhei meu cronógrafo com ela em um espírito verdadeiramente fraternal. Se não fosse por mim... — O conde se voltou novamente para mim, obviamente animado. — Uma mulher ingrata. Acho que ela nunca realmente entendeu o que estava acontecendo com ela, coitada. Além disso, ela se sentiu insultada porque sua pedra preciosa no Círculo dos Doze era apenas a citrina. *Por que você pode ser a Esmeralda e eu sou apenas uma Citrina sem brilho? Ninguém que tenha orgulho de si mesmo usa citrinos hoje em dia!* — Ele riu. — Ela realmente era uma criatura muito tola. Eu me pergunto com que frequência ela viajava de volta no tempo em sua velhice. Talvez ela tenha parado de fazer isso completamente. Ela nunca foi uma viajante do tempo muito habilidosa de qualquer maneira. Às vezes, passava um mês inteiro antes que ela desaparecesse. Diria que o sangue feminino é consideravelmente mais lento que o nosso. Assim como a mente feminina é inferior ao intelecto masculino. Você não concorda comigo, garota?

Macho chauvinista, eu estava pensando enquanto mantinha meus olhos baixos, *estúpido, pomposo, velho tagarela chato*. Ah, não! Eu estava louca? Eu não deveria estar pensando em nada!

Mas evidentemente a habilidade do conde de ler mentes não era tudo o que diziam, porque ele apenas riu de novo de forma auto satisfeita. — Não é particularmente falante, não é? — ele observou.

— Ela é apenas tímida — disse Gideon. — Tímida.

Intimidada seria mais adequado.

— Não há mulheres tímidas — anunciou o conde. — A maneira modesta como abaixam os olhos simplesmente esconde sua ingenuidade.

Eu estava rapidamente chegando à conclusão de que não havia necessidade de sentir medo *dele*. Ele era apenas um velho convencido que odiava mulheres e gostava do som de sua própria voz.

— Você claramente não tem uma alta opinião do sexo oposto — disse Lorde Brompton.

— Ah, eu protesto! — respondeu o conde. — Eu adoro mulheres! De verdade. Eu simplesmente não acredito que o intelecto delas seja capaz de promover os interesses da humanidade. É por isso que não há lugar para mulheres em minha Guarda. — Ele brindou seu lorde com um sorriso radiante. — E para muitos homens, eu lhe asseguro, Lorde Brompton, esse é o argumento crucial que os leva a buscar filiação.

— No entanto, as damas o adoram! Meu pai nunca se cansava de elogiar seu sucesso com o sexo oposto aos céus. Nos dizem que as mulheres sempre se atiraram a seus pés, aqui em Londres e também em Paris.

O conde se calou imediatamente, sem dúvida pensando em seus dias como galanteador. Então ele disse, — Ah, não é particularmente difícil enganar mulheres e subjugar-las à sua vontade, meu caro senhor. Todas são iguais. Se minha mente não estivesse voltada para coisas mais elevadas, eu já teria escrito um manual para cavalheiros, aconselhando sobre a maneira certa de lidar com as mulheres.

Aposto que ele faria. Eu poderia pensar em um bom título para ele imediatamente. *Estrangulamento Bem-Sucedido*, ou *Como Levar uma Mulher até a Morte Conversando*. Eu quase ri. Mas então percebi que Rakoczy estava me observando muito atentamente, e meu humor mudou subitamente.

Devo estar fora de mim! Aqueles olhos negros encontraram os meus por um segundo e então olhei para baixo, para o piso de mosaico diante dos meus pés, e tentei afastar a sensação de pânico que ameaçava me dominar. Agora eu tinha certeza de que não era o conde de quem eu devia me precaver. Mas isso estava longe de significar que eu poderia me sentir segura.

— Tudo isso é muito divertido — disse Lorde Brompton. Seus queixos duplos tremiam de deleite. — Você e seus companheiros dariam bons atores, aposto. Como meu pai dizia, meu caro Saint-Germain, você sempre conseguia inventar histórias surpreendentes. Mas receio que você não possa provar nenhuma delas. Você ainda não realizou nenhum truque para mim.

— Realizar um truque! — exclamou o conde. — Ah, meu caro senhor, que Tomé duvidoso você é. Eu já teria perdido a paciência com você há muito tempo se não estivesse ciente de minhas obrigações para com seu pai, que Deus o tenha. Ou se meu interesse em seu dinheiro e sua influência não fossem tão grandes.

Lorde Brompton riu um pouco desconfortável. — Bem, você é honesto, com certeza.

— A alquimia não pode prescindir de seus patronos. — O conde se virou para Rakoczy. — Devemos mostrar a seu lorde alguns de nossos truques. Ele é daqueles que só acreditam na evidência de seus próprios olhos. Mas primeiro preciso ter uma conversa particular com meu bisneto aqui e escrever uma carta para o futuro Grão-Mestre de nossa Guarda.

— Você pode usar o escritório ao lado — disse seu lorde, apontando para uma porta atrás dele. — E estou ansioso com grande expectativa por uma performance.

— Vamos, meu rapaz. — O conde pegou o braço de Gideon. — Há algumas perguntas que devo fazer a você. E algumas coisas que você deve saber.

— Só temos meia hora restante — disse Gideon, olhando para o relógio de

bolso preso ao seu colete com uma corrente de ouro. — Até então, no máximo, devemos partir de volta para o Templo.

— Meia hora será mais que suficiente — disse o conde. — Eu escrevo rápido e consigo falar ao mesmo tempo.

Gideon riu brevemente. Ele realmente parecia achar o conde espirituoso, e obviamente tinha esquecido que eu ainda estava ali também.

Limpei a garganta. No meio do caminho para a porta, ele se virou para me olhar e levantou uma sobrancelha em questionamento.

Respondi à sua pergunta apenas em silêncio, porque mal conseguia dizer em voz alta. *Pelo amor de Deus, não me deixe sozinha com esses malucos.*

Gideon hesitou.

— Ela só estaria no caminho — disse o conde.

— Espere por mim aqui — disse Gideon, com um tom de voz inesperadamente gentil.

— Seu lorde e Miro a manterão companhia — disse o conde. — Senhores, vocês poderiam fazer algumas perguntas sobre o futuro para ela. Esta é uma oportunidade única. Ela vem do século XXI — perguntem a ela sobre os trens automáticos que correm debaixo da terra em Londres. Ou sobre as máquinas voadoras prateadas que sobem quilômetros no ar com um som como o rugido de mil leões e podem atravessar o mar.

Lorde Brompton riu tanto que fiquei seriamente preocupada com sua cadeira. Todos os seus rolos de gordura estavam tremendo. — Algo mais?

De jeito nenhum eu queria ficar sozinha com ele e Rakoczy. Mas Gideon apenas sorriu, embora eu lhe desse um olhar suplicante.

— Estarei de volta em um instante — ele disse.

Hoje, Turmalina Negra, Paul de Villiers, veio do ano de 1992, conforme combinado, para passar um tempo na sala de documentos aqui. Mas desta vez ele estava acompanhado por uma garota ruiva que se apresentou como Lucy Montrose, dizendo ser neta de nosso adepto Lucas Montrose. Ela apresentava, em todos os aspectos, uma semelhança infeliz com Arista Bishop (linha Jade, observação número 4).

Levamos os dois para o escritório de Lucas. Agora está claro para todos nós que Lucas provavelmente vai propor casamento para Arista e não, como esperávamos, para Claudine Seymour. (Embora tenha que ser admitido que Arista tem pernas melhores e um bom backhand no tênis.)

Que estranho um homem ser visitado por seu neto antes de ter filhos próprios.

DE OS ANAIS DOS GUARDIÃOS

12 DE JUNHO 1948

RELATÓRIO: KENNETH DE VILLIERS, CIRCULO INTERNO

DOZE

À medida que a porta se fechava atrás de Gideon e do conde, dei um passo para trás.

— Por favor, sente-se — disse Lorde Brompton, indicando uma das delicadas cadeiras. Os lábios de Rakoczy se contorceram. Seria isso um sorriso? Se sim, ele precisava praticar mais diante do espelho.

— Não, obrigada. Prefiro ficar em pé. — Mais um passo para trás, até quase colidir com um Cupido de pedra nua em um pedestal à direita da porta. Quanto mais distância eu pudesse colocar entre mim e aqueles olhos negros, mais segura me sentia.

— E você realmente afirma vir do século XXI?

Não havia nada a *afirmar* sobre isso. Mas eu assenti.

Lorde Brompton esfregou as mãos. — Bem, então - que rei governa a Inglaterra no século XXI?

— Temos um primeiro-ministro que faz o governo efetivo — disse, hesitante. — A rainha apenas cuida das grandes ocasiões de estado.

— Rainha?

— Rainha Elizabeth II. Ela é adorável. Ela veio à nossa festa multirracial na escola no ano passado. Cantamos o hino nacional em sete idiomas diferentes e Gordon Gelderman conseguiu o autógrafo dela em seu livro didático de inglês e o vendeu por oitenta libras no eBay. Mas, ah, é claro que isso não significará muito para você. De qualquer forma, temos um primeiro-ministro e um gabinete, e todos os maiores de dezoito anos no país votam nos membros do Parlamento.

Lorde Brompton riu apreciativamente. — Que ideia peculiar, não acha, Rakoczy? Nosso amigo, o conde, inventa as histórias mais divertidas. E como estão as coisas com a França no século XXI?

— Acho que eles também têm um primeiro-ministro na França. Sem rei, nem mesmo para ocasiões de estado. Bem, eles se livraram da aristocracia na Revolução Francesa, sabe, e o rei junto com ela. Pobre Maria Antonieta teve a cabeça cortada pela guilhotina. Não é terrível?

— Ah, sim, certamente! — riu seu lorde. — Povo terrível, os franceses. Nós, ingleses, nunca conseguimos nos dar bem com eles. Então, me diga agora: com que país estamos em guerra no século XXI?

— Bem, nenhum país — disse, um tanto insegura aqui. — Não realmente, de qualquer forma. Apenas enviamos tropas aqui e ali para ajudar. No Oriente Médio e assim por diante. Mas, para ser honesta, não sei muito sobre política. Por que não me pergunta algo sobre ... sobre geladeiras? Não sobre como funcionam - eu não sei como funcionam de verdade. Apenas sei que funcionam, e toda casa em Londres tem uma geladeira, e você pode manter queijo e leite nela por dias, e eles não estragam.

Lorde Brompton não pareceu particularmente interessado em geladeiras também. Rakoczy se esticou na cadeira como um gato. Eu esperava que ele não achasse uma boa ideia se levantar.

— Ou você pode me perguntar sobre telefones — acrescentei rapidamente. — Não que eu possa explicar como funcionam também. Se eu tivesse avaliado Lorde Brompton com precisão, telefones eram outra coisa que ele não entenderia. Para ser honesta, ele não parecia capaz de entender nem mesmo o princípio da lâmpada incandescente. Eu tentei pensar em algo mais que pudesse interessá-lo.

— E então, er ... bem, então há esse túnel correndo sob o Canal da Mancha entre Dover e Calais.

Isso pareceu ser a coisa mais engraçada que Lorde Brompton já ouvira. Ele bateu na enorme coxa enquanto sacudia-se de rir. — Maravilhoso! Maravilhoso!

Eu estava começando a relaxar um pouco quando Rakoczy falou - em inglês, com um sotaque áspero. — E a Transilvânia?

— Transilvânia? — A terra do Conde Drácula? Ele estava falando sério? Eu evitei olhar nos olhos negros dele. Talvez ele fosse o Conde Drácula. Sua tez pálida certamente se encaixaria no papel, de qualquer forma.

— Minha terra natal, nos belos Cárpatos. O principado da Transilvânia. O que está acontecendo na Transilvânia no século XXI? — Sua voz soava um pouco rouca, e definitivamente havia uma nota de nostalgia nela. — E o que aconteceu com o povo Kuruc?—

O quê? Povo Kuruc? Eu nunca ouvira falar deles.

— Er, bem, as coisas são bem tranquilas na Transilvânia em nosso tempo — disse cautelosamente. Para ser honesta, nem mesmo sabia onde ficava o lugar. Mas tenho certeza de que esses Kuruc realmente viviam lá.

— Quem governa a Transilvânia no século XXI? — Rakoczy continuou. Ele parecia muito alerta, como se pudesse saltar da cadeira a qualquer momento se minha resposta fosse insatisfatória.

Hm, sim. Quem governava a Transilvânia? Essa era uma pergunta realmente boa. Será que pertencia à Bulgária? Ou à Romênia? Ou à Hungria?

— Eu não sei — respondi honestamente. — É tão longe. Terei que perguntar à Sra. Counter — ela é nossa professora de geografia.

Rakoczy pareceu desapontado. Talvez eu devesse ter contado algumas mentiras. *A Transilvânia é governada pelo Príncipe Drácula nos últimos duzentos anos. É uma reserva natural para espécies de morcegos que de outra forma teriam desaparecido. Os Kurucs são as pessoas mais felizes da Europa.* Ele provavelmente teria gostado mais disso.

— E como estão nossas colônias no século XXI? — perguntou Lorde Brompton.

Para meu alívio, vi que Rakoczy estava se recostando novamente. E ele não se desfez em poeira quando o sol rompeu as nuvens e banhou a sala em luz clara e brilhante.

Por um tempo, conversamos de maneira quase relaxada sobre a América e a Jamaica e algumas ilhas que, admito, nunca tinha ouvido falar. Lorde Brompton parecia muito chateado ao pensar que todos esses lugares agora se governavam. (Bem, eu assumia que sim. Não estava absolutamente certa.) Claro que ele não acreditava em uma palavra do que eu dizia. Rakoczy não participou mais da conversa. Ele apenas olhava alternadamente para suas unhas cumpridas e afiadas e para o papel de parede, lançando um olhar ocasional na minha direção.

— Que triste pensar que você é apenas uma atriz — suspirou Lorde Brompton. — Tal pena. Eu gostaria tanto de acreditar em você.

— Bem, no seu lugar, eu não suponho que acreditaria em mim também — disse compreensivamente. — Receio que não tenho nenhuma prova... ah, espere um minuto! — Mergulhei em meu decote e tirei meu celular.

— O que você tem aí? Um estojo de charutos?

— Não! — Abri o celular, e ele apitou porque não conseguia encontrar uma rede. Claro que não. — Isso é... ah, não importa. Posso tirar fotos com ele.

— Você quer dizer pintá-las?

Balancei a cabeça e segurei o celular para cima para que Lorde Brompton e Rakoczy aparecessem na tela. — Sorriam, por favor. Isso, é isso. — Não houve flash porque a luz do sol estava tão brilhante, o que foi uma pena. Um flash certamente teria impressionado os dois.

— O que foi isso? — Lorde Brompton saiu de sua cadeira maciça surpreendentemente rápido, e veio até mim. Mostrei a foto na tela. Eu tinha pego ele e Rakoczy muito bem.

— Mas... o que é isso? Como isso é possível?

— É o que chamamos de fotografia — eu disse.

Os dedos gordos de Lorde Brompton acariciaram o celular. — Maravilhoso! — ele disse entusiasmado. — Rakoczy, você precisa ver isso!

— Não, obrigado — disse Rakoczy cansadamente.

— Como você faz isso, eu não sei, mas é o melhor truque que já vi. Ah, o que aconteceu agora?

Lesley estava na tela. Seu lorde havia pressionado uma das teclas.

— Esta é minha amiga Lesley — disse, desejando poder vê-la na vida real. — Tirei a foto na semana passada. Olha, ali atrás dela é a Marylebone High Street - o sanduíche dela veio da Prêt à Manger - e ali está a loja da Aveda, entende? É onde minha mãe sempre compra o spray de cabelo dela. — De repente, senti uma terrível nostalgia. — E ali está parte de um táxi. Um tipo de carruagem que circula sem cavalos...

— Quanto você quer por essa caixa de truques? Pagarei o preço que você pedir, qualquer um!

— Er, não, realmente, não está à venda. Eu ainda preciso dele. — Encolhendo os ombros com pesar, fechei minha caixa de truques - quero dizer, meu celular - e o coloquei de volta em seu esconderijo dentro do meu decote.

Não um momento muito cedo, porque a porta se abriu e o conde e Gideon voltaram, o conde sorrindo satisfeito, Gideon parecendo um tanto sério. Agora Rakoczy também se levantou de sua cadeira.

Gideon olhou para mim intensamente. Olhei desafiadoramente para ele. Será que ele esperava que eu fugisse enquanto ele estava fora da sala? Teria sido merecido. Afinal, ele foi quem martelou em mim que eu deveria ficar perto dele o tempo todo, apenas para me abandonar na primeira oportunidade.

— Então, como você gostaria de viver no século XXI, Lorde Brompton? — perguntou o conde.

— Eu gostaria muito! Que ideias fantásticas você tem — disse seu lorde, batendo palmas. — Foi realmente muito divertido.

— Eu sabia que você iria gostar. Mas você poderia ter oferecido uma cadeira

à pobre criança.

— Ah, eu certamente ofereci. Mas ela preferiu ficar em pé. — Seu lorde se inclinou para a frente e falou em tom confidencial. — Eu realmente gostaria de comprar aquele pequeno caixa de prata, meu caro conde.

— Caixa de prata?

— Precisamos partir agora, temo — disse Gideon, cruzando a sala com alguns passos e colocando-se ao meu lado.

— Eu entendo, eu entendo! O século XXI os aguarda, é claro — disse Lorde Brompton. — Agradeço muito por me visitarem. Foi maravilhosamente divertido.

— Só posso concordar com você — disse o conde.

— Espero que tenhamos o prazer de nos encontrar novamente — disse Lorde Brompton.

Rakoczy não disse nada. Ele apenas olhou para mim. E de repente senti como se uma mão gelada tivesse sido colocada em minha garganta. Inspirei alarmada e olhei para baixo em mim mesma. Nada a ser visto. Ainda assim, senti os dedos se fechando em torno da minha traqueia.

— Eu posso apertar com mais força quando quiser.

Não era Rakoczy dizendo isso — era o conde. Mas seus lábios não se mexeram.

Confusa, olhei da boca dele para sua mão. Estava a mais de quatro metros de distância de mim. Como poderia estar em volta do meu pescoço ao mesmo tempo? E por que ouvia sua voz em minha cabeça quando ele não estava falando?

— Não sei exatamente que papel você está desempenhando, garota, ou se tem alguma importância. Mas não permitirei que minhas regras sejam quebradas. Estou te avisando. Entendeu? — A pressão de seus dedos aumentou.

Fui paralisada pelo medo. Só podia encará-lo, ofegante. Ninguém percebia o que estava acontecendo comigo?

— Perguntei se você entendeu.

— Sim — sussurrei.

A pressão dos dedos do conde afrouxou imediatamente, a mão foi removida. O ar pôde fluir livremente para os meus pulmões.

Os lábios do conde se curvaram, e ele sacudiu o pulso.

— Nos encontraremos novamente — disse ele.

Gideon se curvou. Os três homens retribuíram a reverência. Eu era a única que permanecia perfeitamente imóvel, incapaz de me mover, até que Gideon pegou minha mão e me conduziu para fora da sala.

* * *

ATÉ MESMO quando estávamos sentados no coche novamente, eu ainda me sentia terrivelmente nervosa — fraca, exausta e suja de uma maneira estranha.

Como o conde conseguiu falar comigo sem os outros ouvirem? E como ele me tocou quando estava a quatro metros de distância? Minha mãe estava certa. Ele *podia* entrar na sua mente e controlar seus sentimentos. Deixei seu jeito presunçoso e errático de falar e sua aparência frágil me enganarem. Eu o tinha

subestimado terrivelmente.

Que estúpido da minha parte.

Na verdade, eu subestimei toda essa estranha história em que tinha caído.

O coche havia começado a se mover e balançava tanto quanto na viagem de ida. Gideon tinha dito ao Guardião de casaco amarelo para se apressar. Como se precisasse! O Guardião dirigia como alguém cansado da vida, mesmo a caminho da casa do Lorde Brompton.

— Você está bem? Parece que viu um fantasma. — Gideon tirou o casaco e o colocou no banco ao lado dele. — Bem quente para setembro aqui.

— Não um fantasma — eu disse, incapaz de encará-lo nos olhos. Minha voz tremia um pouco. — Apenas o Conde Saint-Germain e um dos seus truques.

— Ele não foi especialmente civilizado com você — Gideon admitiu. — Mas isso era de se esperar. Ele claramente tinha outras ideias sobre como você deveria ser.

Quando não disse nada, ele continuou. — Nas profecias, o décimo segundo viajante no tempo sempre é descrito como algo especial. *Vermelho rubi, com sol maior, a magia do corvo*. Seja lá o que isso signifique. De qualquer forma, o conde não quis acreditar em mim quando disse que você era apenas uma garota comum.

Curiosamente, esse comentário imediatamente afastou o sentimento fraco e miserável que o toque fantasma do conde tinha desencadeado. Em vez de cansaço e medo, senti um forte senso de orgulho ferido. E raiva. Mordi o lábio.

— Gwyneth?

— *O quê?*

— Eu não quis te insultar. Eu não estava te rebaixando - só quis dizer que você é uma garota comum, entende?

Ah, maravilhoso. Só ficava melhor.

— Perfeitamente — eu disse, olhando furiosamente para ele. — Não me importo nem um pouco com o que você pensa de mim.

Ele me olhou calmamente. — Você não pode evitar.

— Você não sabe absolutamente nada sobre mim! — eu disse indignada.

— Talvez não — disse Gideon. — Mas conheço muitas garotas como você. São todas iguais.

— Muitas garotas como eu? Ah, é?

— Quero dizer, garotas que não se interessam por nada além de penteados, roupas, filmes e astros do pop. E vocês sempre estão rindo, e vão ao banheiro em grupos. E fazem comentários maldosos sobre alguma garota chamada Lisa ou seja lá quem, por comprar uma camiseta barata de loja de departamento por cinco libras.

Mesmo que estivesse irritada, eu comecei a rir. — Quer dizer que todas essas garotas que você conhece fazem comentários maldosos sobre alguém chamado Lisa por comprar uma camiseta barata?

— Bem, você entende o que quero dizer.

— Sim, entendo. — Eu não pretendia dizer mais nada, mas simplesmente saiu de mim. — Você acha que todas as garotas que não são como a Charlotte são estúpidas e superficiais. Só porque tivemos uma infância normal em vez de todas aquelas aulas de esgrima e instruções em profecias misteriosas. A verdade

é que você nunca teve tempo para conhecer garotas normais. É por isso que você tem todos esses preconceitos patéticos.

— Ah, vá! Eu fui para a escola, assim como você.

— Aham, claro! — As palavras simplesmente saíam de mim. — Se você foi treinado para a sua vida como viajante do tempo apenas pela metade tão intensamente quanto a Charlotte, então você não teve tempo para fazer amigos, e sua opinião sobre o que você chama de garotas *comuns* vem de observações que você fez enquanto estava sozinho no pátio da escola. Ou você está me dizendo que as outras crianças na sua escola achavam seus hobbies, como Latim, dançar a gavota e dirigir carruagens puxadas por cavalos, realmente legais?

Em vez de ficar insultado, Gideon pareceu divertido. — Você esqueceu de mencionar tocar violino. — Ele se recostou e cruzou os braços.

— Violino? Sério? — Minha raiva tinha desaparecido tão rapidamente quanto tinha surgido em mim. Tocar violino! Sinceramente!

— Pelo menos você está com um pouco de cor no rosto de novo. Você estava pálida como o Miro Rakoczy.

Definitivamente. Rakoczy. — Como se escreve o nome dele?

— R-a-k-o-c-z-y, — disse Gideon. — Por quê?

— Eu quero pesquisar sobre ele.

— Ah, você gostou tanto dele assim?

— Gostar dele? Ele é um vampiro, — eu disse. — Ele vem da Transilvânia.

— Ele vem da Transilvânia, mas isso não o torna um vampiro.

— Como você *sabe*?

— Porque não existem vampiros, Gwyneth.

— Ah, não? Se existem máquinas do tempo, por que não haveria vampiros também? Já olhou nos olhos dele? Eles são como buracos negros.

— Isso vem de beber beladona. Ele está experimentando com isso, — disse Gideon. — Um veneno vegetal que dizem expandir a consciência.

— Como você sabe disso?

— Está escrito nos *Anais dos Guardiões*. Nas páginas deles, Rakoczy é conhecido como o Leopardo Negro. Ele salvou o conde de duas tentativas de assassinato. Ele é muito forte e extremamente habilidoso com armas.

— Quem queria matar o conde?

Gideon deu de ombros. — Um homem assim tem muitos inimigos.

— Eu consigo entender o porquê! — eu disse. — Mas tenho a impressão de que ele pode se cuidar.

— Ah, com certeza ele pode, — concordou Gideon.

Ponderei se deveria contar a ele o que o conde tinha feito, mas decidi não fazer isso. Gideon não era apenas um conhecido educado — pelo que parecia para mim, ele e o conde eram amigos íntimos.

Não confie em ninguém.

— Você realmente viajou para ver todas aquelas pessoas no passado e tirar sangue delas? — eu perguntei ao invés disso.

Gideon assentiu. — Contando com você e comigo, oito dos doze viajantes do tempo foram readmitidos no cronógrafo. Eu encontrarei os outros quatro também.

Lembrei-me do que o conde tinha dito e perguntei, — Como você conseguiu

viajar de Londres para Paris e Bruxelas? Eu pensei que o tempo que podemos passar no passado era limitado a algumas horas.

— Quatro horas, para ser preciso, — disse Gideon.

— Você não conseguiria ir de Londres a Paris em quatro horas naquela época, muito menos com tempo de sobra para dançar a gavota e coletar uma gota de sangue de alguém.

— Bem observado. Então viajamos para Paris com o cronógrafo *primeiro*, — disse Gideon. — E depois fui a Bruxelas, Milão e Bath em ocasiões separadas. Consegui encontrar os outros em Londres.

— Entendi.

— Mesmo? — O sorriso de Gideon foi irônico novamente. Desta vez, ignorei.

— Sim, mesmo, estou começando a entender isso. — Olhei pela janela da carruagem. — Tenho certeza de que não passamos por esses prados a caminho da casa do Lorde Brompton, não é?

— Não. Estamos no Hyde Park, — disse Gideon, subitamente desperto e alerta. Ele se inclinou para fora. — Ei, Wilbour ou seja lá qual for o seu nome, por que estamos indo por este caminho? Temos que voltar para o Templo pela rota mais curta possível.

Não consegui ouvir o que o homem no banco dianteiro respondeu.

— Pare imediatamente! — ordenou Gideon. Ele ficou pálido quando se virou para mim.

— O que está acontecendo?

— Eu não sei, — ele disse. — O homem diz que suas ordens são para nos levar a um ponto de encontro na extremidade sul do parque.

Os cavalos haviam parado, e Gideon abriu a porta da carruagem. — Há algo de errado aqui. Não temos muito tempo antes de voltarmos. Eu vou pegar as rédeas dos cavalos e dirigir até o Templo. — Ele saiu e fechou a porta novamente. — Aconteça o que acontecer, fique no coche.

Naquele momento, se ouviu um forte estrondo. Instintivamente, me encolhi. Conhecia aquele som apenas de filmes, mas o reconheci imediatamente como o som de um tiro sendo disparado. Ouvi um gemido suave, os cavalos relincharam, e a carruagem avançou, mas então parou novamente, balançando.

— Abaixese! — gritou Gideon, e me joguei de bruços no banco.

Um segundo tiro foi disparado. O silêncio que se seguiu ao barulho era mais do que eu conseguia suportar.

— Gideon? — Sentei e olhei para fora.

Na grama do lado de fora da janela, Gideon tinha sacado sua espada. — Mantenha-se abaixada, eu disse para você!

Graças a Deus, ele ainda estava vivo. Embora talvez não por muito tempo. Dois homens tinham aparecido como se do nada, ambos vestidos de preto, e um terceiro estava montado a cavalo saindo da sombra das árvores. Uma pistola prateada brilhava em sua mão.

Gideon estava lutando contra os outros dois homens ao mesmo tempo. Todos estavam em silêncio, e exceto por seus arquejos e pelo choque de suas espadas, não havia nada para ouvir. Por alguns segundos, assisti, fascinada, admirando a habilidade de Gideon com uma espada. Era como algo de um filme, cada

estocada, fintada e salto era perfeito, como se dublês tivessem trabalhado na coreografia por dias. Mas quando um dos homens de preto gritou e caiu de joelhos, com um jato de sangue jorrando de sua garganta, recobrei os sentidos. Aquilo não era um filme, era *real*. E embora as espadas pudessem ser armas mortais (o homem atingido agora estava deitado no chão se contorcendo e emitindo sons horríveis), não parecia haver muito que pudessem fazer contra pistolas. Por que Gideon não estava carregando uma pistola? Seria fácil trazer uma arma útil como aquela de casa. E onde estava o cocheiro? Por que ele não estava lutando ao lado de Gideon?

Neste ponto, o homem montado havia se aproximado deles e descido de seu cavalo. Para minha surpresa, ele também havia sacado uma espada e estava atacando Gideon com ela. Por que ele não usava a pistola? Ele a havia jogado na grama, onde não servia para nada.

— Quem são vocês? O que querem? — perguntou Gideon.

— Apenas sua vida, — disse o homem que havia chegado por último.

— Bem, você não vai conseguir!

— Ah, nós vamos conseguir, disso pode ter certeza!

E enquanto eu assistia pela janela, a luta continuava, ainda como um balé bem ensaiado. O homem ferido agora estava deitado imóvel no chão, de modo que os outros tinham que lutar ao redor dele.

Gideon parava cada investida como se soubesse antecipadamente o que seus oponentes iam fazer, mas sem dúvida eles também tinham tido aulas de esgrima desde a infância. Uma vez vi uma das espadas dos homens sibilar em direção ao ombro de Gideon enquanto ele estava ocupado parando a estocada de seu outro oponente. Apenas uma ágil virada lateral evitou que a espada atingisse em cheio. Presumivelmente teria cortado metade do braço de Gideon. Ouvi madeira se espatifar quando a lâmina do homem atingiu a carruagem.

Isso não podia ser verdade! Quem eram esses personagens e por que estavam atrás de nós?

Rapidamente, deslizei pelo assento e olhei pela janela do outro lado. Não havia ninguém por perto para ver o que estava acontecendo ali? Você poderia realmente ser atacado assim no Hyde Park, em plena luz do dia, no meio da tarde? A luta parecia durar para sempre.

Embora Gideon estivesse se defendendo contra dois homens ao mesmo tempo, não parecia que ele poderia se livrar completamente deles. Seus oponentes o estavam forçando a recuar cada vez mais, e no final, com certeza venceriam a luta.

Eu não tinha ideia de quanto tempo havia passado desde que ouvi o primeiro tiro, ou quanto tempo ainda tínhamos que esperar antes de voltarmos, mas provavelmente era improvável que desaparecêssemos diante dos olhos dos atacantes de Gideon. Não suportava mais ficar sentada nesta carruagem apenas assistindo-os se prepararem para assassinar Gideon.

Talvez eu pudesse sair pela janela e buscar ajuda?

Por um breve momento, não tinha certeza se a enorme saia de aro passaria pela abertura, mas um segundo depois, estava de pé na alameda de areia tentando me orientar.

Eu ouvia apenas arfadas do outro lado da carruagem, junto com maldições e

o som implacável de lâminas se chocando.

— Rendam-se, agora? — arfava um dos estranhos.

— Nunca! — respondeu Gideon.

Cautelosamente, avancei em direção aos cavalos. Enquanto o fazia, quase tropecei em algo amarelo. Mal consegui reprimir um grito. Era o homem do casaco amarelo. Ele havia caído do banco do cocheiro e estava deitado de costas na areia. Vi, com horror, que parte de seu rosto estava faltando e suas roupas estavam encharcadas de sangue. O olho da parte não danificada de seu rosto estava arregalado, olhando para o nada.

O tiro que ouvira tinha sido dirigido a ele. Era uma visão terrível; senti meu estômago revirar. Nunca tinha visto uma pessoa morta antes. Daria qualquer coisa para estar sentada no cinema agora, para poder fechar os olhos e saber que não era real.

Mas isso era real. Este homem estava morto, e Gideon estava lá fora em perigo genuíno de morte.

O choque de metal me despertou do meu estado entorpecido. Gideon gemeu, e isso finalmente me trouxe de volta à realidade.

Antes que eu soubesse o que estava fazendo, vi a espada ao lado do homem morto e a agarrei firmemente.

Era muito mais pesada do que eu esperava, mas imediatamente me senti melhor. Verdade, eu não tinha ideia de como manejar uma espada, mas ela certamente era afiada e pontiaguda, eu sabia disso com certeza.

A luta continuava. Arrisquei um olhar ao redor da carruagem e vi que os dois homens haviam conseguido forçar Gideon contra ela do outro lado. Algumas mechas de seu cabelo haviam se soltado da fita que o prendia e caíam sobre sua testa. Uma de suas mangas estava rasgada, mas para meu alívio, não vi sangue. Ele ainda estava ileso.

Olhei ao redor pela última vez, mas não vi ajuda à vista. Pesando a espada em minha mão, dei um passo firme à frente. Pelo menos a visão de mim poderia distrair os dois homens. Talvez eu conseguisse dar a Gideon uma vantagem dessa forma.

Em vez disso, aconteceu o oposto. Os dois homens estavam lutando de costas para mim, então não me viram, mas os olhos de Gideon se arregalaram de horror quando me avistaram.

Por uma fração de segundo, ele hesitou, e isso foi tempo suficiente para um dos estranhos de preto acertá-lo novamente, logo ao lado de sua manga rasgada. Mas dessa vez o sangue jorrou. Gideon continuou lutando como se nada tivesse acontecido.

— Você não vai durar muito mais tempo! — gritou o homem triunfante, atacando Gideon com mais força do que antes. — Reze se puder, porque está prestes a encontrar seu criador!

Segurei firmemente o punho de minha espada com ambas as mãos e corri em direção a ele, ignorando a expressão chocada de Gideon. Os homens não me ouviram chegando. Eles não me notaram até que a espada cortou o casaco preto que um deles usava e deslizou silenciosamente em sua carne. Por um momento terrível, pensei que devia ter errado — talvez tivesse passado a espada entre o corpo do homem e seu braço. Mas então sua respiração diminuiu. Ele largou sua

arma e caiu no chão como uma árvore derrubada. Não consegui soltar o punho da espada até que ele estivesse deitado lá, quase morto.

Meu Deus.

Gideon usou o momento de alarme do outro homem para avançar sobre ele com tanta força que ele também caiu de joelhos.

— Você perdeu o juízo? — Gideon gritou para mim enquanto chutava a espada de seu oponente com o pé e colocava a ponta de sua própria lâmina no pescoço do homem.

O outro homem desabou completamente. — Por favor... por favor, me deixe viver, — ele disse.

Meus dentes começaram a ranger.

Isso não pode ter acontecido. Eu realmente não acabei de passar uma espada pelo corpo de um homem, não é?

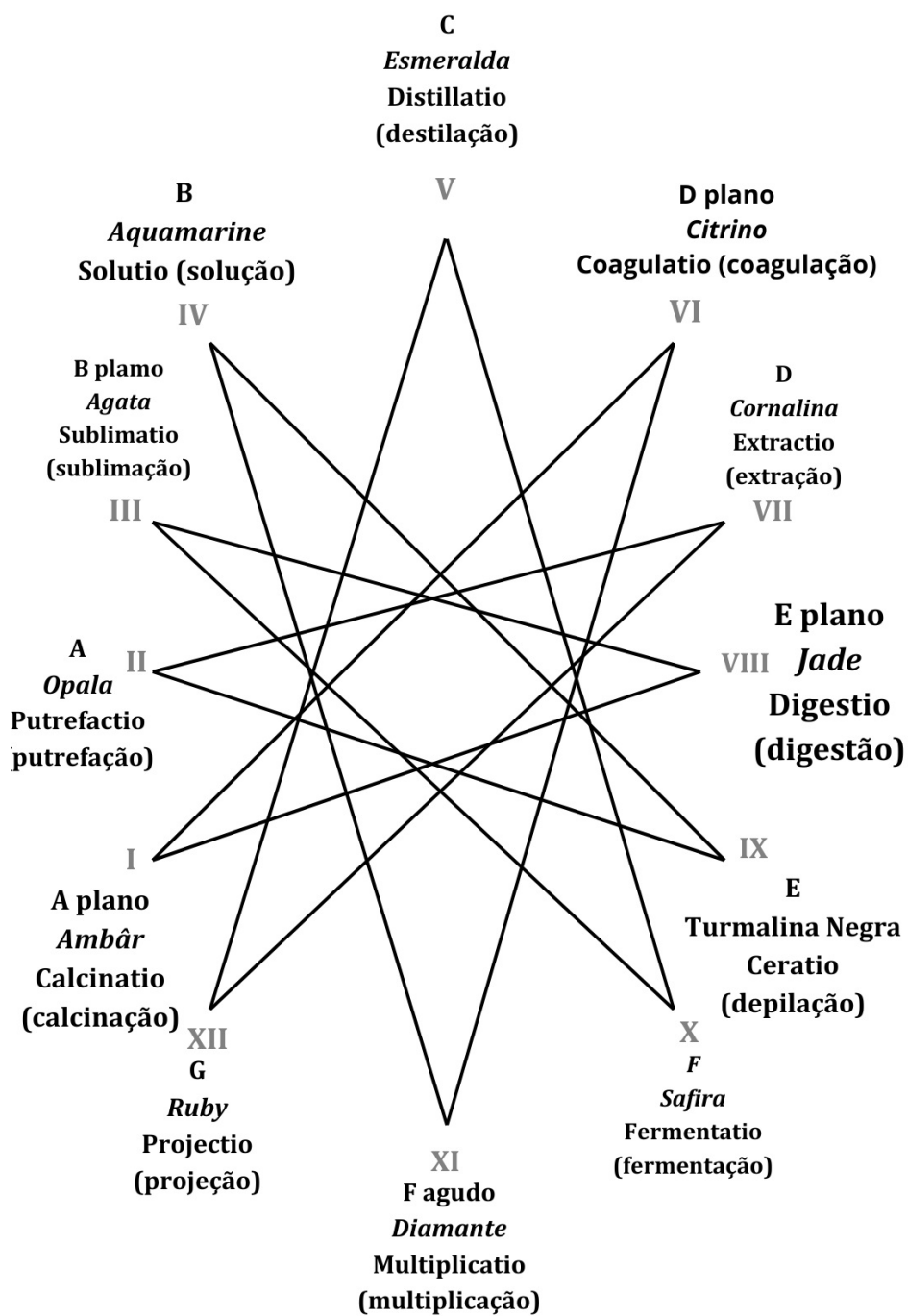
O homem que ataquei soltou mais uma respiração gorgolejante. O outro parecia prestes a chorar.

— Quem são vocês, e o que querem de nós? — perguntou Gideon friamente.

— Eu estava apenas obedecendo ordens. Por favor, não!

— Quem ordenou o que? — Uma gota de sangue se formou na garganta do homem onde a ponta da espada o encontrou. Os lábios de Gideon estavam firmemente comprimidos, como se mal conseguisse manter a lâmina imóvel.

— Não sei nenhum nome. Eu juro que não sei. — E então seu rosto, distorcido pelo medo, começou a se desfocar diante de mim. A grama verde do parque girava e girava ao redor. Fechei os olhos, quase aliviada por cair no redemoinho.



TREZE

Eu havia feito um pouso suave no meio de minhas próprias saias, mas não estava em condições de me levantar. Cada osso do meu corpo parecia ter se dissolvido, eu tremia por todo o corpo e meus dentes batiam freneticamente.

— Levante-se! — Gideon estendeu a mão para mim. Ele havia guardado sua espada em seu cinto. Vi, com um arrepio, que havia sangue nela. — Vamos, Gwyneth! As pessoas já estão nos olhando.

Era noite e devia estar escuro há algum tempo, mas tínhamos pousado embaixo de um poste de luz em algum lugar do parque. Um corredor com fones de ouvido olhou para nós com surpresa enquanto passava correndo.

— Não te disse para esperar na carruagem? — Não reagi, então Gideon pegou meu braço e me puxou para cima. Seu rosto estava completamente sem cor. — Isso foi incrivelmente imprudente e... terrivelmente perigoso e... — Ele engoliu em seco e me encarou. — E, maldição, até corajoso da sua parte.

— Pensei que quando a lâmina atingisse uma costela eu sentiria, — disse, ainda com os dentes batendo. — Não esperava que fosse como... como cortar um bolo. Por que aquele homem não tinha ossos?

— Tenho certeza de que tinha, — disse Gideon. — Mas você teve sorte e cravou a espada em algum lugar entre eles.—

— Ele vai morrer?

Gideon deu de ombros. — Não se foi um ferimento limpo. Mas a cirurgia do século XVIII realmente não pode ser comparada a um episódio de Grey's Anatomy.

Se foi um ferimento limpo? O que isso significava? Como um ferimento poderia ser limpo?

O que eu tinha feito? Eu poderia ter acabado de matar um homem!

A plena realização disso quase me fez afundar no chão novamente. Mas Gideon estava me segurando firmemente. — Vamos, temos que voltar ao Templo. Os outros devem estar preocupados.

Obviamente ele sabia exatamente onde estávamos no parque, porque me levou propositadamente pelo caminho, passando por duas mulheres passeando com seus cachorros que nos olhavam curiosamente.

— Sou uma assassina, — sussurrei.

— Já ouviu falar de legítima defesa? Você estava apenas se defendendo. Ou melhor, me defendendo, pensando bem.

Ele me deu um sorriso torto, e me ocorreu que apenas uma hora atrás, eu teria jurado que ele nunca admitiria tal coisa.

E, claro, ele não admitiu.

— Não que fosse absolutamente necessário, — ele acrescentou.

— Ah, então não foi necessário? E quanto ao seu braço? Você está sangrando.

— Não é nada. Dr. White vai cuidar disso.

Por um tempo, seguimos lado a lado em silêncio. O ar fresco da noite era

bom. Meu pulso gradualmente desacelerou, e meus dentes pararam de bater.

— Meu coração deu um pulo quando de repente te vi, — disse Gideon finalmente. Ele havia soltado meu braço agora. Obviamente ele confiava que eu conseguia ficar em pé sozinha.

— Por que você não pegou uma pistola? — disse irritada. — O outro homem tinha uma!

— Na verdade, ele tinha duas, — disse Gideon.

— Então por que ele não as usou?

— Ele usou. Ele matou o pobre Wilbour, e o tiro da segunda pistola quase me acertou.

— Mas por que ele não atirou novamente depois disso?

— Porque naquela época cada pistola disparava apenas um tiro, claro, — disse Gideon. — Aquelas pequenas pistolas elegantes que você vê nos filmes do James Bond ainda não haviam sido inventadas.

— Mas elas já foram inventadas agora! Por que você leva uma espada estúpida para o passado em vez de uma pistola adequada?

— Eu não sou um assassino profissional, — disse Gideon.

— Mas isso é apenas... quero dizer, senão qual é a vantagem de vir do futuro? Ah! Aqui estamos nós! — Tínhamos chegado à Casa Apsley, no Hyde Park Corner. As pessoas que saíam para um passeio noturno, ou para correr, ou passear com seus cachorros nos olhavam com olhares estranhos.

— Vamos pegar um táxi para o Templo, — disse Gideon.

— Tem dinheiro com você?

— Claro que não!

— Mas eu tenho meu celular, — disse, pescando-o do meu decote.

— Ah, a pequena caixa de prata! Eu devia saber que era algo assim. Você tola - Ah, me dê isso!

— Ei, isso é meu!

— Sim, e você sabe o número? — Gideon já estava discando.

— Com licença, querida. — Uma senhora idosa estava puxando minha manga. — Só preciso perguntar - vocês são de um dos teatros?

— Er... sim, — disse.

— Eu pensei que sim! — A senhora idosa estava tendo dificuldade para segurar a coleira de seu dachshund. O cachorro puxava com força enquanto tentava alcançar outro cachorro a poucos metros de distância. — Parece tão maravilhosamente genuíno! Apenas uma boa costureira poderia ter feito esse traje. Sabe, querida, eu costurei muito quando era jovem - pare, Polly! Não puxe assim!

— Eles virão nos buscar imediatamente, — disse Gideon, me devolvendo meu celular. — Vamos até o cruzamento da Piccadilly.

— E onde as pessoas podem ir para ver a peça em que você está? — perguntou a senhora idosa.

— Ah, bem, eu temo que tenha sido a última apresentação esta noite.

— Que pena!

— Sim, eu também acho.

Gideon estava me puxando.

— Adeus, — eu disse para a senhora idosa.

—Não entendo como aqueles homens puderam nos encontrar. Ou quais ordens foram dadas para aquele homem Wilbour nos levar até Hyde Park. Não houve tempo para preparar uma emboscada, — Gideon estava resmungando consigo mesmo enquanto caminhava. Aqui, na rua, os transeuntes nos olhavam ainda mais do que no parque.

— Você está falando comigo?

— Alguém sabia que estaríamos lá. Mas como ele sabia? E como isso foi possível mesmo assim?

— Wilbour... um de seus olhos estava... — De repente, senti meu estômago revirar.

— O que você está fazendo?

Eu vomitei, mas nada saía.

— Gwyneth, temos que continuar! Respire fundo, e isso passará.

Eu parei de repente. Isso era demais!

— Ah, então isso vai passar? — Eu me obriguei a falar muito lentamente e distintamente, embora realmente sentisse vontade de gritar. — E então, se eu acabei de matar um homem, isso vai passar também? Minha vida inteira foi virada de cabeça para baixo hoje - isso vai passar? O fato de um idiota arrogante, cabeludo e tocador de violino em meias de seda não conseguir pensar em nada melhor para fazer do que me dar ordens, mesmo que eu tenha acabado de salvar a estúpida vida dele, isso vai passar também? Se me perguntarem, não é surpreendente que eu me sinta enjoada. E só para constar, você também me faz querer vomitar!

Ok, talvez minha voz tenha subido para um pouco de gritaria com esse último comentário, mas poderia ter sido pior. De repente, percebi como era bom tirar tudo isso do meu peito. Pela primeira vez naquele dia, me senti verdadeiramente libertada, e o enjoo desapareceu de repente.

Gideon estava me olhando com uma expressão tão vazia que eu teria rido se não estivesse tão irritada. Aha! Por uma vez, ele parecia ter ficado sem palavras.

— E agora eu quero ir para casa, — eu disse, tentando encerrar meu triunfo com o máximo de dignidade possível.

Infelizmente, não consegui totalmente, porque ao pensar na minha família, meu lábio começou a tremer e senti meus olhos se encherem de lágrimas.

Droga, droga, droga!

— Está tudo bem, — disse Gideon.

Seu tom de voz surpreendentemente gentil foi demais para o meu autocontrole. As lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto antes que eu pudesse contê-las.

— Ei, Gwyneth. Me desculpe. — Gideon se aproximou de mim, me segurou pelo ombro e me puxou para perto dele. — Sou um idiota. Estava esquecendo como isso deve estar sendo para você, — ele murmurou em algum lugar logo acima da minha orelha. — E eu me lembro perfeitamente de como me senti estúpido na primeira vez que voltei no tempo. Apesar de todo aquele treino de esgrima. E das aulas de violino...

Ele acariciou meu cabelo.

Eu apenas soluzei mais alto.

— Não chore, — ele disse impotente. — Está tudo bem.

Mas não estava tudo bem. Estava tudo horrível. Aquela perseguição frenética ao redor da casa, apenas na noite passada, quando pensaram que eu era uma ladra. Os olhos sinistros de Rakoczy, o conde com sua voz gelada e sua mão em volta da minha garganta me estrangulando, e finalmente o pobre Wilbour e o homem que eu havia esfaqueado pelas costas com uma espada. E, acima de tudo, o fato de que eu nem conseguia dar uma bronca em Gideon sem começar a chorar e fazer ele sentir que precisava me consolar!

Eu me afastei.

Onde estava o meu orgulho? Me senti tão envergonhada. Eu limpei o rosto com as costas da mão.

— Lenço? — ele perguntou, sorrindo, enquanto tirava um quadrado de tecido amarelo-limão com bordados de renda do bolso. — Não havia lenços de papel na era Rococó, temo, mas você pode pegar este.

Eu estava prestes a pegar quando uma limusine preta parou ao nosso lado.

O Sr. George estava nos esperando dentro do carro, sua careca coberta por pequenas gotas de suor, e ao vê-lo, todos os pensamentos que rodopiavam em minha cabeça se acalmaram um pouco. Eu ainda estava completamente exausta, mas era só isso.

— Estávamos desesperados de ansiedade, — disse o Sr. George. — Ah, meu Deus, Gideon, o que aconteceu com seu braço? Você está sangrando! E Gwyneth parece perturbada. Ela está ferida?

— Apenas exausta, — disse Gideon brevemente. — Vamos levá-la para casa.

— Não, ainda não. Devemos examinar vocês dois, e seu ferimento precisa ser tratado imediatamente, Gideon.

— Parou de sangrar há muito tempo. É apenas um arranhão, na verdade. Gwyneth quer ir para casa.

— Ela pode não ter passado tempo suficiente. Ela tem que ir para a escola amanhã, e...

A voz de Gideon assumiu seu tom arrogante familiar, mas não era para mim desta vez.

— Sr. George. Ela esteve fora por três horas. Isso será suficiente para as próximas dezoito horas.

— Provavelmente será, — disse o Sr. George. — Mas vai contra todas as regras, e então precisamos saber se...

— Sr. George!

Ele desistiu, virou e bateu na janela entre nós e o motorista. O vidro se moveu lateralmente com um sibilo suave.

— Vire à direita na Berkeley Street, — disse o Sr. George. — Estamos fazendo um pequeno desvio. Número 81, Bourdon Place.

Eu suspirei aliviada. Eu poderia ir para casa. Para minha mãe.

O Sr. George estava me olhando muito seriamente. Sua expressão era simpática, como se nunca tivesse visto um quadro mais lamentável.

— O que aconteceu, pelo amor de Deus?

— Três homens atacaram nossa carruagem no Hyde Park, — disse Gideon. — O cocheiro foi baleado.

— Ah, meu Deus, — disse o Sr. George. — Eu não entendo, mas isso faz

sentido.

— O que você quer dizer?

— Está nos *Anais* - vinte e quatro de setembro de 1782. Um Guardião de segunda classe chamado James Wilbour foi encontrado morto no Hyde Park. Metade do seu rosto foi baleada. Eles nunca descobriram quem fez isso.

— Bem, agora nós sabemos, — disse Gideon sombriamente. — Quer dizer, eu sei como o assassino dele era, mas não sei o nome do homem.

— E eu o matei, — eu disse com a voz neutra.

— O que?

— Ela apareceu e cravou a espada de Wilbour nas costas do atacante dele, — disse Gideon. — Bem, não sabemos se ela realmente o matou.

Os olhos azuis do Sr. George estavam arregalados. — Ela fez o quê?

— Era dois contra um, — murmurei. — Eu não podia ficar apenas olhando.

— Três contra um, — corrigiu Gideon. — Mas eu já tinha acabado com um deles. Eu disse para você ficar na carruagem acontecesse o que acontecesse.

— Não parecia que você iria durar muito mais tempo, — eu disse sem olhar para ele.

Gideon não respondeu.

O Sr. George olhou de um para o outro e balançou a cabeça. — Que desastre! Sua mãe vai me matar, Gwyneth! Isso deveria ser a operação mais segura. Uma conversa com o conde na mesma casa, nenhum risco. Você não teria estado em perigo por um instante. E, em vez disso, vocês dois vão até a metade da cidade e são atacados por ladrões de estrada.... Gideon, pelo amor de Deus, o que você tinha em mente?

— Teria sido tranquilo se alguém não nos tivesse entregado, — Gideon soava agora irritado. — Alguém deve ter sabido sobre nossa visita. Alguém que estava em posição de persuadir esse homem Wilbour a nos levar para um local de encontro no parque.

— Mas por que alguém iria querer matar vocês dois? E quem poderia ter sabido que vocês estariam visitando o conde exatamente naquele dia? Nada disso faz sentido. — O Sr. George estava mordendo o lábio inferior. — Ah, estamos aqui.

Eu olhei para cima. Sim, realmente estávamos em frente à nossa casa, todas as suas janelas brilhantemente iluminadas. Em algum lugar dentro, minha mãe estava me esperando. Assim como minha cama.

— Obrigada, — disse Gideon.

Eu me virei e olhei para ele. — Pelo que?

— Talvez ... talvez eu realmente não tivesse durado muito mais tempo, — ele disse. Outro sorriso torto passou por seu rosto. — Acho que você realmente salvou minha vida estúpida.

Ah. Eu não sabia o que dizer. Tudo o que pude fazer foi olhar para ele, notando que meu lábio inferior bobo estava começando a tremer novamente.

Gideon rapidamente tirou seu lenço de renda. Desta vez, eu o peguei. — É melhor limpar o rosto com isso, ou sua mãe pode pensar que você estava chorando, — ele disse.

Ele queria me fazer rir, mas neste momento, isso estava fora de questão. Pelo menos eu não desatei a chorar de novo.

O motorista abriu a porta do carro, e o Sr. George desceu. — Vou levá-la até a porta, Gideon. Não vou demorar.

— Boa noite, — consegui dizer.

— Durma bem, — disse Gideon, sorrindo. — Até amanhã.

* * *

— GWEN! GWENNY! — Caroline me sacudia acordando. — Você vai se atrasar se não levantar agora.

Puxei os cobertores sobre minha cabeça. Eu não queria acordar. Mesmo em meus sonhos, sabia que havia memórias terríveis esperando por mim quando saísse do meu estado sonolento e agradável.

— Sério, Gwenny! Já passou das sete!

Mantive os olhos fechados, mas não adiantou. Tarde demais. As lembranças vieram correndo em minha direção como... er... Átila atacando os... er, os Vândalos?

Os eventos dos últimos dois dias estavam se desenrolando vividamente diante de mim como um filme.

Mas eu não conseguia me lembrar de como acabei na minha cama, apenas que o Sr. Bernard tinha aberto a porta para mim ontem à noite.

— Boa noite, Srta. Gwyneth. Boa noite, Sr. George, senhor.

— Boa noite, Sr. Bernard. Trouxe Gwyneth para casa um pouco mais cedo do que planejamos. Por favor, transmita minhas saudações à Lady Arista.

— Claro, senhor. Boa noite, senhor. — O Sr. Bernard estava tão expressivo quanto sempre quando fechou a porta atrás do Sr. George.

— Vestido bonito, Srta. Gwyneth, — ele disse para mim. — Tarde do século XVIII?

— Acho que sim. — Eu estava tão cansada que poderia ter enrolado no tapete do corredor e dormido ali mesmo. Nunca esperei tanto pela minha cama. Eu só tinha medo de esbarrar na tia Glenda, Charlotte e Lady Arista no caminho até o terceiro andar. Todas elas me atormentariam com repreensões e perguntas.

— Tenho medo de que a família já tenha jantado. Mas preparei um lanchinho para você na cozinha.

— Ah, isso é tão gentil, Sr. Bernard, mas eu...

— Você quer ir para a cama, — disse o Sr. Bernard, e um pequeno sorriso apareceu em seu rosto. — Sugiro que vá direto para o seu quarto. As senhoras estão todas na sala de música. Elas não vão ouvir você se você ficar quieta como um rato. Então direi à sua mãe que você está de volta e darei a ela o lanche para levar até você.

Eu estava tão cansada que nem mesmo senti surpresa com sua cautela e sua preocupação comigo. Apenas disse, — Muito obrigada, Sr. Bernard, — e subi as escadas. Eu tinha apenas a vaga lembrança do lanche e minha conversa com a mamãe — eu já estava meio adormecida. Tenho certeza de que não conseguiria fazer o esforço de mastigar qualquer coisa, mas talvez fosse sopa.

— Ah, que adorável! — Caroline descobriu o vestido pendurado sobre o encosto de uma cadeira junto com sua saia frisada. — Você trouxe isso do passado?

— Não, eu estava usando antes de ir. — Eu me sentei. — A mamãe te contou sobre a coisa estranha que aconteceu?

Caroline assentiu. — Não que ela tenha precisado nos *contar* muito. A tia Glenda estava gritando alto o suficiente para todos os vizinhos ouvirem. Agindo como se mamãe fosse uma ladra que roubou o gene de viagem no tempo pobre da Charlotte.

— E a Charlotte?

— Ela foi para o quarto dela e não queria sair, não importa o quanto a tia Glenda implorasse. A tia Glenda gritou que a vida toda da Charlotte foi arruinada, e tudo foi culpa da mamãe. A vovó disse que a tia Glenda melhor tomar um comprimido, ou ela seria obrigada a chamar o médico. E a tia Maddy continuou falando sobre aquela águia, o safira, o freixo e o relógio na torre.

— Parece horrível, — eu disse.

— Na verdade, foi emocionante, — disse Caroline. — Nick e eu achamos que é uma coisa boa você ter o gene em vez da Charlotte, mesmo que a tia Glenda diga que você tem um cérebro do tamanho de uma ervilha e dois pés esquerdos. Ela é tão rude. — Ela acariciou o tecido brilhante do corpete. — Você pode experimentar o vestido para me mostrar depois da escola hoje?

— Claro, — eu disse. — Mas você pode experimentar você mesma, se quiser.

Caroline riu. — É muito grande para mim, Gwenny. E agora você realmente precisa se levantar, senão não terá tempo para tomar café da manhã.

Um chuveiro refrescante finalmente me acordou, e enquanto lavava meu cabelo, meus pensamentos continuavam circulando em torno de ontem à noite ou, mais precisamente, a meia hora (bem, era o que parecia) que passei derramando lágrimas e muco nos braços de Gideon.

Lembrei de como ele me abraçou e acariciou meus cabelos. Eu estava tão chateada na época que nem sequer pensei em como estávamos de repente tão próximos. Me senti ainda mais envergonhada agora. Especialmente porque ele realmente tinha sido muito legal, nada parecido com o seu eu habitual. (Mesmo que fosse apenas porque ele sentia pena de mim.) E ainda assim eu estava determinada a odiá-lo para sempre.

— Gwenny! — Caroline estava batendo na porta do banheiro. — Venha para fora! Você não pode ficar aí para sempre.

Ela estava certa. Eu realmente não podia ficar aqui para sempre. Eu tinha que sair — para esta vida nova e estranhamente estranha de repente. Desliguei a torneira quente e deixei a água fria escorrer sobre mim até que o último vestígio de cansaço deixasse meu corpo. Meu uniforme escolar ainda estava na sala de costura da Madame Rossini, e duas blusas de reposição estavam na lavagem, então tive que vestir o uniforme do ano passado, que já estava um pouco apertado para mim. A blusa esticava sobre meus seios, e a saia estava um pouco curta. Não importa. Meus sapatos escolares azul-escuros também estavam no Templo, então eu coloquei meus tênis pretos, o que não era realmente permitido. Mas o Sr. Gilles, o diretor, provavelmente não iria rondar todas as salas de aula verificando o código de vestimenta hoje.

Não havia tempo para secar o cabelo com o secador, então apenas o esfreguei o mais seco possível com uma toalha e depois penteava. Ele ficava

molhado e liso sobre meus ombros, sem vestígios dos cachos macios feitos ontem pela Madame Rossini.

Olhei para o meu rosto no espelho por um momento. Eu não exatamente parecia que tinha dormido bem, mas estava melhor do que eu esperava. Passei um pouco do creme anti-idade da mamãe nas minhas bochechas e testa. Nunca era cedo demais para começar, minha mãe sempre dizia.

Eu senti vontade de pular o café da manhã, mas sabia que tinha que enfrentar Charlotte e a tia Glenda mais cedo ou mais tarde. Eu poderia resolver isso agora.

As ouvi conversando enquanto descia para o primeiro andar, muito antes de chegar à sala de jantar.

— O grande pássaro é um símbolo de infortúnio, — ouvi a tia Maddy dizendo. Ela nunca acordava antes das dez. Ela adorava um bom sono e achava que o café da manhã era a única refeição desnecessária do dia. — Eu gostaria que alguém me ouvisse.

— Ah, sério, Maddy! Ninguém pode fazer nada com essa visão sua. E tivemos que te ouvir falando sobre isso pelo menos dez vezes. — Isso foi Lady Arista.

— Verdade, — disse a tia Glenda. — Se eu ouvir mais uma palavra sobre ovos de safira, eu vou gritar.

— Bom dia, — eu interrompi.

Houve um breve silêncio em que todos me encararam como se eu fosse um pequeno homem verde do Planeta Zog.

— Bom dia, criança, — disse Lady Arista. — Espero que tenha dormido bem.

— Bem, obrigada. Eu estava muito cansada.

— Tenho certeza de que foi tudo um pouco demais para você, — disse a tia Glenda, com um tom de superioridade.

Mas ela estava certa - tinha sido. Me sentei no meu lugar habitual em frente a Charlotte, que obviamente não tinha tocado na torrada. Ela parecia que a visão de mim tinha estragado o apetite dela.

Mamãe e Nick estavam sorrindo para mim de forma conspiratória, e Caroline empurrou uma tigela de flocos de milho com leite na minha direção. No outro lado da mesa, a tia Maddy acenou para mim. — Meu anjinho! Estou tão feliz em te ver! Você vai jogar um pouco de luz em toda essa confusão. Com toda aquela gritaria ontem à noite, ninguém conseguia ter uma ideia clara de nada. Glenda estava desenterrando história antiga de quando nossa Lucy fugiu com aquele belo rapaz de Villiers. Eu nunca entendi por que todo mundo fez tanto alvoroço porque Grace deixou-os ficar com ela por alguns dias. Você pensaria que isso teria sido esquecido há muito tempo. Mas não, mal a grama cresceu sobre isso e algum camelo desajeitado vem e remexe tudo novamente.

Caroline riu. Ela provavelmente estava imaginando a tia Glenda como um camelo.

— Isso não é uma série de TV, Maddy, — disse Lady Arista, bruscamente.

— Graças a Deus, não, não é, — disse a tia Maddy. — Se fosse, eu teria perdido o fio da meada há muito tempo.

— É perfeitamente simples, — disse Charlotte em um tom gélido. — Todos pensavam que eu teria o gene, mas Gwyneth o tem em vez de mim. — Ela

afastou o prato e se levantou. — Então agora ela só terá que ver se consegue lidar com isso.

— Charlotte, espere! — Mas a tia Glenda não conseguiu impedir Charlotte de sair furiosa da sala. Antes de segui-la, ela lançou um olhar desagradável para a mãe. — Você deveria se envergonhar, Grace!

— Ela está em um humor perigoso, — disse Nick.

Lady Arista suspirou profundamente.

Mamãe suspirou também. — Tenho que ir trabalhar agora. Gwyneth, concordei com o Sr. George que ele irá buscá-la na escola hoje. Você será enviada para elapsar no ano de 1956, em uma adega segura onde poderá fazer sua lição de casa em paz.

— Que chato! — disse Nick.

Eu estava pensando exatamente a mesma coisa.

— E depois disso, você voltará diretamente para casa, — disse Lady Arista.

— Mas o dia já terá acabado até lá, — eu disse. Seria essa a minha rotina a partir de agora? Ir para o Templo para elapsar depois da escola, ficar sentada em uma adega entediante fazendo lição de casa, e depois voltar para casa para o jantar? Que pesadelo!

A tia Maddy praguejou baixinho porque a manga de seu robe havia caído na marmelada em sua torrada. — Não é hora de estar de pé e ativa, é o que sempre digo.

— É o que você diz, — disse Nick.

Mamãe beijou ele, Caroline e eu de despedida, como todas as manhãs. Então ela colocou a mão em meu ombro e disse baixinho, — Se por acaso você ver meu pai, dê um beijo nele por mim.

Lady Arista se sobressaltou levemente com essas palavras. Ela tomou seu chá em silêncio, depois olhou para o relógio e disse, — Você precisa se apressar se quiser chegar à escola a tempo.

* * *

— DEFINITIVAMENTE VOU abrir uma agência de detetives um dia, — disse Lesley. Estávamos matando aula de geografia com a Sra. Counter e tínhamos nos espremido em uma das cabines do banheiro das meninas. Lesley estava sentada na tampa do vaso sanitário com uma pasta gorda no colo. Eu estava encostada na porta, que estava toda rabiscada com caneta esferográfica e caneta colorida. JENNY AMA ADAM, MALCOLM É UM IDIOTA, A VIDA É UMA PORCARIA e outros comentários semelhantes.

— Investigar mistérios deve estar no meu sangue, — disse Lesley. — Talvez eu estude história também e me especialize em mitos antigos e escritos antigos. E então serei como Tom Hanks em *O Código Da Vinci*. Vou parecer melhor, é claro, e vou contratar um cara bem gato para ser meu assistente.

— Faça isso, — eu disse. — Parece emocionante. Enquanto isso, vou passar o resto da minha vida rondando uma adega sem janelas no ano de 1956.

— Apenas por três horas por dia, — disse Lesley. Eu a atualizei completamente, e parecia que ela entendia muito melhor todas essas complicações do que eu. Ela ouviu tudo, até minha história sobre os homens no

parque e minha consciência culpada. "É melhor lutar do que ser cortada como um bolo", foi o comentário dela sobre isso. Estranhamente, isso me fez sentir melhor do que qualquer um dos confortos do Sr. George ou do Gideon.

Telecinese era a palavra que Lesley usava para a capacidade do conde de me estrangular mesmo a vários metros de distância. Através da telecinese, ela disse, você também poderia se comunicar com outras pessoas sem abrir a boca. Ela prometeu descobrir mais sobre isso esta tarde.

Ela passou o dia de ontem e metade da noite pesquisando na internet sobre o Conde Saint-Germain e todas as outras coisas que eu havia passado para ela. Ela dispensou minha gratidão, dizendo que era tudo uma diversão terrível.

— De qualquer forma, este Conde Saint-Germain é um personagem histórico bastante enigmático. Nem mesmo sua data de nascimento é conhecida com certeza. Muito mistério cerca suas origens, — ela disse, e seu rosto estava positivamente radiante de entusiasmo. — Aparentemente, ele não envelhecia. Algumas pessoas atribuem isso à magia, outras a uma dieta equilibrada.

— Ele era velho, — eu disse. — Talvez ele estivesse bem preservado e cuidasse de si mesmo, mas ele era definitivamente velho.

— Bem, você provou que esse ponto está errado, então, — disse Lesley. — Ele deve ter tido uma personalidade fascinante, porque ele aparece em muitos romances, e em alguns círculos esotéricos ele era visto como uma espécie de guru, um Mestre Ascensionado, seja lá o que isso signifique. Ele era membro de muitas sociedades secretas - os Maçons e os Rosacruzes e várias outras - ele era um músico excepcional, tocava violino e compunha música, falava uma dúzia de línguas fluentemente, e aparentemente conseguia – olhe isso! - aparentemente conseguia viajar no tempo. De qualquer forma, ele afirmava ter estado presente em vários eventos quando não poderia estar lá.

— Exceto que ele poderia.

— Sim. Loucura. Ele também era interessado em alquimia. Ele tinha uma torre de alquimista própria na Alemanha para fazer seus experimentos - não tenho certeza de que tipo eram.

— Alquimia, isso tem algo a ver com a pedra filosofal, certo?

— Exatamente. E com magia. Embora a pedra filosofal signifique algo diferente para cada um. Alguns apenas tentavam fazer ouro com ela, então houve todos os tipos de desenvolvimentos estranhos. Todos os antigos reis e príncipes estavam atrás de pessoas que diziam ser alquimistas, porque é claro que todos eles queriam ouro. É verdade que as tentativas de fazer ouro levaram, entre outras coisas, à fabricação de porcelana, mas na maioria das vezes, nada acontecia, então os alquimistas eram colocados na prisão como hereges e fraudes ou tinham suas cabeças cortadas.

— Culpa deles, — eu disse. — Eles deveriam ter prestado mais atenção nas aulas de química.

— Mas os alquimistas na verdade não estavam interessados em ouro. Isso era apenas disfarce para seus experimentos reais. A pedra filosofal é mais como um sinônimo de imortalidade. Os alquimistas pensavam que se pudessem obter os ingredientes certos - olhos de sapo, o sangue de uma virgem, pelos do rabo de um gato preto, não, ha, ha, só estou brincando - bem, se pudessem obter os ingredientes certos e misturá-los no processo químico correto, acabariam com

uma substância que te tornaria imortal se você a bebesse. Os seguidores do Conde Saint-Germain afirmam que ele tinha a receita, então ele era imortal. Existem fontes dizendo que ele morreu na Alemanha em 1784 - mas existem outros registros de pessoas que o encontraram vivo e bem muitos anos depois disso.

— Hm, — eu disse. — Não acho que ele seja imortal. Mas talvez ele gostaria de ser? Talvez esse seja o segredo por trás do segredo. É o que vai acontecer quando o Círculo se fechar....

— Bem, pode ser. Mas isso é apenas um lado da moeda, apresentado por entusiastas apoiadores de teorias de conspiração criptografadas manipulando as fontes para seus próprios propósitos. Críticos de tais teorias assumem que as lendas acumuladas em torno do conde são na maioria pura fantasia por parte de seus fãs, tudo por causa de sua própria apresentação inteligente de si mesmo. — Enquanto Lesley falava todas essas coisas da Internet, ela as lançava com tanta fluência e entusiasmo próprio que não pude deixar de rir.

— Por que não perguntar ao Sr. Whitman se você pode escrever um trabalho sobre o assunto para o dever de casa? — eu sugeri. — Você fez tanta pesquisa, acho que poderia escrever um livro inteiro sobre isso.

— Acho que o esquilo não apreciaria realmente meus esforços, — disse Lesley. — Afinal, ele é um dos fãs de Saint-Germain também - quero dizer, se ele é um Guardião, ele tem que ser. Como vejo, ele é o vilão da história - Conde Saint-Germain, quero dizer, não o Sr. Esquilo. Ele ameaçou você e quase te estrangulou, não é? E sua mãe disse para você ter cuidado com ele. Então ela sabe mais do que está admitindo. E eu te digo, ela só pode saber disso por meio dessa Lucy.

— Acho que *todos* sabem mais do que estão admitindo, — suspirei. — Ou de qualquer forma, todos sabem mais do que eu. Até você!

Lesley riu. — Me considere apenas uma parte externa do seu próprio cérebro. O conde sempre fez um grande segredo de suas origens. Esse nome e título foram inventados, de qualquer forma. Ele pode ter sido filho ilegítimo de Maria Anna von Habsburgo, viúva do rei Carlos II da Espanha. Várias pessoas poderiam ter sido seu pai. Ou de acordo com outra teoria, ele era filho de um príncipe da Transilvânia e foi criado na Itália na corte do último duque dos Médici. De uma forma ou de outra, nada disso pode realmente ser provado, então todo mundo está apenas tateando no escuro. Mas agora nós duas temos uma nova teoria.

— Nós temos?

Lesley revirou os olhos. — Claro que temos! Agora sabemos que um de seus pais deve ter vindo da família de Villiers, de qualquer maneira.

— Como sabemos disso?

— Ah, Gwen! Você mesma disse que o primeiro viajante no tempo era um de Villiers, então o conde *deve* ter sido um membro dessa família, independentemente de ter nascido em casamento. Você entende isso, não é? Caso contrário, seus descendentes não teriam o mesmo sobrenome.

— Hmm, sim, — eu disse incerta. Eu não conseguia realmente entender essa teoria de sua descendência. — Mas acho que há algo na teoria da Transilvânia também. Não pode ser coincidência que aquele homem Rakoczy seja da

Transilvânia.

— Vou fazer mais pesquisas sobre ele, — prometeu Lesley. — Ah, cuidado! — A porta fora das cabines balançou, e alguém entrou no banheiro das meninas. Ela - pelo menos, presumimos que fosse uma ela - foi para a cabine ao lado da nossa para usar o vaso sanitário. Ficamos perfeitamente quietas até que ela saiu novamente.

— Sem lavar as mãos, — disse Lesley. — Eca. Ainda bem que não sei quem era.

— Não há mais toalhas de papel, — eu disse. Minhas pernas estavam ficando dormentes. — Você acha que vamos ter problemas? A Sra. Counter certamente vai perceber que estamos faltando. E se ela não perceber, então alguém vai dedurar a gente.

— Todos os alunos são iguais para a Sra. Counter - ela não percebe nada. Ela me chama de Lilly desde o Sétimo Ano, e ela te confunde com a Cynthia, de todas as pessoas. Não, ouça, isso é mais importante do que geografia. Você deve estar o mais preparada possível. Quanto mais você souber sobre seus inimigos, melhor.

— Eu só queria saber quem são meus inimigos.

— Você não pode confiar em ninguém, — disse Lesley, como minha mãe. — Se estivéssemos em um filme, o vilão se revelaria a pessoa menos esperada. Mas como não estamos em um filme, eu apostaria no personagem que tentou te estrangular.

— Mas quem enviou aqueles homens de preto para nós no Hyde Park? Não pode ter sido o conde! Ele precisa do Gideon para visitar os outros viajantes do tempo e obter uma gota de sangue deles para fechar o Círculo.

— Sim, ele precisa. — Lesley roeu o lábio inferior pensativamente. — Mas talvez haja vários vilões neste filme. Quero dizer, a Lucy e o Paul também podem ser os maus. Bem, eles roubaram o cronógrafo. E o que dizer do homem de preto que fica parado do lado de fora do número dezoito?

Dei de ombros. — Ele estava lá esta manhã, como sempre. Por quê? Você acha que ele vai sacar uma espada de repente?

— Não, acho que é mais provável que ele seja um dos Guardiões, ali parado daquele jeito bobo apenas por princípio. — Lesley voltou-se para sua pasta. — Não consegui descobrir nada sobre os Guardiões em si, aliás. Parecem ser uma sociedade muito secreta mesmo. Mas alguns dos nomes que você mencionou - Churchill, Wellington, Newton - também eram Maçônicos. Então podemos supor que ambas as sociedades secretas tinham pelo menos alguma conexão. Ah, e não encontrei nada na Internet sobre um menino chamado Robert White que se afogou, mas você pode consultar todas as edições do *Times* e do *Observer* dos últimos quarenta anos na biblioteca. Tenho certeza de que encontrarei algo lá. O que mais? Ah sim, árvore de freixo, safira, corvo.... Bem, claro que você pode interpretar isso de todas as maneiras diferentes, mas com essas coisas misteriosas, tudo pode sempre significar qualquer coisa, o que significa que nada é certo. Devemos tentar nos basear nos fatos e não todas essas ideias fantásticas. Você terá que descobrir mais, especialmente sobre a Lucy e o Paul e por que eles roubaram o cronógrafo. Eles obviamente sabem algo que os outros não sabem. Ou não querem. Ou têm ideias muito diferentes sobre.

A porta se abriu novamente. Desta vez, os passos eram firmes e enérgicos. Eles vinham direto para a porta da nossa cabine.

— Lesley Hay e Gwyneth Shepherd, saiam daí imediatamente e voltem para a aula!

A princípio, Lesley e eu ficamos atordoadas. Então Lesley disse, — Você sabe que isso são os *banheiros das meninas*, não sabe, Sr. Whitman?

— Vou contar até três, — disse o Sr. Whitman. — Um...

Abrimos a porta antes que ele chegasse ao “três.”

— Vou ter que registrar isso nos seus registros, — disse o Sr. Whitman, olhando para nós como um esquilo muito severo. — Estou muito decepcionado com vocês. Com você em particular, Gwyneth. O fato de você ter assumido o lugar da sua prima não significa que você pode fazer ou não fazer exatamente o que quiser. A Charlotte nunca negligenciou seus estudos.

— Sim, Sr. Whitman, — eu disse. Essa atitude autoritária não era nada como ele. Ele geralmente era tão charmoso e apenas um pouquinho sarcástico.

— Agora, vão para a sua aula.

— Como você sabia onde estávamos? — perguntou Lesley.

O Sr. Whitman não respondeu. Ele estendeu a mão para a pasta de Lesley. — E por enquanto, estou confiscando isso.

— Ah, não, você não pode! — Lesley segurou a pasta perto do peito.

— Me dê isso, Lesley!

— Mas eu preciso disso... para a aula.

— Vou contar até três....

No “dois” Lesley entregou a pasta a ele, cerrando os dentes. Foi tão constrangedor quando o Sr. Whitman nos empurrou para dentro da sala de aula. A Sra. Counter obviamente levou para o pessoal o fato de termos matado a aula dela, porque nos ignorou até que ela terminasse.

— Vocês estavam fumando alguma coisa? — Gordon perguntou.

— Não, idiota, — Lesley respondeu rispidamente. — Nós só queríamos conversar em paz.

— Vocês mataram aula porque queriam *conversar*? — Gordon bateu na testa. — *Garotas!*

— E agora o Sr. Whitman pode vasculhar todo o seu arquivo, — eu disse para Lesley. — Então ele vai saber - quero dizer, *os Guardiões* vão saber - que eu te contei tudo sobre isso. Tenho certeza de que não estou autorizada a fazer isso.

— Sim, eu também estou, — disse Lesley. — Talvez eles mandem um daqueles homens de preto me eliminar porque sei coisas que ninguém deveria saber. — Ela parecia achar essa perspectiva emocionante.

— Bem, suponha que essa não seja uma ideia tão absurda?

— Então... bom, eu vou comprar um spray de pimenta para você esta tarde, e comprarei um para mim ao mesmo tempo. — Lesley me deu um tapinha nas costas. — Vamos lá. Não vamos deixar que eles nos vençam?

— Não. Não vamos. — Eu invejei a inabalável otimismo de Lesley. Ela sempre via o lado positivo das coisas. Se é que elas tinham um lado positivo.

Das 15:00 às 18:00, Lucy e Paul vieram para o elapse em meu escritório. Conversamos sobre a limpeza da cidade e a restauração dos edifícios nos locais bombardeados, e o fato extraordinário de que, em seu tempo, Notting Hill será uma das partes mais elegantes e procuradas da cidade. (Eles a descreveram como "trendy".) Eles também me deram uma lista de todos os campeões de Wimbledon a partir de 1950. Prometi colocar meus ganhos em um fundo para a educação universitária de meus filhos e netos. Também estou pensando em comprar um ou dois dos prédios de apartamentos deteriorados em Notting Hill. Nunca se sabe.

DE OS ANAIS DOS GUARDIÃOS

14 DE Agosto 1949

RELATÓRIO: LUCAS MONTROSE, ADEPTO DE TERCEIRO GRAU

QUARTOZE

AS AULAS SE ARRASTARAM dolorosamente lentas, o almoço foi nojento, como sempre, e quando finalmente pudemos ir para casa depois de uma aula dupla de química à tarde, me senti pronta para a cama.

Charlotte me ignorou o dia todo. Uma vez, no intervalo, tentei falar com ela, e ela disse: "Se você estava pensando em se desculpar, esqueça!"

— Pelo que eu deveria me desculpar? — perguntei, irritada.

— Bem, se você não consegue descobrir isso por si mesma...

— Charlotte! Eu não pude evitar herdar esse gene estúpido em vez de você.

Os olhos de Charlotte brilharam de fúria enquanto me olhava. — Não é um *gene estúpido*, é um dom. Algo muito especial. E está simplesmente sendo desperdiçado em alguém como você. Mas você é tão infantil que nem mesmo consegue entender isso.

Então ela virou as costas e marchou embora, me deixando lá parada.

— Ela vai se recuperar, — disse Lesley enquanto tirávamos nossas coisas dos armários. — Ela só precisa se acostumar a não ser mais alguém especial.

— Mas é tão injusto, — eu disse. — Afinal, eu não tirei nada dela.

— Bem, basicamente você tirou. — Lesley me entregou sua escova de cabelo. — Aqui!

— O que você quer que eu faça com isso?

— Escove seu cabelo, o que mais?

Obtive a escova e passei obedientemente pelo meu cabelo. Então perguntei a ela: — Por que estou fazendo isso?

— Eu só queria que você parecesse bonita quando visse Gideon novamente. Felizmente você não precisa de rímel. Seus cílios são incrivelmente longos e pretos naturalmente.

Fiquei vermelha com a menção ao nome de Gideon. — Talvez eu nem o encontre hoje. Estou sendo enviada de volta para 1956 para fazer minha lição de casa em uma adega.

— Sim, mas talvez você o encontre antes ou depois disso.

— Lesley, eu não sou o tipo dele.

— Ele não quis dizer assim, — disse Lesley.

— Sim, ele quis!

— E daí? Uma pessoa pode mudar de ideia. De qualquer forma, ele é o seu tipo.

Abri a boca e depois a fechei novamente. Não adiantava negar. Ele era meu tipo, tanto quanto eu gostaria de fingir que não era.

— Qualquer garota o acharia incrível, — eu disse. — Pelo menos no que diz respeito à aparência. Mas ele me provoca o tempo todo, e me dá ordens, e é simplesmente tão... ele é simplesmente tão incrivelmente...

— Ótimo? — Lesley sorriu amorosamente para mim. — Você também é, honesta! Você é a garota mais incrível que eu conheço. Exceto talvez eu. E você também pode dar ordens às pessoas. Vamos lá, quero ver essa limusine que vai te

buscar.

James me deu um aceno frio quando estávamos passando por sua área.

— Espere um segundo, — eu disse a Lesley. — Preciso perguntar algo a James.

Quando parei, a expressão entediada desapareceu do rosto de James, e ele sorriu alegremente para mim. — Estive pensando sobre nossa última conversa, — ele disse.

— O quê, sobre beijar?

— Não, sobre a varíola. É possível que eu tenha pego afinal. Seu cabelo está lindamente brilhante hoje.

— Obrigada. James, você poderia fazer um favor para mim?

— Nada a ver com beijar, espero.

Tive que sorrir. — Não é uma má ideia, — eu disse, — mas, não, é sobre boas maneiras.

— Boas maneiras?

— Bem, você está sempre reclamando que eu não tenho nenhuma, e você está certo. Então eu queria te pedir para me mostrar como me comportar adequadamente. Na sua época. Como falar, como fazer uma reverência, como - ah, eu não sei o quê.

— Segurar um leque? Dançar? Como se comportar quando o Príncipe Regente está na sala?

— Exatamente!

— Ah, sim, posso te ensinar isso, — disse James.

— Ótimo, — eu disse, e estava me virando para ir embora. — Ah, e James? Você sabe esgrima também? Com uma espada?

— Claro, — disse James. — Eu não quero me gabar, mas sou considerado um dos melhores esgrimistas da cidade pelos meus amigos no clube. Galliano ele próprio diz que tenho um talento considerável.

— Fantástico! — eu disse. — Você é um verdadeiro amigo.

— Você quer que esse fantasma te ensine esgrima? — Lesley estava acompanhando nossa conversa com interesse. Claro, ela só tinha conseguido ouvir o meu lado dela. — Um fantasma pode segurar uma espada?

— Vamos ver, — eu disse. — De qualquer forma, ele conhece bem o século XVIII. Afinal, é de onde ele vem.

Gordon Gelderman nos alcançou nas escadas. — Você estava falando com aquela fenda na parede de novo, Gwyneth. Eu vi você.

— Sim, é minha parte favorita da parede, Gordon. Eu magoaria os sentimentos dela se não parasse para falar com ela.

— Você sabe que é estranha, né?

— Sim, querido Gordon, eu sei. Mas pelo menos minha voz não está mudando.

— Isso é uma fase passageira, — disse Gordon. — Vai passar.

— Seria bom se você fosse embora, — disse Lesley.

— Suponho que vocês duas queiram conversar de novo, — disse Gordon. Ele sempre era difícil de se livrar. — Posso entender isso. Afinal, vocês só tiveram suas cabeças juntas por cinco horas hoje. Nos vemos no cinema mais tarde?

— Não, — disse Lesley.

— Eu nem posso de qualquer forma, pensando bem, — disse Gordon, enquanto nos seguia pelo saguão da frente como uma sombra. — Eu tenho que escrever aquele estúpido trabalho sobre anéis sinete. Já te falei que não suporto o Sr. Whitman?

— Sim, mas só umas cem vezes até agora, — disse Lesley.

Eu vi a limusine esperando do lado de fora do portão da escola antes mesmo de sairmos do prédio. Meu coração começou a bater um pouco mais rápido. Ainda me sentia terrivelmente envergonhada sobre a noite passada.

— Nossa! Olhem para aquele carro, vocês viram? — Gordon assobiou baixinho entre os dentes. — Talvez os rumores sejam verdadeiros e a filha da Madonna realmente esteja nesta escola - incógnita, é claro.

— Claro, — disse Lesley, piscando sob a luz do sol brilhante. — Por isso mandaram uma limusine buscá-la. Assim ninguém vai notar que ela está incógnita.

Vários alunos estavam de boca aberta para a limusine. Cynthia e sua amiga Sarah também estavam paradas nas escadas, olhos arregalados. Mas não para a limusine, e sim para algo mais à direita dela.

— E eu pensei que aquela tonta não teria nada a ver com garotos, — disse Sarah. — Nem mesmo caras bonitos como aquele.

— Pode ser que ele seja primo dela, — disse Cynthia. — Ou irmão.

Minha mão estava agarrando o braço de Lesley com força. E lá estava Gideon em nosso pátio da escola, bem casual em jeans e camiseta. E ele estava conversando com Charlotte.

Lesley o identificou imediatamente. — E eu pensei que ele tinha cabelo comprido, — ela disse acusadoramente.

— Ele tem, — eu disse.

— Até o ombro, — disse Lesley. — Isso é diferente. Muito maneiro.

— Ele é gay. Aposto qualquer coisa que ele é gay, — disse Gordon, apoiando um braço no meu ombro para que pudesse ver melhor além de Cynthia e eu.

— Meu Deus, ele está tocando nela! — disse Cynthia. — Ele está segurando a mão dela!

O sorriso de Charlotte era visível até onde estávamos paradas. Ela não costumava sorrir muito (além de sua irritante expressão de sabichona), mas quando o fazia, a expressão em seu rosto era encantadora. Ela até estava mostrando uma covinha. Gideon certamente ia notar isso, e eu tinha certeza de que ele estava pensando que ela era tudo, menos uma garota comum.

— Ele está acariciando o rosto dela!

Meu Deus. Ele estava mesmo. A pontada que senti era algo que eu não podia ignorar. — E agora ele vai beijá-la!

Todos prendemos a respiração. Realmente parecia que Gideon ia beijar Charlotte.

— Mas só na bochecha, — disse Cynthia, aliviada. — Então ele é primo dela, afinal. Gwenny, por favor, diga que ele é primo dela.

— Não, — eu disse. — Eles não são parentes.

— E ele também não é gay, — disse Lesley.

— Quer apostar? Quero dizer, olhe para aquele anel sinete que ele está usando.

Charlotte sorriu radiante para Gideon novamente e foi embora com um pulo no passo. Obviamente, o mau humor dela tinha ido embora.

Gideon se virou para nós. Eu percebi o quão ridícula nós estávamos — quatro meninas e Gordon, olhando fixamente e rindo nas escadas do lado de fora da escola.

Conheço muitas garotas como você.

Justo como eu poderia ter esperado. Ah, ótimo!

— Gwyneth! — chamou Gideon. — Finalmente!

Cynthia, Sarah e Gordon prenderam coletivamente a respiração. Para ser honesta, eu também. Apenas Lesley manteve a calma. Ela me deu um empurrãozinho. — Anda logo, vai? Sua limusine está esperando.

Enquanto descia os degraus, podia sentir os olhares dos outros nas minhas costas. Provavelmente estavam de boca aberta também. A de Gordon com certeza estava.

— Oi, — eu disse quando cheguei até Gideon. Era tudo o que eu conseguia dizer. Sob a luz do sol, seus olhos estavam mais verdes do que nunca.

— Oi. — Ele estava me olhando um pouco demais. — Você cresceu durante a noite?

— Não. — Eu puxei o casaco sobre os seios. — É meu uniforme escolar que encolheu.

Gideon sorriu. Então ele olhou por cima do meu ombro. — Amigos seus lá em cima? Acho que uma delas está prestes a desmaiar.

Meu Deus. — Aquela é a Cynthia Dale, — eu disse, sem me virar. — Ela sofre de altos níveis de estrogênio. Posso apresentar se quiser.

O sorriso de Gideon ficou mais largo. — Talvez eu aceite isso outra hora. Por agora, vamos lá. Temos muito o que fazer hoje ainda. — Ele pegou meu braço (um grito alto podia ser ouvido dos degraus) e me guiou em direção à limusine.

— Eu só vou fazer lição de casa. No ano de 1956.

— Houve uma mudança de planos. — Gideon abriu a porta do carro para mim. (Um grito sincronizado dos degraus.) — Vamos visitar sua tataravó. Ela pediu especialmente para você ir junto. — Ele colocou a mão nas minhas costas para me ajudar a entrar no carro. (Outro grito dos degraus.)

Me deixei cair no banco de trás. Havia um rosto redondo e familiar já no carro, me esperando.

— Olá, Sr. George.

— Gwyneth, minha corajosa menina, como você está se sentindo hoje? — O Sr. George estava radiante como se estivesse em competição com sua careca brilhante.

Gideon sentou ao lado dele.

— Eu ... er, estou bem, obrigada. — Eu fiquei vermelha, porque estava pensando no quão miserável eu devia ter parecido ontem à noite. Pelo menos Gideon não fez nenhuma referência cortante a isso. Ele estava agindo como se nada tivesse acontecido.

— Sobre o que era aquilo da minha tataravó? — perguntei apressadamente.

— Eu não entendi direito.

— Não, nós também não entendemos completamente, — disse Gideon, suspirando.

A limusine se afastou. Resisti à tentação de olhar para os meus amigos pela janela traseira.

— Margaret Tilney, née Grand, era avó da sua avó Arista e a última viajante do tempo na linha feminina antes de Lucy e você. Os Guardiões conseguiram inseri-la no primeiro cronógrafo original sem problemas após sua segunda viagem de volta no tempo. Isso foi em 1894. Pelo resto de sua vida - ela morreu em 1944 -ela passou regularmente com a ajuda do cronógrafo. *Os Anais* a descrevem como muito amigável e cooperativa. — O Sr. George passou nervosamente a mão sobre sua careca. — Durante os bombardeios de Londres na Segunda Guerra Mundial, um grupo de Guardiões saiu para o campo com ela e o cronógrafo. Ela morreu lá de pneumonia aos sessenta e sete anos.

— Que... que triste. — Eu não entendia exatamente o que eu deveria fazer com essa informação.

— Como você sabe, Gideon já visitou sete dos Doze do Círculo no passado e tirou um pouco do sangue deles para o novo cronógrafo. Seis se contarmos os gêmeos como um só. Então, com o seu sangue e o dele, apenas quatro do Círculo ainda estão faltando. Opala, Jade, Safira e Turmalina Negra.

— Elaine Burghley, Margaret Tilney, Lucy Montrose e Paul de Villiers, — acrescentou Gideon.

— Esses quatro precisam ser visitados no passado e um pouco de sangue deve ser retirado de cada um deles. — Eu já havia entendido essa ideia até agora; eu não era totalmente ignorante.

— Exatamente. Não achávamos que pudesse haver complicações com Margaret. — O Sr. George recostou-se em seu assento. — Com os outros, sim, mas não havia motivo para supor que houvesse qualquer dificuldade com Margaret Tilney. O curso de sua vida foi cuidadosamente registrado pelos Guardiões. Sabemos onde ela estava em cada dia dela. Foi por isso que também foi fácil organizar um encontro entre ela e Gideon. Ele viajou de volta na noite passada para o ano de 1937, para encontrar Margaret Tilney em nossa casa no Templo.

— Ontem à noite? Sério? Pelo amor de Deus, quando vocês dormiram?

— Era para ser uma visita muito rápida, — disse Gideon. Ele cruzou os braços sobre o peito. — Planejamos apenas uma hora para toda a operação.

O Sr. George disse, — Mas contrariando nossas expectativas, quando Gideon explicou os motivos, Margaret se recusou a deixá-lo tirar qualquer sangue dela. — Ele olhou expectante para mim. Eu deveria dizer algo?

— Talvez ... er ... talvez ela simplesmente não tenha entendido você, — eu disse. Afinal, era uma história muito complicada.

— Ela me entendeu perfeitamente. — Gideon balançou a cabeça. — Porque ela já sabia que o primeiro cronógrafo tinha sido roubado e que eu iria querer um pouco do seu sangue para o segundo.

— Mas como ela poderia ter adivinhado o que não aconteceria até muitos anos depois? Ela conseguia ver o futuro? — Mal terminei de perguntar, e eu já sabia a resposta. Lentamente, eu estava realmente pegando o jeito desse negócio

de viagem no tempo.

— Alguém se adiantou e a informou, — eu disse.

Gideon assentiu apreciativamente. — E a persuadiu a não deixar tirar nenhum de seu sangue, acontecesse o que acontecesse. Ainda mais estranho foi o fato de que ela se recusou a falar comigo. Ela chamou os Guardiões para ajudá-la e disse a eles para me manterem longe dela.

— Mas quem pode ter sido? — Parei por um momento para pensar nisso. — Acho que só pode ter sido Lucy e Paul. Eles podem viajar no tempo, eles querem impedir que o Círculo se feche.

O Sr. George e Gideon trocaram um olhar.

— Quando Gideon voltou, enfrentamos um verdadeiro quebra-cabeça, — disse o Sr. George. — Tínhamos uma vaga ideia do que poderia ter acontecido, mas nenhuma prova. Então Gideon viajou de volta ao passado novamente hoje de manhã para outra visita a Margaret Tilney.

— Vocês tiveram um tempo agitado, não é? — Eu procurei no rosto de Gideon sinais de cansaço, mas não encontrei nenhum. Longe disso - ele parecia bem acordado. — Como está seu braço?

— Bem. Escute o que o Sr. George está dizendo. É importante.

— Desta vez, Gideon visitou Margaret diretamente após sua jornada de iniciação em 1894, — disse o Sr. George. — Devo explicar que o gene de viagem no tempo, Fator X, parece aparecer no sangue apenas após essa primeira jornada. Obviamente, o cronógrafo não reconhece o sangue retirado dos viajantes antes disso. O Conde Saint-Germain fez alguns experimentos sobre esse assunto em seu próprio tempo, e eles quase levaram à destruição do cronógrafo. Então, não faz sentido visitar um viajante no tempo para tirar sangue na infância dele ou dela. Embora isso facilitasse muito as coisas. Você entende?

— Sim. — Bem, foi o que eu disse mesmo.

— Então Gideon encontrou a jovem Margaret esta manhã no momento de sua segunda data oficial para transcorrer. Ela havia sido levada direto para o Templo após sua primeira viagem no tempo. E mesmo enquanto os preparativos estavam sendo feitos para registrá-la no cronógrafo, ela viajou pela segunda vez. Essa é a jornada mais longa no tempo, sem controle, até agora conhecida por nós. Ela ficou fora por mais de duas horas.

— Sr. George, você poderia deixar de lado esses detalhes menores, — sugeriu Gideon, com um traço de impaciência em sua voz.

— Sim, sim. Onde eu estava? Gideon visitou Margaret quando ela estava prestes a elapsar, e mais uma vez ele explicou a história do cronógrafo roubado para ela, e a chance de corrigir as coisas com o segundo.

— Aha! — Eu interrompi. — Então foi *assim* que a Margaret mais velha soube de toda a história. Gideon tinha contado a ela pessoalmente.

— Sim, isso parecia ser uma possibilidade, — disse o Sr. George. — Mas mais uma vez, a jovem Margaret não estava ouvindo a história pela primeira vez.

— Então outra pessoa se adiantou a Gideon. Lucy e Paul novamente. Eles viajaram para o passado com o cronógrafo roubado para dizer a Margaret Tilney que, mais cedo ou mais tarde, era muito provável que alguém aparecesse querendo tirar um pouco de seu sangue.

O Sr. George nada disse.

— Então ela deixou você tirar o sangue dela dessa vez?
— Não, — disse o Sr. George. — Ela se recusou a deixá-lo tirar.
— Embora aos dezesseis anos ela não fosse tão obstinada quanto mais tarde, na velhice, — disse Gideon. — Dessa vez, ela me deixou conversar com ela por um tempo. E finalmente ela disse que negociaria, mas apenas com você.

— Comigo?
— Ela me deu o seu nome. Gwyneth Shepherd.
— Mas... — Eu mordi meu lábio inferior enquanto o Sr. George e Gideon me observavam atentamente. — Eu pensei que Paul e Lucy tivessem desaparecido antes de eu nascer. Como eles poderiam saber o meu nome e contar isso para essa Margaret?

— Sim, essa é a pergunta, — disse o Sr. George. — Veja, Lucy e Paul roubaram o cronógrafo em maio do ano em que você nasceu. Primeiro, eles o esconderam no presente. Por alguns meses, eles conseguiram espertamente evitar os detetives empregados pelos Guardiões, deixando falsas pistas e usando outros truques. Eles se mudaram de cidade em cidade e viajaram por mais da metade da Europa com o cronógrafo. Mas estávamos nos aproximando cada vez mais do esconderijo deles, e eles perceberam que poderiam nos escapar para sempre apenas se se refugiassem no passado com o cronógrafo. Infelizmente, eles não tinham intenção de desistir. Eles defenderam seus ideais equivocados de forma intransigente. — Ele suspirou. — Eles eram tão jovens, tão apaixonados. ... — Havia um olhar ligeiramente sonhador em seus olhos.

Gideon pigarreou, e o Sr. George parou de olhar para o espaço. Ele continuou: — Até agora, sempre pensamos que eles deram esse passo aqui em Londres em setembro, algumas semanas antes do seu nascimento.

— Mas então eles não podem possivelmente ter conhecido o meu nome!

— Correto, — disse o Sr. George. — É por isso que, desde esta manhã, estamos considerando a possibilidade de que eles tenham ido para o passado com o cronógrafo apenas *após* o seu nascimento.

— Por qualquer motivo, — acrescentou Gideon.

— Mas ainda temos que descobrir como Lucy e Paul sabiam o seu nome e o seu destino. De uma forma ou de outra, Margaret Tilney se recusa a cooperar conosco.

Eu pensei sobre isso. — Então como vamos conseguir o sangue dela agora? — Ah, meu Deus, com certeza eu não tinha acabado de dizer isso, tinha? — Vocês não vão usar força, vão? — Eu imaginei Gideon fazendo coisas sinistras com éter, algemas e uma seringa gigante — e isso arruinou minha imagem perfeita dele.

O Sr. George balançou a cabeça. — Uma das regras de ouro dos Guardiões é que usamos a força apenas quando nada mais funcionar. Tentamos negociação e acordo amigável - Então faremos como Margaret sugeriu. Vamos enviar você para vê-la.

— Para que eu possa convencê-la?

— Para que possamos descobrir sobre seus motivos e seus informantes. Ela vai falar com você - ela mesma disse isso. Queremos saber o que ela tem a lhe dizer.

Gideon suspirou. — Não tem jeito, mas eu mesmo tenho falado com uma

parede o dia todo.

— Sim, Gwyneth, e é por isso que neste momento a Madame Rossini está fazendo um vestido de verão bonito para você para o ano de 1912 — disse o Sr. George. — Você vai conhecer sua tataravó.

— Por que 1912?

— Escolhemos o ano aleatoriamente. Mesmo assim, Gideon acha que você pode estar caindo em uma armadilha.

— Uma armadilha?

Gideon não disse nada, apenas me olhou. E ele parecia preocupado.

— Pelas leis da lógica, isso é praticamente impossível. — disse o Sr. George.

— Por que alguém armaria uma armadilha para nós?

Gideon se inclinou para mim. — Pense nisso: Lucy e Paul têm o cronógrafo em seu poder, e dez dos doze viajantes no tempo já tiveram seu sangue lido nele. Para fechar o Círculo para que possam usá-lo para si próprios, eles só precisam do sangue de você e de mim.

— Mas... Lucy e Paul queriam impedir o fechamento do Círculo e o segredo de ser revelado — eu disse.

Mais uma vez, o Sr. George e Gideon trocaram olhares.

— Isso é o que sua mãe pensa, — disse o Sr. George.

E era o que eu tinha pensado até agora. — E vocês não acham?

— Veja pelo outro lado. Suponha que Lucy e Paul queiram o segredo só para eles? — disse Gideon. — Suponha que seja por isso que roubaram o cronógrafo? Então tudo que eles ainda precisam para superar o Conde de Saint-Germain seria o nosso sangue.

Deixei as palavras penetrarem. Então eu disse, — E como eles só podem nos encontrar no passado, eles têm que nos atrair para algum lugar lá para conseguir nosso sangue?

— Eles podem pensar que só podem obtê-lo à força — disse Gideon. — Assim como nós sabemos, olhando pelo outro lado, que eles não vão nos dar o sangue deles voluntariamente.

Pensei nos homens que nos atacaram ontem no Hyde Park.

— Exatamente, — disse Gideon, como se tivesse lido meus pensamentos. — Se eles nos matassem, poderiam ter todo o nosso sangue que quisessem. Resta apenas descobrir como eles sabiam que estaríamos lá.

— Eu conheço Lucy e Paul. Isso simplesmente não é o estilo deles, — disse o Sr. George. — Eles cresceram conhecendo as regras de ouro dos Guardiões, e tenho certeza de que não planejavam que membros de suas próprias famílias fossem assassinados. Eles prefeririam a discussão e a negociação.

— Você *conhecia* Lucy e Paul, no passado, Sr. George, — disse Gideon. — Mas você realmente pode ter certeza de como eles estão agora?

Olhei de um para o outro. — Bem, de qualquer forma, acho que seria interessante descobrir por que minha tataravó quer me encontrar, — eu disse. — E como pode ser uma armadilha se escolhemos o momento de nossa visita nós mesmos?

— É assim que eu vejo também, — disse o Sr. George.

Gideon suspirou, resignado. — Tudo já foi decidido agora, de qualquer forma.

* * *

MADAME ROSSINI COLOCOU um vestido branco até os tornozelos com um padrão xadrez fino e uma espécie de colarinho de marinheiro sobre minha cabeça. Ele era segurado na cintura por uma faixa de cetim azul-celeste, e havia um laço de fita do mesmo material onde o colarinho encontrava uma casa de botão.

Quando me olhei no espelho, fiquei um pouco desapontada. Vi o reflexo de uma menina recatada e boa. O traje me lembrava levemente o que as servas usavam na missa na Igreja de São Lucas, onde às vezes íamos aos domingos.

— As modas de 1912, é claro, não podem ser comparadas com a extravagância da era Rococó, — disse Madame Rossini enquanto me entregava um par de botas de couro até os tornozelos com botões. — Eu diria que a ideia era esconder, em vez de revelar, o charme feminino

— Eu também diria isso.

— E agora o seu cabelo. — Madame Rossini me empurrou gentilmente para uma cadeira e fez uma risca lateral longa em meu cabelo. Então ela o prendeu em mechas na parte de trás da minha cabeça.

— Isso não está um pouco - bem - volumoso sobre as minhas orelhas?

— Está no estilo da época, — disse Madame Rossini.

— Mas eu não acho que me favoreça, você acha?

— Tudo lhe cai bem, minha pequena beleza de pescoço de cisne. De qualquer forma, isso não é um concurso de beleza. É tudo sobre...

— Autenticidade. Sim, eu sei.

Madame Rossini riu. — Então está tudo bem.

Dessa vez, o Dr. White veio me buscar e me levar para o porão onde o cronógrafo estava escondido. Ele parecia muito mal-humorado, como de costume, mas para compensar, Robert, o pequeno fantasma, me deu um sorriso radiante.

Eu sorri de volta. Ele era realmente muito fofo com seus cachos loiros e covinhas. — Olá!

— Não precisa parecer tão efusivamente feliz em me ver, — disse o Dr. White, tirando a venda preta.

— Ah, não! Por que eu tenho que usar isso de novo?

— Não há razão para confiar em você — disse o Dr. White.

— Ah, me deixe fazer isso, seu tolo desajeitado! — Madame Rossini arrancou a venda preta de sua mão. — Desta vez, ninguém vai estragar meu adorável penteado!

Uma pena, realmente. Madame Rossini mesma colocou a venda preta em mim, muito cuidadosamente. Nem um fio de cabelo foi perturbado.

— Boa sorte, *ma appetite* — ela disse enquanto o Dr. White me conduzia para fora. Acenei na direção que pensei ser a dela como despedida. Mais uma vez, foi uma sensação desagradável tropeçar no vazio. Mesmo assim, o caminho começava a parecer mais familiar. E desta vez Robert continuava me avisando antecipadamente. — Mais dois passos e agora à esquerda pela passagem secreta. Cuidado, atenção ao degrau. Mais dez passos e então chegaremos à grande escadaria."

— Ótimo serviço que você presta aqui! Muito obrigada.
— Vamos deixar o sarcasmo de lado — disse o Dr. White.
— Por que você pode me ouvir e ele não? — perguntou Robert tristemente.
— Eu temo que também não saiba — eu disse, e senti tanta pena dele que foi quase demais para mim. — Há algo que você gostaria de dizer a ele?
Robert não respondeu.
— Glenda Montrose estava certa, — disse o Dr. White. — Você realmente conversa consigo mesma.
Estendi minha mão para sentir o caminho ao longo da parede. — Ah, reconheço este lugar. Agora há mais um degrau - sim, aqui está ele - e após vinte e quatro passos, viramos à direita.
— Você tem contado!
— Apenas por tédio. Por que você é tão desconfiado, Dr. White?
— Eu não estou desconfiado de modo algum. Confio em você implicitamente. No momento. No momento, você está se comportando razoavelmente bem, ou na pior das hipóteses, está apenas um pouco infectada pelas ideias loucas de sua mãe. Mas ninguém sabe no que você se tornará, então eu ficaria muito chateado se soubesse onde o cronógrafo estava guardado."
— A adega não pode ser assim tão grande, — eu disse.
— Você não faz ideia, — disse o Dr. White. — Já perdemos pessoas lá dentro.
— Sério?
— Sim. — Havia um toque de riso em sua voz, então eu sabia que ele estava apenas brincando. — Outros têm vagado pelos corredores por dias antes de encontrarem uma saída.
— Eu gostaria de dizer a ele que sinto muito, — disse Robert. Obviamente, ele havia demorado um bom tempo para descobrir o que queria que eu dissesse.
O pobre menininho. Eu adoraria parar e dar a ele um grande abraço. — Mas não foi culpa sua.
— Você tem tanta certeza assim? — O Dr. White ainda devia estar pensando nas pessoas perdidas na adega.
Robert fungava. — Tivemos uma briga de manhã. Eu disse a ele que o odiava e queria ter outro pai.
— Mas ele não teria levado a sério. Tenho certeza de que não.
— Sim, ele levou. E agora ele acha que eu não o amava, e eu não posso dizer a ele que amo. — Aquela vozinha alta, agora trêmula audivelmente, quase partiu meu coração.
— É por isso que você ainda está aqui? — perguntei.
— Eu não quero deixá-lo sozinho. Eu sei que ele não pode me ver nem me ouvir, mas talvez de alguma forma ele sinta que estou aqui.
— Ah, *querido!* — Eu realmente não conseguia suportar. Tive que parar. — Tenho certeza de que ele sabe que você o ama. Todos os pais sabem que os filhos às vezes dizem coisas que não querem dizer de verdade.
— Você está certa, — disse o Dr. White, sua voz de repente soando rouca. — Se você diz às crianças que elas não podem assistir TV por dois dias só porque deixaram uma bicicleta na chuva, não é surpreendente que elas gritem com você e digam coisas que não querem dizer.

Ele me empurrou.

— Fico feliz em ouvir você dizer isso, Dr. White.

— Eu também! — disse Robert.

Pelo resto do caminho, Robert e eu estávamos muito animados. Uma porta pesada foi aberta e trancada novamente atrás de nós.

A primeira coisa que vi quando tirei a venda foi Gideon, com um chapéu-coco na cabeça. Eu comecei a rir. Aha! Desta vez ele era o que estava com o chapéu bobo!

— Ela está de excepcionalmente bom humor hoje, — disse o Dr. White. — Graças às longas conversas consigo mesma. — Mas sua voz não parecia tão cortante como de costume.

O Sr. de Villiers se juntou ao meu riso. — Eu chamaria isso de cômico, — ele disse. — Faz ele parecer um mestre de cerimônias de circo.

— Que bom que vocês dois estão tão entretidos, — disse Gideon.

Exceto pelo chapéu-coco, ele estava bonito. Calças compridas escuras, casaco escuro, camisa branca — como se estivesse indo para um casamento. Ele me olhou de cima a baixo, e preendi a respiração, esperando ansiosa por ele se vingar. No lugar dele, eu poderia ter pensado em pelo menos dez comentários insultuosos sobre minha aparência imediatamente.

Ele não disse nada. Apenas sorriu.

O Sr. George estava ocupado com o cronógrafo. — A Gwyneth recebeu todas as instruções?

— Acho que sim, — disse o Sr. de Villiers. Ele tinha falado comigo sobre a Operação Jade por meia hora enquanto Madame Rossini terminava meu vestido. Operação Jade! Eu me sentia um pouco como a agente secreta Emma Peel. Lesley e eu adorávamos Uma Thurman em *Os Vingadores*.

Ainda não conseguia entender a teoria firmemente mantida por Gideon de que poderíamos ser atraídos para uma armadilha. Margaret Tilney havia expressamente querido falar comigo, sim, mas ela não tinha especificado um horário. Mesmo que ela quisesse me armar uma cilada, ela não poderia saber que dia e horário de sua vida nós apareceríamos.

E era realmente muito improvável que Lucy e Paul estivessem nos esperando exatamente no momento em que escolhêssemos. Junho de 1912 era a data escolhida. Margaret Tilney tinha trinta e cinco anos na época, vivendo com seu marido e seus três filhos em uma casa em Belgrave. E era lá onde iríamos encontrá-la.

Levantei os olhos e vi o olhar de Gideon sobre mim. Ou mais precisamente sobre o decote do meu vestido. Isso já estava demais!

— Você por acaso está encarando os meus seios? — perguntei indignada.

Ele sorriu. — Não diretamente, — sussurrou de volta.

De repente, entendi o que ele queria dizer. Na era do Rococó, era muito mais simples esconder coisas por trás de babados de renda, pensei.

Infelizmente, também havíamos chamado a atenção do Sr. George.

Ele se inclinou para frente. — Você não tem um celular aí dentro, tem? — ele perguntou. — Você não pode levar coisas de nossa época para o passado.

— Por que não? Poderia ser muito útil! — (E aquela foto de Rakoczy e Lorde Brompton tinha sido genial!) — Teria sido muito mais fácil se Gideon

tivesse tido uma pistola adequada com ele da última vez.

Gideon revirou os olhos.

— Imagine que você perdesse seu celular no passado, — disse o Sr. de Villiers. — Quem o encontrasse não seria capaz de entender que tipo de coisa era. Mas, por outro lado, talvez sim. E então seu celular poderia até mudar o futuro. Assim como uma pistola. E nem quero pensar no que poderia acontecer se a humanidade inventasse a ideia de armas sofisticadas antes do tempo.

— Esses itens também seriam prova de sua existência e da nossa, — disse o Dr. White. — Um pequeno erro poderia mudar tudo e então o continuum estaria em perigo.

Mordi o lábio inferior enquanto pensava se perder um spray de pimenta em outro tempo poderia mudar o futuro da humanidade. Talvez qualquer mudança fosse apenas para o bem se a pessoa certa o encontrasse.... Talvez devesse dizer a Lesley para cancelar o plano de comprar o spray de pimenta, apenas para garantir.

O Sr. George estendeu a mão. — Vou cuidar disso para você.

Suspirando, coloquei a mão dentro do decote do meu vestido e dei a ele meu celular. — Mas eu quero de volta imediatamente depois!

— Estamos finalmente prontos? — perguntou o Dr. White. — O cronógrafo está preparado.

Eu estava pronta. Sentia uma leve formigação dentro de mim, e tinha que admitir que gostava muito mais aqui do que ter que ficar em uma adega em algum ano chato para fazer minha lição de casa.

Gideon olhou inquisitivamente para mim. Talvez estivesse se perguntando o que mais eu poderia ter escondido. — Pronta, Gwyneth? — ele perguntou.

Sorri para ele. — Pronta quando você estiver.

*O tempo está fora do lugar; Ai de mim,
Por ter nascido para consertá-lo!*

WILLIAM SHAKESPEARE, *HAMLET*

QUINZE

UMA DAS CARRUAGENS DOS GUARDIÕES, uma carruagem puxada a cavalo, nos levou do Templo para Belgrave, seguindo ao longo das margens do Tâmsa, e desta vez pude reconhecer uma boa parte do Londres que conhecia pela janela. O sol brilhava sobre o Big Ben e a Abadia de Westminster, e fiquei contente em ver pessoas passeando pelas largas avenidas com chapéus, sombrinhas e vestidos coloridos como o meu. Os parques estavam cheios de folhagem verde de primavera; as ruas estavam bem pavimentadas e nada sujas.

— Isso parece o cenário de um musical — disse eu. — Eu adoraria ter um daqueles sombrinhas.

— Escolhemos um bom dia — disse Gideon. — E um bom ano. — Ele tinha deixado o chapéu-coco no porão, e como eu teria feito exatamente o mesmo no lugar dele, não o culpei.

— Por que não esperamos simplesmente por Margaret no Templo quando ela for lá elapsar?

— Eu já tentei isso duas vezes. Não foi fácil convencer os Guardiões daquela época das minhas boas intenções, apesar de ter a senha e o anel sinete e tudo o mais. Sempre é complicado avaliar a reação dos Guardiões do passado. Se estiverem em dúvida, é mais provável que apoiem o viajante do tempo que conhecem e têm o dever de proteger do que um visitante do futuro, alguém que eles não conhecem ou conhecem apenas superficialmente. Como ontem à noite e esta manhã. Talvez tenhamos mais sucesso se a visitarmos em casa. E será mais surpreendente.

— Mas ela não poderia ser guardada dia e noite por alguém apenas esperando a nossa chegada? Sabemos que ela está esperando por isso. Ela espera há anos, certo?

— *Os Anais dos Guardiões* não dizem nada sobre proteção pessoal adicional. Eles apenas estipulam que um Guardião novato tem que manter um olho discreto no lugar onde cada viajante do tempo mora.

— O homem de preto! — eu exclamei. — Um homem assim fica em frente à nossa casa.

— Obviamente não se fazendo particularmente discreto — disse Gideon, sorrindo.

— De jeito nenhum. Minha irmãzinha acha que ele é um mago malvado. — Eu pensei em algo. — Você tem irmãos e irmãs?

— Um irmãozinho — disse Gideon. — Bem, não tão pequeno agora. Ele tem dezessete anos.

— E quantos anos você tem?

— Dezenove — disse Gideon. — Ou quase dezenove, de qualquer forma.

— Então, se você já saiu da escola, o que você faz?

— Oficialmente, estou programado para estudar na Universidade de Londres no próximo ano — disse ele. — Mas acho que posso tirar este período de folga.

— Qual matéria?

— Curiosa, não é?

— Apenas jogando conversa fora — eu disse. Eu tinha aprendido essa expressão com James. — Então, *o que* você vai estudar?

— Medicina. — Ele parecia um pouco envergonhado.

Contive um surpreso “ah!” e olhei pela janela novamente. Medicina. Interessante. Interessante. Interessante.

— Aquele era seu namorado na escola hoje?

— O quê? Quem? — Eu olhei para ele, surpresa.

— Aquele cara atrás de você com a mão no seu ombro. — Parecia perfeitamente casual, quase como se não estivesse interessado.

— Você quer dizer Gordon Gelderman? Deus, não!

— Então, se ele não é seu namorado, como ele pode te tocar?

— Ele não pode. Para ser honesta, eu nem tinha notado que ele estava fazendo isso. — Eu não tinha notado porque estava totalmente ocupada observando Gideon trocando carinhos com Charlotte. A lembrança me fez corar furiosamente. Ele a beijara. Ou quase.

— Por que você está ficando vermelha? Por causa desse Gordon Gallahan?

— Gelderman — eu o corriji.

— Tanto faz. Ele parecia um idiota.

Não pude deixar de rir. — Ele também é um idiota — disse eu. — E é péssimo em beijar.

— Na verdade, não estava pedindo detalhes precisos. — Gideon se abaixou para amarrar os cadarços do sapato. Quando se endireitou novamente, cruzou os braços e olhou pela janela. — Aqui estamos, olha. Belgrave Road. Animada com a ideia de conhecer sua tataravó?

— Sim, muito. — Esqueci imediatamente sobre o que tínhamos acabado de falar. Que estranho tudo isso era. A tataravó que eu estava prestes a visitar era alguns anos mais jovem que a mamãe.

Ela obviamente havia se casado com alguém rico, porque quando o táxi parou em frente ao endereço na Eaton Place, era uma casa muito chique. E o mordomo que nos abriu a porta também era chique. Até mais do que o Sr. Bernard. Ele estava usando luvas brancas!

Ele nos examinou com suspeita quando Gideon lhe entregou um cartão e disse que estávamos fazendo uma visita surpresa para o chá da tarde. Ele tinha certeza, disse Gideon, de que sua boa amiga Lady Tilney ficaria muito feliz em saber que Gwyneth Shepherd veio visitá-la.

— Acho que ele não acha você chique o suficiente — disse eu enquanto o mordomo desaparecia com o cartão de visita. — Sem chapéu e sem costeletas.

— Sem bigode também — disse Gideon. — O Lorde Tilney tem um de orelha a orelha. Veja aquele retrato dele ali na frente?

— Nossa — disse eu. Minha tataravó tinha um gosto estranho em homens. Era o tipo de bigode que você teria que enrolar com bobes à noite.

— Suponha que ela apenas peça ao mordomo para dizer que não está em casa? — eu perguntei. — Talvez ela não queira vê-lo tão cedo.

— “Tão cedo” é bom - quanto a ela, da última vez foi há dezoito anos — disse Gideon.

— Tanto tempo assim? — Uma mulher alta e magra com o cabelo ruivo

preso em um estilo não muito diferente do meu estava parada na escada. Ela parecia com a Lady Arista, mas trinta anos mais jovem. Vi, para minha surpresa, que a maneira ereta como ela andava era exatamente como a da Lady Arista também.

Quando ela parou na minha frente, nenhum de nós disse nada, estávamos tão absorvidos em nos olhar. Eu podia ver um traço da mamãe na minha tataravó. Não sei o que ou quem a Lady Tilney viu em mim, mas ela assentiu com a cabeça e sorriu, como se estivesse satisfeita com a minha aparência.

Gideon esperou por um tempo e então disse, — Lady Tilney, ainda quero fazer o mesmo pedido que fiz há dezoito anos. Precisamos de um pouco do seu sangue.

— E eu ainda digo o que disse há dezoito anos. Você não vai ter nenhum de meu sangue — ela se virou para ele. — No entanto, posso oferecer-lhe chá, embora ainda seja um pouco cedo. Mas podemos conversar melhor tomando uma xícara de chá.

— Então, de qualquer forma, ficaríamos encantados em tomar uma xícara de chá com você — disse Gideon, usando todo o seu charme.

Seguimos minha tataravó até o andar de cima, para um quarto do lado da rua da casa. Havia uma pequena mesa redonda perto da janela posta para três pessoas com pratos, xícaras, talheres, pão, manteiga, geleia e, no meio, um prato de scones e sanduíches de pepino finos como papel.

— Parece quase que você estava nos esperando — eu disse, enquanto Gideon dava uma boa olhada ao redor do quarto.

Ela sorriu novamente. — Parece, não é? Poderia-se pensar assim. Mas na verdade estou esperando outros convidados. Por favor, sentem-se.

— Não, obrigado, nessas circunstâncias preferimos não — disse Gideon, de repente muito alerta. — E não vamos incomodá-la por muito tempo. Só queremos ter respostas para algumas perguntas.

— E quais são elas?

— Como você sabe meu nome? — eu intervi. — Quem te falou sobre mim?

— Tive um visitante do futuro. — Seu sorriso se alargou. — Isso acontece comigo com bastante frequência.

— Lady Tilney, tentei explicar, da última vez, que seu visitante estava lhe contando mentiras — disse Gideon. — Você está cometendo um grande erro ao confiar nas pessoas erradas.

— É isso que estou sempre dizendo a ela — disse uma voz masculina. Um jovem havia aparecido na porta. Ele se aproximou casualmente. — Margaret, eu sempre digo, você está cometendo um grande erro ao confiar nas pessoas erradas. Ah, esses parecem deliciosos. São para nós?

Gideon inspirou profundamente. Agora ele estendeu a mão e segurou meu pulso.

— Não dê nem mais um passo! — ele disse.

O outro homem levantou uma sobrancelha. — Eu só estou pegando um sanduíche, se você não se importa.

— Por favor, sirvam-se à vontade. E se me derem licença por um momento... — disse minha tataravó. Enquanto ela saía do cômodo, o mordomo apareceu na porta. Apesar das luvas brancas, ele agora parecia o segurança de algum clube

realmente moderno.

Gideon praguejou baixinho.

— Não se preocupe com Stillman — disse o jovem. — Embora aparentemente ele uma vez tenha quebrado o pescoço de um homem. Um acidente, não foi, Stillman?

Eu olhei fixamente para o jovem. Não pude evitar. Ele tinha os mesmos olhos que Falk de Villiers, amarelos como âmbar. Como os de um lobo.

— Gwyneth Shepherd! — Quando ele sorriu para mim, ele se parecia ainda mais com Falk de Villiers, exceto que ele era pelo menos vinte anos mais jovem e seu cabelo era preto como azeviche e cortado curto. A maneira como ele me olhava era assustadora. Ele parecia amigável, mas havia algo em seus olhos que eu não conseguia interpretar. Talvez raiva? Ou dor?

— É um prazer conhecê-la. — Por um momento, sua voz soou rouca. Ele me ofereceu a mão, mas Gideon me agarrou com ambos os braços e me puxou para perto.

— Não encoste nela!

A sobancelha levantada novamente. — Do que você tem medo, jovem?

— Eu sei exatamente o que você quer dela!

Eu podia sentir o coração de Gideon batendo contra minhas costas.

— Sangue? — O homem pegou um dos pequenos e finos sanduíches e colocou na boca. Então ele estendeu as mãos para nós, palmas para cima, e disse: — Veja, sem seringa, sem bisturi, nada. Agora, solte a pobre garota. Você está a sufocando. — Aquele olhar estranho de novo quando ele olhou para trás para mim. — Meu nome é Paul. Paul de Villiers.

— É o que eu pensei — eu disse. — Você é o homem que persuadiu minha prima Lucy a roubar o cronógrafo. Por que você fez isso, Sr. de Villiers?

A boca de Paul de Villiers se torceu. — É engraçado ouvir você me chamar de Sr. de Villiers.

— E eu acho engraçado que você me conheça.

— Não fale com ele — disse Gideon. Seu aperto havia relaxado um pouco e agora ele me segurava perto dele com apenas um braço. Com o outro, ele abriu uma porta lateral atrás dele e olhou para o próximo cômodo. Outro homem de luvas brancas estava parado lá.

— Esse é Frank — disse Paul. — E como ele não é tão grande e forte quanto Stillman, ele tem uma pistola, você notou?

— Eu notei — disse Gideon, fechando a porta novamente.

Ele estava certo. Tínhamos caído em uma armadilha. Mas como isso era possível? Margaret Tilney não poderia ter preparado uma mesa de chá para nós e posicionado um homem com uma pistola no próximo cômodo todos os dias de sua vida.

— Como você sabia que estaríamos aqui hoje? — perguntei a Paul.

— Hm. Se eu dissesse que não sabia, que apenas olhei por acaso, tenho certeza de que você não acreditaria em mim, não é? — Ele pegou um scone e sentou-se. — Como estão seus queridos pais?

— Cale a boca! — interrompeu Gideon bruscamente.

— Mas eu só estava perguntando como estão os pais dela!

— Bem, — eu disse. — Mamãe, pelo menos. Meu pai está morto.

Paul pareceu chocado. — Morto? Mas Nicholas é um homem como um carvalho, tão forte e saudável!

— Ele tinha leucemia, — eu disse. — Ele morreu quando eu tinha sete anos.

— Meu Deus. Sinto muito mesmo. — Paul olhava para mim com tristeza e seriedade. — Deve ter sido terrível para você, crescer sem um pai.

— Não fale com ele — repetiu Gideon. — Ele está apenas tentando nos manter aqui até que reforços cheguem.

— Você ainda acha que estou atrás do seu sangue e do dela? — Havia um brilho perigoso nos olhos amarelos.

— Certamente sim — disse Gideon.

— E você acha que Stillman e eu, mais Frank e uma pistola, não poderíamos lidar com vocês sozinhos? — perguntou Paul sarcasticamente.

— Eu certamente acho — disse Gideon.

— Bem, tenho certeza de que meu querido irmão e os outros Guardiões o transformaram em uma verdadeira máquina de luta — disse Paul. — Afinal, você teve que tirar as castanhas do fogo para eles. Ou devo dizer o cronógrafo? Na minha época, apenas aprendíamos um pouco de esgrima e a tocar violino, para manter a tradição. Mas aposto que você sabe artes marciais e todas essas coisas. Você precisa saber dessas coisas se for viajar pelo passado fazendo as pessoas derramarem sangue.

— Até agora, essas pessoas me deram seu sangue voluntariamente.

— Mas apenas porque não sabem onde isso vai levar!

— Não. Porque não querem ver a destruição de tudo o que os Guardiões estudaram, protegeram e trabalharam ao longo dos séculos.

— Blá, blá, blá! Sim, eles também ficavam nos enchendo com essa emoção toda. Mas sabemos a verdade sobre as intenções do Conde Saint-Germain.

— E qual é a verdade? — Isso explodiu de mim.

Houve passos na escada.

— Lá vêm os reforços — disse Paul, sem se virar.

— A verdade é que assim que o Sr. de Villiers abre a boca, ele conta mentiras — disse Gideon.

O mordomo se afastou para dar passagem a uma graciosa garota ruiva entrando na sala. Ela era um pouco velha demais para ser filha da Lady Tilney.

— Eu não acredito — disse a garota. Ela estava me olhando como se nunca tivesse visto nada mais peculiar em sua vida.

— Você pode acreditar com certeza, Princesa — disse Paul. Sua voz soava amorosa e um pouco preocupada.

A garota estava parada na porta como se estivesse enraizada no lugar.

— Você é a Lucy — eu disse. Não havia como confundir a semelhança familiar.

— Gwyneth — disse Lucy. Ela realmente só respirou o meu nome.

— Sim, é Gwyneth — disse Paul. — E aquele que a segura como se ela fosse seu urso de pelúcia favorito é meu primo, ou meu sobrinho, ou qualquer coisa que você queira chamar. Infelizmente, ele está muito, muito ansioso para nos deixar.

— Por favor, não vá! — disse Lucy. — Nós precisamos conversar com vocês dois.

— Outra hora — disse Gideon suavemente. — Talvez quando não houver tantos estranhos por perto.

— É importante! — disse Lucy.

Gideon riu alto. — Concorde com você nisso!

— Você pode sair, jovem — disse Paul. — Stillman vai te levar até a porta. Mas Gwyneth ficará um pouco mais. Tenho a sensação de que será mais fácil conversar com ela. Ela ainda não passou por toda a lavagem cerebral que você... ah, inferno!

A maldição foi causada pela pequena pistola preta que havia aparecido do nada na mão de Gideon. Ele estava apontando calmamente para Lucy.

— Gwyneth e eu vamos sair da casa sem nenhum alvoroço — disse ele. — Lucy nos acompanhará até a porta.

— Seu bastardo — disse Paul entre dentes. Ele se levantou e olhava indeciso de Stillman para Lucy e nós e de volta novamente, todos sucessivamente.

— Sente-se — disse Gideon. Sua voz estava fria como gelo, mas eu podia sentir seu pulso acelerado. Ele ainda me mantinha firmemente pressionada contra ele com um braço ao meu redor. — E você, Stillman, sente-se também, por favor. Ainda há muitos sanduíches de pepino.

Paul se sentou e olhou para a porta lateral.

— Uma palavra sua para o Frank e eu atiro — disse Gideon.

Lucy o encarava, com os olhos arregalados, mas não parecia assustada. Ao contrário de Paul, que parecia pensar que Gideon estava falando sério.

— Faça o que ele diz — ele disse para Stillman, e o mordomo deixou seu posto na porta e se sentou à mesa, nos lançando um olhar desagradável.

— Você já o encontrou, não é? — Lucy olhava nos olhos de Gideon. — Você conheceu o Conde Saint-Germain.

— Três vezes — disse Gideon. — E ele sabe exatamente o que vocês dois estão planejando. Vire-se. — Ele encostou o cano da pistola na parte de trás da cabeça de Lucy. — Agora, avance.

— Princesa...

— Está tudo bem, Paul.

— Pelo amor de Deus, eles deram a ele um Smith & Wesson automático. Eu pensei que isso fosse contra as regras de ouro.

— Vamos guardá-la assim que estivermos na rua — disse Gideon. — Mas se alguém aqui em cima se mexer antes disso, ela está morta. Vamos, Gwyneth. Eles terão que tentar obter seu sangue em outro momento.

Eu hesitei. — Talvez eles realmente só queiram conversar — eu disse. Eu estava enormemente interessada no que Lucy e Paul tinham a dizer. Por outro lado, se eles fossem realmente tão inofensivos quanto diziam, por que aqueles guarda-costas postados nos cômodos? Com armas? Lembrei-me dos homens no parque.

— Tenho certeza de que não querem apenas conversar — disse Gideon.

— Não adianta — disse Paul. — Eles fizeram lavagem cerebral nele.

— É o conde — disse Lucy. — Ele pode ser muito convincente, como você sabe.

— Nós nos veremos novamente — disse Gideon. Agora estávamos no topo das escadas.

— Isso é uma ameaça? — perguntou Paul. — Nós vamos nos “ver” novamente? Com certeza vamos!

Gideon manteve a pistola apontada para a parte de trás da cabeça de Lucy até chegarmos à porta da frente.

Eu esperava que Frank saísse correndo do outro cômodo, mas nada se moveu. Não havia sinal da minha tataravó também.

— Você não pode permitir que o Círculo seja fechado — disse Lucy urgentemente. — E você nunca deve visitar o conde no passado novamente. Especialmente Gwyneth, nunca deve encontrá-lo!

— Não ouça ela! — Gideon teve que me soltar para abrir a porta da frente com uma mão, enquanto ainda mantinha a pistola apontada para Lucy com a outra. Ele olhou para a rua. Eu podia ouvir vozes no andar de cima. Ansiosamente, olhei para cima as escadas. Havia três homens e uma pistola lá em cima, e lá em cima era onde queríamos que eles ficassem.

— Eu já o encontrei — eu disse a Lucy. — Ontem...

— Oh, não! — O rosto de Lucy ficou um pouco mais pálido. — Ele conhece a sua magia?

— Que magia?

— A magia do corvo — disse Lucy.

— A magia do corvo é apenas um mito — disse Gideon, pegando meu braço e me levando para baixo os degraus e para fora na rua. Não havia sinal de nossa carruagem.

— Isso não é verdade, e o conde sabe disso.

Gideon ainda apontava a pistola para a cabeça de Lucy, mas agora olhava de volta para o primeiro andar. Muito provavelmente Frank estava lá em cima com sua pistola. Ainda estávamos sob a cobertura do telhado da varanda.

— Espere — eu disse a Gideon. Eu olhei para Lucy. Havia lágrimas em seus grandes olhos azuis, e por algum motivo achei difícil não acreditar nela.

— O que te faz ter tanta certeza de que ela não está dizendo a verdade, Gideon? — perguntei calmamente.

Ele me olhou por um momento, desconcertado. Seus olhos piscaram. — Eu apenas sei — sussurrou.

— Isso não parece tão certo — disse Lucy. Sua voz era suave. — Vocês dois podem confiar em nós.

Será que realmente poderíamos? Então por que eles fizeram o impossível e nos prenderam aqui?

Eu vi a sombra apenas no canto do olho.

— Cuidado! — gritei. Stillman já estava descendo. Gideon girou no último momento quando o robusto mordomo lançou seu punho para trás para golpear.

— Não, Stillman! — Aquela era a voz de Paul das escadas.

— Corra! — gritou Gideon, e eu tomei uma decisão em questão de segundos.

Corri o mais rápido que pude em minhas pequenas botas. Eu esperava ouvir um tiro a cada passo que dava.

— Fale com o Vovô! — Lucy chamou depois de mim. — Pergunte a ele sobre o Cavaleiro Verde!

* * *

GIDEON NÃO ME ALCANÇOU até eu chegar na próxima esquina. — Obrigada! — ele ofegou, guardando a pistola novamente. — Se você não tivesse me avisado, teria sido por pouco. Por aqui.

Eu olhei ao redor. — Estamos sendo seguidos?

— Acho que não, — disse Gideon. — Mas é melhor apressarmos, só por precaução.

— De onde veio aquele homem Stillman? Eu estava de olho nas escadas o tempo todo.

— Provavelmente há outra escadaria na casa. Eu também não pensei nisso.

— Para onde foi o Guardião com a carruagem? Ele deveria estar nos esperando.

— Não faço ideia, — disse Gideon.

Eu estava começando a sentir uma dor latejante no lado. Não conseguiria manter esse ritmo por muito mais tempo. Gideon virou em uma rua lateral mais estreita e finalmente parou do lado de fora do pórtico de uma igreja.

SANTÍSSIMA TRINDADE dizia o quadro de avisos do lado de fora.

— O que vamos fazer aqui? — eu ofeguei.

— Fazer nossa confissão, — disse Gideon. Ele olhou ao redor antes de abrir a porta pesada, depois me empurrou para o interior pouco iluminado e fechou a porta novamente.

Imediatamente fomos envolvidos pela paz e pelo silêncio, pelo cheiro de incenso e pela sensação solene que se tem no momento em que se entra em uma igreja.

Era uma igreja bonita, com vitrais coloridos, paredes de pedra arenito claro e pequenas velas acesas, cada uma delas uma oração ou um bom desejo.

Gideon me guiou por um dos corredores até um confessionário antigo, puxou a cortina para o lado e apontou para o assento dentro do cubículo.

— Você não pode estar falando sério, — eu sussurrei.

— Posso, sim. Vou sentar do outro lado, e só esperaremos aqui até viajarmos de volta.

Intrigada, eu me sentei no banco. Gideon puxou a cortina na minha frente. Um momento depois, o pequeno olho-de-boi entre mim e o outro assento foi empurrado para o lado. — Confortável?

Eu estava recuperando o fôlego, e meus olhos estavam se ajustando à luz fraca.

Gideon estava me olhando com uma grande solenidade. — Bem, minha filha, vamos agradecer ao Senhor pelo abrigo de sua casa.

Eu o encarei. Como ele podia estar tão casual, quase exuberante? Pelo amor de Deus, ele tinha apontado uma pistola para a cabeça da minha prima! Não podia ter deixado ele indiferente assim.

— Como você pode fazer piadas agora?

De repente, ele parecia constrangido. Ele deu de ombros. — Você tem uma maneira melhor de passar o tempo?

— Sim! Poderíamos tentar entender o que acabou de acontecer! Por que Lucy e Paul dizem que alguém fez lavagem cerebral em você?

— Como eu poderia saber? — Ele passou os dedos pelo cabelo, e vi que sua mão tremia ligeiramente. Não tão tranquilo quanto ele aparentava afinal. — Eles estão tentando te fazer duvidar. E a mim também.

— Lucy me disse para perguntar ao meu avô. Provavelmente ela não sabe que ele está morto. — Pensei nas lágrimas nos olhos de Lucy. — Coitada. Deve ser terrível nunca mais poder ver nenhum de seus familiares porque eles estão no futuro.

Gideon não respondeu. Por um tempo, não dissemos nada. Eu olhei para fora através de uma brecha na cortina para o coro da igreja. Uma pequena gárgula, com altura aproximada do joelho de um humano, pulou das sombras e nos olhou. Eu rapidamente desviei o olhar. Se ele percebesse que eu podia vê-lo, com certeza seria um incômodo. Fantasmas de gárgulas podem ser verdadeiras pragas. Eu sabia disso por experiência própria.

— Você tem certeza de que pode confiar no Conde Saint-Germain? — perguntei enquanto a gárgula pulava mais perto.

Gideon respirou fundo. — Ele é um gênio. Ele descobriu coisas que ninguém antes dele... sim, eu confio nele. Não importa o que Lucy e Paul pensam, eles estão errados. — Ele suspirou. — Pelo menos, eu estava perfeitamente seguro até pouco tempo atrás. Tudo parecia tão lógico.

Obviamente, a pequena gárgula achava que éramos chatos. Ele subiu em uma coluna e desapareceu no coro da igreja.

— E agora não é mais?

— Só sei que eu tinha tudo sob controle até você aparecer, — disse Gideon.

— Ah, você está me culpando porque, pela primeira vez na sua vida, nem todos estão dançando conforme a sua música? — ergui as sobrancelhas, exatamente como eu o vi fazer. Foi bom. Eu quase sorri, estava tão orgulhosa de mim mesma.

— Não. — Ele balançou a cabeça e gemeu. — Gwyneth, por que tudo é tão mais complicado com você do que com a Charlotte? — Ele se inclinou para frente, e havia algo em seus olhos que eu nunca tinha visto antes.

— Foi isso que você estava discutindo com ela no pátio da escola hoje? — perguntei, me sentindo levemente ciumenta.

Droga. Agora eu dei a ele uma abertura. Um erro de principiante!

— Com ciúmes? — ele perguntou prontamente, com um largo sorriso.

— De jeito nenhum!

— A Charlotte sempre fazia o que eu mandava. Você não. O que é uma verdadeira dor de cabeça. Mas também é meio divertido. E doce. — Desta vez, não foi apenas o olhar dele que me deixou confusa.

Envergonhada, empurrei uma mecha de cabelo para trás do rosto. Meu estúpido penteado tinha se desfeito completamente durante a nossa corrida. Provavelmente havia um rastro de grampos de cabelo da Eaton Place até a porta desta igreja.

— Por que não voltamos para o Templo?

— É aconchegante aqui. Se voltarmos para o Templo, haverá mais discussões intermináveis. E, para ser honesto, eu posso lidar com uma mudança de ser mandado pelo Tio Falk.

Aha! Minha vez agora. — Não é uma sensação boa, é?

Ele balançou a cabeça. — Não, realmente não é.

Ouvi sons na nave lá fora. Eu dei um pulo e olhei pela cortina. Mas era apenas uma senhora acendendo uma vela. — Suponho que vamos voltar no próximo segundo? Não quero cair no colo de alguma criança da primeira comunhão. E não consigo imaginar que o padre da paróquia ficaria encantado.

— Não se preocupe. — Gideon riu baixinho. — Nunca há ninguém neste confessionário em nosso próprio tempo. O Padre Jacobs chama isso de elevador para o submundo. Ele é membro da guarda, é claro.

— Quanto tempo até voltarmos, então?

Gideon olhou para o relógio. — Ainda temos um pouco de tempo.

— Então podemos muito bem usar isso sensatamente. — Eu ri. — Você não ia fazer sua confissão, meu filho? — Foi um deslize, e levei um momento para perceber o que estava fazendo.

Eu estava sentada com Gideon em um confessionário de igreja cerca de cem anos no passado, flertando com ele o máximo que podia! Meu Deus! Por que Lesley não me deu uma pasta cheia de instruções para isso?

— Só se você também contar sobre seus próprios pecados.

— Tenho certeza de que você gostaria disso. — Mudei rapidamente de assunto. Estávamos definitivamente em terreno delicado aqui. — Você estava certo sobre a armadilha, aliás. Mas como Paul e Lucy poderiam saber que estaríamos lá hoje e não em outro momento?

— Não tenho a menor ideia, — disse Gideon, de repente se inclinando tanto em minha direção que nossos narizes estavam a apenas alguns centímetros de distância. Seus olhos pareciam escuros no crepúsculo da igreja. — Mas talvez você saiba.

Pisquei para ele. Isso me perturbou - de duas maneiras: primeiro porque eu não conseguia entender aquela observação, e segundo porque ele estava tão perto. — Eu?

— Você poderia ser a pessoa que contou para Lucy e Paul sobre nosso encontro.

— O quê? — Devo estar parecendo totalmente estúpida. — Que absurdo! Quando você supõe que eu poderia ter feito isso? Nem sei onde o cronógrafo é guardado. E nunca deixaria que ninguém... — Parei antes de dizer mais alguma bobagem.

— Gwyneth, você não tem ideia do que pode fazer depois.

Tive que passar um momento digerindo isso. Então disse: — Poderia muito bem ter sido você.

— É verdade. — Gideon recuou para o seu lado do confessionário, e vi o brilho dos seus dentes brancos na penumbra. Ele estava sorrindo. — Acho que vamos ter uma aventura bastante excitante em breve.

Isso me deu uma sensação calorosa e arrepiante por dentro. Presumivelmente, a perspectiva de mais aventuras deveria me assustar, mas naquele momento eu sentia apenas uma felicidade maravilhosa.

Sim, *seria* emocionante.

Não falamos mais por um tempo. Então Gideon me perguntou: — Naquele coche, quando estávamos falando sobre a magia do corvo... você lembra?

É claro que eu me lembrava. Cada palavra.

— Você disse que eu não poderia ter aquela magia porque eu era apenas uma garota perfeitamente comum. E você conhece muitas garotas como eu. Garotas que vão ao banheiro em grupos e falam coisas ruins sobre a Lisa porque ela——

Um dedo pousou nos meus lábios. —Eu sei o que eu disse.— Gideon se inclinou em minha direção do seu lado do confessionário. —E eu sinto muito.—

O quê? Fiquei ali atônita, incapaz de me mexer ou até mesmo respirar. Seus dedos tocaram gentilmente meus lábios, acariciaram meu queixo e subiram até minha bochecha até minha têmpora.

— Você não é comum, Gwyneth, — ele sussurrou enquanto começava a acariciar meu cabelo. — Você é totalmente, absolutamente extraordinária. Você não precisa da magia de nenhum corvo para ser especial para mim. — Ele se aproximou o máximo que pôde, com a cabeça e os braços através da abertura da janela do confessionário, e quando seus lábios tocaram os meus, eu fechei os olhos.

Ok. Agora *eu ia* desmaiar.

*Dia ensolarado, 23 graus na sombra.
Lady Tilney chega pontualmente às nove para .
Tráfego na cidade parado por uma marcha de protesto: um grupo de
mulheres desequilibradas exigindo votos para as mulheres. Estaremos fundando
colônias na lua antes que consigam o que querem.
De resto, nenhum incidente incomum.*

DE OS ANNAIS DOS GUARDIÕES
24 de JUNHO 1912
REPORT: FRANK MINE, CIRCULO INTERNO

EPILOGO

*Hyde Park, Londres
24 Junho 1912*

— ESTAS SOMBRINHAS são realmente úteis — disse ela, girando o seu em círculo. — Não entendo por que saíram de moda.

— Talvez porque aqui chova o tempo todo? — Ele sorriu de lado para ela. — Mas concordo, são muito atraentes. E os vestidos de verão de renda branca combinam maravilhosamente com você. Estou até me acostumando com as saias longas. É sempre um momento tão agradável quando você as tira.

— Acho que nunca vou me acostumar a não usar mais jeans — ela disse tristemente. — Sinto muita falta deles todos os dias.

Ele sabia muito bem que não era apenas dos jeans que ela sentia tanta falta, mas era cuidadoso para não dizer isso. Eles continuaram a andar por um tempo em silêncio.

O parque parecia tão pacífico sob o sol de verão; a cidade se estendia atrás deles, como se fosse construída para durar para sempre. Mas ele se lembrava de que, daqui a dois anos, a Primeira Guerra Mundial começaria, e os zepelins alemães estariam lançando bombas sobre Londres. Talvez eles tivessem que se retirar para o campo por um tempo.

— Ela se parece muito com você — ela disse de repente.

Ele soube imediatamente de quem ela estava falando. — Não, ela se parece com você, Princesa! É apenas o cabelo que ela herdou de mim.

— E aquela maneira de inclinar a cabeça para um lado quando está pensando em algo.

— Ela é linda, não é?

Ela assentiu. — Não é estranho? Há dois meses a segurávamos nos braços como um recém-nascido, e agora ela tem dezesseis anos, e é dez centímetros mais alta do que eu. E só dois anos mais nova!

— Sim, loucura!

— Estou tão aliviada que ela esteja bem. Mas Nicholas... por que ele teve que morrer tão cedo?

— Leucemia. Eu nunca teria esperado isso. Coitada, perder o pai tão jovem. — Ele pigarreou. — Espero que ela mantenha distância daquele rapaz, meu... hum, sobrinho, ou seja lá o que ele for. Essas árvores genealógicas são impossíveis.

— Ah, não é tão difícil - seu bisavô e o bisavô dele eram irmãos gêmeos. Então o seu bisavô também é o seu tataravô. — Ela riu, notando a expressão perdida dele. — Eu vou desenhar uma árvore genealógica para você algum dia.

— Eu te digo, ninguém consegue entender. De qualquer forma, eu não gosto do jovem. Você notou como ele estava a ordenando? Felizmente ela não estava aceitando isso deitada.

— Ela está apaixonada por ele.

— Não, não está.

— Sim, está. Ela só não sabe ainda.
— Então como você acha que *sabe*?
— Ah, porque ele é simplesmente irresistível. Meu Deus, você viu os olhos dele? Verdes como os de um tigre. Acho que até fiquei um pouco fraca nos joelhos quando ele me olhou, mesmo que estivesse bravo.
— O quê? Você não pode estar falando sério! Desde quando você gosta de olhos verdes?
Ela riu. — Não se preocupe. Seus olhos são os melhores de todos. Pelo menos para mim. Mas acho que ela gosta mais de olhos verdes.
— Ela não está apaixonada por aquele jovem arrogante!
— Eu te digo, está. E ele é igual a você quando você era mais jovem.
— O quê? Isso...! Ele não se parece em nada comigo. Eu mandei em você, nunca!
Ela sorriu. — Você mandou, sim!
— Só quando era necessário. — Ele ajustou o chapéu na cabeça. — Só quero que ele a deixe em paz.
— Você está com ciúmes.
— Bem, sim. Não é normal? Quando eu o ver novamente, vou dizer para ele manter as mãos longe dela.
— Tenho uma ideia de que vamos cruzar o caminho deles com bastante frequência no futuro próximo — ela disse, e agora não estava mais sorrindo. — E tenho uma ideia de que você deveria começar a melhorar suas habilidades na esgrima. Há algo no ar, e está vindo em nossa direção.
Ele jogou sua bengala no ar e a pegou habilmente quando ela desceu. — Estou pronto. E você, Princesa?
— Pronta quando você estiver.

O ELENCO DE PERSONAGENS PRINCIPAIS

NO PRESENTE

NA FAMÍLIA MONTROSE:

Gwyneth Shepherd - No primeiro ano do ensino médio, descobre um dia que pode viajar no tempo.

Grace Shepherd – mãe da Gwyneth

Nick e Caroline Shepherd, - irmão e irmã mais novos de Gwyneth

Charlotte Montrose – prima de Gwyneth

Glenda Montrose, - mãe da Charlotte, irmão mais velha de Grace

Lady Arista Montrose – avó de Gwyneth e Charlotte, mãe Grace e Glenda

Madeleine (Maddy) Montrose, - tia-avó de Gwyneth, irmão do falecido Lorde Montrose

Sr. Bernard, - mordomo da casa Montrose

NA ESCOLA DE ST. LENNOX:

Lesley Hay, - melhor amiga de Gwyneth

James Augustus Peregrine Pympoole-Bothame - o fantasma da escola

Cynthia Dale – está na turma de Gwyneth

Gordon Gelderman - está na turma de Gwyneth

Mr. Whitman – professor de Inglês e história

NA SEDE DOS GUARDIÕES NO TEMPLO:

Gideon de Villiers – como Gwyneth, pode viajar no tempo

Falk de Villiers - O tio-avô de Gideon, duas vezes removido, Grão-Mestre da Guarda do Conde Saint-Germain, à qual os Guardiões pertencem.

Thomas George - Membro do Círculo Interno da Guarda.

Dr. Jacob White - Médico e membro do Círculo Interno da Guarda.

Sra. Jenkins - Secretária na sede dos Guardiões.

Madame Rossini - Designer de vestidos e responsável pelo guarda-roupa na sede dos Guardiões.

NO PASSADO

Conde Saint-Germain - Viajante do tempo e fundador dos Guardiões.

Miro Rakoczy - Seu amigo próximo, também conhecido como o Leopardo Negro.

Lorde Brompton - Conhecido e patrono do conde.

Margaret Tilney - Viajante do tempo, bisavó de Gwyneth, avó de Lady Arista.

Paul de Villiers - Viajante do tempo, irmão mais novo de Falk de Villiers.

Lucy Montrose - Viajante do tempo, sobrinha de Grace, filha do irmão mais velho de Grace e Glenda, Harry.